

**O Papel da Formação da Identidade Nacional na
Diplomacia Económica na Ásia Oriental: o caso da Coreia
do Sul**

Ana Rita de Figueiredo Soares

**Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas e
Relações Internacionais (Área de Especialização em
Globalização e Dinâmicas Regionais)**

Fevereiro, 2024

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Políticas e Relações Internacionais, área de especialização em Globalização e Dinâmicas Regionais, realizada sob a orientação científica da Professora Ana Raquel Coutinho Rosa Vaz Pinto e co-orientação do Professor João Paulo Azevedo de Oliveira e Costa.

Versão corrigida e melhorada após defesa pública.

AGRADECIMENTOS

Qualquer empreendimento pessoal ou profissional resulta não somente do trabalho que nos dispomos a fazer, mas também das possibilidades que nos são dadas pelos que nos rodeiam. Neste sentido, devo o meu agradecimento a um conjunto de pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente devo o meu agradecimento à Professora Raquel Vaz Pinto e ao Professor João Paulo Oliveira e Costa, que me guiaram na realização da presente dissertação, sempre com palavras sábias e encorajadoras e uma ajuda imprescindível. Despenderam, sempre que necessário, parte do seu tempo para me auxiliar e por isso, aqui fica o meu obrigada.

Agradeço também ao Professor Kang Byung Goo, do King Sejong Institute Lisbon, que me ajudou a perceber melhor como é que se caracteriza a História da Coreia e que sempre se mostrou acessível a esclarecimentos nesse sentido.

Fica um agradecimento especial a pessoas que, indiretamente, sempre me deram um apoio incondicional na realização deste trabalho. À Cristiana agradeço pelas constantes palavras de apoio e pela sua amizade insubstituível. À Catarina deixo o meu agradecimento, pelo incentivo firme e pelas conversas inteligentes que tanto me ajudaram a manter o foco para concluir este trabalho. Agradeço também ao Marco, pelas trocas e partilhas de conhecimento sobre os temas da Ásia. Deixo um agradecimento geral a todos os meus outros amigos e colegas com quem pude partilhar os meus receios e as minhas esperanças no decurso da minha investigação.

Agradeço também aos meus pais. Embora figurem no fim deste agradecimento são o principal apoio para a concretização deste projeto. Palavras não chegam para expressar a minha gratidão. Deixo um agradecimento especial à minha mãe, cujo gosto pela leitura e pela Cultura me influenciou a saber mais e cujo encorajamento, com incessantes palavras de apoio, sempre me orientou.

O Papel da Formação da Identidade Nacional na Diplomacia Económica na Ásia Oriental: o caso da Coreia do Sul

Ana Rita de Figueiredo Soares

RESUMO

O nacionalismo na Ásia Oriental impacta a diplomacia económica sul-coreana, que é uma das mais importantes ferramentas do nacionalismo político do país na contemporaneidade. As tensões regionais, materializadas nas disputas de soberania das identidades nacionais, provocam um cenário adverso para o livre-arbítrio do Estado sul-coreano – o domínio político-militar dos EUA na Coreia do Sul; o domínio económico da China no país; as disputas territoriais e tensões históricas com o Japão, marcadas por um ressentimento que remete aos tempos do colonialismo japonês; a ameaça nuclear norte-coreana; as disputas por influência de poder levadas a cabo pelos EUA e pela China ou pela China e pelo Japão -, que utiliza a diplomacia económica como um escape a esta pressão regional. Assim, através de uma estratégia económica, assente na diplomacia bilateral (particularmente a concretização de ALC) e multilateral (especialmente a participação ativa em organizações e instituições como a APEC, a ASEAN+3 ou a ONU), no desenvolvimento industrial e tecnológico e na exportação, a Coreia do Sul tem conseguido adquirir uma maior liberdade de movimentação, ao tornar-se um *player* imprescindível, tanto na Ásia Oriental como no mundo. A dicotomia nacionalismo – diplomacia económica é cíclica e o presente trabalho faz uma análise desta relação de influências, na qual a diplomacia económica se torna uma ferramenta essencial para a sobrevivência e desenvolvimento do nacionalismo sul-coreano, ao mesmo tempo que este alimenta o desenvolvimento diplomático e económico da Coreia do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: diplomacia económica; identidade nacional; nacionalismo; Ásia Oriental; Coreia do Sul; geopolítica.

The role of National Identity Formation in East Asian Economic Diplomacy: the case of South Korea

ABSTRACT

The nationalism in East Asia impacts the economic diplomacy of South Korea, which is one of the most important tools of the country's political nationalism in contemporary times. The regional tensions, materialized in the national identities' disputes for sovereignty, provoke an adverse scenario for the south-korean State's free will – the political-military domination of the USA in South Korea; the economical domination of China in the country; the territorial dispute and historical tensions with Japan, marked by the resentment that remit to the times of japanese colonialism; the north-korean nuclear threat; the disputes for power influence carried out by the USA and China or by China and Japan – that uses economic diplomacy as a escapement for this regional pressure. Thus, through an economic strategy, based on bilateral (particularly the concretization of ALC) and multilateral diplomacy (specially the active participation in organizations and institutions such as APEC, ASEAN+3 or ONU), on industrial and technological development and on exportation, South Korea has been able to acquire a bigger freedom of movement, turning into an indispensable player, both in East Asia and the world. The dichotomy nationalism – economic diplomacy is cyclical and the present work analyses this relationship of influences, in which economic diplomacy turns into an essential tool for the survival and development of south-korean nationalism, at the same time as this feeds the diplomatic and economic development of South Korea.

KEYWORDS: economic diplomacy; national identity; nationalism; East Asia; South Korea; geopolitics.

Lista de Abreviaturas

ALC – Acordos de Livre Comércio

APEC – Cooperação Económica Ásia-Pacífico

ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático

ASEM – Diálogo Ásia-Europa

EFTA – Associação Europeia do Comércio Livre

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

IA – Inteligência Artificial

KOICA - Agência de Cooperação Internacional da Coreia

KORUS FTA – Acordo de Livre Comércio Coreia - Estados Unidos da América

KOSIS – Serviço de Informação Estatística da Coreia

MIKTA - Mexico, Indonesia, Korea, Turkey, Australia

NAPCI - Iniciativa de Paz e Cooperação do Nordeste Asiático

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PME - Pequenas e Médias Empresas

RCEP - Parceria Económica Regional Abrangente

THAAD - Terminal de Defesa de Área de Alta Altitude

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Índice

Introdução	1
1. Os Conceitos de Diplomacia e de Nacionalismo e a Ásia Oriental	6
1.1. O Conceito de Nacionalismo	6
1.2. Os Conceitos de Diplomacia e Diplomacia Económica	14
2. A Península Coreana – Um Retrato Comercial, Industrial, Geográfico e Económico 21	21
2.1. O Território e Clima na Península Coreana	22
2.1.1. Geografia e clima	22
2.1.2. As Regiões da Coreia.....	24
2.2. As Indústrias e o Comércio	28
2.2.1. O Posicionamento Económico Sul-coreano na Ásia Oriental e no Mundo	28
2.2.2. As Exportações e Importações da Coreia do Sul.....	31
2.3. O Neo-confucionismo e o Pensamento Económico Sul-coreano.....	36
3. O Nacionalismo na Coreia – Uma Abordagem Histórica e Política	41
3.1. Como Definir o Nacionalismo Coreano?	41
3.1.1. Dois Sistemas Políticos Uma Nação – os Nacionalismos Coreanos	45
3.2. O Contexto Histórico na Formação da Identidade Nacional Coreana	52
3.3. O Colonialismo Japonês e o Seu Legado na Coreia.....	59
3.4. A Divisão da Coreia.....	65
4. O Nacionalismo na Diplomacia Económica da Coreia do Sul – Um Retrato Temporal (o Pós-1991)	74
4.1. A Presidência de Roh Tae-woo (1988-1993)	84
4.2. A Presidência de Kim Young-sam (1993-1998)	87
4.3. A Presidência de Kim Dae-jung (1998-2003)	89
4.4. A Presidência de Roh Moo-hyun (2003-2008).....	92
4.5. A Presidência de Lee Myung-bak (2008-2013).....	94
4.6. A Presidência de Park Geun-hye (2013-2017).....	99
4.7. A Presidência de Moon Jae-in (2017-2022)	102
Conclusão	106
Bibliografia.....	111
Anexos	131

Introdução

A presente dissertação propõe analisar a influência da formação dos nacionalismos na Ásia Oriental para o desenvolvimento da diplomacia económica na Coreia do Sul. De modo a compreender melhor o contexto geopolítico da região sob análise é fundamental verificar a constituição do continente asiático, que se apresenta como um espaço heterogéneo, lar de uma vasta diversidade, que se estende às mais diversas áreas - desde a História, à Cultura, passando pela Climatologia ou pela Geografia. Esta heterogeneidade assume-se não somente a nível externo – de país para país e de região para região – como também a nível interno – veja-se, por exemplo, o caso da diversidade étnica e cultural da China”¹.

O presente trabalho assume uma caracterização geográfica distinta daquela que é apresentada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o continente asiático². Como tal, considera-se que a Ásia Oriental é constituída por: China, Japão, Mongólia, Região Administrativa Especial de Hong Kong, Região Administrativa Especial de Macau, República da Coreia (Coreia do Sul), República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte), Rússia e Taiwan³. Nesta delimitação geográfica optou-se por acrescentar a Rússia, que se revela fundamental na geopolítica da região e é necessária para compreender a mesma, e Taiwan, que embora não seja reconhecido amplamente como um Estado independente, tem um desenvolvimento económico e social considerável e mantém uma disputa por soberania com a China.

Por motivos de exequibilidade temporal, optou-se por restringir a investigação à China, ao Japão, à Coreia do Norte e à Coreia do Sul, deixando de lado a Mongólia, a Rússia e Taiwan, embora, como supramencionado, se considere serem regiões com um papel importante para uma compreensão mais profunda do tema sob análise. A Coreia do Norte, embora não esteja no foco da investigação, será também abordada, uma vez que é difícil dissociá-la da Coreia do Sul em diversas matérias, especialmente as de teor histórico-cultural. O foco na Coreia do Sul deriva do reconhecimento de que as realidades político-económicas da China e do Japão, não só estão estudadas mais exaustivamente,

¹ Para mais informações consultar: Joniak—Lüthi, 2015;

² Para mais detalhes sobre as divisões regionais das Nações Unidas, verificar: Nações Unidas. *SDG Indicators: Regional groupings used in Report and Statistical Annex*;

³ Para consultar um mapa detalhado da região da Ásia Oriental, verificar: Anexo A.1.;

como possuem uma dimensão global superior ao encontrado a nível regional e na generalidade do continente asiático – para 2022 a China detinha a 2.^a maior presença global, o Japão a 4.^a e a Coreia do Sul a 11.^a, o que reflete a diferença do peso económico que os dois primeiros detêm em comparação com o terceiro⁴. Para além disso, a condição excecional em que se encontra a Coreia – um cenário convulsivo de divisão política anormal à realidade de uma nação altamente homogénea e com uma tradição “eremita” – complexifica e desafia uma análise coerente e completa da realidade (sul-)coreana.

A dissertação insere-se no campo das Relações Internacionais, através de uma perspetiva construtivista, por se considerar que os contextos histórico-cultural e sociocultural são fundamentais para compreender os movimentos nacionalistas e o comportamento político-económico nacional e internacional dos países da região sob estudo. A pergunta de investigação que guiará este trabalho é: de que forma os nacionalismos na Ásia Oriental influenciaram o desenvolvimento da diplomacia económica da Coreia do Sul? Sempre que se referir somente a palavra “Coreia”, sem mencionar Norte ou Sul, está-se a remeter para a nação coreana da época pré-Segunda Guerra Mundial ou para o conceito de nação coreana como um todo, para lá da barreira da divisão política. Qualquer citação retirada de um artigo ou documento em coreano será traduzida pela autora deste trabalho e apresentada em português (acompanhada da versão romanizada da citação em coreano, para que o leitor possa verificar a pronúncia das palavras⁵), reunindo-se a maioria das mesmas no Anexo D, dedicado a todas as traduções de citações apresentadas. Atenta-se ainda no facto de os nomes do Ministério do Comércio, Indústria e Energia e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, apresentados na documentação, poderem diferir da atual designação dos mesmos, uma vez que a forma como são endereçados foi alterada ao longo das presidências, o que pode induzir confusão na leitura das fontes primárias. Desta forma o Ministério do Comércio, Indústria e Energia teve as seguintes alterações⁶: Ministério do Comércio-Indústria (1948); Ministério da Energia e Recursos e Ministério do Comércio-Indústria (1977); Ministério do Comércio-Indústria e Recursos (1993); Ministério do Comércio e Indústria (1994); Ministério do Comércio, Indústria e Energia (1998); Ministério da Economia do Conhecimento (2008);

⁴ Para mais informações consultar: Real Instituto Elcano, 2022a;

⁵ A romanização utilizada nesta dissertação não segue a 100% a romanização oficial usada pela Coreia do Sul, uma vez que se optou por uma versão cuja leitura soe o mais próxima possível ao som real das palavras em coreano. Para ver a romanização oficial utilizada pela Coreia do Sul, consultar: Instituto Nacional da Língua Coreana. *Romanization of Korean*;

⁶ Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia. *History*;

e Ministério do Comércio, Indústria e Energia (2013). O Ministério dos Negócios Estrangeiros teve a sua designação alterada em dois momentos após a sua criação, em 1948⁷ : Ministério dos Negócios Estrangeiros (1948); Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comércio (1998); e Ministério dos Negócios Estrangeiros (2013).

Os dados (sobre o clima, o território, a economia, as indústrias, o comércio, o nacionalismo e a diplomacia económica das várias presidências sul-coreanas) obtidos no decurso da realização da presente dissertação resultam da consulta do conjunto de fontes primárias disponíveis na secção da bibliografia. Uma vez que a autora deste trabalho tem conhecimentos de língua coreana, todos os documentos em coreano (assim como as músicas apresentadas no capítulo 3) foram consultados nessa língua e, quando se justificou, diretamente traduzidos e apresentada a sua respetiva tradução nos Anexos. De todas as fontes primárias disponíveis na bibliografia, destaca-se o Ministério do Comércio, Indústria e Energia e o Ministério dos Negócios Estrangeiros – aos quais se recorreu para obter mais dados sobre o comércio, as indústrias e a caracterização geral da economia sul-coreana -, o Ministério da Ciência e TIC – que se utilizou para procurar informação sobre a estratégia tecnológica do Governo sul-coreano e os planos económicos daí advindos - e o Ministério da Unificação – através do qual se obteve dados relacionados com a relação entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. Destaca-se também o Atlas da Complexidade Económica, a Organização Mundial do Comércio, o Instituto Elcano, o Santander Mercados Comerciais, a Embaixada da República da Coreia em Portugal e o Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS), através dos quais se construiu as tabelas disponíveis nos Anexos e dos quais se extraiu grande parte da informação económica e industrial utilizada ao longo da dissertação. O KOSIS, em particular, permitiu angariar um volume considerável de dados úteis para compreender melhor o cenário económico e industrial da Coreia do Sul. Para além disso, o Instituto Nacional de Informação Geográfica e a Administração Meteorológica da Coreia foram fundamentais para adquirir conhecimento sobre o clima e o território coreano, de forma a concretizar uma análise mais profunda no capítulo 2. Por fim, dentro do conjunto das fontes primárias, destaca-se ainda o Centro de Tradução Jurídica Coreana – onde se encontra um vasto leque de jurisdição sul-coreana de consulta livre –, o Instituto Nacional de História – que disponibiliza, em coreano, jurisdição histórica relevante, caso do *Sip Hunyo* (“훈요십조”)

⁷ Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia. *History*;

abordado no capítulo 3, assim como uma panóplia de documentação histórica, da qual é exemplo a compilação da obra *Samguk Yusa* (“삼국 유사”), cujo primeiro capítulo se consultou, também no contexto do capítulo 3 – e o Gabinete do Historiador, pertencente ao Departamento de Estados dos Estados Unidos da América e cujos materiais disponíveis permitiram aprofundar o conhecimento da realidade sul-coreana no pós-divisão da Coreia. Como supramencionado, as tabelas apresentadas nos Anexos resultam da compilação da informação encontrada tanto nas fontes primárias como, em alguns casos, nas fontes secundárias.

A dissertação focar-se-á no período 1991-2022. A primeira data coaduna-se com a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e com o surgimento de uma nova ordem global, que culminou numa mudança de paradigma para os países da Ásia Oriental: a ascensão de outros agentes geopolíticos com os quais os Estados Unidos da América (EUA) tiveram de começar a competir por influência (o caso da China); as mudanças tecnológicas cada vez mais rápidas; o fluxo de capital em crescimento; a redução das barreiras ao comércio (nomeadamente nas fronteiras)⁸, entre outros. Para além disso, esta foi a primeira década em que a Coreia do Sul usufruiu de um regime democrático, após vários anos de governação sob uma ditadura militar, cujo colapso se deu na década de 80. A escolha do ano de 2022 recai na mudança de presidência de Moon Jae-in, do Partido Democrático da Coreia do Sul (더불어민주당 – deobureominjudang), para Yoon Suk-yeol, do Partido do Poder Popular (국민의힘 – gugminuihim). Embora fosse interessante estudar mais aprofundadamente esta mudança de poder, no contexto da presente dissertação, o facto da presidência de Yoon Suk-yeol ainda estar a decorrer dificulta uma análise mais clara e justa. Por isso, optou-se por terminar esta investigação no fim da presidência de Moon Jae-in, recorrendo ao período corresponde à presidência de Yoon Suk-yeol apenas quando necessário para a argumentação apresentada.

A investigação divide-se em quatro capítulos, através dos quais procurar-se-á explicar a premissa assumida no início da mesma: o primeiro capítulo, que se debruçará sobre as definições dos conceitos de “nação/nacionalismo” e de “diplomacia/diplomacia económica”, debatendo significados diferentes apresentados por vários estudiosos, com o objetivo de facilitar a apreensão futura das matérias centrais desta investigação; no

⁸ Heydon, 2009, 23;

segundo capítulo explorar-se-á o território e o clima da Coreia do Sul, com foco nas indústrias e matérias-primas, de modo a compreender melhor quais são os componentes que se encontram na base da estrutura que permite o desenvolvimento da diplomacia económica. Além disso, proceder-se-á também a um enquadramento teórico do pensamento económico na Ásia Oriental, através de uma pequena análise do papel do (neo-)confucionismo; o terceiro capítulo debruçar-se-á sobre a formação da identidade nacional/nacionalismo na Ásia Oriental, com destaque para a Coreia do Sul, através da construção de um retrato do nacionalismo ao longo do tempo, desde a unificação do território por Silla, à colonização pelo Japão (nos séculos XIX e XX) e à divisão da península, para perceber como é que esta conjuntura impacta a diplomacia económica sul-coreana pós-1991; por fim, o quarto capítulo será exclusivamente dedicado à análise da diplomacia económica na Coreia do Sul, a partir da junção das informações obtidas previamente e da investigação sobre o cenário político-económico sul-coreano.

No que toca à necessidade de referir ou analisar posicionamentos políticos para definir a política externa das diferentes presidências, optou-se por manter um discurso o mais neutro possível, uma vez que a ideologia política e a agenda interna não são simples de explicar ou definir quando observadas do ponto de vista da política externa, especialmente num espaço tão complexo e contraditório como a Ásia Oriental. Assim, abordar-se-á os posicionamentos e a agenda externa de cada presidência/presidente sem recorrer a juízos de valor pré-concebidos no que toca aos seus partidos e aos valores políticos que apoiam. É de notar que na Coreia do Sul, constitucionalmente, só é permitido a cada presidente exercer um único mandato de cinco anos sem possível reeleição, característica que se voltará a abordar no capítulo 4.

No próximo capítulo analisar-se-á com mais detalhe os conceitos de “diplomacia”, “diplomacia económica” e “nacionalismo”, nomeadamente no contexto da Ásia Oriental, com a finalidade de compreender melhor a sua aplicabilidade na temática sob estudo.

1. Os Conceitos de Diplomacia e de Nacionalismo e a Ásia Oriental

1.1. O Conceito de Nacionalismo

Para enquadrar as matérias sob análise, procede-se agora à exploração e desconstrução dos conceitos de nacionalismo/identidade nacional e de diplomacia/diplomacia económica. Atualmente, grande parte dos estudiosos do nacionalismo segue o paradigma modernista, defensor da nação enquanto conceito moderno, originado algures entre o fim do século XVIII e o princípio do século XIX. Esta origem é geograficamente atribuída à Alemanha do Romantismo, cujos pensadores do nacionalismo encontrar-se-iam já imbuídos pelas teorias de filósofos iluministas, como Jean-Jacques Rousseau ou Immanuel Kant⁹. A ponte que conecta o pensamento universalista iluminista e o pensamento nacionalista alemão terá sido feita por Johann Gottfried Herder – inspirado no exemplo do povo Hebreu -, com a transição para um pensamento mais “exclusivista”, focado na originalidade e no carácter único da nação “cultural” em contraposição a esse universalismo característico do período anterior¹⁰. Naturalmente, estas transformações foram, em muito, herança da Revolução Francesa, com a legitimação do poder da nação impresso no ideário “liberdade, igualdade e fraternidade”¹¹.

Contudo, muitos outros estudiosos contestam esta visão modernista do nacionalismo, alegando que esta é uma realidade anterior ao século XVIII¹². Para estes estudiosos é a geopolítica – crises imperiais, guerras, mudanças no poder regional, entre outros – que permite a criação das nações¹³, o que talvez se possa aplicar à Ásia Oriental, tendo em conta a natureza da sua história. Isto não se verifica na China, que apresenta um nacionalismo sociopolítico, unificador de uma população fragmentada internamente pela cultura, valores, etnia, língua, entre outros¹⁴ (reflexo, também, da complexa história do território que hoje se chama “China”). Todavia, tal realidade é aplicável à Coreia e ao Japão, que apresentam uma elevada homogeneidade e períodos de eremitismo (sentidos

⁹ Özkirimli, 2010a, 11;

¹⁰ *Idem*, 13;

¹¹ *Idem*, 16;

¹² Storm, 2021, 1138;

¹³ *Ibidem*;

¹⁴ Verificar: Herrmann, 2020; Ho, 2016; e Lin, 2017;

na Coreia especialmente a partir da dinastia Joseon, fundada no século XIV, e particularmente no Japão Tokugawa), sempre influenciados pelo domínio da China imperial. Isto resulta numa proteção do “nós” ou “do nosso” em detrimento do “outro”. Exemplo disso é a rejeição Tokugawa dos valores chineses e da influência europeia/cristã, aliada ao aumento de um sentimento nacionalista (ou protonacionalista), plasmado na Escola de Aprendizagem Nacional japonesa, nos séculos XVII-XVIII, com um forte cariz nacionalista e imperial¹⁵. Para o caso da Coreia, verifica-se uma situação semelhante, mas derivada das invasões mongóis do século XIII (1217-1258), durante o reinado da dinastia Goryeo, o que resultaria na formação da dinastia mongol Yuan. Estas invasões contribuíram para a formação de um pensamento nacionalista entre os coreanos¹⁶. Estas situações são ocorrências pontuais e refletem momentos de oportunidade, em que fatores externos ou internos reacendem um sentimento de nacionalismo na sociedade. Contudo, falar-se-á com maior profundidade sobre os paradigmas do nacionalismo mais à frente.

Benedict Anderson classifica a nação como uma «comunidade política imaginada [...] intrinsecamente limitada e soberana»¹⁷. Anderson explica a atribuição desta caracterização à nação, ao explanar que o fator da imaginação surge do facto dos membros dessa mesma comunidade – da nação – nunca se conhecerem na sua totalidade¹⁸, ou seja, esta comunidade é uma criação mental ou imaginária, uma espécie de ilusão coletiva, que agrega diferentes indivíduos mutuamente desconhecidos num só espaço político-psicológico. O autor justifica ainda que a nação é limitada, já que há um limite para a extensão da mesma (em número de pessoas e em território) - limite esse que termina onde outra nação começa¹⁹ - e que é soberana, já que a sua origem deriva da época da queda da legitimidade dinástica e divina dos reinos que viriam a dar lugar a Estados (soberanos)²⁰. Anderson discorda da perspectiva de Ernest Gellner, ao afirmar que ele vê as nações como uma fabricação/engenho/invenção dos nacionalismos, em vez de as ver

¹⁵ Hane, 2006, 73;

O *Man'yōshū* (“Coleção de 1000 poemas”) trata-se de uma famosa compilação de poemas japoneses, datada do século VIII. O *Kojiki* (“Relação de Feitos Antigos”) – iniciado no século VII e completado em 712 - é uma obra originária do Japão Antigo e descreve a história e a formação do Japão, desde o seu surgimento mitológico às mãos da deusa Sol, Amaterasu; e o *Nihongi* (“Crónicas do Japão”) – compilado entre 712 e 720 -, descreve a história, lendas e contos japoneses transmitidos oralmente desde os primórdios do Japão Antigo (Beasley, 2000, 2);

¹⁶ Seth, 2020a, 115;

¹⁷ Anderson, 2005, 25;

¹⁸ *Ibidem*;

¹⁹ *Idem*, 26;

²⁰ *Idem*, 26-27;

como fruto da «“imaginação” ou “criação”»²¹ dos mesmos. Pensa-se que a perspectiva de Anderson incide, na verdade, sobre a lógica de Estado-nação e do seu significado, uma vez que o conceito de nação, na sua concepção original (uma comunidade não-politizada) não deveria estar imbuído de um significado político. Ademais, as nações não parecem ser nem invenções nem criações dos nacionalismos, mas antes uma reivindicação dos mesmos – a sua apropriação e utilização por parte do nacionalismo político como forma de legitimar um Estado.

Quem reitera a perspectiva de Gellner é Eric Hobsbawm, cuja definição de nação coincide com a que foi formulada por este. Hobsbawm afiança que a nação não é uma entidade política, mas antes uma «entidade social não alterável»²² posterior ao nacionalismo e ao Estado – seus criadores - e intimamente conectada com o conceito de “Estado-Nação”. Como tal, a nação é impossível de verificar ou discutir em circunstâncias nas quais este último não figure, o que a torna numa concepção moderna²³. Hobsbawm é, à semelhança dos outros estudiosos supramencionados, um modernista, pelo que vê a nação como um conceito moderno e recente. Contudo, observada de uma perspectiva historicamente mais abrangente, é possível ver a nação como uma entidade social (ou talvez seja melhor dizer “cultural”) extremamente alterável e sujeita a todo o tipo de influências externas, muitas vezes inconscientes e lentas (por exemplo, através de guerras, imigração, penetração de outras influências culturais via comércio, entre outros). Para mais, se a nação for pensada como um fenómeno comunitário, irracional e não-politizado, talvez faça sentido afirmar que esta dá lugar aos Estados e não o contrário. Ou seja, é a existência de uma nação (uma identidade) prévia que permite o fortalecimento dos laços existentes numa comunidade e o estabelecimento de uma estrutura política/superior que a organize. Sem a nação o Estado não teria como se legitimar e o nacionalismo nunca seria um catalisador de massas, porque não existiria o denominador comum emocional que leva a população a adquirir um sentimento de identidade. Contudo, e como refere Hobsbawm, a nação está sempre intimamente ligada ao conceito de Estado-nação, uma vez que na sociedade internacional de hoje em dia é quase impossível dissociá-los – o que pertence ao domínio da nação e o que pertence ao domínio do Estado para a maioria dos cidadãos?

²¹ *Idem*, 25-26;

²² Hobsbawm, 2004, 13;

²³ *Ibidem*;

Já o próprio Ernest Gellner olha para o nacionalismo como uma teoria de legitimação política, cujo poder político é universal e soberano, livre de ameaças provenientes da diversidade populacional²⁴. Este poder político é soberano enquanto a nação, legitimadora, permitir a manutenção dessa mesma soberania. Ora, isto provavelmente quer dizer que, na realidade, a soberana é a nação e não o poder político, que atua aqui como um “usurpador” da mesma, ao associar-se a ela e imiscuir-se nela. O autor destaca dois tipos de nacionalismo: o cultural - dois indivíduos pertencem a uma mesma nação apenas se partilharem a mesma cultura; e o civil - dois indivíduos pertencem a uma mesma nação apenas se eles o reconhecerem e validarem como tal²⁵. Esta perspectiva surge do estudo de Hans Kohn, que se debruçou sobre a temática do nacionalismo e fez a divisão entre nacionalismo cultural/étnico/oriental (“mau” e restrito) e nacionalismo voluntário/civil/ocidental (“bom” e concesso de livre-arbítrio)²⁶. Gellner reconhece as falhas destas perspectivas, ao indicar que uma nação nunca é homogênea étnico-culturalmente e que, como tal, existe uma incompatibilização com o caráter uno que o nacionalismo almeja alcançar²⁷. Anthony Smith opõe-se a esta perspectiva, ao declarar que a diversidade é algo intrínseco à maioria das nações e não representa uma obstrução para o desenvolvimento dos nacionalismos, a menos que estes sejam exercidos nas suas vertentes mais radicais, nas quais a homogeneidade e a exclusividade são a regra²⁸. Em todo o caso, no contexto da Ásia Oriental faria mais sentido falar de um nacionalismo cultural, quer ele seja natural – como no caso da Coreia e do Japão – quer ele seja impulsionado politicamente – como no caso da China (a nação chinesa é a “nação Han”). Embora talvez seja excessivo falar de um nacionalismo radical, os três países têm perspectivas muito restritas do que consideram como nacional, o que se reflete na ênfase que colocam na etnia (no caso da China, a etnia Han maioritária) e na sua cultura. Gellner afirma ainda que há dois tipos de abordagem na formação da nação: a lealdade ou a identificação voluntária e o terror ou a coerção para que um indivíduo pertença à mesma. Para o autor são raras as nações que utilizem apenas uma destas duas facetas, já que a maioria recorre a uma mistura das duas – um pouco de medo e coerção e um pouco de identificação e lealdade²⁹.

²⁴ Gellner, 2004, 1-2;

²⁵ *Idem*, 7;

²⁶ Para aprofundar esta temática, verificar: Jaskulowski, 2010; e Larsen, 2017;

²⁷ Gellner, 2004, 138;

²⁸ Smith, 1997, 179-180;

²⁹ Gellner, 2004, 53;

Anthony Smith vê a nação como uma comunidade humana com uma história e cultura partilhadas³⁰ e cuja base assenta em três objetivos: «a autonomia nacional, a unidade nacional e a identidade nacional»³¹. Além disso, afasta o nacionalismo da política pura, aproximando-o de uma “religião política”, segundo a definição durkheimiana de religião – o foco no papel da crença, do ritual, do sacrifício e do sagrado³². Esta perspetiva também se pode verificar nas sociedades da Ásia Oriental e nos seus rituais socioculturais, plasmados na alienação do indivíduo em prol da comunidade (o indivíduo deve sacrificar-se pelo todo, o que é visto como estoico). O autor aborda ainda as “nações poliétnicas” que, pela via da vontade ou da força, juntam diversas etnias num sentido histórico-cultural comum – memória política partilhada³³. Considera-se que, pela sua diversidade, este é o caso da China, como supramencionado.

Smith define cinco paradigmas do nacionalismo: o perenialismo, o primordialismo, o instrumentalismo, o etno-simbolismo e o modernismo. O perenialismo, muito popular entre os académicos no contexto pré-Segunda Guerra Mundial, defende que as nações existem desde os primórdios da humanidade. Embora não se trate de uma perspetiva naturalista (como a primordialista), vê as nações como “comunidades naturais”. Existe em duas versões: o perenialismo contínuo, que evidencia o carácter contínuo das nações, cujas origens remetem a cenários tão antigos como a Idade Média, muito frequentemente, ou a Antiguidade, mais raramente; e o perenialismo recorrente, cuja base consiste na historicidade das nações – vão surgindo em determinados momentos da História, mas mantêm o seu carácter identitário comum³⁴. O primordialismo é originário do pensamento iluminista – nomeadamente Rousseau – e vê a nação como primordial - no “estado de natureza” -, fora da lógica do contrato social³⁵. Já o instrumentalismo destacou-se nos EUA, nos anos 60/70. Analisa o nacionalismo como um instrumento estatal de cariz puramente político e racional, através do qual um governo consegue manipular as massas – a nação é utilizada nas suas várias vertentes. Smith classifica este paradigma como “racional, moderno e político”³⁶. Isto também se encaixaria na lógica do nacionalismo chinês, pela sua origem estatal e porque ele tenta “homogeneizar” uma

³⁰ *Idem*, 26;

³¹ *Idem*, 20;

³² *Idem*, 56;

³³ *Idem*, 28;

³⁴ *Idem*, 77-80;

³⁵ *Idem*, 80-81;

³⁶ *Idem*, 85-88;

“nação poliétnica” sob as lógicas da etnia Han majoritária, o que favorece a difícil manutenção da ordem interna, ao mesmo tempo que reforça a posição de uma “China una” no panorama internacional. Qualquer uma destas teorias parece fazer sentido – o nacionalismo pode ser um fenómeno contínuo, ou pode ser um fenómeno espontâneo, que surge em momentos que colocam em causa a sua sobrevivência. Para além disso, o nacionalismo pode ser visto como um conceito externo às perceções modernas de Estado e Governo ou às noções de sociedade, assim como pode ser visto como uma ferramenta estatal para manipular a nação. Todavia, pensa-se que o etno-simbolismo é o paradigma mais adequado para o caso da Coreia.

Ora, o paradigma etno-simbólico centra-se em elementos considerados “subjetivos” para analisar o nacionalismo³⁷. Este paradigma, ao contrário do modernismo, argumenta que as classes sociais inferiores também têm um papel no desenvolvimento do nacionalismo, ao influenciarem as elites. Para além disso, o etno-simbolismo defende que é necessária uma análise de longa duração dos padrões socioculturais para compreender o desenvolvimento histórico das nações - o nacionalismo e a identidade nacional são vistos como conceitos antigos. Uma característica exclusiva do etno-simbolismo é a análise dos sentimentos e laços coletivos enquanto elementos fundamentais para compreender o desenvolvimento de fenómenos étnicos e nacionais³⁸. Por se considerar que a temporalidade dos nacionalismos varia conforme a sua definição, a disciplina que os define e a conjuntura sob análise, acredita-se que este paradigma se coaduna com a realidade da Ásia Oriental e, por isso, parece ser o mais adequado para contemplar as temáticas da presente dissertação. Os diversos países conservam em si uma memória nacional coletiva – por vezes estimulada pelo próprio Estado e/ou utilizada por interesse - assente em circunstâncias histórico-culturais, como é exemplo disso a vitimização histórica (no caso da Coreia e da China) ou o sentimento de superioridade étnica (no caso do Japão)³⁹.

O modernismo, que defende que as nações são um fenómeno da modernidade (surgem nos séculos XVIII/XIX), divide-se nas seguintes variantes⁴⁰: o modernismo socioeconómico, defendido por Tom Nairn e Michael Hechter - argumenta que a origem do nacionalismo remete ao capitalismo industrial, ao conflito entre as classes e às

³⁷ *Idem*, 88;

³⁸ *Idem*, 88-91;

³⁹ Consultar: Chung, 2022;

⁴⁰ Smith, 2006, 74-77;

desigualdades sociais; o modernismo sociocultural, defendido por Ernest Gellner – afirma que o nacionalismo é a resposta social à passagem para um mundo industrialmente moderno, caracterizado por uma “alta cultura” que cria indivíduos altamente literados e capazes de dar continuidade à industrialização; o modernismo político, defendido por John Breuilly e Michael Mann - argumenta que a nação é uma ferramenta do Estado moderno, que é soberano. Talvez se possa considerar que esta variante do paradigma modernista também justifica o atual nacionalismo chinês (várias culturas e etnias unidas por um poder político), como referido anteriormente; o modernismo ideológico, defendido por Elie Kedourie – remonta ao passado histórico europeu, cujo nacionalismo impulsionou a formação de nações e a queda dos impérios coloniais; e o modernismo construcionista, defendido por Eric Hobsbawm – declara a construção social por detrás do nacionalismo, através de uma “engenharia social/fabricação” (à semelhança da perspectiva de Ernest Gellner) e de “tradições inventadas”, pretendendo agradar às elites e preencher o vazio resultante do fim do domínio religioso e monárquico, na transição para o mundo moderno e industrializado. Ora, de um ponto de vista do longo curso da História, o modernismo restringe, de certa forma, a definição de nação e só a equaciona na sua aplicação às lógicas ocidentais. Pensa-se que a nação não é um fenómeno moderno ou derivado do Estado, podendo materializar-se numa comunidade de maior ou menor dimensão, ao longo do tempo histórico. O que define a nação é a sua caracterização interna e geográfica e não a sua dimensão ou o período histórico em que se insere.

John Breuilly divide o nacionalismo em nacionalismo cívico e nacionalismo étnico: o nacionalismo cívico requer lealdade a um Estado, que é o agente determinante para a nacionalidade; já o nacionalismo étnico requer lealdade a um grupo imaginado, ou seja, a nação está acima do Estado⁴¹. Apesar desta distinção o autor evoca o perigo de se associar uma conotação pejorativa ao nacionalismo cívico e uma conotação positiva ao nacionalismo étnico, ao mesmo tempo que tal definição é relativa, tendo em conta que os valores culturais que caracterizam uma nação estão em constante mutação⁴². Para o autor existe uma confusão na utilização dos termos “nação” e “Estado”, à semelhança do que acontece com o nome “Nações Unidas” que, na verdade, trata-se de uma organização de vários Estados⁴³. Breuilly aponta ainda que o nacionalismo aproveita-se da identidade e da cultura de uma determinada nação (religião, história, costumes, entre outros),

⁴¹ Breuilly, 2014, 389;

⁴² *Ibidem*;

⁴³ *Ibidem*;

acrescentando-lhes a conotação política necessária para a sua própria legitimação⁴⁴. Nesta dissertação utiliza-se uma definição parecida à ideia defendida por Breuilly. Considera-se que existe o nacionalismo político, que emana do Estado e que resulta da apropriação da nação enquanto ferramenta de manutenção do poder e de obtenção dos objetivos políticos – neste sentido há o nacionalismo político do Estado sul-coreano e o nacionalismo político do Estado norte-coreano -, e que existe o nacionalismo étnico e o nacionalismo histórico-cultural, que emanam da nação no seu sentido mais puro e irracional, sem conotações políticas – neste caso a nação coreana. Embora o nacionalismo político seja visto de forma mais pejorativa (devido a ideias como a de manipulação política das massas, por exemplo), é importante lembrar que não existe um nacionalismo bom e um nacionalismo mau, assim como afirma Breuilly.

Por sua vez, Antonia C. May evidencia quatro tipos de nacionalismo: o exclusionista – excetuando a religião, considera importante os símbolos e valores nacionais e o conceito de uma nação homogênea⁴⁵; o assimilacionista – parecido ao primeiro, rejeita a religião e a ancestralidade como conceitos da nação, embora valorize a identidade, a cultura e a emoção⁴⁶; o integracionista – incorpora uma percepção cívica da identidade nacional, valorizando a língua, o respeito pela lei e pelas instituições e sentimentos de pertença, mas exclui conceitos identitários, culturais e a ancestralidade como condições da nacionalidade⁴⁷; e o pluralista – o oposto do exclusionista, só valoriza a língua e o respeito pela lei e instituições na criação de uma comunidade comum, aceitando níveis elevados de heterogeneidade populacional⁴⁸. Ora, considera-se que os países da Ásia Oriental aproximam-se do tipo exclusionista, tendo em conta que valorizam os símbolos, os costumes, os valores e a história e memória comuns. No caso da China, embora exista pluralidade étnico-cultural, esta “homogeneidade” é promovida pelo Estado, através do exemplo da maioria étnica Han. Aliás, esta homogeneidade foi também ela difundida ao longo da história do Império Chinês, em diversos aspetos e através de elementos culturais comuns, caso do sistema de escrita de caracteres.

Por fim, Siniša Malešević faz uma análise interessante da inexistência de uma identidade nacional verdadeira. Esta trata-se de um termo que visa dar consistência a uma

⁴⁴ *Idem*, 398;

⁴⁵ May, 2021, 587;

⁴⁶ *Idem*, 589;

⁴⁷ *Ibidem*;

⁴⁸ *Ibidem*;

procura subjetiva por uma ideologia não-materializada na realidade das nações⁴⁹. Para o investigador, não faz sentido analisar a nação como uma massa homogénea. São os outros indivíduos e as organizações sociais – e não as identidades nacionais ou as nações – que influenciam as ações individuais e coletivas das pessoas⁵⁰. Malešević destaca que as micro-redes de contactos que os indivíduos mantêm no seu dia-a-dia (família, amigos, colegas, conhecidos, entre outros) criam a sensação de uma macro-rede coletiva – a identidade nacional. Para o autor⁵¹, a solidariedade e a ligação ao outro estão sempre dependentes da existência de contacto físico⁵². Embora se considere esta perspetiva oportuna e lógica, a impossibilidade de verificar a extensão da sua aplicabilidade no contexto da Ásia Oriental – o que requereria um estudo aprofundado sobre o tema – faz com que se continue, ao longo da presente dissertação, a recorrer ao termo de “identidade nacional” para referir o conjunto de características simbólicas de cariz histórico-cultural e sociocultural que unem (de forma mais ou menos consciente), pelo menos parte da população, independentemente das verdadeiras intenções ou perspetivas individuais de cada cidadão chinês, japonês, sul-coreano ou norte-coreano, uma vez que é inalcançável para esta investigação fazer tamanha avaliação individual.

1.2. Os Conceitos de Diplomacia e Diplomacia Económica

No que diz respeito à diplomacia, as suas origens remontam à Proto-História, na qual as tribos já estabeleciam relações entre si, através de “mensageiros”, cuja personalidade estava carregada de algum misticismo – eram consideradas pessoas mágicas e invioláveis. As relações estabelecidas eram variadas e focavam-se em assuntos como a guerra e a paz, trocas, matrimónios, entre outros⁵³. No que toca à diplomacia económica (no caso da Época pré-Moderna, talvez faça mais sentido falar de uma diplomacia comercial, uma vez que o foco era o lucro e não a lei e a regulamentação), já se verifica uma afluência de relações comerciais (e diplomáticas, no geral) entre as primeiras sociedades humanas, no enalço das ligações estabelecidas por tribos e povos,

⁴⁹ Malešević, 2011, 273;

⁵⁰ *Idem*, 275-276;

⁵¹ *Idem*, 284 e 287;

⁵² *Idem*, 287;

⁵³ Magalhães, 2005, 19;

como os acádicos, os assírios, os egípcios, os fenícios, os chineses, os hindus, entre outros, tanto na Proto-História quanto na Antiguidade⁵⁴. Estas interações comerciais resultavam da necessidade de obter e dos benefícios em vender diversos bens⁵⁵. Para além disso, a diplomacia comercial, por exigir um nível de comunicação e de compreensão mútua consideráveis, parece ser uma ferramenta auxiliar na manutenção da paz. Geoffrey Pigman destaca, no caso da Ásia, a importância da Rota da Seda (ou Rotas da Seda) enquanto manifestação basilar da diplomacia comercial, permitindo conectar a China à Europa numa época pré-globalização e estabelecer uma série de trocas comerciais e culturais⁵⁶.

Contudo, a palavra “diplomacia” surgiu na Antiguidade Clássica e vem do termo “diploma”, que em grego e latim representava um díptico contendo documentos escritos (diploma = dobrado, duplicado)⁵⁷. No caso da Grécia Antiga, a partir do século V a.C., a diplomacia foi exercida através do envio de mensageiros entre cidades-Estado gregas. Já na Roma Antiga, este conceito perdeu alguma da importância que lhe foi atribuída pelos gregos, uma vez que Roma tinha uma estratégia mais bélica. Assim, a “diplomacia” romana funcionava como uma ferramenta de estabelecimento de ordens e organização para com os territórios conquistados e seus povos, na qual não havia espaço para a negociação característica deste termo⁵⁸. Nesta lógica, talvez se possa afirmar que a diplomacia, enquanto ferramenta pacífica, teve uma existência mais ténue em Roma Antiga.

Para a Idade Média destaca-se a figura de Marco Polo, cuja jornada até ao Império Mongol de Kublai Khan, no século XIII, foi marcada por duas décadas de viagens e por várias missões diplomáticas entre Estados⁵⁹. Contudo, foi na Idade Moderna que a diplomacia tomou contornos mais semelhantes aos atuais, nomeadamente com o estabelecimento de uma embaixada permanente em Génova, em 1455, pela mão de Francisco Sforza, duque de Milão. Esta realidade expandiu-se, pela sua praticidade e por reduzir custos de deslocação para tratar de assuntos diplomáticos⁶⁰. Naturalmente, os Descobrimentos – também desta época -, impulsionadores de uma realidade à escala

⁵⁴ *Idem*, 19-20 e 33;

⁵⁵ Pigman, 2016, 150;

⁵⁶ *Idem*, 150-151;

⁵⁷ Valente, 2013, 7;

⁵⁸ *Idem*, 20-21;

⁵⁹ *Idem*, 151;

⁶⁰ Magalhães, 2005, 22;

global, catapultaram a diplomacia para uma dimensão nunca antes experienciada, conectando os diversos continentes por laços económicos, políticos e culturais, numa complexa teia de relações. A Ásia Oriental não foi exceção a esta realidade, algo ademais impulsionado pelos portugueses, com a chegada à China em 1517 e ao Japão em 1543⁶¹.

Domingos Valente caracteriza a diplomacia como um instrumento pacífico e auxiliar da política externa e de natureza bilateral ou multilateral⁶². O autor destaca a importância da comunicação cultural, fator que se acredita ser de grande relevância para compreender o desenvolvimento da diplomacia na Ásia Oriental, cujos países dão um valor acrescido à componente histórico-cultural. Saber os costumes, valores e até a língua da cultura com a qual se procura estabelecer relações poderá ser essencial, para além de representar uma vantagem face a quem não cumpre tais requisitos⁶³. Na presente dissertação também se considera a diplomacia como uma ferramenta pacífica da política externa, distanciando-se, por isso, de ferramentas violentas por vezes confundidas como parte integrante da diplomacia (por exemplo, a guerra ou a coerção).

Já José Calvet de Magalhães, cuja perspectiva se adotou neste trabalho, destaca a diferença entre política externa e diplomacia, que considera serem confundidas frequentemente: a primeira é a atividade externa de um Estado junto de outro(s) Estado(s), visando um objetivo final que lhe é benéfico⁶⁴; já a segunda é um dos instrumentos pacíficos da política externa⁶⁵. O autor foca-se no facto da diplomacia ser utilizada usualmente de forma imprópria, inclusive por académicos da área das Relações Internacionais, que acabam por associá-la às ferramentas violentas da política externa. Estas últimas são, por ordem de intensidade: dissuasão, ameaça, guerra económica, pressão militar e guerra⁶⁶. Esta distinção é fundamental, tendo em conta que a diplomacia, enquanto semelhante à política externa, fica restringida às lógicas estatais. No entanto, enquanto ferramenta da mesma, pode assumir um papel mais amplo, nomeadamente no domínio do setor privado. Pensa-se que este último é um agente diplomático importante, uma vez que as empresas e os indivíduos também têm poder para influenciar o setor económico e a forma como este se relaciona com agentes externos públicos ou privados.

⁶¹ Costa, 2019, 123 e 136-137;

⁶² Valente, 2013, 8-9;

⁶³ *Idem*, 79-80;

⁶⁴ Magalhães, 2005, 22-23;

⁶⁵ *Idem*, 23-24;

⁶⁶ Para ver mais detalhadamente cada um destes conceitos, consultar: *Idem*, 28-29;

O autor distingue ainda um comerciante de um diplomata: o primeiro está sujeito à lei comercial, ao passo que o segundo procura promover, principalmente, o benefício mútuo entre Estados – ou seja, o primeiro foca-se no lucro e o segundo nas relações interestatais⁶⁷. Esta distinção também é feita por Charles Chatterjee, que diferencia a diplomacia comercial da diplomacia económica. Para Chatterjee, a diplomacia comercial trata-se de uma atividade bilateral, cujo foco incide no lucro e no fluxo transacional resultante de trocas comerciais (importação, exportação, comércio transnacional, entre outros), tendo um cariz mais prático, objetivo e assente no puro benefício económico daí advindo⁶⁸. Já a diplomacia económica, trata-se de uma atividade bilateral ou multilateral, de cariz político-jurídico, assente na parte mais burocrática da economia, através da adoção de políticas que agilizem as relações económicas entre Estados (acordos de livre comércio, oportunidades de investimento, entre outros)⁶⁹. Embora o foco do presente trabalho seja a diplomacia económica, é difícil separá-la da diplomacia comercial, por pertencerem ambas ao mesmo domínio diplomático. Como tal, utilizar-se-á, sempre que necessário, as definições supramencionadas para “diplomacia economia” vs. “diplomacia comercial”. José Calvet de Magalhães distingue ainda o conceito de “negociação” do conceito de “comércio”, que por vezes são utilizados de forma indiferenciada, como no caso de alguma literatura francesa, que refere «*comércio entre Estados*»⁷⁰. O primeiro conceito significa as conversações entre Estados, ao passo que o segundo conceito significa as transações entre estes⁷¹.

R. P. Barston, todavia, tem uma perspetiva diferente da apresentada por José Calvet de Magalhães. Para o autor, a diplomacia é uma ferramenta que equaciona a ameaça a outros Estados, afastando-a do conceito de instrumento pacífico usado pelo segundo (Barston também utiliza o termo “diplomacia coersiva”⁷²)⁷³. A abrangência deste conceito dificulta a sua definição. Todavia, considera-se que a diplomacia, pela sua natureza, tem como objetivo máximo *convencer* (e não *coagir*) uma determinada entidade (pública ou privada) a estabelecer relações/realizar uma determinada ação (económica, política, cultural, entre outros) com outra(s) entidades(s) (pública ou privada). Como tal

⁶⁷ *Idem*, 114;

⁶⁸ Chatterjee, 2020a, 67-68;

⁶⁹ *Ibidem*;

⁷⁰ Magalhães, 2005, 26;

⁷¹ *Ibidem*;

⁷² Barston, 2019b, 50;

⁷³ *Idem*, 1;

e como supramencionado, utilizar-se-á a definição de José Calvet de Magalhães, sem se excluir a análise de qualquer ação mais violenta ou coerciva que se considere relevante para a compreensão da conjuntura sob estudo, ainda que não se considera tal atividade como “diplomacia”, mas antes como uma estratégia coerciva da política externa.

Já Alison Holmes defende que o Estado não é o ator diplomático mais importante. A autora argumenta que durante grande parte da História o Estado – na sua definição atual – não existiu, não obstante a realização de atividades diplomáticas pré-modernas⁷⁴. Holmes remete para o fundamental, mas frequentemente esquecido, papel dos organismos não-estatais para a diplomacia⁷⁵. Esta perspetiva pode ser especialmente importante na análise da diplomacia económica na Ásia Oriental e, em particular, na Coreia do Sul, onde os Chaebol (os grandes conglomerados industriais liderados por influentes famílias/grupos de empresários) – caso da Samsung ou da Hyundai – acumulam relativo poder político que “compete” com o poder estatal. Esta perspetiva é reiterada por Van Bergeijk, que remete para uma nova abordagem diplomática que envolva agentes não-estatais (por exemplo: os consumidores e o setor empresarial), em contraste com a tradicional diplomacia Governo-para-Governo⁷⁶. O autor também aponta para o crescimento dos mercados asiáticos⁷⁷, o que exponencia a importância do seu estudo e da sua compreensão, num mundo ainda bastante influenciado pelos valores das outrora dominantes economias europeia e norte-americana.

Para V. M. dos Santos, a diplomacia e o nacionalismo andam de mãos dadas, uma vez que a primeira procura satisfazer os objetivos do segundo⁷⁸. Tendo em conta que a diplomacia atual tem uma conotação estatal, faz sentido afirmar que ela responde aos desígnios do nacionalismo político. Contudo, analisando a diplomacia enquanto um fenómeno para lá da política, a perspetiva de Alison Holmes assume uma importância acrescida, já que a própria diplomacia deriva de uma necessidade de sobrevivência e partilha de poder muito superior ao próprio Estado – é uma ferramenta social resultante da necessidade de estabelecer uma relação (política, económica, cultural, entre outros) entre duas entidades, sejam elas dois Estados modernos ou duas tribos (aqui enquanto nações) da Antiguidade. Ou seja, a diplomacia é, acima de tudo, uma ferramenta

⁷⁴ Holmes, 2016, 75;

⁷⁵ *Idem*, 76 e 97;

⁷⁶ Van Bergeijk, 2009, 48;

⁷⁷ *Idem*, 46;

⁷⁸ Dos Santos, 2009, 97;

abrangente a toda a sociedade, nos seus diversos setores e camadas, e pode ser exercida de forma mais consciente e/ou macro – dois Estados que se reúnem para melhorar as suas relações económicas, por exemplo – ou de forma menos consciente e/ou micro – trocas comerciais entre mercadores de nações diferentes, por exemplo. A diplomacia também poderá assumir uma faceta diferente, nas suas definições múltiplas, conforme o país sob análise. As práticas diplomáticas da Ásia Oriental terão um significado distinto das praticadas da Europa Ocidental e vice-versa. Por exemplo, na primeira a diplomacia comercial assume contornos mais políticos, enquanto que na segunda assume contornos mais comerciais, algo que deve ser tido em consideração quando se procura estudar uma determinada região⁷⁹. Para You-il Lee e Kyung Tae Lee a Coreia do Sul tem uma economia nacionalista, que prioriza o apoio a empresas nacionais. Ainda assim, não há a exclusão do investimento estrangeiro⁸⁰, que representou a segunda maior força económica para 2022⁸¹. Mo Jongryn aponta o soft power⁸² como uma das grandes apostas do país⁸³. Para além disso, o autor destaca a diplomacia económica multilateral robusta, nomeadamente em três áreas: cooperação energética - particularmente na área da energia verde -, comércio internacional e acordos de livre-comércio (ALC) - duas fortes apostas do Estado sul-coreano⁸⁴. Este multilateralismo é especialmente sentido no papel ativo da Coreia do Sul na Cooperação Económica Ásia-Pacífico (APEC) – a maior instituição económica da região Ásia-Pacífico – e na Associação das Nações do Sudeste Asiático+3 (ASEAN+3)⁸⁵. Ao nível da Ásia Oriental, entre os vários esforços de cooperação, o autor destaca a Cúpula Trilateral China-Japão-Coreia do Sul, criada em 2008⁸⁶. Destaca-se ainda o Secretariado de Cooperação Trilateral⁸⁷, inaugurado em 2011, em Seoul, com a finalidade de promover trocas culturais, a paz e a prosperidade entre os três países.

⁷⁹ Okano-Heijman, 2011, 18;

⁸⁰ Lee, 2015b, 126;

⁸¹ Consultar: Real Instituto Elcano, 2022b;

⁸² Nesta dissertação segue-se a definição de soft power apresentada por Joseph Nye na obra *Soft Power: The Means to Success in World Politics*: «It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments.» (Nye, 2004, x). Ou seja, o soft power é a utilização diplomática de ferramentas nacionais consideradas positivas ou potencialmente atraentes (como a Cultura, por exemplo, embora varie de país para país), para obter atenção internacional e para conseguir concretizar os objetivos definidos pela política externa. Segundo Nye o soft power da Coreia do Sul assenta no seu crescimento económico e no seu progresso democrático (Nye, 2004, 89). Acrescenta-se ainda a cultura coreana (gastronomia, música, cinema, entre outros) como outro elemento de soft power sul-coreano;

⁸³ Mo, 2016, 592;

⁸⁴ *Idem*, 590;

⁸⁵ *Idem*, 600;

⁸⁶ *Idem*, 601;

⁸⁷ Para informações mais detalhadas sobre estas organizações, consultar: APEC: <https://www.apec.org/> (data do último acesso: 28/09/2024);

Em conclusão, destaca-se a distinção entre nação e Estado quando se procura definir os dois conceitos. A nação, enquanto fenómeno de aglomeração de valores e costumes comuns (história, cultura, religião, indumentária, entre outros) é politizada e utilizada pelo Estado para justificar a estrutura política que se estabelece sob a mesma, através do nacionalismo político. Assim, esta é a origem do Estado-nação, que não deve ser confundido com o conceito de “nação”. Quanto à diplomacia, identifica-se enquanto ferramenta que procura convencer, através de uma série de técnicas diplomáticas (por exemplo, pode-se considerar o soft power uma delas), o outro a corresponder aos objetivos estabelecidos pela política externa do país. Já a coerção pertence às ferramentas violentas da política externa e é utilizada quando o recurso à diplomacia é esgotado (exemplo disto é a guerra). Dentro da própria diplomacia distingue-se a diplomacia económica – de cariz burocrático – e a diplomacia comercial – de cariz prático. A primeira visa o estabelecimento de acordos comerciais, ao passo que a segunda visa o lucro direto.

ASEAN+3: <https://aseanplusthree.asean.org/> (data do último acesso: 28/09/2024);
Cúpula Trilateral China-Japão-Coreia do Sul (via Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão): <https://www.mofa.go.jp/region/asia-paci/jck/summit.html> (data do último acesso: 28/09/2024);
Secretariado de Cooperação Trilateral: <https://www.tcs-asia.org/en/main/> (data do último acesso: 28/09/2024);

2. A Península Coreana – Um Retrato Comercial, Industrial, Geográfico e Económico

A Coreia do Sul é, desde os anos 60, caracterizada por uma economia voltada para as exportações, época em que a Ditadura Militar em vigência, liderada por Park Chung Hee (박정희), iniciou um processo de desenvolvimento de diversos planos económicos, com a ajuda dos EUA, para promover a recuperação do pós-Guerra da Coreia⁸⁸. Como tal, revela-se importante escrutinar duas pedras basilares da economia do país. Em primeiro lugar, atenta-se nas indústrias e na caracterização comercial e geográfica, fatores que definem a capacidade de exportação sul-coreana e a aptidão do país para se relacionar comercialmente a nível regional e global – só em 2022 32.4% do Produto Interno Bruto (PIB) sul-coreano veio das indústrias⁸⁹. A geografia e o clima, por vezes esquecidos, são fundamentais para entender o fluxo de matérias-primas e de produtos exportados e importados, para além de moldarem tradições, costumes e hábitos. Em segundo lugar, é importante refletir na influência do confucionismo no pensamento económico do país. Para este estudo ponderou-se fazer uma análise geral do papel das várias religiões – nomeadamente o budismo – no contexto regional da Coreia do Sul, mas uma pesquisa mais aprofundada rapidamente apontou para uma predominância do confucionismo, com um papel mais acentuado na sociedade, na economia e na política da Ásia Oriental. Alicerçado ao confucionismo encontra-se o forte capitalismo presente na economia sul-coreana – aquilo que os estudiosos denominam de “capitalismo-confucionista”. Atendendo a estes fatores, o presente capítulo dedicar-se-á a construir uma base de conhecimento da realidade industrial e do pensamento económico do país, desde 1991 a 2021⁹⁰, com o objetivo final de facilitar a compreensão dos contornos da diplomacia económica.

A importância do comércio para a Coreia do Sul plasma-se, de imediato, no enorme volume de exportações do país – 80% do seu PIB –, destacando-se os produtos

⁸⁸ Para mais detalhes sobre o desenvolvimento económico sul-coreano deste período, consultar: Seth, 2020b;

⁸⁹ Santander Trade Markets. *South Korea: Economic and Political outline*;

⁹⁰ Sempre que foi possível procurou-se utilizar informação respeitante ao período 1991-2022, tendo-se, por norma, optado por fazer intervalos de 10 anos para facilitar a análise da informação – 1991, 2001, 2011 e 2021. Contudo, a análise está limitada ao material disponibilizado (que nem sempre apresenta dados para todo o período em estudo) e as datas da informação apresentada podem variar;

na área da eletrónica⁹¹ e veículos e transportes⁹². Isto também se verifica na concretização de ALC, que têm sido um dos grandes investimentos da diplomacia económica da Coreia do Sul⁹³. Em termos estratégicos, embora mantenha a atenção direcionada às grandes potências – caso dos EUA e do Japão – verifica-se, mais recentemente, uma mudança de paradigma, observável no foco colocado noutras regiões, caso da ASEAN, através da ASEAN+3. Neste cenário, é fácil apurar a importância da diplomacia para o desenvolvimento da economia do país e para o estabelecimento de acordos e parcerias de cariz comercial, num esforço que é, efetivamente, levado a cabo pela Coreia do Sul.

2.1. O Território e Clima na Península Coreana

2.1.1. Geografia e clima

A geografia da península coreana⁹⁴ pauta-se por um relevo montanhoso que cobre as duas Coreias quase na sua totalidade – cerca de 80%⁹⁵ - especialmente na zona este. A norte é geograficamente limitada pela fronteira com a China, na qual dois rios – o Yalu (ou Amnokgang⁹⁶ - 압록강, em grafia coreana) e o Tumen (ou Dumankang - 두만강, em grafia coreana) – criam uma barreira natural entre os dois países. Este último rio também exerce a mesma função na curta fronteira que a península partilha com a Rússia, a nordeste. A oeste é rodeada pelo Mar Amarelo e a este pelo Mar de Este⁹⁷. Imediatamente a sul (no sentido sudeste) encontra-se o Arquipélago do Japão. Em termos de dimensões geográficas, a Coreia conta com cerca de 1000 km de comprimento e 300 km de largura, medidas mais ou menos semelhantes às de Portugal⁹⁸.

O norte da península, correspondente à Coreia do Norte, é mais rico em minerais (como o ferro, o zinco ou o cobre, entre outros) do que o sul. Este último é mais

⁹¹ Por exemplo, a Coreia do Sul destaca-se como um dos maiores produtores e exportadores mundiais de semi-condutores, peças fundamentais para o desenvolvimento de produtos na área da eletrónica;

⁹² Santander Trade Market. *South Korean foreign trade in figures*;

⁹³ Embaixada da República da Coreia em Portugal. *Korea's Trade Policy*;

⁹⁴ Para ver um mapa da península coreana, consultar: Anexo A.2.;

⁹⁵ Weightman, 2011b, 360;

⁹⁶ Em coreano gang (강) é o sufixo e significa “rio”, ou seja, a tradução é “Rio Amnok”;

⁹⁷ Apresentado em muitos mapas como “Mar do Japão”, embora a utilização desta expressão seja fortemente rejeitada pelos coreanos. As rivalidades históricas e territoriais e o passado imperialista japonês na Ásia Oriental fomentam a contestação coreana em relação à denominação deste mar;

⁹⁸ The Korean Overseas Information Service, 2003, 8;

empobrecido, com minerais em quantidade e qualidade inferiores. Isto afeta as indústrias e o comércio, que têm de se orientar para a importação das matérias-primas em falta. No caso do norte, muitos dos minerais existentes são vendidos à China, que é a sua maior parceira comercial. O arroz, muito associado à culinária coreana, é produzido em maior escala no sul, uma vez que este possui terrenos mais planos e propícios ao cultivo⁹⁹. No geral, a península não é muito rica em matérias-primas e a sua geografia acidentada contribui para tal. Esta circunstância também pode explicar, em parte, a orientação tecnológica da Coreia do Sul e o seu empenho em desenvolver-se economicamente, já que está dependente da importação de matérias-primas e da capacidade para capitalizá-las ao máximo, num esforço que também permitiu à economia nacional crescer a uma velocidade considerável.

O clima é outro aspeto fundamental para compreender a importação e a exportação de produtos, assim como o estilo de vida e costumes da região. Na Coreia, o clima – oceânico e continental ao mesmo tempo¹⁰⁰ – permite distinguir claramente quatro estações: primavera, verão, outono e inverno. Enquanto que o norte é mais continental, mas também marcado por invernos mais longos, frios e secos, o sul tem um clima subtropical, com invernos mais quentes e curtos. A primavera¹⁰¹ é mais curta no norte e marca um pico na subida progressiva das temperaturas, fazendo a transição do inverno para o verão. É nesta altura que os póis vindos dos desertos chineses e mongóis (황사- hwangsa) chegam à Coreia¹⁰². O verão regista o mês mais quente do ano, normalmente agosto, e a época mais húmida, por volta de julho, com uma humidade na casa dos 80-90%¹⁰³. É também no verão que se dão as chuvas de cariz tropical, muito típicas desta época, denominadas jangma (장마). O outono é seco e ensolarado e o inverno traz consigo o ar do ártico, oriundo do continente asiático. A neve é frequente, mas a sua presença depende da área geográfica (é menos comum a sul e mais comum a norte). O mês mais frio do ano é janeiro, com diferenças climatéricas que podem chegar aos 20.º C entre o norte e o sul (o norte apresenta temperaturas mais baixas)¹⁰⁴.

⁹⁹ Weightman, 2011b, 360-361;

¹⁰⁰ Para ver um mapa da caracterização climatológica na Ásia Oriental, consultar: Anexo A.3.;

¹⁰¹ Para ver um esquema das quatro estações, consultar: Anexo A.4;

¹⁰² The Korean Overseas Information Service, 2003, 17-18;

¹⁰³ Korea Meteorological Administration. *Climate of Korea*;

¹⁰⁴ The Korean Overseas Information Service, 2003, 17-18;

2.1.2. As Regiões da Coreia

A península coreana está dividida em três grandes áreas – norte, centro e sul¹⁰⁵ -, que estão também elas divididas em nove províncias de importante cariz administrativo e com contribuições diferentes para a economia dos dois países. Na região da Coreia do Norte encontra-se Pyeongan-do (평안도)¹⁰⁶, a noroeste, e Hamgyeong-do (함경도)¹⁰⁷, a nordeste. A primeira é a zona responsável pela agricultura produzida no norte, ao passo que a segunda é responsável pela produção mineira. É em Pyeongan-do que se encontra Pyongyang¹⁰⁸ (평양). A sul de Pyeongan-do está a terceira província da zona norte, denominada Hwanghae-do (황해도). Gaesong (개성)¹⁰⁹, a capital da dinastia Goryeo (séculos X-XIV) e um local de enorme riqueza histórica, é a principal cidade desta província e, pela proximidade geográfica com Seoul, apresenta muitas semelhanças com a zona centro da península¹¹⁰, já pertencente à Coreia do Sul.

A zona central engloba três províncias. Gyeonggi-do (경기도) é a primeira e é onde se encontra localizada a capital da Coreia do Sul - Seoul (서울)¹¹¹. Outra região famosa também incluída nesta província é Incheon, a oeste. Aqui está o epicentro político e económico do país, assim como as principais indústrias nacionais. A sul de Gyeonggi-do está Chungcheong-do (충청도)¹¹². Face à proximidade a Gyeonggi-do e à capital, disfruta de um bom desenvolvimento económico e industrial e de uma boa rede de transportes que

¹⁰⁵ Para ver um mapa das várias regiões da península, consultar: Anexo A.5.;

¹⁰⁶ Em coreano do (도) é o sufixo e significa “província”, ou seja, a tradução é “Província de Pyeongan”. Por vezes surge dividida em 평안북도 (Pyeonganbuk-do) e 평안남도 (Pyeongannam-do). “Buk” (북) significa “Norte” e “nam” (남) significa “Sul”, sendo aqui usados como sufixos;

¹⁰⁷ Por vezes surge dividida em 함경북도 (Hamgyeongbuk-do) e 함경남도 (Hamgyeongnam-do);

¹⁰⁸ Em norte-coreano: 평양직할시 (Pyeongyangjikhalsi). 직할 significa “controlo direto” (ou seja, é uma cidade controlada/administrada diretamente pelo Governo). Si (시) é o sufixo de “cidade”, ou seja, a tradução de 평양시 é “Cidade de Pyongyang”;

¹⁰⁹ Em norte-coreano: 개성특별시 (Gaesongteukbyeolsi). 특별 significa “especial” (ou seja, é uma cidade com estatuto especial);

¹¹⁰ The Korean Overseas Information Service, 2003, 12;

¹¹¹ Ou 서울특별시 (Seoulteukbyeolsi) = Cidade Especial de Seoul;

¹¹² Por vezes surge dividida em 충청북도 (Chungcheongbuk-do) e 충청남도 (Chungcheongnam-do);

a conecta agilmente a Seoul. Por fim, a região de Gangwon-do (강원특별자치도)¹¹³ encontra-se na zona este. É uma área com alguma oferta e atração turística¹¹⁴.

Na zona sul existem três províncias. Primeiramente, Jeolla-do (전라도) (ou Honam), a sul de Chungcheong-do. Esta está dividida em Jeollabuk-do (Jeolla do Norte - 전라북도) e Jeollanam-do (Jeolla do Sul - 전라남도). A norte, Jeonju (전주), e a sul, Gwangju (관주광역시)¹¹⁵, são cidades de Jeolla-do com uma importante dimensão. Esta região tem-se desenvolvido industrialmente e é conhecida como o “celeiro” da nação, já que o rio Yeongsangang (영산강) irriga as suas terras. Para além disso, está na zona sudoeste, que é menos montanhosa e, por isso, mais propícia a solos férteis. Aliás, Jeonju é considerada pela UNESCO como uma cidade gastronómica¹¹⁶, já que é conhecida por uma indústria alimentar que produz algumas das melhores e mais famosas iguarias da culinária coreana, da qual se destaca o famoso bibimbap (arroz misturado com diversos ingredientes, como vegetais e carne, entre outros), considerado o melhor do país¹¹⁷. Outra região é Gyeongsang-do (경상도)¹¹⁸, que inclui a cidade portuária de Busan, no sul da Coreia do Sul, que é a segunda maior do país a seguir à capital. Os costumes desta região, particularmente o dialeto, variam bastante das outras áreas, já que a dificuldade de acesso (por causa das Montanhas Sobaek/Sobaeksan - 소백산¹¹⁹) isolou-a das restantes. É a segunda maior região industrial a seguir a Gyeonggi-do, com indústrias na área da eletrónica, têxteis, automóveis, entre outros. Por fim, Jeju-do (제주도), a ilha a sul do território continental coreano, é a maior ilha da Coreia e, à semelhança de Gyeongsang-do, o isolamento face às restantes áreas também contribuiu para o desenvolvimento de um dialeto e costumes próprios. O turismo é o principal setor económico de Jeju¹²⁰, até

¹¹³ Em coreano 자치 (jachi) significa “auto-governada/autónoma”. Logo, a tradução de 강원특별자치도 é “Província Especial Autónoma de Gangwon”;

¹¹⁴ The Korean Overseas Information Service, 2003, 10-11;

¹¹⁵ Em coreano 광역 significa “metropolitana”. Logo, a tradução é “Cidade Metropolitana de Gwangju”;

¹¹⁶ UNESCO. *Jeonju*;

¹¹⁷ Jeonju City Blog, 2022;

¹¹⁸ Por vezes surge dividida em 경상북도 (Gyeongsangbuk-do) e 경상남도 (Gyeongsangnam-do);

¹¹⁹ Em coreano 산 (san) significa “montanha”, ou seja, a tradução é “Montanhas Sobaek”;

¹²⁰ The Korean Overseas Information Service, 2003, 11-12;

porque a ilha apresenta um clima subtropical particularmente propício para esta atividade¹²¹.

No que toca ao desenvolvimento das várias indústrias na Coreia do Sul ¹²² para o ano de 1997¹²³ há um claro destaque do comércio retalhista e armazenista, que sobressai em todas as províncias e cidades metropolitanas, embora ganhe particular vigor nas zonas mais próximas à capital. Os hotéis e restaurantes, assim como o imobiliário, também se destacam. Nesta altura, o interesse pela cultura pop coreana começava a dar os primeiros passos, o que pode justificar o lucro dos hotéis e restaurantes. Contudo, é também provável que muitos turistas asiáticos, especialmente da Ásia Oriental, visitassem a Coreia do Sul. Ainda assim, a afluência turística centra-se mais na zona de Seoul/Gyeonggi-do, muito provavelmente por na altura não existir um turismo tão extensivo no país. Atualmente, com o crescimento da projeção internacional da Coreia do Sul e com a cosmopolitização da capital é natural que mais pessoas procurem visitar regiões alternativas, circunstância que não seria visível em 1997. Em Seoul, os serviços empresariais também ganham destaque, o que é de esperar, uma vez que se trata da capital do país.

Já o desenvolvimento das indústrias no ano de 2020¹²⁴, se comparado com o ano de 1997, evidencia o impulsionamento de diversas indústrias e a complexificação das mesmas. O comércio a retalho e armazenista continua a ganhar destaque, contudo verifica-se um progresso das indústrias tecnológicas, nomeadamente em Seoul, que tem o número mais elevado em termos de vendas na área das TIC – 82.218.854 milhões de won (cerca de 55,5 mil milhões de euros) em 2020– muito acima da região com o segundo maior rendimento, Busan, com 2.132.438 milhões de won (cerca de 1,5 mil milhões de euros) para 2020. Estes números são esperados, tendo em conta que Seoul é o centro tecnológico da Coreia do Sul e concentra em si as grandes empresas tecnológicas, como a Samsung. Pode-se referir ainda outras indústrias como a das atividades de saúde e serviço social, uma constante nas várias regiões da Coreia do Sul. Também a Educação

¹²¹ Para além destas províncias, destaca-se também as setes cidades metropolitanas¹²¹ da Coreia do Sul: Seoul/서울 (em Gyeonggi-do); Busan/부산 (em Gyeongsang-do); Daegu/대구 (em Gyeongsang-do); Incheon/인천 (em Gyeonggi-do); Gwangju/광주 (em Jeolla-do); Daejeon/대전 (em Chungcheong-do); e Ulsan/울산 (em Gyeongsang-do) (*Idem*, 9);

¹²² Consultar: Anexo A.6.;

¹²³ Não foi possível encontrar informação para o ano de 1991, uma vez que os dados disponibilizados têm uma extensão temporal de 1997 a 2020;

¹²⁴ Consultar: Anexo A.7.;

ganha relevo, o que se coaduna com a importância que é dada pelos sul-coreanos à formação, especialmente na criação de futuros profissionais na vanguarda do progresso tecnológico do país. Esta realidade foi reforçada após o investimento estatal numa sociedade orientada para o conhecimento científico, o que se deu em meados dos anos 90, com a aposta na área da pesquisa e desenvolvimento¹²⁵. Como tal, a formação académica é altamente valorizada, sobretudo se for obtida em Seoul ou no estrangeiro (nomeadamente nos EUA), o que se verifica pelo lucro que a capital auferiu neste setor em 2020 – 10.287.346 milhões de wons (cerca de 7 mil milhões de euros) -, embora tal seja esperado tendo em conta o seu estatuto.

Atualmente, a Coreia do Sul é um país voltado para o desenvolvimento tecnológico, após décadas de investimento nas indústrias ligeiras e pesadas¹²⁶, o que não é só fruto da procura por promover a pesquisa e investigação em áreas estratégicas para a evolução industrial do país, mas também resultado de uma economia saturada dos mais diversos produtos e serviços, necessitando do advento de novas áreas de produção que possam renovar no mercado internacional a estagnada economia sul-coreana. Tal redirecionamento plasma-se em indústrias voltadas para os serviços, para as tecnologias e para as áreas administrativas¹²⁷. Tendo em conta que a Coreia do Sul é um país cada vez mais tecnológico é natural que faça a transição de uma economia maioritariamente apoiada no setor secundário para uma economia assente no setor terciário. O turismo, representado nas “atividades de alojamento e restauração” e talvez também nas “artes, desporto e serviços recreativos relacionados” ganha cada vez mais destaque fora de Seoul, em consonância com a procura turística por regiões para explorar que se encontrem fora da capital.

¹²⁵ Mah, 2007, 80;

¹²⁶ Com o fim da Guerra da Coreia (1950-1953) procurou-se levar a cabo uma série de planos económicos que permitissem desenvolver a Coreia do Sul e retirá-la do empobrecimento de anos de colonialismo e guerra. Ao longo dos anos 60 houve um investimento nas indústrias leves, nomeadamente as manufaturas, com a finalidade de incentivar a exportação, atividade que se revelou basilar para a estratégia económica do país. Nos anos 70, com a subida dos salários e com a queda do lucro oriundo das indústrias leves, a competitividade reduziu e deu-se uma reorientação para as indústrias pesadas, como a do ferro, a eletrónica, a química, ou a da construção naval, entre outras. Contudo, em 1983, face ao investimento excessivo do Estado nestas indústrias e face à consequente queda do PIB, houve mais uma reorientação, desta vez para a pesquisa e desenvolvimento, com a finalidade de incentivar a inovação industrial. Por volta de 1995 as TIC surgiram como forte aposta tecnológica e investiu-se no apoio a Pequenas e Médias Empresas, estratégias que ainda hoje se mantêm. Para mais informações sobre o desenvolvimento industrial sul-coreano recomenda-se a leitura do artigo: Mah, 2007;

¹²⁷ Mah, 2007, 88;

2.2. As Indústrias e o Comércio

Na Ásia Oriental, e ao contrário do que é praticado em diversas regiões do Ocidente, o Estado é um agente bastante ativo na economia. Como tal, para estudar as indústrias e o comércio sul-coreanos é necessário compreender o papel do Governo e entendê-lo como uma peça fundamental nesta área do país. Aliás, é de notar que, desde os anos 60, o Estado tem transformado a economia sul-coreana conforme se revela necessário, através de diversas medidas político-económicas, nomeadamente planos económicos com definidos objetivos nacionais. Assim sendo, o Estado tem um forte papel diplomático, procurando sempre a expansão das exportações sul-coreanas e o seu crescimento, não só a nível regional, como também global. Contudo, é fundamental não esquecer o papel diplomático do setor privado – nomeadamente o peso dos chaebol. Desde 1995 que existe uma forte aposta nas TIC, com a ajuda do Plano de Promoção das Indústrias de Bens Capitais¹²⁸, o que permitiu investir no desenvolvimento de novos produtos tecnológicos¹²⁹.

2.2.1. O Posicionamento Económico Sul-coreano na Ásia Oriental e no Mundo

Em termos da estratégia económica sul-coreana destaca-se os ALC, que ajudam a definir a Coreia do Sul como um país que procura investir ativamente na diplomacia económica bilateral, para além das suas participações multilaterais frequentes em organizações como a ASEAN+3 ou a APEC. No que toca aos ALC já celebrados pela Coreia do Sul¹³⁰ na região da Ásia Oriental destaca-se a China, com quem os sul-coreanos efetivaram acordos em dezembro de 2015, o que também reflete a dimensão económica que a China tem no país – é, desde meados dos anos 2000, o seu maior parceiro económico, ao nível das exportações e importações. A Coreia do Sul também tem ALC na região correspondente à ASEAN, como é o caso da Indonésia, do Vietname ou de Singapura.

¹²⁸ Bens capitais/de produção são os bens utilizados para produzir novos bens. Como tal, são um produto que não está destinado a ser vendido ao consumidor final;

¹²⁹ Mah, 2007, 80;

¹³⁰ Consultar: Anexo A.8.;

Em qualquer dos três casos, verifica-se uma afluência relativamente elevada de comércio entre estes países e os sul-coreanos, como será mostrado adiante.

Para além disso, existe ainda a Parceria Económica Regional Abrangente (RCEP), que se trata de um ALC regional (o maior ALC do mundo), englobando 15 países: Austrália, Brunei, Camboja, China, Japão, Laos, Nova Zelândia, Singapura, Tailândia e Vietname (países originais); juntaram-se ainda a Coreia do Sul (desde 1 de fevereiro de 2022), a Malásia (desde 18 de março de 2022); a Indonésia (desde 2 de janeiro de 2023) e as Filipinas (desde 2 de junho de 2023)¹³¹. Com o Japão - um dos maiores parceiros económicos da Coreia do Sul -, as conversações para um possível ALC encontram-se atualmente suspensas¹³², circunstância que não é beneficiada pelos avanços e recuos das relações diplomáticas entre os dois países, o que ademais se denota, por exemplo, nas restrições económicas que ambos impuseram um ao outro em 2019 (na sequência de vários momentos de tensão) versus o presente momento em que existe uma aproximação dos dois governos, já que apresentam interesses e posições convergentes. Ainda assim, ambos usufruem de relações comerciais boas, proporcionadas pela integração económica na Ásia Oriental e pelo fluxo de exportações e importações dentro desta região¹³³.

Ao nível da presença sul-coreana no mercado global, os produtos eletrónicos (com uma liderança industrial nacional quase constante desde 1995) e os veículos são o grande destaque, embora a primeira indústria tenha um crescimento mais acentuado, destacando-se consideravelmente da indústria automóvel, que desde 2011 teve uma queda abrupta¹³⁴. Este desenvolvimento tecnológico, como anteriormente referido, faz parte da estratégia sul-coreana, cujo objetivo final é atingir o estatuto de potência tecnológica global, através da exportação de produtos novos e inovadores. Na realidade, este percurso parece ser inevitável. Com um crescimento do PIB que, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), não tem ultrapassado a casa dos 4% na última década¹³⁵ e com previsões que

¹³¹Departamento dos Negócios Estrangeiros e Comércio da Austrália. *Regional Comprehensive Economic Partnership Agreement (RCEP)*;

¹³²Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. *Free Trade Agreement (FTA)/Economic Partnership Agreement (EPA) and Related Initiatives*;

¹³³ «Especialmente na secção dos bens intermédios, das matérias-primas e dos bens capitais, através de um elevado comércio intraindustrial e de um aumento da intensidade do comércio, mesmo não havendo Acordos Comerciais Preferenciais, a integração funcional da economia entre estes três países [Coreia do Sul, China e Japão] tem progredido devido ao mercado.» (Sohn, 2012, 2). Para ver a citação original consultar: Anexo D.1.;

¹³⁴ Consultar: Anexo A.9.;

¹³⁵ Com um valor máximo de 4.3% em 2021, o mais alto desde 2010 (ano em que o PIB teve um valor de 6.8%);

apontam para uma estagnação na casa dos 2%¹³⁶, a economia sul-coreana poderá só conseguir alavancar-se através do investimento em produtos novos dentro dos mercados com maior demanda. Para além disso¹³⁷, o país, que está conectado globalmente, possui um elevado nível de complexidade económica, que pende para uma Abordagem de Fronteira Tecnológica (Technological Frontier Approach)¹³⁸. Esta abordagem serve para as economias que esgotaram a exploração de produtos dos mais diversos tipos, sendo-lhes benéfico investir na produção de bens considerados novos no mercado. A complexidade económica sul-coreana não facilita o seu posicionamento e faz com que tenha de se reinventar, após longas décadas de uma intensa exploração industrial, se desejar não estagnar no futuro.

O próprio Governo sul-coreano tem procurado fomentar este desenvolvimento, através de um plano que aposta em cinquenta tecnologias dentro de doze indústrias, por ele consideradas como emergentes. São elas: semicondutores e display; baterias recarregáveis; mobilidade avançada; poder nuclear de próxima geração; biotecnologia avançada; tecnologia aeroespacial e marinha; hidrogénio; cibersegurança; inteligência artificial (IA); comunicações de próxima geração; robótica e manufaturas avançadas; e tecnologia quântica. Em cada uma destas indústrias o Governo pretende desenvolver uma série de iniciativas que permitam o seu crescimento tecnológico e o seu destaque no mercado global¹³⁹. Aliás, o setor das tecnologias não goza somente de um investimento vasto, mas também de um estatuto especial, cuja finalidade é a agilização do progresso do mesmo, o que se plasma na criação da Lei Nacional Especial das Indústrias Estratégicas de Alta Tecnologia¹⁴⁰. Este investimento faz parte do Projeto Nacional de Tecnologia Estratégica, que quer uma parceria entre o setor público e o setor privado, de

¹³⁶ Para uma análise da evolução do PIB da Coreia do Sul, consultar: Fundo Monetário Internacional. *Real GDP growth: Annual percent change*;

¹³⁷ Consultar: Anexo A.10.;

¹³⁸ No que toca aos outros três tipos de abordagem, a Abordagem Parcimoniosa da Política Industrial (Parsimonious Industrial Policy Approach) significa que um país não tem as ferramentas requeridas para fazer crescer a sua economia, pelo que necessita de dar muitos passos de pequena dimensão, investindo no desenvolvimento de produtos que lhe sejam próximos e relacionados. Exemplos deste tipo de abordagem são Portugal e o Sri Lanka. A Abordagem de Toque Leve (Light Touch Approach) utiliza-se quando um país tem as ferramentas necessárias para desenvolver a sua economia. Exemplos deste tipo de abordagem são a China e a Índia. E a Abordagem de Apostas Estratégicas (Strategic Bets Approach) é útil quando um país não possui as ferramentas necessárias para fazer crescer a sua economia e, pelas suas condições, é-lhe benéfico dar alguns passos pequenos, coordenados com passos de maior dimensão, investindo em diversas áreas que possam ter potencial futuro. Exemplos disto são o Camboja e o Laos;

¹³⁹ Para uma análise pormenorizada da estratégia do Governo sul-coreano e seus detalhes, consultar: Ministério da Ciência e TIC da República da Coreia, 2023;

¹⁴⁰ Para saber mais sobre esta lei, consultar: Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2022;

forma a alcançar os objetivos nacionais¹⁴¹. Aliás, há mesmo a utilização da palavra “hegemonia” para referir os objetivos definidos, o que reforça a importância concedida ao setor tecnológico¹⁴². O Governo afirma ainda que o país procura liderar em termos de diplomacia tecnológica e de segurança, quer a dos sul-coreanos, quer a dos aliados da nação¹⁴³, o que reforça o papel da tecnologia para a diplomacia da Coreia do Sul, nomeadamente no seu panorama político-económico. Todavia, uma vez que o plano data de 2022/2023 é ainda muito cedo para prever a sua taxa de sucesso e aplicabilidade.

2.2.2. As Exportações e Importações da Coreia do Sul

Segundo o Ministério do Comércio, Indústria e Energia sul-coreano existem vários tipos de produtos do país que chegaram ao topo das exportações mundiais. Estes são: produtos químicos (18 vezes); ferro e metais não ferrosos (4 vezes); couro, borracha, sapatos e suplementos para viagens (4 vezes); produtos têxteis (3 vezes); equipamento eletrónico elétrico (2 vezes); minerais (1 vez); produtos agrícolas (1 vez); produtos marinhos (1 vez); máquinas de transporte (1 vez); madeira, polpa de celulose, papel e mobília (1 vez); somando o total de 36 vezes¹⁴⁴.

Ao olhar para as exportações e importações realizadas pela Coreia do Sul no período entre 1991 e 2021¹⁴⁵ (com um intervalo de 10 anos – 1991, 2001, 2011 e 2021) pode-se verificar que existe uma evolução ao longo dos últimos trinta anos,

¹⁴¹ «The National Strategic Technology Nurture Plan represents a national policy direction to foster strategic technologies that will contribute to future society and national security in the global tech competition era where new and core technologies determine the fate of national economy, security, and diplomacy. This is also a pan-government collaboration strategy to make Korea lead the technology competition rather than to follow already existing trends. [...] The The ‘National Strategic Technology Project (hereinafter referred to as the Project)’ will be promoted to secure irreplaceable supergap technologies by encouraging private and government sectors to work together in goal setting and joint investments.» (Ministério da Ciência e TIC da República da Coreia, 2022);

¹⁴² «By promoting the National Strategic Technology Nurture Plan without any setbacks with the goal of securing technology sovereignty and becoming global tech hegemon, Korea will enlarge the number of strategic technology fields that Korea possesses more capacity than 90% compared to that of the most developed country, from three in 2020 to eight in 2027. [...] Ultimately, through successful establishment and promotion of the ‘National Strategic Technology Nurture Plan,’ Korea will become the country with technology sovereignty that leads future economy, new industries, diplomacy, and national security.» (*Ibidem*);

¹⁴³ «In the aspect of diplomacy and national security, Korea will apply high technology to the army to securely protect our people, and secure our position as global center of technology diplomacy and security alliance» (*Ibidem*);

¹⁴⁴ Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2021;

¹⁴⁵ Consultar: Anexo A.11.;

nomeadamente com a passagem da China para principal importador dos produtos e serviços sul-coreanos e exportador dos produtos e serviços chineses para a Coreia do Sul, destronando os EUA, que desde os anos 2000 desceram para segundo lugar. Na análise incluiu-se informação sobre a Ásia do Sudeste, que pela presença da ASEAN e de uma troca diplomática continuada com a Coreia do Sul, nomeadamente ao nível económico e comercial, apresenta um valor acrescido no processo de estudo da diplomacia económica sul-coreana, para além do relevante crescimento de países como o Vietname, a Malásia, a Indonésia ou Singapura¹⁴⁶.

Este volume de importações chinesas é de notar, até porque o seu peso é quase duas vezes superior ao dos EUA, situação que traz implicações para a diplomacia económica, já que reforça a dependência da Coreia do Sul face à China, embora tal faça parte da estratégia geopolítica desta última, que se tornou o maior parceiro económico e comercial de praticamente todos os países da região, incluindo dos EUA. Uma dependência tão forte numa zona tão instável poderá não ser benéfica para os sul-coreanos, apesar de parecer inevitável. A própria Coreia do Sul tem oscilado politicamente entre presidências que pendem para uma relação mais amigável com a Coreia do Norte – como, por exemplo, o mandato do presidente anterior, Moon Jae-In – e presidências com tendência a um alinhamento mais forte com os EUA e com o Japão – como, por exemplo, o mandato do atual presidente, Yoon Suk-Yeol. Independentemente destas alternâncias nas visões políticas ou as reviravoltas nas tensões regionais e conflitos daí derivados é importante equacionar que os dois países estão economicamente interligados e que ambos têm consciência disso. Enquanto que esta dependência traz à luz a extensão da influência económica da China na Coreia do Sul, possibilita também compreender que tal influência nunca permitirá a esta última desconectar-se completamente dos chineses (até por razões geopolíticas externas às meras questões económicas) e, por exemplo, alinhar-se incondicionalmente com os EUA.

O Japão também tem vido a cair, quer nas exportações, quer nas importações sul-coreanas, embora continue a ser o terceiro maior parceiro económico da Coreia do Sul na Ásia Oriental. No próximo capítulo procurar-se-á fomentar bases mais sólidas para

¹⁴⁶ Aliás, para além dos ALC realizados com os países da Ásia do Sudeste, a Coreia do Sul pretende passar a poder fazer as transações económicas com os países da ASEAN em won – a moeda sul-coreana – o que representa um corte nas taxas derivadas dessas mesmas transações, assim como uma agilização das relações económicas entre os dois lados. Esta medida insere-se na lógica do aumento do comércio dos sul-coreanos na região e pensa-se que a Indonésia será o país mais aberto a esta possibilidade, seguida das Filipinas e do Vietname (Yi, 2024);

perceber de que forma as hostilidades entre os dois países – reacendidas em 1991, com o testemunho de Kim Hak-Sun (김학순), a primeira “mulher de conforto”¹⁴⁷ sul-coreana a falar sobre este tema e a incitar o debate sobre o sofrimento infligido aos sul-coreanos durante a ocupação japonesa¹⁴⁸ – poderão ter contaminado as diplomacias económica e comercial e se, em algum momento, tais oscilações na abordagem diplomática de ambos, marcada por momentos de aproximação e momentos de tensão, poderão ter influência nos dados apresentados. Em todo o caso, é importante notar que os números de exportações e importações aumentaram efetivamente, simplesmente não o suficiente para acompanhar a China e os EUA, o que também se poderá prender com outros fatores geopolíticos como a influência regional (e global) progressiva e dominante da China ou a estagnação económica do Japão. Ora, embora as tensões entre os japoneses e os sul-coreanas afetem de forma inequívoca o setor económico, as necessidades do momento revelam-se incontornáveis no panorama que as relações económico-comerciais assumem - isto é, a estagnação progressiva da economia japonesa, que nos anos 90 tinha uma predominância irrefutável na Ásia Oriental, associada ao crescimento gradual da China e às mudanças na oferta e na procura do mercado regional são motivos plausíveis para considerar as alterações nas importações e exportações sul-coreanas. Acresce a isto o termo da ditadura militar, no fim dos anos 80, e o surgimento de presidências predispostas a uma política externa mais aberta, ao longo dos anos 90, o que se reflete, por exemplo, no estabelecimento de relações diplomáticas com países comunistas, como a China e a Rússia. Ou seja, o contexto pós-Guerra Fria criou as condições necessárias à diversificação do mercado sul-coreano e à entrada de outros países na corrida pela hegemonia económica regional.

A isto juntam-se os esforços coletivos da Coreia do Sul, da China e do Japão para desenvolver mecanismos de integração económica regional. Efetivamente, os três países têm procurado, através de iniciativas como o Secretariado de Cooperação Trilateral¹⁴⁹, estabelecer bases para uma maior fluidez das diplomacias económica e comercial, tanto a nível multilateral quanto bilateral. Nesta região os bens capitais são mais

¹⁴⁷ Mulheres/jovens sul-coreanas (e de outras nacionalidades asiáticas) raptadas e usadas como escravas sexuais dos militares japoneses, durante a ocupação japonesa da Coreia, entre os anos 1910-1945;

¹⁴⁸ Para mais informações sobre este tema, consultar: Lynn, 2022;

¹⁴⁹ Para mais informações consultar: *Trilateral Cooperation Secretariat*. <https://www.tcs-asia.org/en/main/> (data do último acesso: 28/09/2024);

comercializados do que os bens de consumo, o que cria uma espécie de comunidade de produção que promove a cooperação e a integração económica¹⁵⁰.

Na Ásia do Sudeste destaca-se Singapura, na área das exportações sul-coreanas, e a Indonésia, na área das importações. Ambas são já economias regionais mais desenvolvidas (a Indonésia é o único país da Ásia do Sudeste a pertencer ao G20), se comparadas com outros países, como as Filipinas ou o Vietname, cujos crescimento económico e destaque regional são mais recentes. Contudo, é de realçar a influência deste último no comércio sul-coreano. Possivelmente este fenómeno deve-se a um potencial semelhante ao chinês, mas sem os riscos regionais apresentados pela China, o que transforma o Vietname num espaço fora do círculo de tensões e rivalidades sul-coreanas e numa boa alternativa para a produção de alta tecnologia. Isto é visível, não só pela expectativa de que o Vietname venha a ganhar mais destaque no Sudeste Asiático (embora a custo de diversos problemas como o incumprimento de direitos humanos)¹⁵¹, mas também pela cooperação que tem criado com a Coreia do Sul, em diversos setores, como por exemplo, a utilização de tecnologia sul-coreana na exploração mineira vietnamita¹⁵² ou a abertura de um centro logístico sul-coreano no Vietname para facilitar o armazenamento e venda de produtos no país¹⁵³. Contudo, é de notar que à exceção do Brunei, de Timor-Leste, do Laos e do Myanmar, os restantes países apresentam um valor elevado em trocas comerciais com a Coreia do Sul, o que demonstra o potencial da região para a diplomacia económica sul-coreana e, sincronicamente, o potencial da Coreia do Sul na região, ainda que, a nível global, haja um destaque claro dos parceiros comerciais tradicionais, China – EUA – Japão, nas importações e exportações¹⁵⁴.

No que toca aos produtos mais exportados entre 2019 e 2021¹⁵⁵ realça-se os circuitos integrados eletrónicos¹⁵⁶ e os veículos, setores comuns na exportação sul-coreana. Outro produto em destaque é o petróleo, possivelmente refinado, uma vez que a Coreia do Sul tem como principal produto importado para os mesmos anos o crude

¹⁵⁰ «Esta união internacional de produção induz à integração comercial regional e tem funcionado para fundir a economia destes três países [Coreia do Sul, China e Japão] numa comunidade de produção única.» (Sohn, 2012, 7). Para ver a citação original consultar: Anexo D.2.;

¹⁵¹ Le, 2023;

¹⁵² Oh, 2023;

¹⁵³ Kang, 2024;

¹⁵⁴ Consultar: Anexo A.12. e Anexo A.13.;

¹⁵⁵ Consultar: Anexo A.14.;

¹⁵⁶ Um circuito integrado eletrónico trata-se de um chip com um elevado grau de complexidade multifuncional utilizado em diversos produtos eletrónicos;

(petróleo em bruto), para além de, como referido anteriormente, ser um país pobre em matérias-primas, embora disponha da tecnologia para as explorar. Vários destes produtos parecem tratar-se de bens capitais, nomeadamente na área dos minerais, óleos petrolíferos e químicos, o que se poderá coadunar com a tendência regional de comercialização de bens capitais em detrimento de bens de consumo e confirma que os primeiros deverão ser usados para criar os produtos e serviços de alta tecnologia posteriormente exportados pelas empresas da Coreia do Sul. No que toca aos produtos mais importados pela Coreia do Sul entre o mesmo período¹⁵⁷, destaca-se também os circuitos integrados eletrónicos, assim como o crude supramencionado, entre outros óleos e gases.

No que toca às importações e exportações de 2022¹⁵⁸, segundo o Organização Mundial do Comércio, os produtos agrícolas mais exportados são a pasta (de malagueta) e outras comidas, das quais poderá figurar, muito provavelmente, o famoso kimchi (vegetais fermentados com um condimento picante próprio). Isto deve-se ao sucesso global da *hansik*, fusão das palavras 한국 음식 (*hangug eumsig*) – comida coreana – e ao aumento do interesse no consumo de produtos e pratos típicos das gastronomias asiáticas, no geral, e da gastronomia coreana, em particular. Este interesse na comida da Coreia permite a expansão da diplomacia cultural¹⁵⁹ e a exposição da cultura da península ao mundo o que, por consequência, significa também um aumento das diplomacias económica e comercial, refletindo-se isto na exportação de diversos produtos nacionais. Esta situação assemelha-se um pouco à vivida pelo Japão durante os anos 90, com o crescimento do interesse global na sua cultura popular. No caso das exportações não-agrícolas, observa-se que estas se mantêm relativamente semelhantes às verificadas para o período de 2019-2021, com o setor eletrónico/tecnológico na vanguarda das exportações. Nas importações encontram-se, mais uma vez, uma série de matérias-primas e alguns alimentos como o milho e a carne de bovino.

Para o caso dos serviços, segundo os dados disponibilizados pelo KOSIS¹⁶⁰ vê-se um desenvolvimento do setor das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em detrimento das agências de viagens e *tours* turísticas, o que não é surpreendente tendo em

¹⁵⁷ Consultar: Anexo A.15;

¹⁵⁸ Consultar: Anexo A.16.;

¹⁵⁹ A diplomacia cultural tem sido uma forte aposta do Governo sul-coreano, não só na gastronomia, mas noutras áreas, como a cultura pop, principalmente k-dramas e k-pop. Este investimento reflete-se no consequente desenvolvimento das diplomacias económica e comercial, no aumento do lucro das empresas nacionais e na exposição da economia e da cultura coreanas a nível internacional;

¹⁶⁰ Consultar: Anexo A.17;

conta o investimento do Governo no setor tecnológico, como já referido várias vezes. O setor turístico também apresenta dados muito elevados, o que se coaduna com o crescimento do interesse pela Coreia, por meados de 1990/2000s. Apesar de para 2021 o setor turístico ter um valor e um volume tão reduzidos, isto não significa que a Coreia do Sul apresente menos popularidade do que em anos anteriores. Estes números são provavelmente reflexo das restrições resultantes da pandemia de COVID-19, que fecharam o país ao turismo até há relativamente pouco tempo. Os setores do retalho e dos transportes também apresentam números elevados, algo que parece ser frequente dentro das indústrias e do comércio sul-coreanos. Outras áreas, como o setor da restauração e do alojamento, a educação, as atividades relacionadas com lazer e cuidados pessoais, entre outros, revelam, como já mencionado, uma sociedade cosmopolita, modernizada e com um setor económico terceirizado. Contudo, não se sabe, dentro dos dados apresentados, que tipos de serviços e o seu respetivo volume foram exportados e/ou usados a nível nacional.

2.3. O Neo-confucionismo e o Pensamento Económico Sul-coreano

Por fim, procurou-se compreender a influência do confucionismo no pensamento económico sul-coreano e como é que este último se caracteriza. Em qualquer área da sociedade, incluindo a económica, a Cultura apresenta uma importância que pode moldar a forma como as pessoas agem, pensam ou vivem o dia-a-dia, não obstante uma certa homogeneização trazida pela globalização¹⁶¹. O confucionismo não tem hoje a influência que outrora possuiu, embora ainda esteja enraizado, de forma mais ou menos consciente, nas sociedades da Ásia Oriental e na forma como estas se comportam¹⁶². Este sistema de pensamento não é imediatamente explícito e apresenta uma série de crenças que são, por vezes, contraditórias¹⁶³. Isto verifica-se, por exemplo, na valorização da manutenção da hierarquia social, ao mesmo tempo que se promove o “auto-cultivo” e a educação, fatores

¹⁶¹ Warner, 2017, 400;

¹⁶² Oh, 2017, 7;

¹⁶³ Para ver as características do Confucionismo, nomeadamente em ambiente empresarial, consultar: Anexo A.18.;

que facilitam a mobilidade social¹⁶⁴. O confucionismo atual – o neo-confucionismo – partilha deste conflito de interesses, que se estende ao espaço material e económico¹⁶⁵.

Na Coreia do Sul este neo-confucionismo é particularmente sentido na estrutura económica e empresarial, desde a ideia de hierarquia corporativa, à passagem dos negócios de pais para filhos (problema muito criticado no contexto dos chaebols) ou até mesmo na mentalidade de comunidade através da alienação do indivíduo (quem não compete necessariamente com uma mentalidade económica individualista e consumista). Ao contrário do budismo, que não tem uma vertente política, e do taoísmo, que promove um afastamento da realidade (seclusão)¹⁶⁶, o neo-confucionismo apresenta a capacidade de intrusão nos aspetos sociais e políticos da vida quotidiana, adquirindo assim uma faceta mais “realista” e material¹⁶⁷.

Embora atualmente, com a influência do capitalismo, seja cada vez mais difícil a manutenção de uma sociedade assente nos valores clássicos do neo-confucionismo¹⁶⁸, a economia e, por consequência, a diplomacia económica sul-coreana poderão ainda ser impactadas pela força político-económica dos chaebols, o que se plasma na existência de um Estado cujo poder e influência políticos competem com os das grandes corporações nacionais. O problema deste tipo de estrutura político-económica é que assenta no princípio de que os meios justificam os fins e de que, se a finalidade for o progresso nacional, (quase) tudo é aceitável. É nesta faceta da sociedade sul-coreana que se vê, de uma maneira bastante destacada, o impacto do pensamento confucionista, quer seja usado por tradição, por conveniência ou por ambos¹⁶⁹. Tendo em conta a dimensão destas empresas no PIB sul-coreano, muitos presidentes¹⁷⁰ acabam por conceder perdões presidenciais a figuras da economia nacional que cometeram algum tipo de crime, caso do perdão concedido ao (na altura) vice-presidente da Samsung, em 2022¹⁷¹.

¹⁶⁴ Dalton, 2017 86-87;

¹⁶⁵ «Mas, devido à desarmonia entre os valores morais e a vida diária material que existe na doutrina de Zhu Xi, que é designada de neo-confucionismo, a ideologia confucionista acaba por funcionar como uma restrição à vida económica real. Isto é, no caso do neo-confucionismo, acaba por emergir uma desarmonia que, embora enfatize o auto-cultivo como norma moral, também oprime a vida material.» (Sohn, 2007, 7). Para ver a citação original consultar: Anexo D.3.;

¹⁶⁶ *Idem*, 2-3;

¹⁶⁷ Oh, 2017, 8;

¹⁶⁸ *Ibidem*;

¹⁶⁹ Dalton, 2017, 82-83;

¹⁷⁰ *Idem*, 83-84;

¹⁷¹ Consultar: Lim, 2022;

No que toca à abordagem das ideias orientais vs. das ideias ocidentais no pensamento económico sul-coreano, os académicos que se debruçam sobre este tipo de temáticos encontram-se divididos: por um lado, há um conjunto de estudiosos que faz o seu percurso académico no Ocidente (especialmente nos EUA) e que, como tal, quando regressa à Coreia do Sul traz consigo uma perspetiva económica essencialmente ocidentalizada; e, por outro lado, há um grupo de estudiosos cujo percurso académico é realizado no país e, como tal, estão mais expostos ao pensamento económico oriental, no geral, e ao sul-coreano, em particular¹⁷². Para mais, os académicos costumam exercer cargos mais teóricos – especialmente em universidades -, uma vez que parecem carecer do *know-how* para assumirem posições que requeiram tomar decisões económicas. Esse tipo de cargos, de cariz mais prático, é dado normalmente a oficiais do Governo e a economistas que estão em institutos e não em universidades, jornalistas ou empresários, uma vez que todos estes têm, em princípio, mais experiência e conhecimento acerca da realidade económica efetiva sobre a qual estão a atuar¹⁷³. Esta influência não é recente e, na verdade, as primeiras ideias económicas ocidentais chegaram à Coreia do Sul através do Japão, durante o período colonial¹⁷⁴. Em 1947 as obras de Karl Marx foram traduzidas para coreano e, em 1955, John Maynard Keynes também o foi. Em 1960 deu-se a tradução da obra do economista Adam Smith¹⁷⁵.

Sohn Byeong-Hae, da Kyungpook National University, em Daegu, vê os valores confucionistas como uma janela de oportunidade para a integração económica na Ásia Oriental, circunstância que ele considera prejudicada pela infiltração dos valores ocidentais, nomeadamente os dos EUA, que poderão não ser os ideais para lidar com o contexto asiático¹⁷⁶. Neste sentido, iniciativas como a ASEAN+3 ou a Cúpula Trilateral entre a China, o Japão e a Coreia do Sul são vistos como ensejos para estabelecer um contacto mais próximo entre os três países, suavizar as tensões e enaltecer a importância do espaço cultural comum para a identificação de objetivos económicos semelhantes. Assim, o elo de ligação será, naturalmente, o confucionismo. O autor aborda ainda o conceito de “capitalismo-confucionista”, isto é, a ideia de que a influência do neo-

¹⁷² Hong, 2017, 120;

¹⁷³ *Idem*, 120-121;

¹⁷⁴ *Idem*, 117;

¹⁷⁵ Consultar: Anexo A.19.;

¹⁷⁶ «[...] dependendo do país ou da região, os critérios europeus e americanos não são o melhor método. Os valores culturais transmitidos tradicionalmente nessa sociedade e o sistema socioeconómico nela baseado podem tornar-se sistemas que têm mais eficiência e competitividade.» (Sohn, 2007, 2). Para ver a citação original consultar: Anexo D.4.;

confucionismo seria útil para amenizar a falta de ética, o individualismo/egoísmo e o lucro desmedido que, de um ponto de vista da Filosofia Oriental, são aspetos atribuídos ao capitalismo. Neste caso, o confucionismo trabalharia em conjunto com o capitalismo resultante da modernização e ocidentalização das sociedades orientais, construindo um modelo económico com um equilíbrio entre as duas vertentes¹⁷⁷.

Lee Joo-Gang, da Sungkyunkwan University, em Seoul, discorda acerca da importância dada ao capitalismo no debate económico oriental, afirmando que os estudiosos que abordam esta temática não são especialistas nem em capitalismo nem em confucionismo, sendo que os dois conceitos são complexos e podem ter significados diferentes, conforme a realidade e a temporalidade a que são aplicados¹⁷⁸ - o autor aborda o capitalismo marxista¹⁷⁹ (que considera desatualizado, uma vez que hoje em dia os empresários poderão, eles próprios, ser considerados trabalhadores); a definição de Max Weber¹⁸⁰ (o “trabalho ascético”, ou seja, o trabalho que não visa o consumo do capital adquirido, mas que é realizado pelo puro prazer de trabalhar. Tem uma conotação mais religiosa); e o neoliberalismo¹⁸¹ (a visão capitalista mais usual nos dias de hoje, com base na propriedade privada e no capital individual, tendo o autor dificuldades em aplica-lo à realidade). Para Lee, faz mais sentido falar “do impacto do confucionismo no crescimento económico da Ásia Oriental”¹⁸² do que num “capitalismo-confucionista”. Efetivamente, há também aspetos positivos a destacar na influência que o neo-confucionismo exerce sobre a Coreia do Sul:

*Whenever Korean economic agents make decisions about ‘purchase and sale’, they are prone to take ‘fairness and justice’ into account [...].*¹⁸³

Concluindo, tanto a geografia como o clima coreano contribuem para o desenvolvimento industrial e económico de um país marcado por um território montanhoso, solos pouco férteis e uma pobreza generalizada em recursos e matérias-primas. Após décadas de planos económicos assentes em diversos setores industriais, atualmente a economia sul-coreana usufrui de um investimento constante no setor tecnológico (particularmente as TIC), área de principal interesse dos objetivos

¹⁷⁷ *Idem*, 19;

¹⁷⁸ Lee, 2015a, 339;

¹⁷⁹ *Idem*, 349-350;

¹⁸⁰ *Idem*, 353-354;

¹⁸¹ *Idem*, 355;

¹⁸² *Idem*, 357-358;

¹⁸³ Hong, 2017, 122.

económicos da política externa do país, embora seja possível destacar outras áreas, como o turismo. Já o neo-confucionismo ainda se encontra enraizado na caracterização político-económica nacional, apesar da penetração das influências ocidentais, plasmadas na intrusão do pensamento capitalista na economia. Este neo-confucionismo faz com que haja uma permanência de valores como a hierarquia social, a coletividade ou o valor da família/pares no meio económico. Além do mais, é imprescindível não deixar de destacar o papel das pessoas “comuns” para o desenvolvimento económico e diplomático nacional, especialmente nos momentos em que a vertente mais castradora e autoritária do neo-confucionismo se fez sentir. Se o Estado tem um papel fundamental na economia sul-coreana, os próprios sul-coreanos também o têm, pelo seu desprendimento voluntário do individualismo, pelo seu sacrifício e pelo seu trabalho (como, por exemplo, durante a crise de 97-98), aspetos que nem sempre são visíveis, mas que, muito provavelmente, também contribuíram para que a Coreia do Sul conseguisse o destaque internacional que tem hoje.

3. O Nacionalismo na Coreia – Uma Abordagem Histórica e Política

3.1. Como Definir o Nacionalismo Coreano?

O nacionalismo é uma das palavras de ordem quando se estuda a Coreia. A complexidade da sua situação política torna a península num espaço difícil de analisar e com um labirinto de possíveis saídas, cada uma delas com características distintas. Isto é, acredita-se que não há somente uma forma de olhar para o nacionalismo coreano. Contudo, para compreender o papel do mesmo na diplomacia económica revela-se fundamental concretizar uma análise da Coreia enquanto nação (ou nações). Uma vez que os contornos das relações regionais da Coreia do Sul (especialmente com o Japão, com a China e com a Coreia do Norte), assim como as várias fases do seu nacionalismo, quer ao longo da História quer no pós-1991, estão já amplamente estudados numa rica bibliografia, o presente capítulo propõe-se antes a fazer uma reflexão mais empírica e algo desconstruída sobre o nacionalismo coreano.

Como foi defendido na Introdução, esta dissertação segue um ponto de vista construtivista e étno-simbólico, daí a ênfase colocada nos aspetos histórico-culturais ser considerável, afixando-se que a nação coreana, pela sua posição geográfica e desenvolvimento cultural, tem uma origem pré-moderna. Ao longo do capítulo procurar-se-á traçar uma caracterização do seu nacionalismo, através de três pontos de foco: o contexto histórico pré-moderno enquanto momento formador da identidade nacional coreana e de manifestações nacionalistas; o colonialismo japonês como sustentáculo do (res)surgimento e consolidação do nacionalismo coreano moderno; e o período que sucede a divisão da Coreia, enquanto base fundamental para a complexificação do mesmo.

Como também foi referido na Introdução, o conceito de nação é suscetível a diversas definições (não existe uma definição única), dependendo da sua localização geográfica e temporal. Usualmente, tende-se a pensar nos conceitos de nação, de Estado, de Estado-Nação e de etnicidade de um ponto de vista moderno e/ou ocidental. Contudo, tal é inaplicável quando se está a estudar uma região como a Ásia Oriental, com as suas peculiaridades e características próprias. Considerando as definições dadas por David

Robertson¹⁸⁴ para os conceitos de “nação”¹⁸⁵, de “Estado”¹⁸⁶, de “Estado-nação”¹⁸⁷ e de “etnicidade”¹⁸⁸ procurou-se, para o presente trabalho, apresentar definições que se considera poderem ser mais adaptadas à realidade asiática.

Primeiramente, procurou-se definir o conceito de nação no seu sentido mais puro, sem as conotações políticas que, por vezes, lhe são atribuídas e que acabam por imiscuí-la no conceito de Estado-nação. Deste modo, caracterizar-se-ia “nação” da seguinte forma: um conjunto de pessoas que, ao partilhar ou não partilhar um mesmo espaço geográfico (no caso da Coreia partilham), identificam-se e são identificadas interna e externamente por uma série de características subjetivas e não-políticas, mais ou menos involuntárias, das quais se pode destacar, dependendo dos casos: língua(s), etnia(s), história, cultura e sociedade (costumes, tradições, indumentária, arquitetura, entre outros), religiões, visão do mundo/pensamento (geral), entre outros. No seu sentido mais puro, a nação tem uma base comunitária, sentimental, subjetiva, mítica, irracional e não-política. Contudo, a sua apropriação ao longo do tempo, por diversas entidades políticas, torna difícil dissociá-la do conceito de “Estado-nação” - uma vertente politizada da mesma (aquilo que se considera pertencer ao domínio da Pátria). As nações podem estar em constante

¹⁸⁴ Robertson, 2004;

¹⁸⁵ «No obvious technical definition exists, but any working definition in the social sciences would include most of the following criteria. A nation is a body of people who possess some sense of a single communal identity, with a shared historical tradition, with major elements of common culture, and with a substantial proportion of them inhabiting an identifiable geographical unit (see ethnicity). [...] Similarly nations can exist despite extensive dispersion geographically: the identification of the Jewish diaspora with its traditional Palestinian homeland, both before and after the creation of the state of Israel in 1948, is a good example of this (see Zionism.)» (*Idem*, 329);

¹⁸⁶ «‘State’, though a very commonly-used word in the political vocabulary, is surprisingly opaque. Even the derivation of the term is obscure, and in many cultures (including early medieval European society, to take one example) it would be hard to specify what word should be translated as ‘state’. It is easier to define it negatively; the state is, for example, not equivalent to the mere government. Governments come and go, at least in democracies, without changing the state. [...] The state means, essentially, the whole fixed political system, the set-up of authoritative and legitimately powerful roles by which we are finally controlled, ordered, and organized. Thus the police, the army and the civil service are aspects of the state, as is parliament and perhaps local authorities.» (*Idem*, 457);

¹⁸⁷ «Nation state describes a context in which the whole of a geographical area that is the homeland for people who identify themselves as a community because of shared culture, history, and probably language and ethnic character, is governed by one political system. Such contexts are the common experience today, but are not necessarily any more natural than other forms that have been common in history. There were, after all, no nation states in classical Greece, though there was clearly a Greek nation, which sensed that all Greeks had more in common than a Greek could have with a barbarian, and shared language, religion, culture and historical identity.» (*Idem*, 330);

¹⁸⁸ «Ethnicity refers to a sometimes rather complex combination of racial, cultural and historical characteristics by which human groups are sometimes divided into separate, and probably hostile, political families. At its simplest the idea is exemplified by racial groupings where skin colour alone is the separating characteristic. At its more refined one may be dealing with the sort of ‘ethnic politics’ as where, for example, Welsh or Scottish nationalists feel ethnically separated from the ‘English’ rulers, as they may see them, of their lands. Almost anything can be used to set up ‘ethnic’ divisions, though, after skin colour, the two most common, by far, are religion and language (see language groups).» (*Idem*, 171);

mudança/criação/dissolução, dependendo do seu grau de isolamento/abertura, adotando características de outras nações, quer por assimilação (invasões, conquistas territoriais, entre outros), quer por contaminação de pessoa-para-pessoa (diásporas, migração, entre outros). No caso da Coreia, alguns exemplos da nação podem ser: a língua coreana; a etnia coreana; o budismo e o confucionismo; o hanbok (traje tradicional coreano); o kimchi (comida coreana); ou o mito de Dangun (lendário fundador do primeiro reino coreano – Gojoseon).

Para o conceito de Estado, por ser uma identidade mais transversal aos vários espaços - embora assuma contornos diferentes dependendo do contexto de cada país (na Coreia do Sul possui um papel mais interventivo) -, procurou-se utilizar uma definição semelhante à de David Robertson. Como tal, caracterizou-se o mesmo da seguinte forma: o Estado é o conjunto das forças civis, de cariz sociopolítico. Este procura organizar, regular e, por vezes, controlar a sociedade. Embora seja distinto do Governo e superior ao mesmo (o Governo faz parte do Estado), está dependente dele para a sua orientação. Por exemplo, um Estado que esteja sob um regime autocrático terá uma organização distinta de um Estado que esteja sob um regime democrático. Ao contrário da nação é objetivo e racional. Uma nação pode sobreviver sem um Estado, mas um Estado dificilmente sobrevive sem uma nação que o legitime. No caso da Coreia do Sul, alguns exemplos de elementos do Estado são: serviço militar obrigatório; e orientação económica para a exportação e indústrias.

Para o conceito de Estado-Nação também se assumiu a definição do autor. Descrever-se-ia “Estado-nação” da seguinte forma: o Estado-nação (que aqui também se denominaria por “Pátria”) representa um Estado que, apropriando-se de um determinado espaço geográfico e da(s) nação(ões) que nele habitam, contamina e deixa-se contaminar pelas mesmas, imiscuindo-se nas suas principais características – língua(s), história, cultura, costumes, símbolos, religiões, entre outros -, que por ele são utilizadas para aproveitamento político, social, económico e militar (organizar, regular e, por vezes, controlar a sociedade). Se realizado corretamente, torna-se extremamente difícil distinguir a nação – de cariz étnico e histórico-cultural – do Estado – de cariz sociopolítico e político-económico. Um Estado-nação, à semelhança da nação, não parece ser definido pela sua temporalidade ou dimensão, mas pela sua estrutura específica (num sentido lato e generalizado, tanto pode ser uma tribo da Antiguidade como um país moderno e tanto pode durar dez anos como dez séculos), embora tal varie conforme a definição que lhe é

dada. No caso da Coreia do Sul, algumas vertentes do Estado-nação são: o confucionismo como forma de controlar e hierarquizar a sociedade; o serviço militar obrigatório como forma de proteção da nação face às ameaças externas que procuram quebrar a coesão nacional (é alicerçado ao serviço militar – componente do Estado – o caráter irracional e emocional da defesa da nação); a bandeira; e o hino. Aqui, este conceito é mais complexo, uma vez que ambos os Estados (Norte e Sul) utilizam a mesma nação para legitimarem corpos políticos distintos, o que inviabiliza ou antagoniza o outro lado, a menos que haja um reconhecimento e aceitação desta realidade, através da cooperação ou de uma eventual unificação. A relação entre as duas Coreias é cíclica e, como tal, verifica-se momentos de ambos os espectros (inviabilização do outro/nacionalismo político vs. sentido de cooperação/nacionalismo étnico e histórico-cultural).

Por fim, o conceito de etnicidade assume particular importância na Coreia (assim como na Ásia) e não pode ser relativizado face aos restantes, até porque o nacionalismo coreano tem uma componente étnica bastante forte. No enalço da definição prestada pelo autor, afirmar-se-ia a seguinte possível definição para etnicidade: a etnicidade remete, de forma geral, para a identidade genética homogénea ou heterogénea (homogénea no caso da Coreia) de uma população e/ou para aspetos centrais, como a língua e a religião, servindo estes como base de distinção identitária dos indivíduos. O aspeto físico (no caso da Ásia destaca-se a importância dada à cor de pele¹⁸⁹) assume um papel fundamental. Na Coreia do Sul a etnia tem grande peso, uma vez que a população é geneticamente muito homogénea, não obstante o paulatino aumento da multiculturalidade. Na Índia, por exemplo, verifica-se uma colisão interna no campo religioso, plasmada na divisão étnica entre hindus e islâmicos (para além de outras religiões em minoria, como os cristãos, os budistas, entre outros). E ainda, na China existe uma etnia considerada “superior” – a Han – em detrimento das outras minorias étnicas, como é o caso dos Uigures.

¹⁸⁹ Uma pele clara é, muitas vezes, associada a classes sociais superiores e com maiores posses financeiras, ao passo que tons de pele mais escuros são historicamente associados a trabalhos manuais e a uma maior exposição ao sol, nomeadamente pelas classes mais baixas. Esta circunstância é, atualmente, muito visível na indústria cosmética em diversos países da Ásia e nos ideais de beleza dos mesmos, sendo alimentada pelos meios de comunicação e por outros fatores contemporâneos. Para mais informações, consultar: Salvá, 2019;

3.1.1. Dois Sistemas Políticos Uma Nação – os Nacionalismos Coreanos

*Nationalism remains the most powerful political ideology in modern South Korea, functioning as the primary force behind political and economic development. The state has been able to represent the normative order where the Confucian ethic was appealed to in order to shape modern social behavior.*¹⁹⁰

Como refere o autor supracitado, o nacionalismo continua a ser um dos elementos mais fortes da sociedade sul-coreana. Contudo, é fundamental perceber como é que se caracteriza este mesmo nacionalismo, tarefa que revela algum grau de complexidade. Não só a Coreia é uma nação fragmentada, como existe uma série de contornos que devem ser equacionados. Falar do “nacionalismo coreano/sul-coreano/norte-coreano” parece incorreto, uma vez que talvez faça mais sentido falar dos “nacionalismos coreanos”. Nos vários agentes (Governo, população, classes sociais, entre outros) e nas várias áreas da sociedade (economia, política, entre outros) que compõem a Coreia do Sul e a Coreia do Norte existem diferentes tipos de nacionalismo. É impossível quantificar o sentimento nacionalista da população coreana, por muito que as suas ações permitam julgar que este é forte, uma vez que é inexequível analisar a perceção individual dos coreanos em relação à Coreia. Também se deve ter em consideração as várias classes sociais quando se pensa no nacionalismo. Os estudantes coreanos, assim como os jovens, normalmente apresentam um pensamento mais cívico do que os coreanos mais velhos que, por norma, têm uma visão nacionalista mais étnica¹⁹¹. Já a classe burguesa das épocas pré-colonial e colonial e os indivíduos mais letrados, como se verá mais à frente no capítulo, aparentavam apresentar um sentimento nacionalista inferior e uma desconsideração generalizada pela população o que, muitas vezes, se fundia com alguma aceitação ou admiração pelo modelo japonês em curso¹⁹². Já as classes mais baixas, como se pode verificar pela revolta de Donghak, no fim do século XIX, têm um nacionalismo tipicamente mais aguerrido, que rejeita influências externas,

¹⁹⁰ Kim, 2006, 157;

¹⁹¹ «E, pode-se analisar como resultado que, na faixa etária abaixo dos 40, entre os fatores da identidade nacional, existe uma tendência de considerar mais importante a identidade cívica em detrimento da identidade racial e, na faixa etária acima dos 50, não existe uma distinção significativa sobre a importância das duas identidades.» (Yoon, 2017, 13). Para ver a citação original consultar: Anexo D.5.;

¹⁹² Seo, 2007b, 29;

especialmente as japonesas. Ou seja, o nacionalismo tem diferentes facetas que o tornam um agente multifacetado dentro de uma mesma sociedade: há o nacionalismo político, utilizado pelo Estado; o nacionalismo histórico-cultural, que ainda se sente na sociedade coreana e que vai recuperar o passado histórico da nação e as suas tradições; o nacionalismo étnico, que é inegável, involuntário e muito forte na Coreia; entre outros.

As conclusões resultantes da análise da identidade nacional na Coreia também vão depender da ênfase colocado em cada um dos nacionalismos supramencionados e na maior ou menor relevância que lhes é dada. Ao analisar a nação através do nacionalismo político pode-se afirmar que existe uma divisão de nações. Contudo, ao analisar a Coreia através dos nacionalismos histórico-cultural ou étnico pode-se afirmar que só existe uma nação. Os ciclos históricos são igualmente fundamentais para compreender esta realidade: momentos de maior nacionalismo político e de maior tensão, o que enfatiza esta divisão, como a Guerra da Coreia ou a ameaça nuclear norte-coreana; e momentos de maior nacionalismo étnico e histórico-cultural, como a memória do colonialismo japonês. Em todo o caso, é difícil encontrar uma resposta única e clara para o estado do nacionalismo coreano.

Como tal, pensa-se que podem existir (pelo menos) duas abordagens mais imediatas, sem invalidar outras hipóteses: olhar para a península coreana como um território com duas nações; ou olhar para a península coreana como um território com uma só nação e dois sistemas políticos. Nenhuma destas opções parece mais ou menos correta, uma vez que dependem da abordagem que se procure ter face ao problema coreano. No primeiro caso equaciona-se que as duas Coreias traçaram, a partir de 1945, um caminho distinto. Nesta lógica, de matriz mais política, faz sentido afirmar que existe uma semelhança étnica – dando origem a um nacionalismo étnico partilhado pelos dois espaços – e um passado histórico-cultural comum, que em nada são invalidados ou desvalorizados. Contudo, as crescentes diferenças culturais, sociais, políticas e económicas que marcam as Coreias na era contemporânea são demasiado densas para considerar que, atualmente, se possa falar de uma nação conjunta. Assim, trata-se a península como um espaço no qual surgiram duas nações distintas, cujos indivíduos têm cada vez menos margem para encontrarem elementos comuns, o que é agravado pela passagem do tempo e pelo

esquecimento da época pré-divisão (nomeadamente com o desaparecimento das gerações que ainda viveram nesse período). Esta perspetiva é reforçada pelas diferenças entre norte-coreanos e sul-coreanos, realidade que é bastante visível no comportamento dos refugiados norte-coreanos que vivem na Coreia do Sul¹⁹³.

Embora a percentagem de norte-coreanos a habitar na Coreia do Sul seja demasiado reduzida para tirar conclusões e o conhecimento da realidade norte-coreana seja deveras limitado é possível perceber que o orgulho e satisfação – provenientes do contexto histórico-cultural partilhado – face ao sucesso da Coreia do Sul não chega para que, atualmente, haja um sentimento de pertença suficientemente forte, o que se plasma na incapacidade de integração destes indivíduos na sociedade sul-coreana. Este tipo de situação não é somente visível na estranheza com que os norte-coreanos encaram a sociedade sul-coreana - muito mais capitalista, materialista e tecnologicamente modernizada -, mas também na aceitação que os próprios sul-coreanos apresentam face aos primeiros ¹⁹⁴. Provavelmente, para os sul-coreanos os norte-coreanos representam uma espécie de irmãos que se desconhecia existir ou que não se vê há muitos anos – sabe-se que existe uma relação de sangue, mas os laços daí advindos não foram cultivados. Ou seja, há uma inegável partilha étnica, histórica e cultural, mas tal não é suficiente para suplementar todas as diferenças que, efetivamente, são sentidas na sociedade atual e que, inegavelmente, distanciam os dois lados. No que toca à Coreia do Norte é ainda mais difícil perceber qual é a opinião pública em relação ao Sul.

Já no segundo caso, de matriz mais étnica, histórico-cultural e construtivista, equaciona-se que as duas Coreias partilham a mesma nação, sujeitando-se esta aos desígnios e caprichos dos sistemas políticos instalados em cada um dos lados¹⁹⁵.

¹⁹³ «Por outro lado, se seguirmos um estudo que examinou a perceção de 287 jovens desertores norte-coreanos, inscritos na escola primária, básica, secundária e outras escolas alternativas, sobre a Coreia do Sul surgiram a valorização da bandeira sul-coreana (80.5%), a existência de uma boa estrutura identitária coreana (72.5%), a ideia de que a Coreia do Sul é fantástica (84.0%), um grande orgulho no progresso e conquistas da Coreia do Sul (89.2%), o orgulho de viver na Coreia do Sul (83.3%), a Coreia do Sul ser um país que protege o ambiente (73.5%), a aprovação do país como bom para se viver se comparado com outros países (84%) e outras respostas semelhantes muito positivas. Contudo, foi analisado que 37% dos respondentes não conseguem sentir um senso de pertença e identidade suficientes sobre a Coreia do Sul, surgindo que concordam em “querem sair da Coreia do Sul e viver noutro país”.» (Kwon, 2018, 116). Para ver a citação original consultar: Anexo D.6.;

¹⁹⁴ «Despite the half-century long rhetoric of “our brothers and sisters in the North under the suppression of the devilish Kim Il-Sung Communist regime,” the North Korean refugees quickly became one of the strangest “others” within South Korean society due to their distinguishable accent, behavioral patterns, and inability to adapt smoothly to the South Korean capitalist economy.» (Seol, 2014, 15);

¹⁹⁵ Kim, 2006, 160;

Esta é a perspectiva que se adotará nesta dissertação. Embora, como supramencionado, seja impossível negar as diferenças que marcam as sociedades norte e sul-coreanas na atualidade, grande parte dos elementos identitários da nação permanecem semelhantes. Analisando-a no seu sentido mais puro, a etnia, a cultura, a história, as tradições e os costumes são os mesmos. A sociedade, a economia e a política – áreas altamente influenciadas e influenciadoras de uma componente mais sociopolítica – são as que sofreram as maiores mudanças. Se fosse possível esvaziar a Península do seu poder político-económico que comunidade se formaria? Ou seja, as diferenças entre as duas sociedades são um resultado inevitável da fragmentação *política* da península – a própria divisão da mesma é extremamente artificial. Muitas vezes, aspetos que se considerariam, numa primeira instância, como um fenómeno meramente cultural ou social têm, na realidade, um cunho político. Caso disto é a utilização da cultura para fins político-económicos, por exemplo. Este patriotismo é também utilizado por agentes para além dos estatais – veja-se o poder dos chaebol na economia sul-coreana. A própria opinião pública – forte na Coreia do Sul – obriga, por vezes, o Governo a tomar atitudes mais nacionalistas (por exemplo, uma diplomacia mais confrontacional para com o Japão, no enalço das tensões históricas entre os dois países), sob o risco de perda de popularidade. Como tal, para analisar o fenómeno da diplomacia económica e da influência do nacionalismo sobre a mesma é essencial pensar em todas estas vertentes nacionalísticas como fenómenos complexos que emanam dos vários agentes sociais, desde o Governo ao mero cidadão, e que por eles são manipulados.

Distingue-se claramente o nacionalismo político – ou patriotismo¹⁹⁶ – dos nacionalismos étnico e histórico-cultural. O nacionalismo político é particularmente violento na conjuntura da península e da Ásia Oriental, uma vez que ainda mantém a lógica da Guerra Fria¹⁹⁷, o que se plasma na “batalha” da Coreia do Norte comunista vs. a Coreia do Sul capitalista. Esta fragmentação ideológica foi usada de forma propagandística pelos dois governos, que procuraram estabelecer-se e alcançar o poder no pós-Segunda Guerra Mundial – na Coreia do Norte com Kim Il-Sung, apoiado pela URSS, e na Coreia do Sul com Rhee Syngman, apoiado pelos EUA. No caso da Coreia do Sul, a contaminação política

¹⁹⁶ Yoon, 2017, 21-22;

¹⁹⁷ Seo, 2007a, 10-11;

da nação através da luta anticomunista como forma de manutenção do regime autocrático de Rhee Syngman e, posteriormente, de Park Chung Hee¹⁹⁸ deixa transparecer esta realidade. A Lei de Segurança Nacional – documento criado tendo precisamente em conta o sentimento anticomunista na Coreia do Sul – é um exemplo disto, estando imbuída de penalizações a todos aqueles que, considerados traidores da nação, pudessem tomar atitudes que fossem contra os interesses do Estado (embora não seja explícito, subtede-se a referência a atividades comunistas)¹⁹⁹. O anticomunismo e o anticapitalismo são apenas dois exemplos para ferramentas fabricadas e usadas como forma de legitimação e sobrevivência das identidades políticas em vigência. Para além disso, o outro é considerado como ilegítimo, ao passo que o “nós” é considerado como o verdadeiro poder regente, por direito, de uma mesma nação subjugada às “más” forças políticas opostas²⁰⁰. Este elemento de competição é natural uma vez que, para todos os efeitos, a Coreia do Norte e a Coreia do Sul são dois países diferentes a tentar legitimar-se através de uma mesma nação. Esta realidade está implícita nas Constituições de ambos. No caso da Coreia do Norte verifica-se uma menção à nação e ao povo coreano como um todo, assim como à luta nacionalista durante a colonização japonesa, sempre com um forte tom socialista²⁰¹. No caso da Coreia do Sul verifica-se uma referência mais explícita, especialmente no que toca à unificação²⁰².

Já o nacionalismo de cariz étnico e histórico-cultural também é utilizado, quando necessário, e remete para a Coreia enquanto nação. Ao longo das várias décadas desde a divisão e, particularmente, desde o pós-Guerra Fria, verifica-se

¹⁹⁸ Son, 2022, 244;

¹⁹⁹ «(1) For the purpose of this Act, the term "anti-government organization" means a domestic or foreign organization or group which uses fraudulently the title of the government or aims at a rebellion against the State, and which is provided with a command and leadership system.» (Centro de Tradução Jurídica Coreana, 2016);

²⁰⁰ Edge, 2022, 269;

²⁰¹ «**Art. 1:** The Democratic People's Republic of Korea is an independent socialist State representing the interests of all the Korean people.

Art. 2: The Democratic People's Republic of Korea is a revolutionary State which has inherited the brilliant traditions formed during the glorious revolutionary struggle against the imperialist aggressors and in the struggle to achieve the liberation of the homeland and the freedom and well-being of the people.» (Comité Nacional da Coreia do Norte (NCNK). *Socialist Constitution of The Democratic People's Republic of Korea*);

²⁰² «**Art. 3:** The territory of the Republic of Korea shall consist of the Korean peninsula and its adjacent islands.

Art. 4: The Republic of Korea shall seek unification and shall formulate and carry out a policy of peaceful unification based on the basic free and democratic order.» (Instituto de Investigação de Legislação Coreana. *Constitution of the Republic of Korea*);

uma oscilação entre momentos de maior nacionalismo político e momentos de maior nacionalismo étnico e histórico-cultural. Exemplo disto foi a presidência de Moon Jae-in (2017-2022), cuja visão política procurou uma maior cooperação entre as duas Coreias – uma “nova era de paz”²⁰³. Esta fase de “reconciliação” plasmou-se na Declaração de Panmunjeom, de 2018²⁰⁴, entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. Nos discursos dos presidentes²⁰⁵ dos dois países verifica-se uma linguagem que promove e fomenta um espírito nacionalista de cariz étnico, histórico e cultural²⁰⁶. Este nacionalismo étnico é, normalmente, revitalizado quando tal é conveniente, um pouco à semelhança do nacionalismo espoletado pelas tensões históricas mantidas com o Japão, por exemplo. Palavras como “nação”, “povo coreano” e “identidade nacional” são frequentemente usadas neste sentido²⁰⁷. Uma das palavras-chave é 민족 (minjok), que significa “povo/etnia”. A análise do conteúdo da declaração²⁰⁸ denota a utilização de vocabulário com um cariz étnico e histórico-cultural: «Os dois líderes anunciaram solenemente aos 80 milhões do nosso povo [...]» ou «[...] ligarão os laços sanguíneos da nação colapsada e avançarão com a aceleração do futuro de prosperidade comum e de esforço conjunto.». Para mais, foi desta declaração que saiu a decisão dos dois países em participar nos Jogos Asiáticos de 2018 com uma comitiva conjunta, representante de uma só nação – a “Coreia Unificada” (assim denominados durante os jogos)²⁰⁹: «Ao mesmo tempo, ao nível externo, decidiram mostrar a todo o mundo, em conjunto, a sabedoria e talento da nação, ao avançar com uma colaboração nos jogos internacionais, incluindo os Jogos Asiáticos de 2018.»²¹⁰.

²⁰³ Kim, 2019, 173;

²⁰⁴ Para ver o original da Declaração de Panmunjeom, consultar: Encontro Inter-Coreia, 2018;

²⁰⁵ Para ver excertos dos discursos, consultar o vídeo em: Casa Presidencial da República da Coreia, 2018;

²⁰⁶ «Por exemplo, na secção I da Declaração de Panmunjeom, a expressão “conectar os laços familiares nacionais que foram quebrados” significa a revitalização do nacionalismo coreano e, no discurso após a apresentação da Declaração de Panmunjeom, o Presidente Kim Jong-un disse “se o doloroso símbolo da divisão se tornar o símbolo da paz, o Norte e o Sul, que têm um só sangue, uma só língua, uma só história, uma só cultura, irão usufruir, novamente como um só, de uma prosperidade sem fim para a nação”. Especialmente, o Presidente Moon Jae-in comentou, de forma muito clara no discurso da Ilha de Nungna, sobre o povo e o nacionalismo coreanos, que foram introduzidos como atores-chave na paz e unificação da Península da Coreia: “O nosso povo é maravilhoso. O nosso povo é tenaz. O nosso povo ama a paz. E o nosso povo tem que viver unido.”» (Kim, 2019, 173-174). Para ver a citação original consultar: Anexo D.7.;

²⁰⁷ Hundt, 2022, 287;

²⁰⁸ Para ver a tradução da declaração na íntegra, consultar: Anexo B.1.;

²⁰⁹ BBC News, 2018;

²¹⁰ Para ver a citação consultar: Anexo B.1.;

É importante referir que esta perspetiva de uma nação – dois sistemas políticos não invalida, de todo, a possível formação de duas nações na península. Aliás, a construção de uma sociedade baseada no espírito patriótico foi bem desenvolvida na Coreia do Sul, através da instrumentalização da educação como via de transmissão do pensamento anticomunista e da construção de uma identidade nacional política modernizada e em consonância com os interesses do Governo²¹¹. O mesmo acontece no caso da Coreia do Norte. Quando os sul-coreanos gritam “대한민국” (Daehanminguk) – que significa “República da Coreia” - em qualquer competição ou evento estão a chamar especificamente pela República da Coreia e não pela Coreia (embora, do ponto de vista sul-coreano, seja esta a república legítima na nação, como se vê na Constituição. O mesmo acontece no Norte). Contudo, atendendo ao facto de que a Coreia sempre foi uma nação homogénea, consistente e consciente das influências exteriores (particularmente a chinesa)²¹², 70 anos parece ser um período curto para avaliar que caminho estão a fazer, a longo prazo, os nacionalismos coreanos e que rumo vão tomar, tendo em conta a sua instabilidade, a volubilidade política da própria península e o intrincado debate sobre a unificação. Somente o tempo poderá tornar claro se ainda se trata de uma única nação ou se já existe irremediavelmente a formação de duas identidades nacionais distintas, processo que será involuntariamente influenciado pelo rumo que o projeto da unificação tomar.

Este nacionalismo, aplicado à economia, torna-a suscetível aos efeitos da globalização e à necessidade de diálogo com outros países. Como referido no capítulo anterior, a Coreia do Sul tem feito um esforço de cooperação e dinamização económica, através do investimento em laços bilaterais e multilaterais mais fortes, tanto a nível regional, quanto global. Embora tradicionalmente seja um país mais reticente ao investimento estrangeiro, a influência dos EUA e a necessidade de adquirir mais capital abriram a economia sul-coreana ao mercado global²¹³. Isto não quer dizer que o nacionalismo não é ativamente aplicado no setor económico, mas antes que há uma maior necessidade de ceder nesse campo, de forma a cumprir os objetivos económicos nacionais. A expansão da influência coreana no mundo, quer

²¹¹ Seo, 2007a, 3;

²¹² Seol, 2014, 12 e Seo, 2007b, 46;

²¹³ Seol, 2014, 7;

seja através das indústrias de entretenimento, quer seja através das indústrias tecnológicas, entre outras, também contribui, de forma mais ou menos direta, para o desenvolvimento do nacionalismo económico, da diplomacia económica e do interesse pela cultura coreana. Como tal, parece fazer sentido afirmar que a diplomacia económica pertence ao domínio do nacionalismo político, utilizador assíduo da nação enquanto ferramenta expansora da projeção internacional da Coreia do Sul. Tal é visível, por exemplo, no sucesso internacional da cultura coreana e nos benefícios políticos e económicos que o país daí obtém. Ainda assim essa não é a única área com grande ênfase. A tecnologia, por exemplo, é outra vertente que, contribuindo para catapultar globalmente a nação coreana, tem sido cada vez mais uma parte integrante da diplomacia económica sul-coreana.

3.2. O Contexto Histórico na Formação da Identidade Nacional Coreana

Embora o domínio das Relações Internacionais atue maioritariamente na época contemporânea, tais barreiras temporais não devem ser aplicadas a todos os casos de estudo, uma vez que uma investigação está sempre dependente do contexto sob análise. Como referido no início do capítulo, a conjuntura histórica pré-moderna revela-se essencial para perceber aquela que se defende ser uma formação precoce da identidade nacional coreana, fora dos contornos da sua caracterização contemporânea. Ao optar por olhar para o nacionalismo coreano como um evento pré-moderno, não existe uma data consensual para o surgimento do mesmo, estando tal dependente da forma mais ou menos rígida através da qual se olha para a sua identidade nacional: poderá ser a partir de Silla Unificada/Silla Tardia (676 - 935), da dinastia Goryeo (918 - 1392²¹⁴), da dinastia Joseon (1392 – 1910²¹⁵), entre outros. Muitos estudiosos, nomeadamente os defensores do modernismo, consideram,

²¹⁴ De 1170 a 1392 dá-se o período do Governo Militar (resultante do descontentamento e revolta dos militares, que se sentiam minorizados face ao prestígio dos oficiais civis) e a época em que se iniciam várias invasões por povos externos, culminando na integração da Coreia no Império Mongol, através da dinastia Yuan, de 1270 a 1356. De 1356 a 1392 há um período de tumulto interno, influenciado também pelo colapso do Império Mongol e pela ascensão dos Ming, no Império Chinês. O general Lee Song-gye (이성계) viria, então, a chegar ao poder e a dar início à dinastia Joseon;

²¹⁵ A partir de 1897 o rei Gojong declarou a Coreia um império;

todavia, que o nacionalismo coreano surgiu aquando da abertura da Coreia ao exterior, no fim da dinastia Joseon e princípio do colonialismo japonês. Outros consideram que foi a partir do Movimento do Primeiro de Março, em 1919, por exemplo.

Numa vertente mítica, a fundação da nação coreana está associada ao mito de Dangun, o fundador do primeiro reino coreano – Gojoseon – no terceiro milénio a.C. Sem qualquer base factual²¹⁶, esta associação foi feita pela primeira vez em contexto nacional por Iryeon, um monge budista que compilou a história da Coreia na obra 삼국유사 (Samguk Yusa), por volta do século XIII, tendo este citado o Livro de Wei²¹⁷ como fonte original. O mito de Dangun surge logo no início da obra (Capítulo 1)²¹⁸, da seguinte maneira:

Dito no «Livro de Wei (Wei²¹⁹)», “Há 2000 anos atrás Dangun Wanggeom (Dangun Wanggeom) estabeleceu a capital em Asadal (Asadal) [...]. O país foi fundado, foi chamado de Joseon (Joseon) e é da mesma era de Go [Go – Rei Yao-²²⁰].”²²¹

Este mito ainda hoje é utilizado como a base fundadora da nação coreana. Ora, estabelecer a fundação da nação numa época tão distante não só permite equipará-la, em ancestralidade, ao Império Chinês, como também associá-la a um herói nacional, uma vez que o sábio chinês Giza também é citado como um possível fundador da nação coreana e rei em Gojoseon²²². Existe, inclusive, na Coreia do Sul um feriado nacional em comemoração de Dangun – 3 de outubro (de 2333 a.C.)²²³ – o Dia da Fundação Nacional²²⁴. Tal não é surpreendente, uma vez que ambas as Coreias vão buscar, de forma recorrente, o seu passado histórico, que tem grande peso na sua história presente. No caso da Coreia do Norte, as raízes reivindicadas²²⁵

²¹⁶ Koh, 2008, 305;

²¹⁷ Clássico histórico chinês escrito por Wei Shou, no século VI;

²¹⁸ Para ver uma imagem do original, consultar: Anexo B.2.;

²¹⁹ Repetição da palavra em hanja (repetição da palavra anterior em hanja em todos os parêntesis da citação);

²²⁰ Imperador chinês que viveu no terceiro milénio a.C.;

²²¹ Para ver a citação original consultar: Anexo D.8.;

²²² Seth, 2020a, 222-223;

²²³ Ver: Anexo B.3.;

²²⁴ Visit Korea, 2023a;

²²⁵ Seo, 2007a, 7;

ascendem ao reino de Gojoseon²²⁶, Goguryeo²²⁷ e Parhae²²⁸. No caso da Coreia do Sul, as raízes reivindicadas ascendem aos Três Han, a Baekje e a Silla²²⁹.

Numa perspetiva mais histórica, é possível encontrar manifestações pré-modernas deste sentimento coletivo, tanto no espectro sociocultural quanto no político. Uma época referida como os primórdios da identidade nacional coreana é o século VII, data da unificação da península pelo reino Silla²³⁰. Esta hipótese pode fazer algum sentido, uma vez que já se verifica a formação de elementos identitários comuns mais consistentes (língua, religião, entre outros)²³¹ e de elementos político-militares – por exemplo, o Hwarang (화랑), uma organização militar, constituída por jovens filhos de figuras relevantes da elite de Silla, que se apoiava entusiasticamente nos ideais do reino e que, inclusive, ajudou na unificação da península²³². Contudo, pensa-se que a dinastia Goryeo (que reinou do século X ao século XIV)²³³, poderá ser uma época mais segura para afirmar a presença de um espírito nacionalista, uma vez que tal é verificável tanto a nível político quanto populacional, para além de já não existir, a norte, o reino de Parhae, cujas raízes étnicas e culturais ainda poderiam relacionar-se com Goguryeo (incorporado por Silla). Defende-se, por isso, que durante a dinastia Goryeo existiu alguma estabilidade territorial que permitiu o desencadeamento de uma identidade nacional coreana – o próprio nome da dinastia deriva do antigo reino de Goguryeo, através do qual Goryeo procurou legitimar o seu poder (“o herdeiro de Goguryeo”)²³⁴. Este

²²⁶ Fundado no norte da península, é considerado o primeiro reino da Coreia e foi miticamente estabelecido por Dangun. A data lendária remonta ao terceiro milénio antes de Cristo, embora seja debatido que a data na qual aparecem as primeiras referências a um território político mais consolidado remonte a 109 a.C.;

²²⁷ Um dos antigos reinos, no norte da península coreana. Antes de cair, aquando da ascensão de Silla unificada, no século VII, formava, juntamente com esta (sudeste) e com Baekje (sudoeste), os três reinos da península (para além da Confederação de Gaya, a sul, que foi absorvida pelo reino de Silla);

²²⁸ Encontrava-se no norte de Silla unificada, na atual Coreia do Norte e Manchúria. Foi fundado após a unificação por Silla e a queda de Goguryeo, no século VII;

²²⁹ Os “Três Han” são três “reinos” (sem uma organização política consistente, à exceção de Manhan) do sul da Coreia, anteriores a Silla e a Baekje. Surgiram da desintegração do reino de Jin, por volta do século IV a.C. e o nome 삼한 (samhan), significa “Três reinos da Coreia”. Eram estes: Manhan (만한), no sudoeste; Jinhan (진한), no sudeste; e Byeonhan (변한), no sul. Mais tarde, por volta do século I a.C., Manhan deu lugar a Baekje, Jinhan a Silla e Byeonhan a Gaya. Estas datas e eventos são subjetivos, uma vez que tais informações só surgem em registos históricos mais tardios e os acontecimentos desta época estão envoltos em mito;

²³⁰ Koh, 2008, 299;

²³¹ Seo, 2007b, 22-23;

²³² Yang, 2019, 105;

²³³ Seth, 2020a, 69-75;

²³⁴ Yang, 2019, 105;

desenvolvimento talvez possa ser explicado pela homogeneidade étnica e pela noção geopolítica que a Coreia adquiriu desde cedo – um reino pequeno entre impérios que cobiçavam o seu território²³⁵.

Isto não significa que a Coreia não se deixou imbuir de influências estrangeiras, mas antes que as soube distinguir e lutar contra elas quando necessário. Tal é verificável, por exemplo, durante as invasões Mongóis, no século XIII, circunstância que também contribuiria para o colapso da dinastia Goryeo, mas que deu aos coreanos um maior sentido de união face às influências externas²³⁶:

The Mongol invasion may have contributed to a growing consciousness of Korean cultural identity. In fact, it could be argued that this period saw some of the early manifestations of a Korean proto-nationalism [...]. It was, for example, during the Mongol period that the legend of Tan'gun appeared in the written record in the Samguk yusa²³⁷ (see below) and in the long history in verse Chewang un'gi (Song of Emperors and Kings)²³⁸. During the Mongol period Korean monks also compiled the extant version of the Tripitaka Koreana^{239, 240}.

A referência que Michael Seth faz, na citação supramencionada, à *Tripitaka Coreana* é importante. Esta obra trata-se da maior coleção de textos budistas (1,010)²⁴¹, todos escritos em peças de madeira (mais de 80.000 peças). Foi mandada criar, no século XI, pelo monge coreano Uicheon, filho do Rei Munjong, com o objetivo de unir o budismo e os seus seguidores de forma sincrónica²⁴² e como meio de pedir suporte espiritual face às invasões dos Khitan²⁴³. Posteriormente, a primeira edição foi destruída pelos Mongóis, em 1231-1232²⁴⁴, época na qual, num momento de procura por ajuda divina no combate ao invasor, existiu um esforço

²³⁵ Seo, 2007a, 7;

²³⁶ Seth, 2020a, 116;

²³⁷ Itálico no original;

²³⁸ Itálico no original;

²³⁹ Itálico no original;

²⁴⁰ Seth, 2020a, 115-116;

²⁴¹ *Idem*, 93;

²⁴² *Idem*, 92-93;

²⁴³ Yang, 2019, 107-108;

²⁴⁴ Seth, 2020a, 93;

nacional para voltar a compilar esta obra, sendo ela, como tal, também uma espécie de símbolo da luta coreana contra os invasores Mongóis²⁴⁵.

Outro exemplo, mais político, desta identidade nacional é o *Sip Hunyo* (“훈요십조”) – que significa “Dez Ordens” -, um documento com dez regulações criadas pelo governo do rei Wang Geon (ou Rei Taejo, fundador – em 918 - e primeiro rei da dinastia Goryeo). Este documento tem alguns elementos que podem indicar a existência de um sentido de nacionalismo. Destaca-se as leis 1 e 4 e as referências que parecem possuir esse espírito nacional (sublinhado):

Lei 1: *Primeiro, o grande trabalho da nossa nação tem claramente recebido uma forte proteção dada pelos vários ministérios [Buda]. Assim, fundaram-se templos do Setor Zen e da Doutrina do Budismo e enviaram-se monges-chefe para estabelecer o Budismo Zen e para gerir cada um desses deveres. E se a próxima geração de vassalos desleais apreender o poder e seguir os pedidos dos monges budistas, enquanto gerem cada templo acabarão por substituir-se e privar-se uns aos outros, por isso tal deve ser certamente proibido.*²⁴⁶

Lei 4: *Quarto, o nosso Oriente segue os costumes da nação Tang desde os tempos antigos e tem aderido a esse sistema na cultura e música, mas esta região é diferente e tem um caráter individual distinto, não havendo a necessidade de fazer a mesma coisa indiscretamente. Os Khitan são uma nação semelhante a animais ferozes, os seus costumes não são iguais e a língua também é diferente, então, deve-se evitar seguir a sua indumentária e o seu sistema, entre outros.*²⁴⁷

Os Khitan, referidos no quarto ponto como “animais ferozes” ou “bestas”, representam os invasores que tentaram penetrar em território coreano pelo norte da península, como supramencionado. Em 1010, 1018 e 1019 Goryeo enfrentou

²⁴⁵ Yang, 2019, 107-108;

²⁴⁶ Para ver a citação original consultar: Anexo D.9.;

²⁴⁷ Para ver a citação original consultar: Anexo D.9.;

tentativas de invasão pelos Khitan, para além das tentativas dos Jurchen (1107) e dos Mongóis (a partir de 1231)²⁴⁸.

No que toca à influência chinesa na Coreia, Koh Boo Eung, da Chung-Ang University, em Seoul, afirma que a identidade nacional coreana começou a formar-se com a percepção de que a Coreia era um reino independente da China²⁴⁹. Pensa-se que a queda do domínio chinês, na sequência das Guerras do Ópio, pode simbolizar um reforço da identidade nacional coreana, face ao (na época talvez mais chocante) declínio daquele que tinha sido considerado até então como o centro do mundo dentro da realidade regional da Ásia Oriental. Ainda assim, parece redutor assumir que a Coreia possuía uma autoimagem de mero vassalo indiferenciável face ao Império Chinês e que, como tal, foi preciso a queda deste último para a sua identidade florescer. A relação de suserania que a Coreia manteve com a China pode ser observada de diversas maneiras positivas²⁵⁰: como uma forma de sobrevivência e proteção num ambiente marcado por poderes fortes (Império Chinês, Império Japonês, Mongóis, entre outros) que ameaçavam o reino coreano; uma visão da China como um verdadeiro centro cultural, económico e educacional com o qual se podia aprender, algo que é visível nas influências (as religiões, o sistema de escrita, a literatura, entre outros) que penetraram a Coreia e cuja origem ou versão adotada remontam à China; ou até mesmo uma espécie de orgulho por estar sob a égide de um império que, na região, assumiu uma posição com tamanho destaque – o império do meio/o centro do mundo (note-se, pela Lei 4, que os coreanos são seletivos o suficiente para aceitarem influências chinesas, ao mesmo tempo que rejeitam influências dos Khitan, que consideram menos “civilizados”). Tais visões em nada invalidam a existência de um nacionalismo coreano mais ou menos influenciado por estes fatores externos e, como demonstra a Lei 4 supramencionada, também não invalidam a consciência de que as influências chinesas (ou outras) são aspetos estrangeiros adotados pela Coreia, mas não parte dela e da sua identidade (embora, a longo prazo, as influências externas adotadas tendem a mesclar-se com a nação, de forma indiferenciável).

²⁴⁸ Yang, 2019, 107-108;

²⁴⁹ Koh, 2008, 300-301;

²⁵⁰ «[...] by 594 all three Korean states had entered into tribute relations with China, accepting nominal Chinese suzerainty in return for a promise of security and trade. [...] both Japanese and Korean rulers came to recognize the advantage of having a home base that was centralized in the Chinese manner, hence better able to defend itself.» (Beasley, 2000, 20);

Já durante a dinastia Joseon destaca-se a criação do hangeul – em 1446 - pelo famoso rei Sejong. O hangeul é o atual sistema de escrita coreana e procurou substituir a utilização dos caracteres chineses. O seu nome original era 훈민정음 (Hunminjeongeum), isto é, “sons corretos para instruir o povo” e foi criado com o objetivo de facilitar a literacia do povo coreano, embora não tenha sido adotado pelas elites, que continuaram a preferir o sistema de escrita chinesa, por ser um elemento de distinção e símbolo de educação e conhecimento ²⁵¹. Este acontecimento também representa um momento de nacionalismo pré-moderno, uma vez que foi uma tentativa de suporte ao povo coreano e de facilitação e difusão da educação junto do mesmo, para além de representar uma separação face ao sistema de caracteres de origem chinesa. Ora, a educação é uma das ferramentas que podem ser usadas para fortalecer o nacionalismo e a identidade nacional de um povo.

Em 1592, as invasões japonesas (Guerra de Imjin) são mais um momento de destaque do espírito nacionalista coreano, através da defesa coletiva do território. O almirante Lee Sun-sin (이순신) – uma das figuras mais emblemáticas da história da Coreia, juntamente com o rei Sejong – ficou imortalizado enquanto líder militar da defesa coreana, sem qualquer derrota contra os japoneses²⁵². Para além destes momentos, destaca-se ainda a revolta de Donghak, em 1894, cuja origem é nacionalista e de cariz religioso (contra o catolicismo), pautando-se pela rejeição da doutrina ocidental – seohak²⁵³ (서학) – e pela valorização da doutrina oriental – donghak (동학)²⁵⁴. A revolta foi iniciada pela classe yangban (burocratas), insatisfeita com o seu declínio social e com a situação político-económica, e foi levada a cabo, em massa, pelos camponeses, tendo um forte cunho nacionalista anti-

²⁵¹ Yang, 2019, 108;

²⁵² «If the invention of *han'gul* symbolized the Yi Dynasty's positive nationalistic traditions, the Korean resistance against the Japanese and Manchu invaders represented its long standing anti-foreign political traditions. [...] During the Japanese invasion, the Korean masses, mostly peasants, took up arms in defense of their homeland. Interestingly enough, these peasant farmers and slaves were led by the local *yangban* leaders, most of whom were neo-Confucian literati, who launched a guerrilla-type war against the Japanese intruders.» (Yang, 2019, 109);

²⁵³ 서 (seo) significa “ocidente”, ao passo que 학 (hak) significa “ciência/estudo”;

²⁵⁴ 동 (dong) significa “oriente”;

estrangeiro, anti-ocidental, confucionista e budista²⁵⁵. É nesta época (século XVIII/XIX) que se observa o surgimento daquilo que se considera o nacionalismo coreano moderno, também espoletado pela abertura ao ocidente e pelo declínio da dinastia Joseon. Nesta altura reemergiu um movimento nacionalista, pela mão de escritores e intelectuais, que produziram obras históricas e culturais²⁵⁶ com o objetivo de valorizar a nação coreana e de enfatizar os feitos da mesma. Exemplo disto é o “Clube da Independência” (Donghip Hyeophoe) que, em 1896, procurou revolucionar a sociedade coreana e renovar o poder político, através do incentivo ao espírito nacionalista como meio de combate às crescentes influências japonesas e russas²⁵⁷. Este foi apenas uma das muitas facetas nacionalistas a surgir nesta fase final da dinastia Joseon²⁵⁸.

3.3. O Colonialismo Japonês e o Seu Legado na Coreia

O período colonial japonês é muitas vezes referido como um momento-chave para o surgimento do nacionalismo coreano. Pensa-se que este período se trata, na verdade, de um momento-chave para o ressurgimento do nacionalismo coreano, desta vez num cenário mais moderno e ainda mais globalizado, palco de abertura da Coreia às influências ocidentais e da queda da “eremita” dinastia Joseon. Tendo em conta que o projeto colonial japonês visionava uma quase aniquilação da identidade histórico-cultural coreana em prol do modelo nipónico, não é difícil perceber a origem ou o foco deste nacionalismo²⁵⁹. Porém, é importante lembrar que, dentro da resistência aos japoneses, existiram diferentes perceções da nação coreana, assim como diferentes ideias de projeto para o futuro da mesma. Neste contexto, acredita-se que o nacionalismo que cresceu junto do povo coreano foi o de cariz étnico e histórico-cultural²⁶⁰, o que permitiu unir a população por um bem superior – lutar, mais uma vez, contra os invasores que procuravam destruir aquilo

²⁵⁵ Yang, 2019, 113-114;

²⁵⁶ Para ver com mais detalhe a produção cultural desta época, nomeadamente as obras histórico-culturais nacionalistas e os seus respetivos autores, consultar: Seth, 2020a, 215-223;

²⁵⁷ Seth, 2020b, 33;

²⁵⁸ Seth, 2020a, 222-223;

²⁵⁹ Seo, 2007b, 23;

²⁶⁰ Sohn, 2015, 106;

que caracterizava a sociedade coreana como tal – a sua língua, os seus costumes, a sua história, entre outros.

Este colonialismo foi de tal ordem esmagador para a sociedade coreana que, ainda hoje, é amplamente abominado pela população e utilizado politicamente, quer pela opinião pública, quer pelo governo, quando tal se revela conveniente ou quando algum evento proporciona um novo debate sobre esse tema²⁶¹. Isto refletiu-se no sentimento anti-Japão que, de forma cíclica, tem vindo a marcar presença na Coreia do Sul, especialmente desde 1991. Este ano parece representar uma segunda “vaga” do nacionalismo anticolonialismo japonês e pautou-se por um reforço do ressentimento histórico, até então colocado em segundo plano pelas relações mantidas entre o Japão e o regime autocrático da Coreia do Sul (veja-se que, como mostrado no capítulo anterior, o Japão foi, até meados das décadas de 1990/2000, o país cujos produtos foram mais importados pela Coreia do Sul e um dos maiores mercados para as suas exportações). Isto não quer dizer que o regime militar possuía uma relação boa com o Japão, mas antes que detinha uma boa relação com os EUA, um dos principais aliados dos japoneses.

Acredita-se que existem vários fatores que contribuíram para a mudança de paradigma em 1991: a queda da URSS e o fim da Guerra Fria, o que permitiu atenuar a dicotomia comunismo vs. capitalismo (ou Rússia/China vs. EUA). Isto simbolizou uma maior abertura para criticar o Japão que, até então, era um aliado dos EUA na lógica da Guerra Fria; em segundo lugar, foi no fim da década de 80 que a Coreia do Sul conseguiu estabelecer um regime democrático, o que também contribuiu para uma maior abertura na crítica ao Japão; a morte, em 1989, do imperador japonês Hirohito, imperador do Japão durante a época colonial, o que pode ter espoletado alguns fantasmas dessa época; talvez o facto do Japão ser, nessa altura, uma enorme potência económica que, possivelmente aos olhos dos coreanos mais nacionalistas, não merecia nem devia esquecer o seu passado atroz, sendo necessário lembrar aos japoneses, aos próprios coreanos e ao mundo o colonialismo nipónico (especialmente porque após o término da Segunda Guerra Mundial o Japão teve um exponencial crescimento económico, ao passo que a Coreia do Sul ficou em guerra e destruída, circunstância que pode ser associada aos

²⁶¹ Griffith, 2022, 321-322;

efeitos e consequências da presença japonesa na península coreana); e o testemunho de Kim Hak-Sun²⁶², uma mulher de conforto coreana²⁶³. Esta última desencadeou um novo debate na sociedade sul-coreana sobre o colonialismo japonês, relembrando as atrocidades cometidas pelo Império ao longo da primeira metade do século XX. A questão do sistema colonial japonês, das mulheres de conforto, dos crimes de guerra nipônicos e das tensões históricas tem marcado, nos últimos trinta anos, as relações diplomáticas bilaterais entre a Coreia do Sul e o Japão, assim como as relações multilaterais na Ásia Oriental – numa teia de dinâmicas complexas de aproximação e afastamento, o que não se procurou aprofundar nesta tese, por já existir uma vasta bibliografia sobre o tema²⁶⁴.

Voltando à época colonial, foi aí que se formou o nacionalismo político que mais tarde daria origem à fragmentação ideológica da Coreia – comunistas vs. nacionalistas. Esta fragmentação estava presente nos vários estratos sociais e plasmou-se, por exemplo, num tipo de nacionalismo que via a intervenção japonesa na Coreia de uma forma razoavelmente positiva. Tal perspectiva encontrava-se mais enraizada na classe burguesa e naqueles que beneficiavam economicamente com o

²⁶² Para ver com mais detalhe o testemunho de Kim Hak-Sun, através de uma entrevista concedida pela mesma antes de falecer, consultar: Newstapa, 2016;

²⁶³ Lynn, 2022, 297;

²⁶⁴ Para saber mais sobre estas temáticas, recomenda-se a leitura inicial da seguinte bibliografia:

- Asaba, Y. (2022). Bringing people's voices back to Japan-South Korea relations. In T. Kobayashi & A. Tago (Eds.), *Japanese Public Sentiment on South Korea: Popular Opinion and International Relations*, 1-17. Routledge;

- Delury, J. (2015). The Kishi Effect: A Political Genealogy of Japan-ROK Relations. *Asian Perspective*, 39(3), 441–460. <http://www.jstor.org/stable/43738126> (data do último acesso: 15/04/2024);

- Glosserman, B. (2019). South Korea-Japan relations: the comfort women lens. In M. Milani, A. Fiori & M. Dian (Eds.), *The Korean Paradox: Domestic Political Divide and Foreign Policy in South Korea*, 122-136. Routledge;

- Kazuhiko, T. (2018). Japan's reconciliation diplomacy in Northeast Asia. In J. D. J. Brown & J. Kingston (Eds.), *Japan's Foreign Relations in Asia*, 144-157. Routledge;

- Kim, J. Y. (2014). Escaping the Vicious Cycle: Symbolic Politics and History Disputes Between South Korea and Japan. *Asian Perspective*, 38(1), 31– 60. <http://www.jstor.org/stable/42704853> (data do último acesso: 15/04/2024);

- Kim, J. Y. (2015). Rethinking the role of identity factors: the history problem and the Japan– South Korea security relationship in the post-Cold War period. *International Relations of the Asia-Pacific*, 15(3), 477–503. <https://www.jstor.org/stable/26156047> (data do último acesso: 15/04/2024);

- Lynn, H.-G. (2022). Japan-South Korea international relations. In S. Lim & J. P. Alsford, *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 292-311. Routledge;

- Seth, M. J. (2020). Colonial Korea, 1910 to 1945. In Michael J. Seth, *A Concise History of Korea. From Antiquity to the Present* (Vol. 2) (3.^a Ed.), 51-92. Rowman & Littlefield;

- Soeya, Y. (2015). The Evolution of Japan's Public Diplomacy: Haunted by Its Past History. In J. Melissen & Y. Sohn (Eds.), *Understanding Public Diplomacy in East Asia: Middle Powers in a Troubled Region* 79-106. Palgrave Macmillan;

- Wilson, S. & Cribb, R. (2018). Japan's colonial empire. In Sven Saaler & Christopher W. A. Szpilman (Eds.), *Routledge Handbook of Modern Japanese History*, 77-91. Routledge;

desenvolvimento da Coreia sob o modelo japonês. Em alguns casos há quase uma negação da identidade nacional da Coreia e um olhar de inferioridade para a sua história e cultura. Os adeptos desta lógica – os reformistas - professavam que a melhor maneira de desenvolver o país era através da sua abertura aos modelos ocidentais e nipónico, enquanto métodos de modernização da nação (veja-se o exemplo do sucesso da Restauração Meiji). Não obstante, é importante não esquecer que, para lá do nacionalismo, residem primariamente os interesses pessoais dos indivíduos. Como é natural, aqueles que beneficiavam com o modelo japonês tinham uma maior tendência em defendê-lo, colocando os seus interesses pessoais à frente do “bem da nação” (ou do que era considerado como tal), ao passo que os trabalhadores e camponeses, mais desfavorecidos e em maior situação de perigo, viam os japoneses de forma pejorativa²⁶⁵. Ainda assim, estes reformistas pareciam possuir algum nível (por vezes forte) de nacionalismo anti-Japão e de consciência nacional, camuflados pela inevitabilidade do colonialismo e pela necessidade de sobrevivência na conjuntura do mesmo²⁶⁶. Assim, é possível compreender que o nacionalismo está sempre dependente da individualidade, do pensamento e do contexto de cada agente social. Esta dimensão individual e psicológica é muitas vezes esquecida (até porque é quase impossível estudá-la ou quantificá-la), havendo a tendência de se atribuir ao nacionalismo uma dimensão “de massas” e de restringir a sua análise a uma faceta meramente política e moderna – estuda-se o Estado-Nação/Pátria e seus agentes, mas não a nação no seu sentido psicológico, individual e emocional. Estas massas (ou a população/opinião pública) são mais vezes heterogêneas do que homogêneas na sua forma de perceber e viver a nação – a mesma nação tem muitas dimensões e interpretações, dada a sua natureza subjetiva. Outro termo usado era “nacionalistas moderados” ou “nacionalistas culturais” – muitas vezes oriundos da classe yangban e/ou cristãos, mas não só -, que defendiam um equilíbrio entre o nacionalismo coreano e a presença japonesa e entre a cultura nacional e a adoção de aspetos do modelo ocidental. Procuraram retirar o foco nacional da política, enfatizando antes o progresso cultural. Aparentemente, este nacionalismo surgiu de duas vertentes: pela lógica de que mais valia cooperar do que arriscar um aumento da violência japonesa;

²⁶⁵ Kim, 2006, 155;

²⁶⁶ Seo, 2007b, 32 e 34;

e um verdadeiro interesse em modernizar e educar o país para que, no futuro, este pudesse ser independente e desenvolvido²⁶⁷.

Naturalmente, para além destas visões existia também um nacionalismo radical, de cariz socialista (marxista) e com laivos anarquistas, que viria a ser adotado por muitos nacionalistas que, mais tarde, ficaram na Coreia do Norte ou fugiram para lá e, em alguns casos, ocuparam cargos de destaque no país – Kim Il-Sung (김일성) é um exemplo emblemático. Este setor mais radical recusou qualquer diálogo com o Japão, viu com maus olhos o nacionalismo mais moderado e adotou um ideal comunista²⁶⁸, o que se plasma no grande fluxo de radicais nacionalistas que tiveram uma rica intervenção nos movimentos comunistas chinês e soviético (muitos tiveram de fugir da Coreia durante a época colonial). Aqui já se pode verificar a fragmentação política a surgir na sociedade coreana. Possivelmente o colonialismo japonês foi o motor para esta divisão entre reformistas/nacionalistas culturais – que viriam a incorporar a Coreia do Sul autocrática – e nacionalistas radicais – que viriam a incorporar a Coreia do Norte comunista. Esta fragmentação da sociedade leva à indagação de qual teria sido o desfecho da Coreia, não tivesse existido uma influência soviética e americana na mesma, uma vez que a divisão ideológica capitalismo (ou talvez seja mais correto falar de autocracia) vs. comunismo já estava a ser implementada desde os tempos coloniais. A divisão parece ter sido apenas mais um infeliz motor, à semelhança da presença japonesa, para adensar e solidificar definitivamente esta realidade²⁶⁹.

Todavia, e como defende Michael Seth²⁷⁰, os coreanos não devem ser vistos como meras vítimas das potências regionais e suas ambições, nem na época do Império Chinês, nem na época colonial, nem durante a divisão, nem nos dias de hoje. Os próprios coreanos procuraram maximizar as oportunidades que lhes foram dadas e ultrapassar os obstáculos que lhes foram colocados. Essa diversidade e facilidade de adaptação pode parecer contributiva para uma redução do espírito nacionalista. Porém, acredita-se que, pelo contrário, tal adaptabilidade não só faz parte da nação coreana como é fruto da sua antiga consciência nacional e da

²⁶⁷ Seth, 2020b, 58-59;

²⁶⁸ *Idem*, 62;

²⁶⁹ *Idem*, 65;

²⁷⁰ *Idem*, 68;

necessidade, ao longo da sua história, de se adaptar aos poderes regionais que a ameaçaram e influenciaram²⁷¹.

Independentemente da restrição do nacionalismo político, tanto na época colonial quanto no pós-divisão – a presença político-militar dos EUA coloca em causa a independência plena do sistema político sul-coreano – é evidente que os nacionalismos étnico e histórico-cultural foram sempre partes integrantes da sociedade, tanto pela homogeneidade étnica, quanto pelos ascendentes históricos e míticos enfatizados fortemente, como pelo orgulho cultural que os sul-coreanos contemporâneos mantêm – a base que justifica o modelo exclusionista nacionalista das Coreias. Ainda assim, pela natureza antagônica e complexa da política coreana, a nação ficou, de modo geral, subordinada ao Estado²⁷².

Março de 1919 revela-se uma data fulcral, já que se trata de uma fase impregnada de um espírito ascendente de autodeterminação das nações colonizadas, influenciadas pela leitura distorcida dos, na altura, promissores “14 pontos” do presidente Woodrow Wilson²⁷³. A classe estudantil, como de costume, destacou-se nesta altura e a Coreia foi o país com o maior movimento anticolonial – contou com a participação de entre um a dois milhões de coreanos²⁷⁴. Neste sentido, foi criada a Declaração da Independência Coreana²⁷⁵, assinada por trinta e três figuras políticas de destaque no país, a 1 de março de 1919²⁷⁶. Esta declaração tinha um caráter pacífico, mas uma componente nacionalista forte²⁷⁷. Nesta altura o espírito nacionalista também viu a construção de mais heróis nacionais, dos quais se destaca Yu Gwan-sun (유관순), uma jovem coreana ativista pela independência. Yu morreu em 1920, aos 17 anos, às mãos dos japoneses, tornando-se um símbolo nacional na luta pela independência. Na Coreia do Sul é conhecida como “유관순 언니/누나” (Yu Gwan-sun onni/nuna)²⁷⁸ ou seja “irmã Yu Gwan-sun”. Muitos estudiosos

²⁷¹ *Ibidem*;

²⁷² Kim, 2006, 152;

²⁷³ Seth, 2020b, 53-54;

²⁷⁴ Yang, 2019, 122;

²⁷⁵ Para ver uma imagem do documento original da Declaração da Independência Coreana, consultar: Anexo B.3.;

²⁷⁶ Yang, 2019, 122;

²⁷⁷ Seth, 2020b, 54-55;

²⁷⁸ “언니” (onni) é o termo usada por uma mulher para se referir a uma irmã mais velha, ao passo que “누나” (nuna) é o termo usado por um homem para se referir a uma irmã mais velha;

consideram que foi durante o Movimento do Primeiro de Março que se consolidou o nacionalismo coreano na sua faceta moderna²⁷⁹.

O colonialismo japonês teve uma enorme influência na forma como a política coreana foi pensada nos anos subsequentes à rendição do Japão, que aconteceu em 1945. Não só as suas conotações imperialistas serviram de base para algumas das manifestações nacionalistas norte-coreanas – a adoração ao líder, por exemplo -, como é possível ver o modelo japonês espelhado no nacionalismo político da Coreia do Sul de Rhee Syngman e de Park Chung Hee, com uma componente militar robusta e um modelo económico assente na intervenção estatal²⁸⁰. O carácter dos nacionalistas e as tendências mais autocráticas que alguns detinham foram implementadas no pós-Segunda Guerra Mundial, com a sua chegada ao poder, o que se materializou de forma mais explícita na propaganda anticomunista e na ausência de uma democracia concreta até aos finais dos anos 80.

3.4. A Divisão da Coreia

A divisão da Coreia é outro momento que deve ser analisado para compreender o nacionalismo (sul-)coreano. O colonialismo japonês, a divisão da península pela URSS e pelos EUA e os interesses políticos dos líderes do Norte e do Sul ditaram este desfecho sem fim à vista. A partir da divisão o principal inimigo político deixou de ser externo à nação para passar a ser um elemento constituinte da mesma²⁸¹ – ambas as Coreias consideram-se a “verdadeira Coreia”. Esta circunstância acrescenta um elemento de superficialidade ao nacionalismo político, que tem de forjar novas condições de legitimação e sobrevivência²⁸², complexificadas pela partilha de uma mesma etnia, história e cultura. Do ponto de vista do Estado-nação, mesmo que as duas Coreias optem por manter um discurso de separação total, a componente étnica, a legitimação histórica e a tradição cultural têm a mesma base e lidam com os mesmos temas. Nesta dissertação, como anteriormente mencionado, defende-se que, como o que divide os dois lados é um conflito puramente político,

²⁷⁹ Seth, 2020b, 55;

²⁸⁰ *Idem*, 85;

²⁸¹ Kim, 2006, 151-152;

²⁸² Edge, 2022, 272;

mas sem alterações nas componentes da nação, 70 anos acaba por ser um espaço de tempo demasiado curto para verificar alterações significativas em qualquer área que não esteja contaminada pela política e pelos objetivos dos dois Estados.

Admite-se, contudo, que a cultura pode ser um elemento excecional, uma vez que, com as mudanças geracionais, as características socioculturais do quotidiano tendem a mudar. Como tal, o estilo de vida dos norte-coreanos e dos sul-coreanos, em 70 anos, já teve espaço de crescimento suficiente para gerar um fosso entre a cultura contemporânea dos dois países. Acresce a isto a abertura da Coreia do Sul a influências externas, nomeadamente ocidentais, o que também contribui para o aceleração desta transformação. O caso da dificuldade de adaptação dos refugiados norte-coreanos à sociedade sul-coreana, abordado anteriormente, é demonstrativo disto. O choque político entre os dois lados deve ser visto como uma necessidade à sobrevivência dos regimes políticos em vigência, pelo menos até ao fim da Guerra Fria, época de enorme tensão política na região da Ásia Oriental. Ainda assim, é importante lembrar que os dois sistemas continuam prisioneiros no paradigma da Guerra Fria e dependentes da China (no caso da Coreia do Norte) e dos EUA (no caso da Coreia do Sul). Isto quer dizer que mesmo os momentos de cooperação e aproximação estão sujeitos ao contexto político-militar chinês e estaduanense. Esta conjuntura é particularmente negativa para o livre desenvolvimento da diplomacia económica. A Coreia (do Sul), independentemente do seu posicionamento ideológico ou dos benefícios oriundos das suas alianças, sempre teve um poder político limitado por potências exteriores: primeiro pelo Império Chinês, através da sua relação de suserania; depois pelo Império Japonês, que a incapacitou completamente em termos políticos (e outros); e, por fim, pelos EUA, desde 1945, dependência que, num mundo globalizado, politicamente instável e tecnológico, assume contornos consideravelmente esmagadores. Tudo isto afeta profundamente a forma como o nacionalismo influencia a diplomacia económica, uma vez que a Coreia do Sul acaba por ficar num paradigma relacional, particularmente enfatizado pelas tensões históricas, políticas e económicas que marcam a Ásia Oriental. Por exemplo, a China e os EUA - os dois países com maior peso para a Coreia do Sul - são os dois grandes polos da região e tentam competir por uma maior influência sobre os sul-coreanos. Diplomáticamente, estes últimos têm de conseguir equilibrar a sua identidade com as influências externas, ao mesmo

tempo que procuram mover-se regionalmente de forma inteligente. Num cenário diplomático positivo, conseguirão manter boas relações com a China – a sua maior parceira económica – e com os EUA – o seu maior parceiro militar -, o que é fundamental, considerando o peso económico da Coreia do Sul, o seu investimento nas exportações e indústrias e a necessidade de uma defesa militar vigorosa contra a Coreia do Norte.

A unificação também é uma questão que deve ser examinada, uma vez que é um aspeto central da política coreana e influencia o nacionalismo dos dois países. Primeiramente, parece ser possível afirmar que os objetivos referentes à unificação foram-se alterando ao longo dos últimos 70 anos, embora ainda seja um projeto debatido amplamente - a Coreia do Sul tem, inclusivamente, um ministério que lhe é totalmente dedicado. Muitos estudiosos defendem que com o passar do tempo e com o crescente fosso socioeconómico entre as duas Coreias, os custos de uma eventual unificação não compensariam levar a cabo tal projeto. Logo, atualmente, há esta dicotomia de assimilação vs. cooperação²⁸³: será preferível ter uma Coreia unificada e arcar com os custos sociais e económicos daí resultantes ou optar por manter uma cooperação que permita aproximar as duas Coreias, através de dois sistemas políticos, uma só nação e uma reforma das lógicas político-económicas peninsulares? Em todo o caso, esta segunda opção parece ser a que, a curto-médio prazo, irá funcionar, tendo em conta que um projeto de unificação não parece possível no futuro próximo²⁸⁴. Por outro lado, há quem defenda que a unificação poderia ser economicamente benéfica, traduzindo-se no aumento da mão-de-obra (muito necessária no Sul) e no aumento de recursos naturais – como se viu no capítulo anterior, a Coreia do Sul é rica em alta-tecnologia, contudo padece de uma carência generalizada de recursos naturais, mais abundantes na Coreia do Norte que, em contrapartida, não tem tecnologia suficientemente avançada para os explorar²⁸⁵. Ainda assim, várias manifestações culturais nacionalistas continuam a apresentar algum saudosismo e variadas referências à unificação, que surge aqui como um símbolo étnico e histórico-cultural de vitimização e separação de uma nação

²⁸³ Seth, 2020b, 280-281;

²⁸⁴ *Ibidem*;

²⁸⁵ Seo, 2007c, 205;

historicamente una e etnicamente homogénea. Estas manifestações são mais visíveis nos elementos culturais (música, cinema, entre outros).

Destaca-se neste capítulo duas músicas tradicionais, “hinos” à unificação. A análise das suas letras reflete a presença de uma linguagem nacionalista e melancólica e a expressão de um apelo à união do povo, de famílias e de laços. A primeira²⁸⁶, bastante conhecida, chama-se “Uri Sowon-eun Tongil” (“O Nosso Desejo é a Unificação”)²⁸⁷ – e trata-se de uma canção infantil sul-coreana de 1947, da autoria de An Sök-chu (안석주)²⁸⁸ e do seu filho An Pyöng-wön (안병원)²⁸⁹. Originalmente o nome da música era “Uri Sowon-eun Dongnip” (“O Nosso Sonho é a Independência”), tendo sido posteriormente alterado para o nome atual. Na sua letra está explícita uma linguagem nacionalista, acompanhada de referências à unificação, como se pode ver nos versos primeiro a oitavo – por exemplo: “Até nos nossos sonhos o nosso desejo é a Unificação”; “A Unificação que mantém viva esta nação”; ou “Unificação chega depressa”. A soberania é outro tema que ocupa os versos nono a décimo-sexto, com a repetição do conteúdo dos primeiros oito versos, substituindo o conceito de unificação pelo de soberania. Os últimos oito, com a mesma lógica, abordam a democracia. Ou seja, encontram-se três conceitos estruturantes: unificação, soberania e democracia, enquanto pontos basilares para a construção da nação, de um ponto de vista sul-coreano. A unificação enquanto fenómeno primordial para a consolidação do nacionalismo étnico e histórico-cultural, plasticamente quebrado com a divisão política. A soberania, extinta pela divisão que, não só levou à quebra da coesão histórico-territorial, como também deixou as duas Coreias dependentes de poderes externos. E a democracia, que tardou a chegar à Coreia do Sul, com a ditadura militar vigente até aos anos 80, e que ainda não chegou à Coreia do Norte.

A segunda música²⁹⁰, também ela reflexo do nacionalismo étnico e histórico-cultural da Coreia, denomina-se “Dasi Manabsida” (“Voltaremos a

²⁸⁶ Para ouvir a música com letra, consultar: DPRK Video Archive, 2012;

²⁸⁷ Para ver a letra da música, consultar: Anexo B.4.;

²⁸⁸ Enciclopédia da Cultura Coreana. 안석영 (安夕影);

²⁸⁹ Enciclopédia da Cultura Coreana. 우리의 소원 (우리의 所願);

²⁹⁰ Para ouvir a música, consultar: 주권방송, 2018;

Encontrar-nos”)²⁹¹ – e trata-se de uma música de 2000, da autoria da cantora norte-coreana Ri Kyong-suk (리경숙)²⁹² e inserida num álbum com músicas de vários cantores. Atente-se, mais uma vez, na profunda conotação nacionalista da letra, que aborda a dor da separação entre as pessoas dos dois lados do paralelo 38 e que reflete a ânsia pela unificação da nação e pelo reencontro entre norte e sul-coreanos. À semelhança da primeira música, transmite-se aqui um forte nacionalismo étnico e histórico-cultural, o que se nota, por exemplo, no segundo verso - “Nós somos um só povo” – ou na referência à unificação – “Vamos encontrar-nos novamente no dia da Unificação”. Ademais, a letra é bastante expressiva na forma como exprime o sofrimento oriundo da divisão da Coreia e da consequente divisão de inúmeras famílias: “O quanto custa estarmos separados”; “Estou a gritar de sufoco”; “E os parentes ansiosamente / Procuram-se e chamam-se uns aos outros”; ou “Adeus, voltaremos a encontrar-nos”.

Atualmente, estas músicas já não têm a mesma visibilidade que nos anos imediatamente a seguir à divisão da península. Ainda assim, é frequente ouvi-las quando há algum momento de aproximação entre as duas Coreias, o que normalmente também significa um novo ciclo renovador para o nacionalismo étnico e histórico-cultural. Exemplo disso é a performance conjunta de Seohyun (서주현), uma cantora da famosa banda sul-coreana Girls’ Generation, e da Orquestra Samjiyon, da Coreia do Norte, quando esta última foi à Coreia do Sul, em 2018 - um momento alto nas relações entre as duas Coreias, como já referido na menção à Declaração de Panmunjeom. As canções apresentadas foram as supramencionadas²⁹³.

Destaca-se ainda uma terceira música mais recente, realizada em 2015²⁹⁴, denominada “One dream, One Korea”²⁹⁵. Para além de vários artistas famosos sul-coreanos, contou também com a participação de outras figuras de destaque, incluindo aquele que viria a ser o presidente da República da Coreia em 2017, Moon

²⁹¹ Para ver a letra da música, consultar: Anexo B.5.;

²⁹² Vários artistas, 2000;

²⁹³ Para ver a performance, consultar: 노켓, 2015;

²⁹⁴ Vários artistas, 2015;

²⁹⁵ Para ver o videoclipe da música, consultar: 소리바다 Soribada, 2015;

Jae-in. Esta canção²⁹⁶ faz parte do álbum “새시대 통일의 노래²⁹⁷ – One Dream One Korea”²⁹⁸ que procurou, de uma forma atual e cultural, promover uma campanha pela unificação. A música é claramente mais moderna e segue o típico estilo musical sul-coreano, sem deixar, contudo, de ter um cunho nacionalista intenso, através de uma mensagem nostálgica pelo dia da unificação e de um cântico fraternal para com a Coreia do Norte: “Nós nunca fomos diferentes”; “Nós sentimos tanto a tua falta”; “No dia em que nos tornarmos um o meu coração vai borbulhar”; “O nosso sonho é o da Unificação”; ou “Devagar damos um passo na direção um do outro”.

Ora, é nas manifestações culturais – da música ao cinema, dos costumes à religião – que se encontram as mais variadas demonstrações nacionalistas, cuja análise profunda permitiria perceber melhor a importância dos fenómenos culturais para a construção da nação coreana. Porém, o presente capítulo nunca conseguiria fazer uma investigação detalhada de todas elas, por isso optou-se por destacar somente mais um elemento - os calendários das duas Coreias -, uma vez que este instrumento costuma ser um reflexo dos eventos histórico-culturais e políticos que uma nação considera como importantes. Entre todos os feriados dos dois países²⁹⁹, os feriados da Coreia do Norte são mais políticos, ao passo que muitos dos feriados da Coreia do Sul são culturais. Todavia, quase todos os feriados dos dois países têm um cunho nacionalista, que procura celebrar momentos-chave da nação já previamente mencionados: o Dia da Fundação Nacional (a lenda de Dangun); a libertação do jugo japonês; o armistício da Guerra da Coreia; a criação do alfabeto coreano (hangeul); entre outros. Como também é visível, algumas comemorações são partilhadas pelas duas Coreias, quer sejam celebradas no mesmo dia ou em dias diferentes.

Seo Joong-seok, da Universidade Sungkyunkwan, defende que o nacionalismo coreano foi ultrapassado pelo egoísmo individual e pela luta pelo poder, plasmados na procura por boicotar a tutela que os EUA e a URSS pretendiam

²⁹⁶ Para ver a letra da música, consultar: Anexo B.6.;

²⁹⁷ 새시대 통일의 노래 (Saesidae tongirui norae) significa “Canção da Nova Era da Unificação”;

²⁹⁸ O site “One K Global Campaign” é o espaço que apresenta mais informação e conteúdo interativo sobre este projeto e as várias iniciativas culturais no âmbito da unificação. Para saber mais sobre este projeto musical, consultar: One Korean Global Campaign. *One K Global Peace Concert*;

²⁹⁹ Para ver o calendário consultar: Anexo B.7.;

estabelecer na Coreia, de forma a que, num curto período de tempo, esta pudesse ganhar a sua independência³⁰⁰. Num memorando da delegação soviética na Conferência de Moscovo dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, datado de 20 de dezembro de 1945, estabeleciam-se as seguintes condições no que tocava à possível criação de uma tutela, gerida pelos EUA, URSS, China e Reino Unido, na Coreia³⁰¹: a criação de um governo provisional democrático, capaz de levar a cabo as reformas necessárias para que a Coreia se pudesse tornar novamente independente; tropas dos EUA no sul da Coreia e tropas soviéticas no norte da península; uma comissão conjunta – levada a cabo pelos EUA, União Soviética, Reino Unido e China -, que trabalhasse com o poder local, de forma a garantir a assistência à população, tanto a nível político, quanto económico e social; e convocar em duas semanas uma reunião conjunta, com o objetivo de resolver possíveis questões no que dissesse respeito aos comandos estaduanenses no Sul, aos comandos soviéticos no Norte e à coordenação administrativo-económica entre os dois lados. Ora, o bloqueio a esta tutela não é algo surpreendente, uma vez que havia um medo generalizado em relação à dispersão do comunismo. Já a 31 de outubro de 1946 o vice-diretor do Gabinete dos Assuntos da Ásia Oriental abordava, num memorando de uma conversa com o General Arnold, os receios face à possível redução da presença dos EUA na península coreana, uma vez que a URSS poderia aproveitar esse momento para tentar aumentar a sua influência na península. Neste memorando também se verifica o controlo estaduanense sobre o nacionalismo político sul-coreano³⁰².

É no encaço desta dependência que se verifica o desenvolvimento de uma economia voltada para a exportação. A consciência de que a Coreia do Sul estava subordinada aos EUA também levou o Governo sul-coreano a procurar mecanismos económicos que permitissem obter fundos para o desenvolvimento do país, nomeadamente na sua vertente militar, especialmente após a destruição causada pela Guerra da Coreia³⁰³. Talvez se possa afirmar que os planos económicos dos anos 60, o investimento pesado na indústria desde essa década, a orientação da economia para a exportação, a procura por obter uma posição hegemónica no setor tecnológico – como verificado no capítulo anterior – e o esforço no

³⁰⁰ Seo, 2007c, 193;

³⁰¹ Para ver o memorando completo consultar: Anexo B.8.;

³⁰² Consultar: Anexo B.9.;

³⁰³ Seth, 2020b, 175-176;

desenvolvimento da diplomacia económica fazem parte dessa estratégia de independência da Coreia do Sul. Neste sentido, a diplomacia económica tem um papel contributivo para a expansão e fortalecimento do nacionalismo coreano e vice-versa. Os nacionalismos étnico e histórico-cultural também influenciam e são influenciados pelo nacionalismo político, uma vez que são instrumentalizados para incutir nos sul-coreanos um espírito de sacrifício e de lealdade à nação. Aliás, acredita-se que este espírito é, em parte, o motivo do exponencial crescimento económico da Coreia do Sul (“o milagre do Han”)³⁰⁴.

No que toca à evolução das relações políticas da Coreia do Sul com a Coreia do Norte³⁰⁵, desde 1960 até à presidência de Moon Jae-in (inclusive), têm existido momentos de cooperação e momentos de tensão. No plano económico verifica-se algo semelhante, não só com a Coreia do Norte, mas com os outros agentes regionais – nomeadamente a China, o Japão e os EUA. Como referido anteriormente, a ação da Coreia do Sul está altamente dependente dos poderes executivo e legislativo, que criam uma oscilação, de forma generalizada, entre períodos tipicamente mais pró-EUA/pró-Japão e períodos mais pró-China/pró-Coreia do Norte, embora tal não seja linear.

Concluindo, pode-se afirmar que o nacionalismo coreano é um fenómeno pré-moderno, exclusionista e com uma forte componente étnica e histórico-cultural, tendência muito presente nos momentos conciliatórios e de cooperação, em que é necessário consolidar essa aproximação. Não obstante, as circunstâncias fragmentantes pelas quais a Coreia passou – o imperialismo japonês e a divisão da península são os exemplos mais representativos e imediatos – agregaram à história dos coreanos um nacionalismo político que se reflete na tensão entre comunismo e capitalismo e que contribui para uma maior fragmentação social e para um reforço do sentimento de divisão. A nação coreana também pode ser observada de duas maneiras: uma nação com dois sistemas políticos ou duas nações e dois sistemas políticos, dependendo de como se classifica o conceito de “nação”. Para esta dissertação o primeiro caso parece fazer mais sentido, já que a rotura é essencialmente política, económica e social e existem séculos de partilha histórica, étnica e cultural (música, história, gastronomia, entre outros) que continuam a ter

³⁰⁴ *Idem*, 177;

³⁰⁵ Consultar: Anexo B.10., Anexo B.11. e Anexo B.12.;

um impacto semelhante nos dois lados, não obstante a ocidentalização da Coreia do Sul.

4. O Nacionalismo na Diplomacia Económica da Coreia do Sul – Um Retrato Temporal (o Pós-1991)

Após a análise do xadrez industrial, comercial e geográfico da Coreia do Sul e do papel da ética confucionista na sociedade do país, ao longo do capítulo 2, e da análise do nacionalismo coreano no tempo histórico, no capítulo 3, procura-se no atual capítulo conjugar estes dois fatores e perceber de que forma o nacionalismo na Ásia Oriental influenciou o desenvolvimento da diplomacia económica sul-coreana dentro do período sob análise. Para tal, fazer-se-á um exame geral da diplomacia económica da Coreia do Sul para se proceder, depois, a uma análise mais detalhada das várias presidências que atuaram no período de 1991-2022 e suas respetivas políticas económicas. Estas correspondem aos seguintes presidentes e períodos cronológicos³⁰⁶: 1988-1993 – Roh Tae-woo (노태우); 1993-1998 – Kim Young-sam (김영삼); 1998-2003 – Kim Dae-jung (김대중); 2003-2008 – Roh Moo-hyun (노무현); 2008-2013 – Lee Myung-bak (이명박); 2013-2017 – Park Geun-hye (박근혜); 2017-2022 – Moon Jae-in (문재인).

Qualquer Estado-nação procura defender, numa primeira instância, os seus interesses. O nível de abertura ao exterior está, como tal, dependente da estratégia que cada país adota e das “lentes” ideológicas com que escolhe observar o cenário internacional. No caso da Coreia do Sul, a necessidade de proteção nacional é inevitavelmente evidenciada, não só pelas características históricas do país, que lhe conferem uma componente nacionalista especialmente forte, mas também pelo seu posicionamento regional, que a coloca numa disposição particularmente frágil – a famosa expressão de que a Coreia tem sido, ao longo da sua história, “um camarão entre baleias”³⁰⁷. Estas baleias – a China, o Japão e, mais recentemente, os EUA –, como já referido em capítulos anteriores – contribuem para um aumento da sensação de insegurança sul-coreana. Acresce a isto a ameaça nuclear norte-coreana e a ameaça militar russa.

³⁰⁶ Para ver com mais detalhe os mandatos dos presidentes sul-coreanos, consultar: Anexo C.1.;

³⁰⁷ Pardo, 2023, 529;

Faça-se uma análise dos principais riscos que a Coreia do Sul tem em termos regionais, face aos seus vizinhos mais próximos. No que toca aos EUA, a Coreia do Sul está-lhes subordinada em termos militares e políticos, já que a sua defesa está dependente dos mesmos, particularmente no que concerne à ameaça norte-coreana. Os próprios sul-coreanos têm consciência disto, pelo que a aposta no desenvolvimento económico foi também uma forma de garantir uma maior autonomia. A diplomacia atua como uma salvaguarda e uma ferramenta de manutenção dos interesses nacionais do país e da conservação da sua identidade nacional face à presença dos EUA³⁰⁸.

Quanto à China, a Coreia do Sul é economicamente dependente da mesma, já que esta é o seu maior parceiro económico³⁰⁹. As tensões China-EUA fazem com que os sul-coreanos tenham sempre de manter o equilíbrio nas suas relações com os dois países, uma vez que estes podem sentir que a Coreia do Sul está a ir contra os seus interesses regionais. À China interessa um país mais afastado da aliança com os EUA e mais próximo à sua esfera de influência. Neste sentido, a Coreia do Sul está sujeita aos paradoxos regionais da China e/ou dos EUA, o que a obriga a conjugar os seus próprios interesses com os interesses dos dois países. Todavia, é também do proveito da Coreia do Sul manter boas relações com a China, já que isso lhe garante a manutenção dos benefícios económicos daí advindos e constitui um elemento fraturante na aliança da China com a Coreia do Norte, enfraquecendo esta última³¹⁰.

Com o Japão a Coreia do Sul mantém uma tensão oriunda do colonialismo japonês, ao mesmo tempo que também mantém uma aliança, da qual a terceira parte é constituída pelos EUA. Como tal, existe uma forte instabilidade na abordagem aos japoneses, que se vai alterando conforme a política externa de cada presidência sul-coreana e o contexto regional do momento. Embora exista uma boa cooperação económica entre os dois países, o maior receio dos sul-coreanos (partilhado pelos norte-coreanos e pelos chineses) poderá ser o ressurgimento de um Japão militarizado e com laivos imperialistas, já que o nacionalismo japonês tem crescido nos últimos anos, sobretudo após a chegada ao poder do primeiro-ministro Abe Shinzo. Aliás, o primeiro-ministro Kishida Fumio tem procurado ampliar o investimento militar do país, através do aumento do mesmo para 2% do PIB (até então apenas 1% do PIB era usado para estes fins). Embora o principal

³⁰⁸ Sohn, 2020, 245;

³⁰⁹ Consultar: Anexo A.11.;

³¹⁰ Patterson, 2019a, 15-16;

objetivo do Japão seja uma maior defesa face às ameaças regionais – nomeadamente a Coreia do Norte e a Rússia – tal não deixa de causar algum desconforto à Coreia do Sul e de invocar as lembranças da época colonial japonesa.

Por fim, com a Coreia do Norte o Sul também mantém uma relação regional complexa e oscilante. A natureza instável da Coreia do Norte, a par com o seu paulatino desenvolvimento nuclear constituem um panorama alarmante para a Coreia do Sul. A estratégia de dissuasão norte-coreana passa por momentos de cooperação e por momentos de tensão que mexem com a ordem regional. Embora a China não tenha interesse numa Coreia do Norte nuclear, tem interesse na manutenção do seu regime, o que cria dois polos de atuação para a Coreia do Sul – Japão-EUA vs. China-Coreia do Norte.

Esta conjuntura provoca nos sul-coreanos o receio de um confronto regional, espoletado pelas tensões acumuladas, algo que teria impacto no seu esforço de desenvolvimento e aspirações económicas. Para além disso, seria também um golpe no nacionalismo sul-coreano, alavancado pelo sucesso económico do país, ao longo das últimas décadas. Considerando estes fatores, pode-se afirmar a existência de um nacionalismo económico (materializado na política externa através a diplomacia económica), cujo objetivo é preservar a sobrevivência da Coreia do Sul e contrabalançar as “baleias” da Ásia Oriental, com as quais o país tem de lidar, tanto a nível bilateral quanto multilateral³¹¹. Assim, a diplomacia económica está ao serviço da economia e dos interesses do Estado, adaptando-se conforme as necessidades regionais. A vasta rede de ALC realizados pela Coreia do Sul é um exemplo do esforço do país para expandir a sua influência económica a nível regional e global e para manter a sua relevância e capacidade de independência, já de si ameaçados pelo domínio dos EUA e da China³¹².

Andrew I. Yeo³¹³, indica três razões para as relações entre os países da Ásia Oriental serem tensas: em primeiro lugar, a memória histórica e o alimentar do passado imperialista japonês, fator exponenciado por determinadas atitudes dos primeiros-ministros japoneses, como é o caso da visita do primeiro-ministro Koizumi Junichirō, em

³¹¹ Yoshimatsu, 2008, 10;

³¹² «One is that the growth of South Korea's economic capability on the world stage has elevated the Korean people's desire that their nation's foreign policy express their national pride and sense of self-esteem regarding their remarkable achievements. These sentiments are a strong and constant domestic driver of South Korea's foreign policy. Another implication is the expression of Korea's realistic sense of fear of entrapment. South Korea seems to stand at a crossroads: will the peninsula revert to a bloc-versus-bloc confrontation or will it find ways to advance multilateral cooperation in the region?» (Kim, 2020, 141);

³¹³ Yeo, 2017;

2002, ao Santuário de Yasukuni, onde estão sepultadas catorze altas patentes japonesas – criminosos de classe A - responsáveis pelos crimes de guerra do Império na primeira metade do século XX. Embora o primeiro-ministro tenha afirmado que o objetivo era honrar os japoneses que morreram em defesa do país³¹⁴ – e não somente ou em específico os criminosos de guerra – esta ação causou imediatas tensões com a Coreia e com a China³¹⁵. Ou seja, a desconfiança generalizada - em muito provocada por este mesmo passado histórico - e a percepção incorreta (intencional ou não-intencional) das ações dos outros, provoca um clima de tensão constante e dificulta o diálogo; em segundo lugar, o nacionalismo na região, o que aumenta o patriotismo e reduz a confiança mútua. Este ponto responde a parte da pergunta colocada no início desta dissertação – *De que forma os nacionalismos na Ásia Oriental influenciaram o desenvolvimento da diplomacia económica da Coreia do Sul?* – já que permite perceber que as identidades nacionais dos países têm influência nos jogos de poder regionais. Os países estão voltados para si mesmos, para as suas políticas, ideologias e percepções culturais e históricas, o que dificulta a criação de uma cooperação que exceda a económica, sendo esta última fruto dos interesses nacionais de cada país³¹⁶. O sentimento anti-Japão, anti-EUA e anti-China e as disputas por hegemonia na Ásia Oriental aliam-se às pretensões dos Governos de cada país, através da utilização das tensões para ganhar apoio entre a população, retirar o foco dos problemas internos e elevar a identidade nacional em detrimento das potências regionais que a possam ameaçar. Por outro lado, o Governo encontra-se igualmente sujeito à opinião pública (especialmente na Coreia do Sul, não tanto no Japão, na China ou na Coreia do Norte) para manter ou adquirir popularidade; em terceiro lugar, a instabilidade no poder regional criou uma incerteza que obstrui a cooperação, uma vez que esta volubilidade dificulta a adoção de medidas decisivas em áreas sensíveis, como a política ou a militar. O autor dá o exemplo da militarização da China - em consonância com a sua ascensão económica -, especialmente no Mar do Sul da China, em contraste com o declínio económico do Japão, acompanhado por um crescente desejo de expansão militar³¹⁷. Para mais, a Coreia do Sul lida com a disputa regional entre os EUA e a China e com a disputa entre a China e o Japão, já que estes dois últimos procuram ter uma posição de liderança no que toca aos assuntos multilaterais da Ásia Oriental, ao mesmo

³¹⁴ Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 2002a;

³¹⁵ Yeo, 2017, 70;

³¹⁶ *Ibidem*;

³¹⁷ *Ibidem*;

tempo que gerem as frustrações referentes à ascensão económica da China e ao declínio económico do Japão³¹⁸, o que simboliza uma mudança no balanço de poder na Ásia Oriental.

Ora, tais diferenças tornam muito difícil a criação de uma comunidade regional ou de um sistema estável de cooperação que consiga encontrar um ponto comum entre os interesses de todos. A tentativa de criar organizações regionais que cooperem em áreas variadas é difícil e frequentemente bloqueada por tensões ou incompatibilidade de interesses. Por exemplo, a Cimeira Trilateral China-Japão-Coreia do Sul foi olhada com alguma desconfiança pelos EUA³¹⁹, uma vez que não é do seu interesse que a Coreia do Sul ou que o Japão tenham uma cooperação superior (particularmente política) com a China. Já a administração americana de Bill Clinton, deu um aval positivo ao fortalecimento das relações entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul – nomeadamente através da Política do Sol. A administração seguinte, de George W. Bush, procurou distanciar-se do país, o que obrigou a Coreia do Sul a refrear a sua aproximação aos norte-coreanos sob pena de ir contra a política externa dos EUA. Ou seja, os sul-coreanos encontram-se num paradigma de poder regional que bloqueia parte do potencial da sua diplomacia económica – estratégia de desenvolvimento industrial assente na exportação e intervenção estatal - para conseguirem uma independência maior face à influência destes poderes. Ainda assim, a Coreia do Sul parece gerir de forma inteligente as possibilidades diplomáticas de que dispõe, o que se verifica através da capacidade do país em desenvolver-se economicamente e em criar uma rede de relações económicas e políticas vasta e rica, tanto a nível bilateral quanto multilateral (por exemplo, o político sul-coreano Ban Ki-moon foi secretário-geral da ONU entre 2007 e 2017).

Não obstante, esta cooperação não é sinónimo de abertura plena ao cenário internacional, mas antes de uma estratégia necessária e estudada, conciliada com a identidade nacional imperativa na Coreia do Sul. A abertura a investimento estrangeiro ou a participação multilateral são passos resultantes de uma progressão económica inevitável no cenário internacional, etapas essenciais para alavancar a economia da Coreia do Sul. Isto é, o apoio internacional e a adesão a organizações internacionais foram fundamentais para construir uma rede de contactos e para permitir a continuação da expansão da estratégia económica sul-coreana de exportações, o que requer um elevado

³¹⁸ Yoshimatsu, 2008, 22-23;

³¹⁹ Yeo, 2017, 73;

envolvimento com a sociedade internacional³²⁰. Assim, presencia-se um ciclo no qual o desenvolvimento económico e a estratégia diplomática sul-coreana permitem uma maior participação do país em organizações internacionais - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE); APEC; ASEAN+3; ONU; ou Diálogo Ásia-Europa (ASEM), entre outros -, o que aumenta a sua influência mundial. Isto, por sua vez, expande a economia sul-coreana e o alcance da sua diplomacia o que, novamente, aumenta ainda mais a influência do país e facilita uma legitimação económica superior, que agiliza a tomada de decisões coincidentes com os interesses nacionais³²¹. Para além disso, as iniciativas internacionais criadas pela Coreia do Sul, nomeadamente no setor económico e de apoio social, também permitem que o nacionalismo político sul-coreano influencie outros países. Exemplo disso é a Agência de Cooperação Internacional da Coreia (KOICA), criada em 1991, com o objetivo de apoiar países “em desenvolvimento” e de com eles alcançar uma maior cooperação, a redução da pobreza, um maior desenvolvimento sustentável, entre outros³²². Ou seja, este tipo de iniciativas conduz o nacionalismo sul-coreano a outros países, maximizando a influência internacional que a Coreia do Sul detém e legitimando-a. Num contexto internacional, seria interessante analisar a extensão desta influência sul-coreana nos países considerados em desenvolvimento, nas lógicas da diplomacia económica enquanto ferramenta do nacionalismo político.

Geun Lee³²³ descreve as perceções que os países da Ásia Oriental têm uns dos outros. A Coreia do Sul vê a China como um mercado aberto – o que é positivo para a economia sul-coreana -, mas também contempla a sua ascensão como o ressurgimento de uma espécie de sistema tributário moderno, à semelhança do que era praticado pelo Império Chinês. Para além disso, o socialismo exercido pelos chineses é outro motivo de preocupação para os sul-coreanos³²⁴, já que a Coreia do Sul é uma potência ideologicamente alinhada com os EUA e uma possível nova Guerra Fria significaria um aumento das tensões com a China e uma redução na abertura ao diálogo entre os dois países. Quanto ao Japão, segundo o autor, existe uma opinião histórica negativa, como já mencionado, acompanhada de três grandes perspetivas: um império opressor; uma economia democrática de mercado; e uma queda da influência do país no presente

³²⁰ Patterson, 2019a, 16-17;

³²¹ Yoshimatsu, 2008, 8;

³²² Agência de Cooperação Internacional da Coreia (Koica). *Who We Are*;

³²³ Lee, 2018;

³²⁴ *Idem*, 33;

século³²⁵. A primeira imagem é aquela que mais intimida os coreanos, daí o receio de uma remilitarização do Japão. A China vê a Coreia do Sul da seguinte maneira: um antigo elemento do sistema tributário chinês; um aliado dos EUA; uma economia democrática de mercado; e um país que está em crescimento, embora tenha um posicionamento oscilante³²⁶. A aliança com os EUA é a faceta da Coreia do Sul que mais incomoda a China, já que lhe interessa que o país esteja alinhado com a sua política externa. Do ponto de vista do Japão, a Coreia do Sul caracteriza-se da seguinte maneira: uma ex-colónia que poderá querer vingar-se devido ao colonialismo japonês; uma economia democrática de mercado; e um país em que está em crescimento, embora penda mais para a esfera de influência chinesa³²⁷. Para o autor, a primeira e a última opção, se conjugadas, representam o pior cenário para o Japão, até porque o declínio económico e as restrições militares do país aumentam o sentimento de temor perante uma Coreia do Sul e uma China com ímpetos de vingança histórica. É curioso notar que o Japão vê a Coreia do Sul como um país tendencialmente mais alinhado com a China (contrariamente a esta última, que considera os sul-coreanos mais alinhados com os EUA), apesar da aliança com os EUA indicar precisamente o contrário. Contudo, esta perspetiva poderá ser fruto da instabilidade resultante das mudanças na política externa dos Governos sul-coreanos, ainda que denote uma imagem algo dual (ou até mesmo dúbia, na visão dos outros países) da Coreia do Sul no cenário regional. Naturalmente, isto só fragiliza a diplomacia do país. Por outro lado, esta mudança na política externa e a instabilidade daí resultante podem também ser fruto da falta de continuidade de uma mesma presidência, isto é, da impossibilidade inusitada de um presidente ser reeleito duas vezes, como referido na Introdução. Desde a alteração de 1987 à Constituição (data do fim da Ditadura Militar, como já mencionado) um presidente só pode exercer um mandato de 5 anos³²⁸, de modo a evitar um possível regresso de uma ditadura semelhante à que existiu na Coreia do Sul de 1947 a 1987. Para além disso, cada presidente tenta distanciar-se das medidas tomadas pelo presidente anterior – especialmente se este não tiver sido popular junto da opinião pública – o que contribui ainda mais para a instabilidade política.

Ou seja, verifica-se um paradigma regional que complexifica as ações da Coreia do Sul. Estas poderão ser amplamente questionadas pela China, pelos EUA, pelo Japão

³²⁵ *Idem*, 34;

³²⁶ *Idem*, 35;

³²⁷ *Ibidem*;

³²⁸ «Art. 70: The term of office of the President shall be five years, and the President shall not be reelected.» (Instituto de Investigação de Legislação Coreana. *Constitution of the Republic of Korea*);

ou até mesmo pela Coreia do Norte, especialmente porque se verifica uma tensão residual da Guerra Fria e uma manutenção das lógicas capitalismo (EUA, Japão e Coreia do Sul) vs. comunismo (China e Coreia do Norte), ambiente ainda mais sentido no contexto da península coreana³²⁹. Neste cenário a diplomacia económica assume um papel mais relevante, já que a economia de mercado aberto e as cooperações com ela relacionadas são as prevalentes na região³³⁰ e aquelas que detêm um maior espaço para diálogo. Assim, ao adquirir uma maior independência económica, ao tentar tornar-se uma potência hegemónica em áreas estratégicas (como demonstrado no capítulo 2, quando se abordou a estratégia tecnológica sul-coreana³³¹) e ao ganhar destaque bilateral e multilateral a Coreia do Sul não está só a catapultar a sua influência, mas também a tornar-se paulatinamente imprescindível dentro da Ásia Oriental, o que a torna mais relevante para os outros países e, como consequência, legitima-a e contribuiu para a sua sobrevivência e para a sobrevivência da sua identidade nacional. Esta realidade não difere assim tanto da existente na Coreia do Norte, com a diferença de que esta última procura legitimar-se e sobreviver através de uma estratégia de dissuasão nuclear. Aliás, o desenvolvimento da rede diplomática económica sul-coreana resulta também de uma vontade do país em legitimar-se face ao Norte e de procurar aprovação internacional para o seu regime político dentro da lógica de divisão político-ideológica da península coreana³³².

You-il Lee e Kyung Tae Lee³³³ afirmam que o nacionalismo económico na Ásia Oriental resulta do rápido crescimento económico dos países desta região, em conjunto com uma má experiência com poderes estrangeiros e com uma intrínseca necessidade de sobrevivência³³⁴. A diplomacia económica assume-se aqui como uma ferramenta através da qual a Coreia do Sul consegue mais facilmente atingir os seus objetivos económicos e, consequentemente, políticos, sociais, culturais, entre outros, nomeadamente com a abertura de embaixadas/consulados e com a consumação de acordos bilaterais e

³²⁹ «To make matters worse, their identity tensions are inextricably linked to various complex strategic issues, alliance relations, territorial disputes and economic competition. They are, therefore, inadvertently trapped in what I would call an “identity dilemma” and the way to escape this quandary is not clear. There is a tendency for all three nations to play a “zero-sum game” of identity, in which each sees the failure of the other in constructing its desired national identity as a gain. When their own identity is undermined or impaired by their perceived rivals, they consider this to be a loss which requires an effective response through various means.» (Li, 2018, 64);

³³⁰ Lee, 2018, 36;

³³¹ Consultar: Ministério da Ciência e TIC da República da Coreia, 2022; Ministério da Ciência e TIC da República da Coreia, 2023;

³³² Patterson, 2019a, 14;

³³³ Lee, 2015b;

³³⁴ *Idem*, 125-126;

multilaterais e de iniciativas ao nível da política externa³³⁵, como já mencionado. A diplomacia económica sul-coreana gira em torno de uma estratégia de “poder do meio”, isto é, um país que não tem capacidade para competir com potências como os EUA ou como a China, mas que tem uma economia desenvolvida³³⁶. Esta diplomacia tem também oscilado entre momentos de maior foco nas questões regionais, como é disso exemplo a presidência de Kim Dae-jung, e momentos cujo foco é catapultar a Coreia do Sul para o centro da globalização e da sociedade internacional, como é o caso da presidência de Lee Myung-bak. Esta diversidade não é necessariamente positiva, uma vez que cada presidente novo tende a adotar medidas que visem o distanciamento face às políticas estabelecidas pelo presidente anterior, o que dificulta a fomentação de condições para a criação de estratégias estáveis e duradouras. Este é também um jogo regional perigoso, uma vez que pode passar uma imagem de instabilidade para os outros países da região (como se sugeriu acima para a perceção da China e do Japão sobre a Coreia do Sul) e gerar uma espécie de atitude “quente-frio”, na qual os sul-coreanos possuem uma determinada abordagem com um país para, na presidência seguinte, afastar-se dessa política ou tomar atitudes contrárias³³⁷. Isto não só dificulta a cooperação bilateral e regional, como pode bloquear o potencial diplomático da Coreia do Sul.

Todavia, este potencial não deixa de existir, já que o país se encontra no centro da Ásia Oriental, tanto em termos políticos como geográficos. De um lado tem a Rússia, a China e a Coreia do Norte e do outro tem o Japão e os EUA. Considerando os interesses da própria Coreia do Sul e a diversidade política das suas presidências (mais pró-Coreia do Norte e/ou pró-China ou mais pró-EUA e/ou pró-Japão), o país pode atuar, efetivamente, como um equilíbrio regional conciliador das diversas tensões latentes. Embora a Coreia do Sul esteja sempre dependente de uma série de questões e dilemas supramencionados ela é o país da Ásia Oriental (excetuando, talvez, a Mongólia, de uma perspetiva política) que reúne as melhores condições para tirar partido do que os dois polos regionais têm para lhe oferecer, nomeadamente a nível económico, o que é comprovado pelas boas relações comerciais que mantém com qualquer um dos países da Ásia Oriental, excetuando a Coreia do Norte. Ainda assim, o sucesso de uma estratégia

³³⁵ Patterson, 2019b, 83;

³³⁶ Sohn, 2020, 244;

³³⁷ *Idem*, 251;

destas está sempre dependente da vontade de cooperação dos restantes países, o que nem sempre se revela possível, especialmente em setores externos ao económico³³⁸.

Uma faceta que merece destaque na estratégia económica da Coreia do Sul é a concretização de ALC, um investimento que o governo sul-coreano tem levado a cabo de forma bastante eficiente. Embora encontre alguma resistência interna, já que, por vezes, espoleta a oposição de setores como o da agricultura³³⁹ - que considera estes acordos prejudiciais para a sua atividade³⁴⁰ -, estas iniciativas têm catapultado o país para o cenário internacional e criado uma vasta rede de oportunidades económicas e uma agilização da estratégia industrial e de exportação. No que toca aos vários países com quem a Coreia do Sul assinou um ALC³⁴¹, para além da própria Ásia Oriental, destaca-se a relevância da ASEAN, uma área estratégica de investimento da Coreia do Sul, como se viu no capítulo 2. Por outro lado, salta à vista a inexistência de um ALC com o Japão, uma vez que as negociações, iniciadas em 2003, continuam estagnadas pelas tensões entre os dois países.

Embora uma das premissas apresentadas na Introdução deste trabalho fosse abordar a importância dos atores privados e civis na diplomacia económica, constata-se que na Coreia do Sul, excetuando alguns casos como os do chaebol ou a realização de protestos e contestação das políticas adotadas pelo Estado, a sociedade civil não tem um papel direto na diplomacia económica do país. Isto não quer dizer que os agentes civis não sejam fundamentais, de forma indireta, para o desenvolvimento da diplomacia económica, mas antes que tal requer um estudo específico e à parte do papel do Estado, algo que se optou por não realizar neste trabalho, tendo em conta as questões temáticas e temporais. Naturalmente, as Pequenas e Médias Empresas (PME) são fundamentais na economia sul-coreana, assim como os agentes culturais³⁴². Tendo isto em consideração, numa outra circunstância, poderia ser útil estudar detalhadamente a estratégia internacional dos chaebol (Samsung, SK, LG, Hyundai, Lotte, Daewoo, Hanhwa, entre outros), a importância das PME e as suas estratégias económicas e o verdadeiro alcance da sociedade civil para a diplomacia económica do país. Em todo o caso, tanto as empresas como a população apresentam um nível considerável de nacionalismo político,

³³⁸ *Idem*, 245;

³³⁹ Lee, 2023, 570-571;

³⁴⁰ *Idem*, 565;

³⁴¹ Consultar: Anexo C.2.;

³⁴² Lee, 2023, 575;

étnico e económico, optando, de forma geral, por lidar com empresas sul-coreanas em detrimento de empresas internacionais e preferindo consumir produtos e serviços oriundos de empresas nacionais. Tal não é surpreendente, considerando o nacionalismo forte que se verificou existir na sociedade sul-coreana, no capítulo 3, o que comprova a contaminação da diplomacia económica pela identidade nacional e seus interesses:

The majority of CEOs interviewed believed it is difficult for foreign brands to penetrate the Korean market. Consumers, they have found, are relatively ethnocentric. [...] It looked at consumer attitudes toward imported cars in Korea and found that almost 50 percent of potential owners feared tax audits if they bought a foreign car; 42 percent were worried that their car would be vandalized, 30 percent feared they would be assaulted, and 13 percent believed that driving a foreign car would make them a target of traffic police (The Economist, July 8, 2010). According to the same report, the reasons given by Korean consumers for their fear of buying imported cars included "detrimental to national interest" and "reception of dirty looks from peers" [...].³⁴³

4.1. A Presidência de Roh Tae-woo (1988-1993)

Analisando a presidência de Roh Tae-woo, destaca-se de imediato a “Nordpolitik” ou “Northern Policy” – Política do Norte -, isto é, a política levada a cabo pela sua administração e cujo foco era o espaço geopolítico do Nordeste Asiático. O objetivo era fomentar uma aproximação à Coreia do Norte, em particular, e aos restantes países da Ásia Oriental, no geral. Esta estratégia deve ser compreendida no contexto da queda da URSS e do fim da Guerra Fria que, em 1991, permitiu uma aproximação da Coreia do Sul a países que, até então, estavam no espectro oposto da fragmentação ideológica desta guerra – inclusivamente a Coreia do Norte. A China e a Rússia são dois exemplos regionais deste esforço de aproximação sul-coreano, nomeadamente com a normalização das relações com a URSS, em 1990, e com a China, em 1992³⁴⁴. Para além da Guerra Fria, a queda da ditadura militar vigente na Coreia do Sul até 1988 foi outro motor

³⁴³ Lee, 2015b, 140;

³⁴⁴ Milani, 2022, 350;

impulsionador de uma maior abertura do país no seio da sociedade internacional e de uma emancipação superior face à esfera de influência dos EUA. Isto permitiu ampliar não só as relações bilaterais com potências que não se alinhavam com a ideologia estaduanense, nomeadamente países comunistas, mas também catapultar a Coreia do Sul no cenário multilateral, nomeadamente com a sua adesão à APEC, em 1989³⁴⁵. Outro exemplo emblemático do papel internacional que a Coreia do Sul queria e começava a assumir foi a realização dos Jogos Olímpicos de 1988, em Seoul, que catapultaram o país para o centro da atenção mundial.

Acredita-se que este renascer da diplomacia económica marca uma mudança na forma como o país passou a olhar para a mesma, uma vez que os sul-coreanos começaram a equacionar uma política mais democrática e disposta a cooperar com agentes internacionais. De notar que foi também nesta altura que surgiram manifestações de sentimentos anti-EUA e anti-Japão, o que demonstra uma sociedade mais livre e um nacionalismo aparentemente mais expressivo e plural, ainda que continuamente político-militarmente condicionado pelos EUA, após anos de um forte nacionalismo político anti-comunista levado a cabo pela ditadura militar. Embora a vontade de independência face aos EUA, o modelo económico de exportação e a estratégia diplomática de criação de uma vasta rede de contactos internacionais se tratem de componentes pré-democracia, é possível afirmar que a presidência de Roh Tae-woo marca um ponto de transformação, impulsionador do poderio diplomático que a Coreia do Sul viria a construir nos anos subsequentes. Esta política abriu portas a novos e importantes mercados para a Coreia do Sul³⁴⁶, tanto nessa altura como no presente – caso disso são o mercado chinês (destaca-se o crescimento de Hong Kong na economia sul-coreana, desde 1991 até à atualidade, aparecendo, em 2021, como a terceira maior região da Ásia Oriental para as exportações sul-coreanas, só superada pela China e pelos EUA³⁴⁷) e o espaço económico da ASEAN (por exemplo, Singapura, a Indonésia e a Malásia, que desde os anos 90 já demonstram um fluxo considerável de trocas comerciais com a Coreia do Sul³⁴⁸) -, num câmbio que permitiu o desenvolvimento económico do país o que, por conseguinte, favoreceu a legitimação do mesmo no cenário internacional e a sobrevivência da sua identidade nacional, especialmente se comparada com o Norte.

³⁴⁵ *Ibidem*;

³⁴⁶ Pardo, 2023, 533-534;

³⁴⁷ Consultar: Anexos A.11;

³⁴⁸ Consultar: Anexo A.11;

Foi também durante a presidência de Roh Tae-woo que a Coreia do Sul iniciou trocas comerciais com a Coreia do Norte³⁴⁹, denotando-se um crescimento destas trocas a partir dos anos 90. Exemplo disso é o *Inter-Korean Cooperation Fund Act*³⁵⁰ e o *Inter-Korean Exchange and Cooperation Act*³⁵¹, acordos datados de 1990, cujo objetivo era estabelecer as linhas de cooperação entre os dois países nas suas diversas facetas. A partir de 1999 denota-se um exponencial aumento das importações oriundas da Coreia do Norte, fator que pode estar relacionado com a Política do Sol, levada a cabo pelo presidente Kim Dae-jung e da qual fez parte a criação do complexo de Kaesong, que será abordado mais à frente.

Neste esforço diplomático, no setor económico, também se pode encontrar uma faceta nacionalista, uma vez que este tipo de iniciativas fomentam a cooperação entre as duas Coreias, diminuem a tensão na península e criam um fluxo comercial interno, benéfico para os dois países. Aliás, como já se verificou anteriormente, existe um certo ceticismo em relação à unificação, tendo em conta todos os custos associados, o que levou a um novo tipo de mentalidade – uma integração económica da península – que passa pela lógica de cooperação económica e de uma espécie de economia conjunta que promova a exaltação dos laços nacionais sem confrontos diretos entre os sistemas políticos. Não obstante, os vários conflitos entre os dois lados dificultam, por vezes, o desenvolvimento da diplomacia económica, o que se reflete na ausência de trocas comerciais desde 2005³⁵², ano em que a Coreia do Norte lançou o seu primeiro míssil. Ou seja, os nacionalismos de cariz étnico e histórico-cultural facilitam o papel da diplomacia económica na Coreia, contudo, o nacionalismo político e o panorama militar acabam por agir como uma força prejudicial para a mesma:

In the late 1980s, the R.O.K. government sought to shift inter-Korean relations of distrust and conflict to one of trust and cooperation, in line with great changes following the collapse of the Communist bloc and an end of the Cold War system. The government announced the 「Special Declaration for National Self-Esteem, Unification, and Prosperity」 on July 7, 1988. [...] These include the Measures to Open the Economy toward North Korea

³⁴⁹ Consultar: Anexo C.3.;

³⁵⁰ Centro de Tradução Jurídica Coreana. *Inter-Korean Cooperation Fund Act*;

³⁵¹ Centro de Tradução Jurídica Coreana. *Inter-Korean Exchange and Cooperation Act*;

³⁵² Consultar: Anexo C.3.;

(1988.10) to allow inter-Korean trade, the *Basic Guidelines on Inter-Korean Exchange and Cooperation* (1989.6.12), the 「*Inter-Korean Exchange and Cooperation Act*」 (1990.8) and the 「*Inter-Korean Cooperation Fund Act*」.³⁵³

4.2. A Presidência de Kim Young-sam (1993-1998)

Kim Young-sam foi o primeiro presidente da Coreia do Sul a ter um mandato em pleno contexto pós-Guerra Fria, com uma nova ordem global em marcha e uma geopolítica regional mais aberta, menos tensa e mais colaborativa, se comparada com a época pré-1991. Kim Young-sam, ao contrário do seu antecessor, focou a política externa sul-coreana na *seggyehwa* (세계화) – globalização -, que foi oficialmente lançada em 1994, no contexto de um encontro da APEC³⁵⁴. Ora, tendo em conta a abertura ao cenário regional que tinha sucedido o pós-Guerra Fria, faz sentido que a Coreia do Sul procurasse, após o estabelecimento de relações diplomáticas com os países do Nordeste Asiático, estender a sua influência diplomática a um contexto global, exponencializando assim os lucros oriundos da sua estratégia voltada para a exportação. Destaca-se a entrada da Coreia do Sul na OCDE, em 1995, um passo fundamental para catapultar o multilateralismo do país³⁵⁵.

Esta estratégia, para além dos claros benefícios económicos, permitiu legitimar ainda mais a Coreia do Sul enquanto sistema político, o que é particularmente importante atendendo à disputa por soberania na península coreana. Para além disso, esta legitimação funciona também para as potências regionais, como a China e os EUA. Uma Coreia do Sul mais global, mais multilateral e economicamente mais forte vai conseguir ter uma maior influência, garantir uma independência superior e será vista como um bom investimento por outros países. Ou seja, a diplomacia económica, neste caso na sua faceta global e multilateral, funciona como um mecanismo de sobrevivência para o nacionalismo sul-coreano, especialmente o nacionalismo político, já que é este que está particularmente ameaçado no contexto geopolítico da Ásia Oriental e que rege a

³⁵³ Ministério da Unificação da República da Coreia. *Inter-Korean Exchange and Cooperation*;

³⁵⁴ Milani, 2022, 351;

³⁵⁵ *Ibidem*;

diplomacia económica do país. A *seggyehwa* também permitiu escapar às típicas lógicas regionais da Coreia do Sul, sempre muito bloqueada pela China, EUA, Japão e Coreia do Norte. O aliviar das tensões geopolíticas permitiu ao país investir numa estratégia à escala internacional, abrindo a sua economia ao cenário global, algo inevitavelmente imprescindível para um país cuja estratégia económica assenta na produção industrial e na exportação³⁵⁶.

Segundo Lee You-il e Lee Kyung-tae, a Coreia do Sul tornou-se demasiado dependente dos EUA e do Japão, facto confirmado no capítulo 2³⁵⁷ - os principais parceiros económicos da Coreia do Sul, até meados dos anos 90, eram efetivamente os EUA e o Japão. Esta dependência era prejudicial para o país, cujas indústrias e exportação acabavam por ficar subordinadas a recursos e matérias-primas oriundas dos dois países:

*For example, Korean firms during the 1980s depended on Japanese corporations for between 40 percent and 60 percent of their machinery, 60 percent of their parts, and 50 percent of their licensed technology.*³⁵⁸

O governo procurou fazer uma mudança, através da introdução de outro tipo de tecnologias³⁵⁹. Aliás, como já referido, foi em meados de 1995 que as TIC começaram a ganhar destaque na estratégia económica sul-coreana. Ainda hoje esta indústria tem um peso fundamental no contexto tecnológico do país. Quando se observa evolução das importações e exportações entre a Coreia do Sul e os EUA, o Japão e a China³⁶⁰, pensa-se que faz sentido afirmar que esta última poderá ter sido uma outra solução de mercado, enquanto oportunidade de diversificação nas importações. O aumento de importações é constante de 1991 a 1997, existindo uma redução dos valores em 1998 e 1999 – também verificável no caso dos EUA e do Japão -, o que terá muito provavelmente sido fruto do impacto da Crise Financeira da Ásia, fortemente sentida na Coreia do Sul, precisamente pela política de globalização e pela exposição do país ao mercado internacional³⁶¹. A

³⁵⁶ «Firmly anchored in a conception of South Korea as a middle power, *Seggyehwa* sought to strengthen South Korea's diplomatic and economic links outside of their usual regions of focus (Snyder 2018: 78)—namely, the Korean Peninsula, Northeast Asia, and the ROK–US alliance. Kim wanted South Korea to become a more open economy, more influential in global affairs, and to look beyond Korean reunification as its only focus. [...] Its quest for international recognition as a symbol of autonomy and an influential actor in global affairs also led Seoul to prioritise Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) membership.» (Pardo, 2023, 534);

³⁵⁷ Consultar: Anexo A.11;

³⁵⁸ Lee, 2015b, 131;

³⁵⁹ *Ibidem*;

³⁶⁰ Consultar: Anexo C.4., Anexo C.5. e Anexo C.6.;

³⁶¹ Pardo, 2023, 535;

partir de 2000 as importações, assim como as exportações, cresceram exponencialmente até 2022.

Existe uma certa flutuação nos números de importações e exportações entre a Coreia do Sul e os EUA e o Japão, ao contrário do que acontece com a China que, regra geral, apresenta valores consistentemente ascendentes. Não obstante, o volume comercial com os dois países aumentou ao longo dos anos, apenas não o suficiente para ultrapassar o volume comercial com a China. Isto poder-se-á dever a diversos fatores, como: a instabilidade na relação com o Japão que pode, por vezes, contaminar algumas áreas económicas, como se verificará na presidência de Moon Jae-in; a influência económica da China na região, o que torna inevitável que esta se transforme na potência de principal troca comercial para praticamente todos os países da Ásia Oriental (o que revela a força económica e o peso geopolítico que o país adquiriu); a ascensão político-económica de outros países (particularmente a China), que colocam em causa a influência dos EUA e contribuem para a procura de diversificação de mercado por parte da Coreia do Sul, especialmente no contexto pós-Guerra Fria e pós-ditadura militar. Neste sentido, ao longo da presidência de Kim Young-sam pode-se observar a estratégia de globalização enquanto fenómeno de legitimação da Coreia do Sul e a abertura da sua economia enquanto necessidade de expandir a influência do país e contribuir para a sua estratégia indústrias – exportação. Tudo isto beneficia o nacionalismo, uma vez que, como referido anteriormente, permite a sobrevivência da Coreia do Sul num cenário geopolítico complexo.

4.3. A Presidência de Kim Dae-jung (1998-2003)

Durante a presidência de Kim Dae-Jung houve um reajuste no foco da diplomacia multilateral para a diplomacia bilateral, assim como um investimento nos ALC. Esta transição deve ser entendida no contexto da Crise Financeira Asiática, iniciada em 1997, e que impactou negativamente a Coreia do Sul. Foi precisamente a sua faceta multilateral que, ao conectá-la de forma mais profunda com o grande cenário internacional, contribuiu para um forte impacto da crise na sociedade sul-coreana. Assim, é natural que o presidente que teve de lidar diretamente com este cenário tenha adotado uma estratégia contrária àquela que contribuiu para o mau estar nacional dessa altura. Para além disso, os ALC

começaram a revelar-se uma ferramenta altamente eficiente, dentro da diplomacia económica, em detrimento das pouco eficazes iniciativas multilaterais³⁶², o que também ajudou nas decisões políticas da administração de Kim Dae-jung.

A possibilidade de livre expressão e um setor político mais plural – panorama inexistente durante a ditadura militar – criaram um colorido xadrez político na Coreia do Sul e abriram a porta a uma diversidade de políticas, da qual se destaca a Política do Sol (Sunshine Policy), estabelecida em 1998, e cujo objetivo era melhorar as tensões entre as duas Coreias e criar um clima de amizade³⁶³. Neste contexto, a medida que se destaca é a conceção do complexo industrial de Kaesong, situado na cidade de Kaesong, na Coreia do Norte. Tratando-se de um investimento privado encabeçado pela Hyundai, contou com a participação dos governos dos dois países e procurou promover a produção regional (peninsular) em detrimento da importação oriunda de outros países³⁶⁴, naquilo que se pode definir como uma medida no domínio do nacionalismo económico e de integração económica das duas Coreias. O objetivo deste projeto era criar uma situação de cooperação económica e comercial que favorecesse as Coreias – várias empresas sul-coreanas produziam os seus produtos na Coreia do Norte, ao passo que esta empregava norte-coreanos nas fábricas responsáveis pela produção, uma ajuda preciosa tendo em conta a crise de 1997 e a onda de fome (e de mortes a ela associada) que se instalou na Coreia do Norte por meados dos anos 90. Naturalmente, os problemas político-militares minaram o sucesso desta iniciativa e o complexo acabou por ser fechado em 2016, por ordem da administração da presidente Park Geun-hye. Aliás, o fluxo de importações oriundas da Coreia do Norte começou a aumentar precisamente a partir de 1999³⁶⁵, época desta iniciativa.

O presidente Kim Dae-jung também fez um esforço para criar um ambiente favorável à cooperação regional (que ele defendia vigorosamente), já que o regionalismo era outra das suas estratégias. Esta abordagem regional permitiria a criação de instituições mais estáveis, favorecendo não só um clima mais pacífico na Ásia Oriental, mas também uma solidez maior perante uma possível crise, já que a crise de 1997 deixou claro o perigo de uma economia aberta sem sistemas de cooperação e regulação³⁶⁶. A criação da ASEAN

³⁶² Lee, 2023, 570;

³⁶³ Milani, 2022, 350;

³⁶⁴ BBC News, 2016;

³⁶⁵ Consultar: Anexo C.3.;

³⁶⁶ Milani, 2022, 351-352;

+3 é um exemplo deste esforço, entre outras (destaca-se também a criação da Iniciativa Chiang Mai, com projetos multilaterais e bilaterais, e cujo objetivo era combater alguns dos efeitos da Crise Financeira Asiática e reforçar a economia regional³⁶⁷). Tal é comprovável na participação de Kim Dae-jung no encontro da ASEAN +3, em 2001, com um discurso que procurou incentivar a continuidade e o desenvolvimento da cooperação na Ásia Oriental³⁶⁸. Outra prova deste esforço, desta vez na área do desporto, é a realização conjunta do Campeonato Mundial de Futebol de 2002, pela Coreia do Sul e pelo Japão.

Um grande momento que deve ser considerado é o encontro de Pyongyang (Pyongyang Summit), a 15 de junho de 2000, resultado de um esforço diplomático iniciado com a Política do Sol e marcado pelo encontro entre o presidente sul-coreano Kim Dae-jung e o líder norte-coreano Kim Jong-il – o primeiro encontro entre líderes dos dois lados desde a divisão da Coreia. Da reunião resultaram várias ideias – a 15.^a Declaração Conjunta³⁶⁹: uma unificação de forma independente; a hipótese de uma confederação (ideia da Coreia do Sul) ou de uma federação (ideia da Coreia do Norte) na abordagem à unificação; solucionar os problemas humanitários (visitas entre famílias separadas e libertação de prisioneiros de guerra); o reforço da diplomacia económica/trocas comerciais; e manter um diálogo de alto nível para levar esta declaração a cabo³⁷⁰.

Este momento, para além de inédito, representou também uma nova faceta nas relações inter-coreanas. A pluralidade política e partidária na Coreia do Sul – reprimida na época da ditadura militar - permitiu a introdução de uma abordagem que remete para um nacionalismo mais étnico e cultural, com um alívio do forte nacionalismo político que marcou a península ao longo de todo o período da Guerra Fria. Para além disso, ao mesmo tempo que mantinha uma aliança estável com os EUA, a Coreia do Sul conseguiu assim equilibrar a sua presença regional e adquirir uma maior independência face às políticas estaduanenses³⁷¹, ao aproximar-se de países que não estavam no mesmo eixo político que os EUA, mas que, ainda assim, eram fundamentais para a diplomacia sul-coreana. Esta

³⁶⁷ Para mais informações sobre a Iniciativa Chiang Mai, consultar: Centro de Integração Regional da Ásia. *Chiang Mai Initiative [Multilateralisation]*;

³⁶⁸ Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2001;

³⁶⁹ Para verificar alguns aspetos positivos para as relações inter-Coreia resultantes desta reunião, consultar: Anexo C.7.;

³⁷⁰ KBS World Radio: Korean Peninsula A to Z. *Inter-Korean Summit*;

³⁷¹ Sohn, 2020, 247;

política foi apoiada pelos EUA e pelo Japão³⁷² (cujo primeiro-ministro – Koizumi Junichiro – visitou a Coreia do Norte, em 2002³⁷³). De notar ainda que a Coreia do Sul beneficia de relações pacíficas na Ásia Oriental, já que tal é necessário para que o país consiga focar-se no seu desenvolvimento económico e para que possa canalizar os seus recursos económicos nesse sentido. Apesar de tudo, esta aproximação e a Política do Sol não seriam duradouras, não só pela natureza das relações entre as duas Coreias, como pela mudança da presidência dos EUA para George W. Bush que, como já mencionado, considerou a Coreia do Norte como um dos “Axis of Evil”. Mais uma vez se verificava a influência política dos EUA sobre a Coreia do Sul o que, inevitavelmente, impacta a capacidade diplomática desta última³⁷⁴.

4.4. A Presidência de Roh Moo-hyun (2003-2008)

O presidente Roh Moo-hyun, embora menos popular que Kim Dae-jung, seguiu as pisadas do seu antecessor no que diz respeito ao posicionamento do país face à Coreia do Norte. A Política de Paz e Prosperidade (ou Iniciativa do Nordeste Asiático)³⁷⁵ – um novo nome para a continuação da Política do Sol – manteve a lógica de aproximação ao Norte, fortalecendo ainda as relações económicas entre os dois países³⁷⁶. Para o presidente Roh a Coreia do Sul deveria seguir dois caminhos: ser o equilíbrio regional do Nordeste

³⁷² O apoio dos EUA e do Japão a uma melhoria das relações entre as duas Coreias e a uma pacificação da região da Ásia Oriental pode ser verificada em: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2002a;

³⁷³ Na visita de Koizumi Junichiro à Coreia do Norte foram discutidos vários tópicos, inclusive as tensões históricas mantidas entre os dois países. De notar que a geopolítica da Ásia Oriental, à altura, estava algo abalada pela visita do primeiro-ministro japonês ao Santuário de Yasukuni, para além da discussão sobre os manuais escolares japoneses e a pouca transparência, aos olhos dos países lesados pelo imperialismo japonês, na forma como o colonialismo nipónico era transmitido aos alunos. Para mais informações sobre os objetivos e o resultado do encontro, consultar: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 2002b; Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2002b;

³⁷⁴ «In June 2000, Kim travelled to Pyongyang and met with North Korean leader Kim Jong-il; this was the first ever inter-Korean summit (Kim 2019: 630). From Seoul’s perspective, the summit was also a symbol of (South) Korean autonomy. Certainly, the United States supported the summit, as US President Bill Clinton pursued its own engagement policy under the Agreed Framework signed by Washington and Pyongyang in 1994. But the inter-Korean summit seemed to show that South Korea could press ahead with one of its key foreign policy goals regardless of US policy. The election of US President George W. Bush, however, put an end to this belief.» (Pardo, 2023, 535-536);

³⁷⁵ Para saber mais sobre os objetivos da Política de Paz e Prosperidade, consultar: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2003a;

³⁷⁶ Milani, 2022, 352;

Asiático e ser o *hub* económico do mesmo³⁷⁷, de forma a ser um *player* fundamental no xadrez geopolítico da Ásia Oriental:

*Here, the role of South Korea in the region was defined as (1) a “bridge building state” linking continental and maritime powers, (2) a “hub state,” emerging as a center of ideas and intraregional networks, and (3) as “promoting cooperation,” striving realistically for a peaceful regional community [...].*³⁷⁸

Para levar a cabo esta política, a administração de Roh Moo-hyun optou por uma abordagem mais multilateral, conciliatória e neutra. Naturalmente, numa região como a da Ásia Oriental não há espaço para abordagens neutras, que são encaradas com desconfiança: tentar agradar a todos é não agradar a nenhum. Foi isto que aconteceu com a Coreia do Sul que, com este tipo de política externa, causou uma inevitável tensão na sua relação com os EUA. Para além disso, na sua estratégia de *hub* do Nordeste Asiático, a Coreia do Sul também procurou uma relação de maior cooperação com a China, com o Japão e com a ASEAN³⁷⁹.

Como já verificado no destino da Política do Sol, mais uma vez foi possível comprovar o paradoxo político e diplomático em que a Coreia do Sul se insere e a dificuldade que tem em navegar na geopolítica da Ásia Oriental, não obstante tê-lo feito com sucesso ao longo destas décadas. Isto não quer dizer que o país esteja completamente subjugada às vontades dos EUA, mas antes que o seu total potencial, de um ponto de vista diplomático, acaba por nunca ser completamente explorado, já que encontra diversas restrições e barreiras político-militares, numa região que já de si é de difícil navegação diplomática. No caso da presidência de Roh Moo-hyun, isto significou voltar atrás nas ambições da política externa e alinhar-se mais firmemente com os EUA – por exemplo, em 2004, foi ordenado o envio de tropas sul-coreanas para a Guerra do Iraque³⁸⁰. Ora, o apoio sul-coreano às ações dos EUA no Iraque pode ter contribuído para o lançamento do primeiro míssil norte-coreano, em 2005. Foi também neste ano que deixaram de existir quaisquer importações oriundas da Coreia do Norte pela Coreia do Sul³⁸¹, resultado

³⁷⁷ *Ibidem*;

³⁷⁸ Sohn, 2020, 247;

³⁷⁹ Consultar: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2003a e Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2003b;

³⁸⁰ Milani, 2022, 352;

³⁸¹ Consultar: Anexo C.3.;

provável desta tensão – de lembrar que os norte-coreanos viram a Guerra do Iraque de uma forma bastante pejorativa, já que a própria Coreia do Norte poderia vir a sofrer o mesmo destino do Iraque, na lógica da política externa dos EUA. Daí também a sua resposta assente numa estratégia de dissuasão nuclear. Ou seja, a Coreia do Norte sentiu-se fragilizada pela Guerra do Iraque e pelo suporte dos sul-coreanos à mesma, ao passo que a Coreia do Sul sentiu-se fragilizada pela estratégia nuclear norte-coreana, fatores que acabaram por destruir a cooperação económica iniciada com a Política do Sol. Assim, é perceptível que o nacionalismo político da Ásia Oriental influencia de forma profunda o desenvolvimento da diplomacia económica sul-coreana e que o nacionalismo exclusionista das potências regionais – em muito fortalecido pela manutenção da lógica da Guerra Fria – não auxilia a preservação da identidade da Coreia do Sul e a estabilização da península coreana.

Para além destas medidas, a presidência orientou a política externa para um forte investimento em ALC, com um foco especial nas grandes economias, nomeadamente os EUA³⁸². Ademais, ainda na presidência de Roh Moo-hyun foram realizados ALC³⁸³ com a ASEAN, ao nível do comércio de bens e serviços, outra circunstância demonstrativa da importância que a região tem adquirido na diplomacia económica sul-coreana. Aliás, em 2003 foi criado o “Mapa dos ALC” (FTA Roadmap), cujo objetivo era que a Coreia do Sul conseguisse assinar o maior número de ALC possível com outros países, num enorme investimento ao nível da diplomacia bilateral³⁸⁴. Mais uma vez é verificável o esforço da Coreia do Sul em envolver-se na economia internacional. Tendo um modelo económico focado na exportação, a diplomacia económica assume um papel de destaque e o estabelecimento de acordos agilizadores das relações comerciais é essencial para que o país consiga, através do reconhecimento económico e industrial, reforçar a sua identidade e garantir uma sobrevivência mais independente face às potências regionais.

4.5. A Presidência de Lee Myung-bak (2008-2013)

Com o presidente Lee Myung-bak deu-se uma reviravolta na política sul-coreana com o retornar da atenção para o cenário global, à semelhança de Kim Young-sam, o que

³⁸² Pardo, 2023, 537;

³⁸³ Consultar: Anexo C.2.;

³⁸⁴ Pardo, 2023, 537;

se plasma na estratégia “Coreia Global” (Global Korea), através da qual o país agiu como um “poder do meio” (junggyunguk – 중견국), fora da lógica do equilíbrio regional, causador de tensões com os EUA. A Coreia Global procurou catapultar a Coreia do Sul para o centro da atenção internacional através dos seus dotes diplomáticos e competência económica e industrial. Esta presidência aproximou o país aos EUA, reforçando a aliança Coreia do Sul – EUA e assumindo uma linha mais dura com a Coreia do Norte, em detrimento das boas relações inter-Coreia, facto plasmado no abandono da Política do Sol³⁸⁵. Isto permitiu que a Coreia do Sul continuasse a desenvolver a sua estratégia internacional sem ferir as suscetibilidades da Casa Branca. O título de poder do meio conferia à Coreia do Sul a distinção de ser um país mediador entre as grandes potências e os países que eram considerados “menos desenvolvidos”³⁸⁶. Para além disso, a Coreia do Sul foi um dos poucos países que não sofreu com a crise mundial de 2008, pelo que poderá ter aproveitado essa janela de oportunidade, ocasionada pela fragilização da maioria das economias mundiais, para fortalecer a sua presença global e tirar partido da época de crise³⁸⁷, nomeadamente através da aproximação a mercados por explorar e em crescimento (especialmente na área das energias), como é o caso da África, do Médio Oriente, da Ásia do Sul e do Sudeste Asiático³⁸⁸.

Esta atuação internacional dos sul-coreanos possui um papel importante em termos de multilateralismo, cujo ponto alto foi a Cimeira do G20, organizada em Seoul, nos dias 11 e 12 de novembro de 2010. O slogan da Cimeira era “Share Growth Beyond Crisis” e foi particularmente importante, uma vez que se realizou no contexto da crise mundial de 2008. Acresce a isto que foi a primeira cimeira do G20 a ser organizada por um país asiático e por um país que não pertencia ao G7. Este foi um momento basilar para a exposição da Coreia do Sul no cenário internacional e para a sua subsequente projeção económica³⁸⁹. Acima de tudo, pensa-se que esta cimeira também serviu para reforçar o papel da Coreia do Sul na Ásia Oriental e para a legitimar enquanto uma potência económica importante, circunstância que promove um maior interesse e um maior

³⁸⁵ Milani, 2022, 353;

³⁸⁶ *Idem*, 354;

³⁸⁷ Pardo, 2023, 537;

³⁸⁸ Atente-se nas seguintes iniciativas: Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2011a; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2011b; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2012a e Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2012c;

³⁸⁹ Embaixada da República da Coreia em Portugal, 2011 e Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia. *The G20 Seoul Summit*;

respeito por parte de outras potências regionais. Isto, mais uma vez, fortalece o nacionalismo político sul-coreano, em particular, e o nacionalismo étnico e histórico-cultural, no geral:

*The G20 summit in Seoul can be considered as one of the highest symbolic points for South Korea in the transition to a 'first rated country' (one of the goals of the segyehwa policy) and also for the 'Global Korea' strategy.*³⁹⁰

A estratégia de Lee Myung-bak estava associada principalmente à faceta económica da política externa, desligando-se de aspetos outrora evidenciados, como é o caso da segurança regional. O comércio ganhou destaque e os ALC continuaram a estar no centro das políticas, através do “global FTA hub”, que promovia a realização de ALC com outros países. A aposta em ALC possuía também uma componente estratégica de vantagem na Ásia Oriental, já que a Coreia do Sul acreditava que os outros países, pelo contexto regional, não conseguiriam estabelecer no futuro próximo ALC entre si. Ora, tendo a Coreia do Sul celebrado ALC com eles, estaria numa posição de vantagem económica e teria uma maior liberdade comercial. Para além disso, a realização de acordos com uma determinada potência faria com que as outras procurassem estabelecer o mesmo tipo de acordo com a Coreia do Sul para não perderem vantagens regionais. Por exemplo, um acordo com os EUA - neste caso o Acordo de Livre Comércio Coreia - Estados Unidos da América (KORUS FTA) - faria com que a China, para não perder vantagens económicas face aos EUA, também procurasse uma aproximação à Coreia do Sul, o que colocaria esta última numa posição privilegiada³⁹¹. Embora tal estratégia pareça acarretar os seus riscos, já que as tensões entre a China e os EUA são elevadas - sobretudo no campo económico -, esta acaba por aumentar a importância regional da Coreia do Sul e, conseqüentemente, por criar uma rede de contactos diplomáticos que favorecem a sua independência e fortalecem o seu nacionalismo³⁹².

Foi com a ajuda dos EUA, e com explícito foco na aliança Coreia do Sul - EUA, que os sul-coreanos atingiram este estatuto de poder do meio³⁹³. Ao contrário de outras presidências anteriores que procuraram uma maior independência, Lee Myung-bak utilizou esta aliança como veículo de movimentação internacional. Isto também

³⁹⁰ Milani, 2022, 354;

³⁹¹ Sohn, 2020, 248;

³⁹² Lee, 2023, 572;

³⁹³ Sohn, 2020, 249;

demonstra que administrações diferentes utilizam estratégias diferentes – por vezes opostas – e que, dependendo da política de cada presidente, a aliança com os EUA pode ser percecionada como castradora de uma diplomacia mais independente ou como uma oportunidade de adquirir mais prestígio internacional.

Assim, e como referido no capítulo anterior, pode-se considerar que a Coreia do Sul, muito para além de uma vítima das circunstâncias geopolíticas, é um país que consegue utilizar a seu favor as barreiras que lhe são colocadas, facto que está plasmado no seu enorme crescimento económico desde os anos 60. O contexto regional, com os seus limites, tem sido usado para beneficiar o nacionalismo sul-coreano. À semelhança do que foi visto para a relação entre o reino da Coreia e a China imperial, os sul-coreanos parecem saber de que forma adaptar a sua identidade nacional às circunstâncias da Ásia Oriental, em particular, e da sociedade internacional, no geral, para tirar o máximo partido das oportunidades que vão surgindo. Contudo, ao contrário do esperado aquando do começo desta investigação, apesar da economia estar evidentemente subordinada aos interesses nacionais e servir para cumprir os objetivos nacionalistas e garantir a sobrevivência do país (veja-se a forte intervenção económica estatal), não se pode afirmar que a economia sul-coreana tenha uma base nacionalista que se aproxime de medidas protecionistas. Pelo contrário, os objetivos nacionais são atingidos através de um sistema regional de mercado aberto, no qual a cooperação económica é eficaz, frutuosa e um dos poucos pontos de livre comunicação entre a Coreia do Sul, a China e o Japão.

Aliás, foi durante a presidência de Lee Myung-bak, em 2011, que se deu início ao Secretariado de Cooperação Trilateral, uma organização estabelecida entre a China, a Coreia do Sul e o Japão, com o propósito de fomentar a cooperação em diversas áreas, especialmente a económica³⁹⁴. Há ainda o Encontro Trilateral (Trilateral Summit), um encontro anual entre os três países, que procura discutir projetos e ideias de cooperação. Em 2024 foi a primeira vez desde 2019 (devido à pandemia e a tensões regionais) que um presidente sul-coreano (Yoon Suk-yeol) e os primeiros-ministros do Japão (Kishida Fumio) e da China (Li Qiang) se reuniram, numa tentativa de melhorar as relações regionais, especialmente na cooperação económica e nos ALC³⁹⁵. Denota-se também uma

³⁹⁴ Segundo a própria organização os seus principais objetivos são: «Providing Support for Trilateral Consultative Mechanisms», «Exploring and Facilitating Cooperative Projects», «Promoting Understanding of Trilateral Cooperation», «Networking with Other International Organizations» e «Compiling Database and Conducting Research» (Secretariado de Cooperação Trilateral. *What is TCS*);

³⁹⁵ Bartlett, 2024;

quebra nas importações e exportações com a China, com os EUA e com o Japão para o ano 2009³⁹⁶. Embora, numa primeira instância, se tivesse considerado que tal poderia ser fruto das tensões regionais, pensa-se que pode haver dois motivos que explicam esta quebra, uma vez que é generalizada aos vários países da Ásia Oriental: por um lado, o impacto da crise global de 2008 pode ter levado a uma redução temporária das trocas comerciais, à semelhança do cenário de 1997; por outro lado, o surto de pneumonia de 2009 pode também ter contribuído para este cenário³⁹⁷.

Outra estratégia de Lee Myung-bak foi a iniciativa “Baixo Carbono, Crescimento Verde” (Low Carbon Green Growth), cujo objetivo era promover na Ásia Oriental um setor industrial amigo do ambiente e uma produção consciente – indústrias e tecnologia verdes. Aliás, a política ambiental foi uma ferramenta basilar da política externa de Lee Myung-bak, catapultando a Coreia do Sul para o topo mundial na produção verde³⁹⁸. Ao longo da presidência de Lee Myung-bak verificam-se uma série de atividades e ações neste sentido (por exemplo, participações em diversas cimeiras e a execução de fóruns relacionados com o clima ou com as energias verdes, a abertura do Centro Global de Investigação para a Energia Nova e Renovável ou a realização de uma Expo relacionada com a energia verde³⁹⁹). Apesar da Coreia do Sul manter um investimento forte nesta área, não se voltaria a ver nas subseqüentes presidências, nem por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros, nem por parte do Ministério do Comércio, Indústria e Energia, uma atividade tão vasta e frequente no que toca às energias verdes e alterações climáticas

³⁹⁶ Consultar: Anexos C.4., C.5. e C.6.;

³⁹⁷ Consultar, a título de exemplo: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2009;

³⁹⁸ Algumas das iniciativas propunham: reduzir a dependência face aos combustíveis fósseis e reduzir os gases de efeito de estufa; equilibrar a utilização de energia verde para ajudar a combater as alterações climáticas, ao mesmo tempo que se promovia o desenvolvimento da economia e se criava novos empregos e oportunidades; fazer o crescimento verde chegar a variadas indústrias (finanças, pesca, logística, turismo, transportes, construção, entre outros); fazer as alterações necessárias, em termos de infraestruturas, para se poder utilizar energia verde; procurar soluções que promovessem uma utilização inteligente e eficiente dos recursos do território; promover esta iniciativa no setor privado; promover o investimento e auxílio estatal em iniciativas verdes; e analisar as tendências internacionais nesta área, de forma a contribuir melhor para esta causa. (Centro de Tradução Jurídica Coreana. *FRAMEWORK ACT ON LOW CARBON, GREEN GROWTH*);

³⁹⁹ Para ver a referência às iniciativas supramencionadas e para mais informações sobre a política verde do presidente Lee Myung-bak, consultar: Departamento de Agricultura dos EUA, 2009; Embaixada da República da Coreia em Portugal, 2012; Fórum Económico do Nordeste Asiático (NEAEF), 2009; Instituto da Economia Energética da Coreia (KEEI), 2009; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2009a; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2009b; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2009c; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2009d; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2011c; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2012b;

ou uma atividade diplomática tão focada nesta área, que marca a presidência de Lee Myung-bak.

4.6. A Presidência de Park Geun-hye (2013-2017)

Enquanto filha do ditador sul-coreano Park Chung-hee, Park Geun-hye teve de provar que a sua política não refletia a do seu pai. Embora pertencesse ao mesmo partido de Lee Myung-bak, não seguiu as suas pisadas políticas, transformando novamente a política externa sul-coreana, como é frequente acontecer nas mudanças presidenciais do país, para além de, neste caso, ser necessário dada a baixa popularidade do anterior presidente⁴⁰⁰. Isto confirma a importância da opinião pública na escolha do rumo da diplomacia.

A presidente produziu três grandes iniciativas: a Trustpolitik, a Iniciativa de Paz e Cooperação do Nordeste Asiático (NAPCI) e a Iniciativa Eurasiana. A Trustpolitik tinha como principal objetivo assumir uma postura de reconciliação com a Coreia do Norte, embora continuasse a reiterar a importância da desnuclearização do país. A NAPCI⁴⁰¹ procurou estabelecer contacto entre os vários países regionais, de forma a aumentar a cooperação em diversas áreas, como a segurança. Já a Iniciativa Eurasiana⁴⁰² tinha como objetivo aproximar a Coreia do Sul à Rússia e à Europa⁴⁰³. Nenhuma destas estratégias pareceu surtir grande efeito, já que a Coreia do Norte continuava num empenhado desenvolvimento nuclear sem fim à vista, as tensões entre os dois países continuavam a aumentar e as outras duas iniciativas eram demasiado vagas para obter resultados concretos e realistas, para além de não terem despertado o interesse das outras potências – a China encontrava-se focada na iniciativa Nova Rota da Seda e os EUA na Parceria

⁴⁰⁰ Milani, 2022, 355;

⁴⁰¹ Um projeto que pode figurar no contexto da Iniciativa de Paz e Cooperação do Nordeste Asiático é o Plano de Desenvolvimento do Centro Petrolífero do Nordeste Asiático (Northeast Asian Oil Hub Development Plan), em discussão desde 2008. Para ler mais sobre este plano, consultar: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2014b;

⁴⁰² Dois exemplos de iniciativas levadas a cabo no enalço da Iniciativa Eurasiana são a promoção da cooperação económica com países do Leste Europeu e a promoção da cooperação económica entre empresas sul-coreanas e empresas europeias. Neste sentido, consultar: Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2014a e Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2015;

⁴⁰³ Milani, 2022, 355;

Trans-Pacífica⁴⁰⁴. Esta relação conturbada com a Coreia do Norte acabaria por levar ao encerramento do Complexo Industrial de Kaesong, em 2016, pelo governo sul-coreano, após o bloqueamento que a Coreia do Norte fez, em 2013, aos sul-coreanos que trabalhavam no complexo⁴⁰⁵. De relembrar que Kim Jong-un ascendeu ao poder em 2011, após a morte de Kim Jong-il, dando assim início a uma nova era de poder norte-coreano, já em plena utilização de tecnologia nuclear de dissuasão.

Outro problema que a presidente enfrentou foi conseguir equilibrar as relações com a China e com os EUA, especialmente após presidências que mantiveram abordagens diferentes com cada país e cujas mudanças políticas poderão ter causado alguma desconfiança ou tensão. Por exemplo, as políticas de Roh Moo-hyun (particularmente a Política da Paz e Prosperidade), como referido anteriormente, não eram vistas com bons olhos pelos EUA, especialmente por estes se encontrarem sob a presidência de George W. Bush, cuja política externa tinha uma visão particularmente pejorativa da Coreia do Norte. Apesar de tudo, aproximavam a Coreia do Sul à China. De seguida, Lee Myung-bak assumiu políticas reversas e procurou aproximar-se dos EUA em detrimento dos chineses. Ou seja, as mudanças na abordagem regional podem constituir uma ferramenta boa na diversificação das ambições nacionalistas da Coreia do Sul, dando-lhe um maior espaço de manobra. Todavia, acabam por também criar uma tensão acrescida, nomeadamente nos EUA e na China, que podem ter um maior ou menor grau de desconfiança em relação à postura assumida pela Coreia do Sul. A presidência de Park Geun-hye é algo dual, uma vez que procurou alinhar o país com os EUA, embora também tenha procurado aproximar-se da China, o que é demonstrado pela sua visita a Beijing, em 2015⁴⁰⁶, numa tentativa de quebrar a aliança entre a Coreia do Norte e a China. Este também foi o ano em que os dois países oficializaram um ALC e procuraram fortalecer as suas relações económicas⁴⁰⁷.

Mais uma prova dos limites do nacionalismo político sul-coreano é a tensão que surgiu em 2016 e que teve impacto na Coreia do Sul. Para já, foi nesse ano que a Coreia do Norte fez uma série de testes de mísseis – uma das principais causas para o encerramento do Complexo de Kaesong⁴⁰⁸ -, enquanto medida retaliatória à Coreia do

⁴⁰⁴ *Ibidem*;

⁴⁰⁵ Meoli, 2014;

⁴⁰⁶ KOREA.net, 2015;

⁴⁰⁷ Consultar: Anexo C.2.;

⁴⁰⁸ Pardo, 2023, 540;

Sul⁴⁰⁹. Para além disso, esta última aceitou instalar, em 2016, no território sul-coreano, um sistema estaduanense Terminal de Defesa de Área de Alta Altitude (THAAD)⁴¹⁰. O objetivo era proteger o país de possíveis ataques norte-coreanos, mas a China viu-o como um ataque direto:

It [THAAD] will reach deep into the hinterland of Asia, which will ... directly damage Chinese strategic security interests.” Several Chinese missile defense experts argue that the radar could detect most Chinese missile tests in northeast China and strategic intercontinental ballistic missiles in the western part of the country targeted at the United States. According to Li Bin, a professor at China’s Tsinghua University, the X-band radar allows the United States to detect the radar signature from the back of the warhead and could discern between a real Chinese warhead and a decoy, which would “[undermine] China’s nuclear deterrent capability.”⁴¹¹

Embora os EUA considerassem os receios chineses exagerados, a Coreia do Sul acabou por desistir deste sistema para evitar tensões com a China, que impôs sanções económicas aos sul-coreanos⁴¹², tendo os dois países optado por manter um diálogo no que diz respeito ao tema⁴¹³. Ora, este acontecimento atesta a subordinação da diplomacia económica sul-coreana ao nacionalismo regional. A Coreia do Sul não se pode dar ao luxo de colocar em causa as boas relações diplomáticas que mantém com a China, especialmente a nível económico, mesmo que isso tenha repercussões na sua segurança ou na estabilidade do país. O tipo de tensões frequentes entre a Coreia do Sul e o Japão parecem ser impossíveis de replicar com a China ou com os EUA, tendo em conta a influência política e económica que ambos têm sobre os sul-coreanos, o que em nada contribui para a manutenção do nacionalismo ou para o desenvolvimento da diplomacia, pelo menos de forma livre e independente.

Com o Japão a presidente celebrou um acordo sobre as “mulheres de conforto”, a 28 de dezembro de 2015, que almejava estabelecer um ponto final neste problemático tópico para as relações diplomáticas entre os dois países⁴¹⁴. Embora o acordo tenha sido

⁴⁰⁹ The Korea Times, 2016;

⁴¹⁰ Milani, 2022, 355;

⁴¹¹ Comissão de Revisão Económica e de Segurança EUA-China, 2017, 5;

⁴¹² Pardo, 2023, 540;

⁴¹³ Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2016b;

⁴¹⁴ Consultar: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2016a;

um marco importante na relação entre ambos, acabou por não surtir o efeito desejado. Outro ponto alto da política externa económica foi o Mexico, Indonesia, Korea, Turkey, Australia (MIKTA), cujo foco era que os cinco países beneficiassem com o mercado livre e reforçassem a cooperação económica entre si, o que acabou por não resultar, tendo em conta os objetivos económicos distintos e as especificidades diferentes no contexto regional de cada país participante⁴¹⁵. Segundo o site do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Turquia, o MIKTA tinha sete prioridades: promover o acesso à energia; o contraterrorismo e a segurança; a manutenção da paz; o comércio e a economia; a igualdade de género; a boa governança, os direitos humanos e a democracia; e o desenvolvimento sustentável.⁴¹⁶

Curiosamente, em 2016 nota-se uma descida nas importações e exportações entre a Coreia do Sul e os EUA, o Japão e a China⁴¹⁷. Pensa-se que estas descidas podem estar relacionadas com as tensões regionais supramencionadas – que atestam o impacto do nacionalismo na diplomacia económica sul-coreana e no seu desempenho comercial -, assim como com o *impeachment* da presidente Park Geun-hye, em 2016, por um escândalo de corrupção, o que poderá ter abalado, momentaneamente, as relações comerciais do país, até porque para o ano seguinte – 2017 – os números anteriores são recuperados e ultrapassados.

4.7. A Presidência de Moon Jae-in (2017-2022)

O presidente Moon Jae-in, aquando da tomada de posse, deparou-se com dois pontos preocupantes na aliança EUA – Coreia do Sul: por um lado, a exigência dos EUA para que a Coreia do Sul pagasse mais para a manutenção da defesa; e, por outro lado, a vontade dos EUA em fazer alterações nas relações económicas e diplomáticas entre os dois países⁴¹⁸, o que foi materializado nas modificações ao KORUS FTA⁴¹⁹.

⁴¹⁵ Pardo, 2023, 538-539;

⁴¹⁶ Ministério dos Negócios Estrangeiros da Turquia. *MIKTA (Mexico, Indonesia, Korea, Türkiye and Australia)*;

⁴¹⁷ Consultar: Anexos C.4., C.5. e C.6.;

⁴¹⁸ Patterson, 2019c, 123-124;

⁴¹⁹ Para ver a versão final do KORUS FTA, consultar: Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos. *Final Text (as of January 1, 2019)*;

Outro impacto foi a deterioração das relações entre a China e a Coreia do Sul, após os eventos de 2016, ainda que os dois países tenham procurado dialogar sobre estas mesmas tensões. A nova administração dos EUA poderá ter dificultado ainda mais a diplomacia económica sul-coreana, uma vez que as tensões entre a China e os EUA, por serem os dois grandes polos da região, afetam inevitavelmente a Coreia do Sul e a sua capacidade de movimentação na Ásia Oriental. Contudo, o presidente Moon Jae-in destacou-se pela sua capacidade em criar uma ponte entre a China e os EUA e entre estes últimos e a Coreia do Norte, facto excecional atendendo às problemáticas condições regionais da altura. O presidente criou a iniciativa Comunidade Responsável Plus do Nordeste Asiático (Responsible Northeast Asian Plus Community) – uma adaptação da NAPCI de Park Geun-hye⁴²⁰ -, da qual se destacam duas políticas: a Nova Política do Sudeste (New Southern Policy), cujo propósito era possibilitar uma aproximação à ASEAN, particularmente na área da cooperação económica; e a Nova Política do Nordeste (New Northern Policy), cujo foco era fomentar a cooperação económica entre os países do Nordeste e da Eurásia⁴²¹ e garantir a integração da Coreia do Norte neste projetos, visando uma redução das tensões regionais e um incentivo à redução da dissuasão nuclear norte-coreana⁴²². Este esforço de cooperação diplomática com a Coreia do Norte por parte do presidente Moon Jae-in plasma-se nos avanços diplomáticos conducentes ao encontro de 2018, já mencionado no capítulo 3, entre os dois líderes, um momento histórico para as relações dos dois países, embora sem resultados de longo prazo⁴²³. Acredita-se que este ambiente de cooperação, diligenciado por Moon Jae-in, contribuiu para a diplomacia económica da Coreia do Sul, mesmo em tempos de elevadas tensões e disputas de interesses nacionais.

Denota-se ainda⁴²⁴ uma redução algo significativa das importações e exportações entre a Coreia do Sul e o Japão, para os anos de 2019 e 2020. Esta situação terá sido fruto das sanções económicas que o Japão impôs à Coreia do Sul, no decurso da condenação do país às empresas japonesas que utilizaram mão-de-obra sul-coreana forçada durante o colonialismo japonês⁴²⁵. O resultado desta condenação foi a remoção da Coreia do Sul da “Lista Branca” comercial do Japão, o que provocou entraves às trocas comerciais entre

⁴²⁰ Pardo, 2023, 540;

⁴²¹ *Ibidem*;

⁴²² Sohn, 2020, 253;

⁴²³ Para ver imagens do encontro, consultar: Washington Post, 2018;

⁴²⁴ Consultar: Anexo C.5.;

⁴²⁵ Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2019e;

os dois países e adensou as tensões já existentes⁴²⁶. Esta é mais uma prova de como o nacionalismo regional e os conflitos históricos podem ditar o desenvolvimento da diplomacia económica da Coreia do Sul, restringindo-a. Por outro lado, mais uma vez se denota a importância da diplomacia económica para garantir a sobrevivência da identidade nacional sul-coreana – particularmente no contexto da Ásia Oriental – ao mesmo tempo que são os próprios nacionalismos regionais que incentivam à utilização da diplomacia económica como ferramenta diplomática de acrescida importância na política externa sul-coreana, até por esta ser uma área com relativa facilidade de cooperação e por a região ter uma economia aberta a tais iniciativas⁴²⁷. Para além destas políticas, Moon Jae-in reabilitou a “diplomacia equilibrada”, ao tentar que a Coreia do Sul servisse de ponte de diálogo regional, como já mencionado. Um dos focos também foi o Parceria Económica Regional Abrangente (RCEP)⁴²⁸, cujo ALC entrou em vigor em 2022⁴²⁹. Esta procura em diversificar as parcerias económicas da Coreia do Sul, estratégia típica da Casa Azul, atesta, mais uma vez, a vontade do país, ainda que restringido pelos paradigmas regionais, em tornar-se independente e em conseguir navegar numa época particularmente tensa, do ponto de vista das afinidades entre os países da região⁴³⁰.

Em conclusão, verifica-se que, ao longo das várias presidências, foram adotadas diferentes estratégias no contexto regional e global – umas presidências optaram por uma abordagem mais regional, outras por uma abordagem mais global; umas presidências alinharam-se mais com a Coreia do Norte e/ou com a China, caso da presidência de Kim Dae-jung, outras com o Japão e/ou com os EUA, caso de Lee Myung-bak. Contudo, a diplomacia económica serviu sempre de ferramenta basilar para a movimentação geopolítica da Coreia do Sul na Ásia Oriental, ao mesmo tempo que o próprio nacionalismo regional condiciona o desenvolvimento pleno da diplomacia económica

⁴²⁶ Consultar também: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2019a; Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2019b; Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2019c e Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2019d;

⁴²⁷ «This strategy is most clearly reflected in the idea of the three Ps (Peace, Prosperity, and People), a cornerstone of the New Southern Strategy. These two policies appear to embody President Moon’s foreign policy philosophy whereby sharing interests in the market would ease security sensitivity in the region. These policies not only signal efforts to broaden the regional scope of the Korean economy, but also symbolize Koreans’ desire to free themselves of their century-old geopolitical constraints.» (Kim, 2020, 137);

⁴²⁸ Departamento dos Negócios Estrangeiros e Comércio da Austrália. *Regional Comprehensive Economic Partnership Agreement (RCEP)* e Pardo, 2023, 540;

⁴²⁹ Consultar: Anexo C.2.;

⁴³⁰ Lee, 2023, 573.

sul-coreana, que fica subjugada às tensões histórico-políticas e político-económicas entre os países da região.

Conclusão

Ao longo da presente dissertação procurou-se responder à pergunta central desta investigação: *de que forma os nacionalismos na Ásia Oriental influenciaram o desenvolvimento da diplomacia económica da Coreia do Sul?*

Primeiramente, no capítulo 1 analisou-se os conceitos de nação/nacionalismo e de diplomacia/diplomacia económica, com o objetivo de perceber melhor a temática sob estudo. Compreendeu-se que, para a realidade coreana, faz sentido falar de um nacionalismo exclusionista, uma vez que esta se trata de uma nação altamente homogénea, não só a nível genético, como social. Procurou-se distinguir nação de Estado-nação, já que a primeira é a condição mais pura dessa comunidade, no seu contexto irracional, não-politizado e emocional, ao passo que o Estado-nação resulta da apropriação política da nação pelo Estado, como forma de legitimação e fortalecimento deste último junto da sociedade civil. O paradigma que se considerou mais lógico no caso da Coreia é o etno-simbólico, uma vez que é fundamental perceber o simbolismo emocional e irracional para caracterizar a nação coreana – o nacionalismo étnico e o nacionalismo histórico-cultural estão imbuídos desta vertente pura da nação, unindo a Coreia numa só cultura e numa só história. No que toca à diplomacia económica, considerou-se, nesta dissertação, que esta é uma ferramenta pacífica da política externa, distanciando-se de qualquer mecanismo que, em vez de convencer, possa coagir outrem. Neste sentido, a diplomacia não é somente uma ferramenta da política externa, mas pode também ser utilizada por agentes não-estatais, caso da sociedade civil (chaebols, empresários, população, entre outros). Diferenciou-se ainda diplomacia económica – de cariz político-económico e jurídico – de diplomacia comercial – de cariz económico, visando puramente o lucro.

Através do capítulo 2, pôde-se perceber o papel do clima e do território nas escolhas industriais e económicas da Coreia do Sul. Verificou-se que a Coreia é marcada por um clima de extremos (muito frio no inverno e muito calor no verão) e por um território montanhoso acidentado que torna o solo pouco fértil em matérias-primas ou para a agricultura. Acresce a isto que a maioria dos recursos naturais estão alocados na região da atual Coreia do Norte. Ora, assim pôde-se entender a necessidade que a Coreia do Sul teve em desenvolver a sua economia e as suas indústrias e a procura, desde os anos 60, pela constante inovação no setor industrial, o que culmina na atual vontade de dominar o setor tecnológico a nível global, através da aposta numa série de áreas industriais e

tecnológicas inovadoras e promissoras. Atualmente, os maiores parceiros económicos da Coreia do Sul são a China e os EUA, o que coloca o país numa posição regional mais frágil, uma vez que estes são também os dois polos opostos de tensão na Ásia Oriental, gerando um paradigma relacional para a Coreia do Sul.

No capítulo 3 analisou-se o nacionalismo sul-coreano, desde aquilo que se pensa ser as suas origens, numa busca por compreender de que forma a região da Ásia Oriental moldou a identidade nacional (sul-)coreana. Neste capítulo percebeu-se que o nacionalismo coreano ascende a épocas tão antigas quanto a dinastia Goryeo, iniciada no século X, especialmente na época das invasões mongóis, por volta do século XIII. Embora tenha assimilado muitas influências externas, caso das chinesas, concluiu-se que a Coreia sempre se soube diferenciar dos restantes territórios políticos circundantes, ao desenvolver desde muito cedo um sentido de identidade nacional forte. Isto também se deve ao seu estatuto de “camarão entre baleias”, isto é, ao facto de desde sempre ter sido rodeada por impérios que cobiçavam o seu território – caso do Império Chinês, do Império Japonês e do Império Mongol. No que toca ao desenvolvimento do nacionalismo distinguiu-se três tipos de nacionalismo (pelo menos): o político, utilizado pelos dois sistemas políticos vigentes para fins de propaganda e manutenção da coesão sociopolítica; e o nacionalismo étnico e o nacionalismo histórico-cultural, que remetem ao sentido mais puro e antigo da nação coreana, através da união pela etnia, pela cultura e pela história partilhadas ao longo dos séculos. Ou seja, o primeiro pertence ao domínio do Estado e é aquele que se pensa ser o impulsionador da diplomacia económica, ao passo que os outros dois pertencem ao domínio da nação (segundo definida nesta dissertação), e acabam por, indiretamente, impulsionar também a diplomacia económica. Neste sentido, pode-se ver o caso coreano, pelo menos, de duas maneiras: duas nações e dois sistemas políticos ou uma nação e dois sistemas políticos. Atendendo à caracterização étnica e histórico-cultural da península coreana, optou-se pelo segundo paradigma, por se considerar que o grande impulsionador da divisão nacional é o bloqueio político e artificial que existe entre os dois lados do paralelo 38. Além disso, viu-se ainda que o colonialismo japonês serviu como um impulsionador para a revitalização do nacionalismo (étnico e histórico-cultural) coreano, na sua versão moderna e contemporânea, mas que, ironicamente, também contribuiu para o adensar da divisão ideológica capitalismo vs. comunismo entre os coreanos, o que mais tarde de plasmou na divisão política da península, acontecimento que exponencializou o nacionalismo político coreano.

Por fim, no capítulo 4, procurou-se analisar a diplomacia económica sul-coreana, desde 1991 até 2022, tendo sempre em mente a questão central desta investigação. Concluiu-se que a Coreia do Sul se encontra num paradigma regional: o seu maior parceiro económico é a China, o seu maior parceiro político-militar é os EUA e estes países criam dois polos de tensão regional, que prejudica a liberdade de movimento da diplomacia económica sul-coreana. Para mais, as tensões históricas com o Japão e as tensões nucleares com a Coreia do Norte, criam uma geopolítica instável e pouco favorável ao desenvolvimento económico da Coreia do Sul. Ainda assim, esta última, através de uma aposta dinâmica e diversificada tanto a nível bilateral (destaca-se aqui os ALC e a importância que atualmente é dada aos países da ASEAN), quanto multilateral (a constante e ativa participação dos sul-coreanos em instituições e organizações como a ONU, a OCDE, a APEC, a ASEM ou a ASEAN+3), tem conseguido ganhar um papel de destaque no cenário económico mundial. Desde o fim da ditadura militar, cada presidente da Coreia do Sul procurou redirecionar a estratégia diplomática do país, quer seja através de uma aposta na globalização, quer seja na regionalização e no papel dos sul-coreanos na Ásia Oriental. Esta mudança plasma-se nas diversas iniciativas levadas a cabo ao longo dos anos (Política do Sol, MIKTA, NAPCI ou a Comunidade Responsável Plus do Nordeste Asiático, entre outros). Ao mesmo tempo que a mudança de direção da estratégia diplomática pode resultar da tentativa de inovação dos presidentes sul-coreanos, acredita-se também que o carácter excepcional de mandato presidencial único acaba por contribuir para a instabilidade da política externa, ao confundir os outros países em relação ao alinhamento sul-coreano, o que posteriormente se plasma na perceção destes em relação à Coreia do Sul (por exemplo, o Japão tende a ver os sul-coreanos como aliados da China, ao passo que esta última tende a ver o país como aliado dos EUA). Não obstante, apesar de todas as adversidades, a Coreia do Sul tem conseguido desenvolver uma diplomacia económica bem estruturada, que dá frutos económicos e financeiros ao país.

Ora, respondendo à questão inicial, pode-se afirmar que os nacionalismos na Ásia Oriental influenciaram profundamente o desenvolvimento da diplomacia económica sul-coreana. Afirma-se até que a diplomacia económica foi mesmo a resposta da Coreia do Sul às tensões regionais – ao domínio da China Imperial; aos ataques de invasores (Japão, Mongóis, Khitan, entre outros), ao domínio político-militar dos EUA, ao domínio económico da China, ao colonialismo japonês, à divisão da Coreia, à Coreia do norte nuclear, à tensão entre os EUA e a China (que muitas vezes deixa a Coreia do Sul “entre

a espada e a parede”), entre outros. É uma resposta moderna a um nacionalismo (étnico, histórico-cultural e, no contexto da diplomacia económica, principalmente político) antigo – um mecanismo eficiente de sobrevivência deste “camarão entre baleias”, o “armamento dissuasor” da Coreia do Sul. Isto é, a diplomacia económica, aliada à estratégia industrial e de exportação, permite à Coreia do Sul legitimar-se perante a Coreia do Norte, ganhar alguma autonomia face aos EUA e à China, tornar-se um *player* imprescindível, não só a nível regional como global, mas também movimentar-se mais facilmente no cenário geopolítico da Ásia Oriental, uma vez que a cooperação económica, assente no mercado livre, é a única área onde o diálogo flui com mais naturalidade e na qual há uma predisposição maior para entendimentos, em detrimento de áreas como a militar ou política, que constituem facetas sensíveis das relações regionais. Aliada à diplomacia cultural, a diplomacia económica permite à Coreia do Sul ter um destaque internacional sem precedentes no país.

Contudo, não se pode afirmar que somente as tensões regionais oriundas das identidades nacionais da Ásia Oriental influenciam a diplomacia económica. Esta relação vai mais além. A própria diplomacia influencia o nacionalismo regional, de forma cíclica. Isto porque a Coreia do Sul acabou por alcançar um excecional desenvolvimento económico que, não só permitiu uma maior influência no cenário internacional, como obrigou os restantes países da Ásia Oriental a encarar os sul-coreanos como uma potência económica importante e uma aliada valiosa. Embora a Coreia do Sul continue numa posição fragilizada, o seu desenvolvimento económico bilateral e multilateral, a sua economia voltada para a tecnologia e para o desenvolvimento industrial, a sua incessante buscas por realizar ALC e por participar nas mais variadas atividades, instituições e organizações internacionais (APEC, ASEM, ASEAN+3, ONU, entre outras), colocam-na numa posição de vantagem inegável, especialmente se se considerar o estado da Coreia do Sul nos anos 60 e o percurso que realizou desde então – de um país paupérrimo a uma das maiores economias do mundo.

Neste cenário não se pode deixar de atribuir ao neo-confucionismo – ainda muito presente na mentalidade coreana – um papel imprescindível, uma vez que os seus ideais de coletividade, sacrifício do individual, hierarquia e valorização da família, foram indispensáveis para a manutenção da diplomacia económica e do nacionalismo, que nele se apoiaram para levar avante os, por vezes bastante duros, objetivos económicos do Estado sul-coreano. Aqui, pode-se afirmar que a resiliência e força de vontade, o sacrifício

e verdadeiro espírito de “nação” dos sul-coreanos foi fundamental para fazer com que o país conseguisse chegar ao nível de desenvolvimento que detém atualmente e para que consiga movimentar-se de forma inteligente num panorama regional que em nada lhe é favorável. Esse é o verdadeiro milagre do rio Han.

Bibliografia

Fontes primárias

Administração Meteorológica da Coreia. *Climate of Korea*. https://www.kma.go.kr/eng/biz/climate_01.jsp (data do último acesso: 12/02/2025);

Agência de Cooperação Internacional da Coreia (KOICA). *Who We Are*. https://koica.go.kr/koica_en/3386/subview.do (data do último acesso: 12/02/2025);

Casa Presidencial da República da Coreia (2018, abril 27). *한반도의 평화와 번영, 통일을 위한 판문점 선언*. <http://webarchives.pa.go.kr/19th/www.president.go.kr/articles/3145> (data do último acesso: 12/02/2025);

Centro Cultural Coreano Nova Iorque. *Korea Information – Government: CONSTITUTION*. <https://www.koreanculture.org/korea-information-government> (data do último acesso: 12/02/2025);

Centro de Integração Regional da Ásia. *Chiang Mai Initiative [Multilateralisation]*. <https://aric.adb.org/initiative/chiang-mai-initiative> (data do último acesso: 12/02/2025);

Centro de Tradução Jurídica Coreana. *FRAMEWORK ACT ON LOW CARBON, GREEN GROWTH*. https://elaw.klri.re.kr/eng_mobile/viewer.do?hseq=49999&type=part&key=39 (data do último acesso: 12/02/2025);

Centro de Tradução Jurídica Coreana. *Inter-Korean Cooperation Fund Act*. https://elaw.klri.re.kr/eng_mobile/viewer.do?hseq=18314&type=part&key=1 (data do último acesso: 12/02/2025);

Centro de Tradução Jurídica Coreana. *Inter-Korean Exchange and Cooperation Act*. https://elaw.klri.re.kr/eng_mobile/viewer.do?hseq=22377&type=part&key=1 (data do último acesso: 12/02/2025);

Centro de Tradução Jurídica Coreana (2016). *National Security Act*. https://elaw.klri.re.kr/eng_mobile/viewer.do?hseq=39798&type=part&key=9 (data do último acesso: 12/02/2025);

Coleção de Mapas da Biblioteca Perry-Castañeda (2001). *Korean Peninsula Government of The Republic of Korea. Ministry of Foreign Affairs and Trade*. <https://maps.lib.utexas.edu/maps/korea.html> (data do último acesso: 12/02/2025);

Comissão de Revisão Económica e de Segurança EUA-China (2017, julho 26). *China's Response to U.S.-South Korean Missile Defense System Deployment and its Implications*. <https://www.uscc.gov/research/chinas-response-us-south-korean-missile-defense-system-deployment-and-its-implications> (data do último acesso: 12/02/2025);

Comissão Eleitoral Nacional da República da Coreia (2011, março 21). *Presidential election results of Korea since 1987*. <https://nec.go.kr/site/eng/ex/bbs/View.do?cbIdx=1274&bcIdx=18900> (data do último acesso: 12/02/2025);

Comité Diretivo para a Comemoração do Movimento de Independência do Primeiro de Março e do 100.º Aniversário do Governo Provisório (2019). *Everlasting Spirit of Non-Violence and Peace Movement*. <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/201902/sub05.html> (data do último acesso: 12/02/2025);

Comité Nacional da Coreia do Norte (NCNK). *Socialist Constitution of The Democratic People's Republic of Korea*. https://www.ncnk.org/resources/publications/dprk-constitution-2019.pdf/file_view (data do último acesso: 12/02/2025);

Departamento de Agricultura dos EUA (2009). *C40 Large cities climate summit 2009 -- from Seoul to Copenhagen*. <https://research.fs.usda.gov/treearch/34270> (data do último acesso: 12/02/2025);

Departamento dos Negócios Estrangeiros e Comércio da Austrália. *Regional Comprehensive Economic Partnership Agreement (RCEP)*. <https://www.dfat.gov.au/trade/agreements/in-force/rcep> (data do último acesso: 12/02/2025);

Embaixada da República da Coreia em Portugal. *Korea's Trade Policy*. https://overseas.mofa.go.kr/pt-pt/wpge/m_9405/contents.do (data do último acesso: 12/02/2025);

Embaixada da República da Coreia em Portugal (2011, novembro 17). *G20 Seoul Summit*. https://overseas.mofa.go.kr/pt-pt/brd/m_9403/view.do?seq=753349&srchFr=&srchTo=&srchWord=&srchTp=&multi_itm_seq=0&itm_seq_1=0&itm_seq_2=0&company_cd=&company_nm=&page=5 (data do último acesso: 12/02/2025);

Embaixada da República da Coreia em Portugal (2012, março 8). *EXPO 2012 Yeosu Korea*. https://overseas.mofa.go.kr/pt-pt/brd/m_9403/view.do?seq=753346&srchFr=&srchTo=&srchWord=&srchTp=&multi_itm_seq=0&itm_seq_1=0&itm_seq_2=0&company_cd=&company_nm= (data do último acesso: 12/02/2025);

Enciclopédia da Cultura Coreana. *안석영 (安夕影)*. <https://encykorea.aks.ac.kr/Article/E0034795> (data do último acesso: 12/02/2025);

Enciclopédia da Cultura Coreana. *우리의 소원 (우리의 所願)*. <https://encykorea.aks.ac.kr/Article/E0039874> (data do último acesso: 12/02/2025);

Encontro Inter-Coreia (2018). *Declaração de Panmunjeom para a Paz, Prosperidade e Unificação da Península Coreana* [documento consultado na língua original: “한반도의

평화와 번영, 통일을 위한 판문점선언”]. <http://webarchives.pa.go.kr/19th/www.koreasummit.kr/Summit2018/Performance> (data do último acesso: 12/02/2025);

Fórum Económico do Nordeste Asiático (NEAEF) (2009, dezembro 31). *Final Report on Northeast Asia Green-Growth in 2009*. <https://www.neaef.org/neaef-reports-korea-energy-economics-institute-2009> (data do último acesso: 12/02/2025);

Fundo Monetário Internacional. *Real GDP growth: Annual percent change*. https://www.imf.org/external/datamapper/NGDP_RPCH@WEO/OEMDC/ADVEC/WEOWORLD/KOR (data do último acesso: 12/02/2025);

Gabinete do Historiador (1945, dezembro 20). [240] [Enclosure 1] Memorandum by the Soviet Delegation at the Moscow Conference of Foreign Ministers. In *Foreign Relations of the United States: Diplomatic Papers, 1945, General: Political and Economic Matters, Volume II, Moscow Conference of Foreign Ministers, December 16-26, 1945*. <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1945v02/d240> (data do último acesso: 12/02/2025);

Gabinete do Historiador (1946, outubro 31). [558] Memorandum of Conversation, by the Deputy Director of the Office of Far Eastern Affairs (Penfield). *Foreign Relations of the United States, 1946, The Far East, Volume VIII*. <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1946v08/d558> (data do último acesso: 12/02/2025);

Gabinete do Representante Comercial dos Estados Unidos. *Final Text (as of January 1, 2019)*. <https://ustr.gov/trade-agreements/free-trade-agreements/korus-fta/final-text> (data do último acesso: 12/02/2025);

Instituto da Economia Energética da Coreia (KEEI) (2009, dezembro 31). *Energy Info. Korea 2009*. https://www.keei.re.kr/board.es?mid=a20103000000&bid=0033&act=view&list_no=119533&nPage=171 (data do último acesso: 12/02/2025);

Instituto de Investigação de Legislação Coreana. *Constitution of the Republic of Korea*. https://elaw.klri.re.kr/eng_service/lawView.do?lang=ENG&hseq=1 (data do último acesso: 12/02/2025);

Instituto Nacional da História da Coreia(a). *Dangun Wanggeom Vai para Asadal* [documento consultado na língua original: “단군왕검이 아사달에 도읍하다”]. In Iryeon, *Samguk Yusa* [삼국유사], Cap. 1. https://db.history.go.kr/ancient/level.do?levelId=sy_001r_0020_0020_0010 (data do último acesso: 12/02/2025);

Instituto Nacional da História da Coreia(b). *Taejo-ui Hunyosipjo* [documento consultado na língua original: “태조의 훈요십조”]. http://contents.history.go.kr/mobile/hm/view.do?levelId=hm_045_0030 (data do último acesso: 12/02/2025);

Instituto Nacional da Língua Coreana. *Romanization of Korean*. https://www.korean.go.kr/front_eng/roman/roman_01.do (data do último acesso: 12/02/2025);

Instituto Nacional de Informação Geográfica. *대한민국 지도 (Map of Korea) - 2023*. https://www.ngii.go.kr/world/mapdownload05_en.html (data do último acesso: 12/02/2025);

KOREA.net (2015, setembro 2). *President Park meets with Chinese leader in Beijing*. <https://www.korea.net/NewsFocus/policies/view?articleId=129689> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério da Ciência e TIC da República da Coreia (2022). *Korea to announce national strategy to become a technology hegemon*. <https://www.msit.go.kr/eng/bbs/view.do?sCode=eng&mId=4&mPid=2&pageIndex=19&bbsSeqNo=42&nttSeqNo=746&searchOpt=ALL&searchTxt=> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério da Ciência e TIC da República da Coreia (2023). *Twelve Critical and Emerging Technologies officially confirmed*. <https://www.msit.go.kr/eng/bbs/view.do?sCode=eng&mId=4&mPid=2&pageIndex=&bbsSeqNo=42&nttSeqNo=943&searchOpt=ALL&searchTxt=diplomacy#> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério da Unificação da República da Coreia. *Inter-Korean Exchange and Cooperation*. https://www.unikorea.go.kr/eng_unikorea/whatwedo/cooperation/ (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia. *History*. <https://english.motie.go.kr/eng/contents/29> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia. *Korea's FTA Network*. <https://english.motie.go.kr/eng/contents/10> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2009a, maio 6). *Vice Minister Addresses International Forum on Carbon Markets*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/43/view?pageIndex=364&bbsCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2009b, junho 3). *Korea Attends Third C40 Large Cities Climate Summit*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/50/view?pageIndex=364&bbsCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2009c, julho 20). *Green Business Forum Held in Seoul*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/55/view?pageIndex=363&bbsCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2009d, novembro 16). *MKE Hosts Green Energy Exhibition*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/71/view?pageIndex=362&bbCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2011a, janeiro 5). *Korea, 13 African Nations Promote Friendship*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/130/view?pageIndex=356&bbCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2011b, março 4). *Korea Reaches Out to Its South Asian Partners*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/14/view?pageIndex=354&bbCdN=2> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2011c, novembro 16). *Korea Opens Global Research Center For New and Renewable Energy*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/176/view?pageIndex=343&bbCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2012a, março 6). *Minister Pursues Closer Ties With Southeast Asian Partners*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/108/view?pageIndex=339&bbCdN=2> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2012b, abril 9). *Korea Hosts Green Energy Expo*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/193/view?pageIndex=338&bbCdN=1> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2012c, maio 30). *Korea Seeks Closer Ties With the Middle East*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/127/view?pageIndex=335&bbCdN=2> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2014a, janeiro 29). *MOTIE Enhances Economic Cooperation with Central European Countries*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/230/view?pageIndex=316&bbCdN=2> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2014b, março, 13). *Northeast Asian Oil Hub Development Plan*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/245/view?pageIndex=314&bbCdN=2> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2014c, outubro 27). *Free Trade Agreement*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/23/view?pageIndex=309&bbCdN=3> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2015, junho 22). *Korean companies to meet with global European companies including Benz for technology partnership*. https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCL0512e0b48/341/view?pageIndex=298&bb_sCdN=2 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2021). *S. Korea: 11th in global export market for top-ranked items*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCLdfa319ada/884/view> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia (2022). *Cabinet passes National High-Tech Strategic Industries Special Act*. <https://english.motie.go.kr/eng/article/EATCLdfa319ada/911/view> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia. *History*. https://www.mofa.go.kr/eng/wpge/m_5744/contents.do (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia. *The G20 Seoul Summit*. https://www.mofa.go.kr/eng/wpge/m_5470/contents.do (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2001, novembro 5). *Outcome of the ASEAN+3 Summit and Major Bilateral Summits*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=297645&page=1031 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2002a, setembro 9). *Joint Press Statement of the ROK-U.S.-Japan Trilateral Coordination and Oversight Group*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=296502&page=1004 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2002b, setembro 19). *Statement by the MOFAT Spokesperson on Japanese Prime Minister Koizumi's Visit to the DPRK*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=296199&page=1003 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2003a, abril 11). *Outcomes of the 7th ROK-ASEAN Dialogue*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=295778&page=990 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2003b, maio 23). *Outcome of the 2003 Meeting of Heads of Korean Overseas Missions in the Asia-Pacific Region*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=295393&page=985 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2009, Agosto 7). *Travel-alert Level Raised on Qinghai Province in China*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=307708&page=803 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2016a, maio 30). *Preparatory Committee for the Establishment of a Foundation under the ROK-Japan Agreement on the “Comfort Women” Issue to Hold its 1st Meeting*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=316583&page=425 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2016b, outubro 19). *Outcome of an ROK-China Deputy Ministerial Meeting*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=317571&page=389 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2018 abril 30). *한반도의 평화와 번영, 통일을 위한 판문점 선언* ('18.04.27). https://www.mofa.go.kr/www/brd/m_3984/view.do?seq=364828 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2019a, julho 26). *Outcome of Telephone Conversation between ROK and Japanese Foreign Ministers*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=320613&page=192 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2019b, agosto 1). *Outcome of Foreign Ministerial Meeting between ROK and Japan Held on Aug. 1 on Occasion of 2019 ASEAN-related Foreign Ministers’ Meetings*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=320623&page=191 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2019c, agosto 2). *Vice Minister Cho Summons Japanese Ambassador to ROK over Japan’s Decision to Remove ROK from its Whitelist*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=320624&page=191 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2019d, agosto 28). *ROK Points Out Inappropriateness of Japan’s Measures to Impose Export Restrictions at 5th Conference of States Parties to ATT*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=320655&page=188 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia (2019e, agosto 28). *Vice Minister of Foreign Affairs Cho Summons Japanese Ambassador to ROK*. https://www.mofa.go.kr/eng/brd/m_5676/view.do?seq=320652&page=188 (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros da Turquia. *MIKTA (Mexico, Indonesia, Korea, Türkiye and Australia)*. https://www.mfa.gov.tr/mikta-_meksika_-endonezya_-kore_-avustralya_.en.mfa (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. *Free Trade Agreement (FTA)/Economic Partnership Agreement (EPA) and Related Initiatives*. <https://www.mofa.go.jp/policy/economy/fta/index.html> (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão (2002a, abril 21). *Observation by Prime Minister Junichiro Koizumi on the Visit to Yasukuni Shrine*. https://www.mofa.go.jp/a_o/rp/page25e_000357.html (data do último acesso: 12/02/2025);

Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão (2002b, setembro 17). *Prime Minister Junichiro Koizumi's Visit to North Korea*. https://www.mofa.go.jp/region/asia-paci/n_korea/pmv0209/index.html (data do último acesso: 12/02/2025);

Nações Unidas. *SDG Indicators: Regional groupings used in Report and Statistical Annex*. <https://unstats.un.org/sdgs/indicators/regional-groups> (data do último acesso: 12/02/2025);

O Atlas da Complexidade Económica. *Growth in Global Market Share*. <https://atlas.cid.harvard.edu/countries/121/market-share> (data do último acesso: 12/02/2025);

O Atlas da Complexidade Económica. *Growth Lab*. <https://atlas.cid.harvard.edu/explore/geo?year=1991&country=121&queryLevel=location&productClass=SITC&product=undefined&target=Product&partner=undefined&startYear=1995> (data do último acesso: 12/02/2025);

O Atlas da Complexidade Económica. *Recommended Strategic Approach*. <https://atlas.cid.harvard.edu/countries/121/strategic-approach> (data do último acesso: 12/02/2025);

Organização Mundial do Comércio (WTO). *Trade profiles*. https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/trade_profiles_list_e.htm (data do último acesso: 12/02/2025);

Real Instituto Elcano (2022a). *Elcano Global Presence Ranking*. <https://www.globalpresence.realinstitutoelcano.org/en?years=2022> (data do último acesso: 12/02/2025);

Real Instituto Elcano (2022b). *Elcano Global Presence Ranking: General data*. <https://www.globalpresence.realinstitutoelcano.org/en/countrySheetPage?countries=410&years=2022> (data do último acesso: 12/02/2025);

República da Coreia & República Popular Democrática da Coreia (1992). *Agreement on Reconciliation, Non-Aggression, and Exchanges and Cooperation between South and North Korea*. <https://peacemaker.un.org/node/8999> (data do último acesso: 12/02/2025);

Santander Mercados Comerciais. *South Korea: Economic and Political outline*. <https://santandertrade.com/en/portal/analyse-markets/south-korea/economic-political-outline> (data do último acesso: 12/02/2025);

Santander Mercados Comerciais. *South Korean foreign trade in figures*. <https://santandertrade.com/en/portal/analyse-markets/south-korea/foreign-trade-in-figures> (data do último acesso: 12/02/2025);

Secretariado de Cooperação Trilateral. *What is TCS*. <https://www.tcs-asia.org/en/about/overview.php> (data do último acesso: 12/02/2025).

Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Exports and Imports by Nation*. https://kosis.kr/statHtml/statHtml.do?orgId=360&tblId=DT_1R11006_FRM101&conn_path=I2&language=en (data do último acesso: 12/02/2025);

Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Index Of Services By Industry Section*. https://kosis.kr/statHtml/statHtml.do?orgId=101&tblId=DT_1KC2020&conn_path=I2&language=en (data do último acesso: 12/02/2025);

Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Summary by Industry [1997]*. https://kosis.kr/statHtml/statHtml.do?orgId=101&tblId=DT_1KB7001&conn_path=I2&language=en (data do último acesso: 12/02/2025);

Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Summary by Industry [2020]*. https://kosis.kr/statHtml/statHtml.do?orgId=101&tblId=DT_1KB9001&conn_path=I2&language=en (data do último acesso: 12/02/2025).

Fontes secundárias

Obras gerais

Anderson, B. (2005). *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo* (2.ª Ed.). Edições 70;

Beasley, W. G. (2000). *The Japanese Experience: A Short History of Japan*. University of California Press;

Chung, E. (2022). *Pride, Not Prejudice: National Identity as a Pacifying Force in East Asia*. University of Michigan. <https://www.jstor.org/stable/10.3998/mpub.12010257> (data do último acesso: 12/02/2025);

Costa, J. P. O. e (Coord.), Rodrigues, J. D. & Oliveira, P. A. (2019). *História da Expansão e do Império Português*. A Esfera dos Livros;

Gellner, E. (2004). *Nations and Nationalism* (2.ª Ed.). Blackwell Publishing;

- Hane, M. (2006). *Breve historia de Japón*. Alianza Editorial;
- Hetcher, M. (2000). *Containing Nationalism*. Oxford University Press;
- Hobsbawm, E. (2004). *A Questão do Nacionalismo. Nações e nacionalismo desde 1780* (2.ª Ed.). Terramar;
- Magalhães, J. C. (2005). *A Diplomacia Pura*. Bizâncio;
- Nye, J. S. (2004). *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. PublicAffairs;
- Robertson, D. (2004). *The Routledge Dictionary of Politics* (3.ª Ed.). Routledge;
- Seth, M. J. (2020a). *A Concise History of Korea. From Antiquity to the Present*, (Vol. 1) (3.ª Ed.). Rowman & Littlefield;
- Seth, M. J. (2020b). *A Concise History of Korea. From Antiquity to the Present*, (Vol. 2) (3.ª Ed.). Rowman & Littlefield;
- Smith, A. D. (1997). *A Identidade Nacional*. Gradiva;
- Smith, A. D. (2006). *Nacionalismo*. Teorema;
- The Korean Overseas Information Service (2003). *Handbook of Korea*;
- Valente, D. A. (2013). *Diplomaticamente (Introdução ao Estudo da Diplomacia)*. Edição de autor;
- Yahuda, M. (2019). *The International Politics of the Asia-Pacific*, (4.ª Ed.). Routledge.

Capítulos

- Andreosso-O'Callaghan, B. (2017). Economic policy-making in Asia: the Western vs Eastern legacy of philosophical and economic thought. In Malcolm Warner (Ed.), *The Diffusion of Western Economic Ideas in East Asia*, 377-395. Routledge;
- Barston, R. P. (2019a). Diplomatic methods. In R. P. Barston, *Modern Diplomacy* (5.ª Ed.), 32-52. Routledge;
- Barston, R. P. (2019b). The changing nature of diplomacy. In R. P. Barston, *Modern Diplomacy* (5.ª Ed.), 1-13. Routledge;
- Baumann, C. & Winzar, H. (2017). Confucianism and Work Ethic – Introducing the ReVaMB Model. In Ingyu Oh & Gil-Sung Park (Eds.), *The Political Economy of Business Ethics in East Asia: A Historical and Comparative Perspective*, 33-60. Elsevier;

Bjola, C. & Kornprobst, M. (2013a). Multiplicities of global diplomacy. In Corneliu Bjola & Markus Kornprobst, *Understanding International Diplomacy: Theory, practice and ethics*, 44-60. Routledge;

Bjola, C. & Kornprobst, M. (2013b). Why and how to study diplomacy. In Corneliu Bjola & Markus Kornprobst, *Understanding International Diplomacy: Theory, practice and ethics*, 3-8. Routledge;

Breuilly, J. (2014). Nationalism. In John Baylis, Steve Smith & Patricia Owens (Ed.), *The Globalization of World Politics: An introduction to international relations* (6.^a Ed.), 387-400. Oxford University Press;

Chatterjee, C. (2020a). Economic Diplomacy and Commercial Diplomacy. In Charles Chatterjee, *Economic Diplomacy and Foreign Policy-making*, 67-72. Palgrave Macmillan;

Chatterjee, C. (2020b). Economic Diplomacy at International Fora. In Charles Chatterjee, *Economic Diplomacy and Foreign Policy-making*, 141-152. Palgrave Macmillan;

Dalton, B. & dela Rama, M. (2017). Business Ethics in Korea: Chaebol Dynastic Practices and the Uneven Transition From a Market to an Entrepreneurial Mode of Exchange. In Ingyu Oh & Gil-Sung Park (Eds.), *The Political Economy of Business Ethics in East Asia: A Historical and Comparative Perspective*, 79-94. Elsevier;

Dos Santos, V. M. (2009). Diplomacy “Old” and “New” on the Concept of Economic Diplomacy. In Carla Guapo Costa (Org.), *New Frontiers for Economic Diplomacy: Some Contributions on Strategic Issues Based on the International Conference “New Frontiers for Economic Diplomacy”*, 95-110. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa;

Edge, L. (2022). South Korean relations with North Korea. In Sojin Lim & N. J. P. Alford (Ed.), *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 258-276. Routledge;

Griffith, E. (2022). Between a wedge and a hedge: South Korea’s dilemma over China relations. In Sojin Lim & N. J. P. Alford (Ed.), *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 312-326. Routledge;

Hemmert, M. (2012). Revitalized Tigers: Korean companies in the twenty-first century. In Martin Hemmert, *Tigers Management: Korean companies on world markets*, 67-80. Routledge;

Herrmann, P. (2020). Chinese National Identity and National Image in the Age of Globalisation. In L. Zhouxiang (Ed.), *Chinese National Identity in the Age of Globalisation*, 137-160. The Palgrave Macmillan;

Heydon, K. (2009). Economic Diplomacy and Trade at the Beginning of the 21ST Century. In Carla Guapo Costa (Org.), *New Frontiers for Economic Diplomacy: Some Contributions on Strategic Issues Based on the International Conference “New Frontiers for Economic Diplomacy”*, 23-36. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa;

- Ho, V. & Fung, A. (2016). Cultural Policy, Chinese National Identity and Globalisation. In T. Flew, O. Iosifidis & J. Steemers (Eds.), *Global Media and National Policies: the return of the state*, 106-121. The Palgrave Macmillan;
- Hobbs, J. J. (2009). A Geographic Profile of Monsoon Asia. In Joseph J. Hobbs, *World Regional Geography* (6.^a Ed.), 278-413. Brooks/Cole;
- Holmes, A. (2016). A Different Kind of ‘New’ Diplomacy. In Alison R. Holmes & J. Simon Rofe Eds.), *Global Diplomacy: Theories, Types, and Models*, 73-101. Routledge;
- Hong, H. (2017). The diffusion of Western Economics in South Korea. In Malcolm Warner (Ed.), *The Diffusion of Western Economic Ideas in East Asia*, 117-134. Routledge;
- Horta, B. (2009). Economic Diplomacy as a Key Instrument to the International Economic Equilibrium. In Carla Guapo Costa (Org.), *New Frontiers for Economic Diplomacy: Some Contributions on Strategic Issues Based on the International Conference “New Frontiers for Economic Diplomacy”*, 111-120. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa;
- Hundt, D. (2022). The past, present and future of United-States-South Korea relations. In Sojin Lim & N. J. P. Alford (Ed.), *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 277-291. Routledge;
- Hutchinson, J. (2005). Nationalism and the Clash of Civilisations. In John Hutchinson, *Nations as Zones of Conflict*, 155-190. Sage;
- Im, H. B. (2020). Development and Change of Korean Democracy Since the Democratic Transition of 1987: The Three Kims’ Politics and After. In Hyug Baeg Im, *Democratization and democracy in South Korea, 1960-present*, 205-232. Palgrave Macmillan;
- Joniak—Lüthi, A. (2015). Othering, Exclusion, and Discrimination. In A. Joniak—Lüthi, *The Han: China’s Diverse Majority*, 90-114. University of Washington Press. <https://www.jstor.org/stable/j.ctvtzmc9> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Jönsson, C. & Hall, M. (2005). The Study of Diplomacy. In Christer Jönsson & Martin Hall, *Essence of Diplomacy*, 7-23. Routledge;
- Jung, H. J. (2020). Korean economic policies. In Chung-in Moon & M. Jae Moon (Eds.), *Routledge Handbook of Korean Politics and Public Administration*, 405-419. Routledge;
- Kim, K. J. (2006). National identity, nationalism and nation building in Korea. In Kyong Ju Kim, *The Development of Modern South Korea: State formation, capitalist development and national identity*, 145-163. Routledge;
- Kim, K. J. (2020). Korean foreign policy: a historical overview. In Chung-in Moon & M. Jae Moon (Eds.), *Routledge Handbook of Korean Politics and Public Administration*, 129-143. Routledge;

Lee, G. (2018). Identity, Threat Perception, and Trust-Building in Northeast Asia. In Kevin P. Clements (Ed.), *Identity, Trust, and Reconciliation in East Asia: Dealing with Painful History to Create a Peaceful Present*, 29-46. Palgrave Macmillan;

Lee, S. Z. (2023). Foreign Economic Policy. In Jeonghun Han, Ramon Pacheco Pardo & Youngho Cho (Eds.), *The Oxford Handbook of South Korean Politics*, 562-577. Oxford University Press;

Li, R. (2018). Identity Tensions and China-Japan-Korea Relations: Can Peace be Maintained in North East Asia? In Kevin P. Clements (Ed.), *Identity, Trust, and Reconciliation in East Asia: Dealing with Painful History to Create a Peaceful Present*, 47-74. Palgrave Macmillan;

Lin, G., & Wu, W. (2017). Chinese National Identity under Reconstruction. In L. Dittmer (Ed.), *Taiwan and China: Fitful Embrace* (1.^a Ed.), 75–92. University of California Press. <https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1w76wpm.8> (data do último acesso: 12/02/2025);

Lynn, H.-G. (2022). Japan-South Korea international relations. In Sojin Lim & N. J. P. Alsford (Ed.), *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 292-311. Routledge;

Marshall, P. (1999). Diplomacy: A Child of Changing Times. In Peter Marshall, *Positive Diplomacy*, 7-20. Palgrave;

Milani, M. (2022). Continuity and changes in South Korea's middle power diplomacy. In Sojin Lim & N. J. P. Alsford (Ed.), *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 345-358. Routledge;

Oh, I. (2017). Comparing State Economic Ideologies and Business Ethics in East Asia. In Ingyu Oh & Gil-Sung Park (Eds.), *The Political Economy of Business Ethics in East Asia: A Historical and Comparative Perspective*, 1-14. Elsevier;

Özkirimli, U. (2010a). Discourses and Debates on Nationalism. In Umut Özkirimli, *Theories of Nationalism* (2.^a Ed.), 9-48. Palgrave Macmillan;

Özkirimli, U. (2010b). Modernism. In Umut Özkirimli, *Theories of Nationalism* (2.^a Ed.), 72-142. Palgrave Macmillan;

Özkirimli, U. (2010c). New Approaches to Nationalism. In Umut Özkirimli, *Theories of Nationalism* (2.^a Ed.), 169-198. Palgrave Macmillan;

Pardo, R. P. (2023). Foreign Policy. In Jeonghun Han, Ramon Pacheco Pardo & Youngho Cho (Eds.), *The Oxford Handbook of South Korean Politics*, 529-545. Oxford University Press;

Patterson, D. (2019a). Diplomacy and International Trade in South Korea's Transformation. In Dennis Patterson & Jangsup Choi, *Diplomacy trade, and South Korea's rise to international influence*, 11-28. Lexington Books;

Patterson, D. (2019b). Diplomacy, Trade, and South Korea's Economic Development. In Dennis Patterson & Jangsup Choi, *Diplomacy trade, and South Korea's rise to international influence*, 81-104. Lexington Books;

Patterson, D. (2019c). The Present and Future of South Korea's International Influence. In Dennis Patterson & Jangsup Choi, *Diplomacy trade, and South Korea's rise to international influence*, 113-128. Lexington Books;

Pigman, G. A. (2016). Trade, Diplomacy, and the Evolving Global Economy. In Alison R. Holmes & J. Simon Rofe Eds.), *Global Diplomacy: Theories, Types, and Models*, 146-170. Routledge;

Seo, J.-S. (2007a). Historical Understanding in the Era of Unification. In Seo Joong-Seok, *Korean Nationalism Betrayed*, 1-21. Global Oriental;

Seo, J.-S. (2007b). National Question and State in Korea: Focusing on the Bourgeois Class and the Ruling Elite. In Seo Joong-Seok, *Korean Nationalism Betrayed*, 22-54. Global Oriental;

Seo, J.-S. (2007c). Structural Crisis in North and South Korea and the Path of Korean Nationalism. In Seo Joong-Seok, *Korean Nationalism Betrayed*, 192-212. Global Oriental;

Seo, J. (2023). Nationalism. In Jeonghun Han, Ramon Pacheco Pardo & Youngho Cho (Eds.), *The Oxford Handbook of South Korean Politics*, 136-152. Oxford University Press;

Shin, G.-W. (2006). Colonial Racism and Nationalism. In Gi-Wook Shin, *Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and Legacy*, 41-57. Standford University Press;

Sohn, Y. (2020). ROK and the middle power diplomacy. In Chung-in Moon & M. Jae Moon (Eds.), *Routledge Handbook of Korean Politics and Public Administration*, 242-256. Routledge;

Son, S. A. (2022). South Korea national identity and inter-Korean relations since 1945. In Sojin Lim & N. J. P. Alford (Ed.), *Routledge Handbook of Contemporary South Korea*, 241-257. Routledge;

Trescott, P. B. (2017). The diffusion of Western Economics in China. In Malcolm Warner (Ed.), *The Diffusion of Western Economic Ideas in East Asia*, 69-93. Routledge;

Van Bergeijk, P. A. G. & Moons, S. (2009). Economic Diplomacy and Economic Security. In Carla Guapo Costa (Org.), *New Frontiers for Economic Diplomacy: Some Contributions on Strategic Issues Based on the International Conference "New Frontiers for Economic Diplomacy"*, 37-54. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa;

Warner, M. (2017). Concluding remarks: culture, ideas and Western Economics in East Asia. In Malcolm Warner (Ed.), *The Diffusion of Western Economic Ideas in East Asia*, 396-409. Routledge;

Weightman, B. (2011a). East Asia: Center of the World. In Barbara Weightman, *Dragons and Tigers: A Geography of South, East and Southeast Asia* (3.^a Ed.), 270-295. Wiley;

Weightman, B. (2011b). Korea and Taiwan: Tigers Rising. In Barbara Weightman, *Dragons and Tigers: A Geography of South, East and Southeast Asia* (3.^a Ed.), 360-381. Wiley;

Weightman, B. (2011c). The Big Picture: Major Influences. In Barbara Weightman, *Dragons and Tigers: A Geography of South, East and Southeast Asia* (3.^a Ed.), 1-25. Wiley;

Woods, N. (2014). International political economy in an age of globalization. In John Baylis, Steve Smith & Patricia Owens (Ed.), *The Globalization of World Politics: An introduction to international relations* (6.^a Ed.), 243-257. Oxford University Press;

Yagi, K. (2017). The diffusion of Western Economics in Japan. In Malcolm Warner (Ed.), *The Diffusion of Western Economic Ideas in East Asia*, 94-116. Routledge;

Yang, S. C. (2019). Nativistic Resilience, Nationalism and Beyond. *The North and South Korea political systems: a comparative analysis*, 93-148. Routledge;

Yoshimatsu H. (2008). Explaining Regionalism in East Asia: Theoretical Perspectives. In Hidetaka Yoshimatsu, *The Political Economy of Regionalism in East Asia: Integrative Explanation for Dynamics and Challenges*, 6-23. Palgrave Macmillan.

Artigos científicos

Aparicio, F. M. (2013). La nación desde abaj. Nacionalización, individuo e identidade nacional. *Ayer*, 90, 39-63. <https://www.jstor.org/stable/23530056> (data do último acesso: 12/02/2025);

Jaskulowski, K. (2010). Western (civic) “versus” Eastern (ethnic) Nationalism. The Origins and Critique of the Dichotomy. *Polish Sociological Review*, 171, 289-303. <https://www.jstor.org/stable/41275158> (data do último acesso: 12/02/2025);

Kim, D. M. (2019). Historical Development of Korean Nationalism and the Problem of Peace and Unification on the Korean Peninsula : Reconstruction of Korean Nationalism for Horizontal Solidarity [artigo consultado na língua original: “냉전과 탈냉전 시기 한국 민족주의의 역사적 전개와 성격: 전쟁과 평화, 통일 문제를 중심으로”]. *Kangwon Sahak*, (32), 171-192. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artid=ART002472376> (data do último acesso: 12/02/2025);

Koh, B. E. (2008). The Transformation of Korean National Identity. *Comparative Literature*, (44), 297-317.

<https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART001222098> (data do último acesso: 12/02/2025);

Kwon, S. H. (2018). The Comparison of National Identity between Native South Koreans and North Korean Refugees [artigo consultado na língua original: “남한주민과 북한이탈주민의 국민정체성 비교: 서울·경기·인천지역 거주자를 중심으로”]. *North Korean Studies Review*, 22(1), 109-137. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART002360705> (data do último acesso: 12/02/2025);

Larsen, C. A. (2017). Revitalizing the ‘civic’ and ‘ethnic’ distinction. Perceptions of nationhood across two dimensions, 44 countries and two decades. *Nations and Nationalism*, 23(4), 970-993. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/nana.12345> (data do último acesso: 12/02/2025);

Lee, J.-S. (2020). Modern Capitalism and Confucian Economic Ethics [artigo consultado na língua original: “현대 자본주의와 유교의 경제윤리”]. *Onji Nonchong*, (64), 195-220. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART002612576> (data do último acesso: 12/02/2025);

Lee, J.-G. (2015a). A Critical Study on the Concept of the Confucian Capitalism [artigo consultado na língua original: “유교자본주의라는 용어에 대한 비판적 고찰”]. *Toegye-Hak-Lon-Jib*, (17), 337-361. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART002060609> (data do último acesso: 12/02/2025);

Lee, Y. I. & Lee, K. T. (2015b). Economic Nationalism and Globalization in South Korea: A Critical Insight. *Asian Perspective*, 39(1), 125-151. <https://www.jstor.org/stable/43738117> (data do último acesso: 12/02/2025);

Mah, J. S. (2007). Industrial Policy and Economic Development: Korea’s Experience. *Journal of Economic Issues*, 41(1), 77-92. <https://www.jstor.org/stable/25511157> (data do último acesso: 12/02/2025);

Malešević, S. (2011). The chimera of national identity. *Nations and Nationalism*, 17(2), 272-290. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1469-8129.2010.00479.x> (data do último acesso: 12/02/2025);

May, A. C. (2021). *And if they don’t dance, they are no friends of mine*: Exploring boundaries of national identity. *Nations and Nationalism*, 29(2), 579-597. DOI: <https://doi.org/10.1111/nana.12926> (data do último acesso: 12/02/2025);

Mo, J. (2016). South Korea’s middle power diplomacy: A case of growing compatibility between regional and global roles. *International Journal*, 71(4), 587-607. <https://www.jstor.org/stable/26414059> (data do último acesso: 12/02/2025);

- Murray, S., Sharp, P., Wiseman, G., Criekemans, D. & Melissen, J. (2011). The Present and Future of Diplomacy and Diplomatic Studies. *International Studies Review*, 13(4), 709-728. <https://www.jstor.org/stable/41428877> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Okano-Heijman, M. (2011). Conceptualizing Economic Diplomacy: The Crossroads of International Relations, Economics, IPE and Diplomatic Studies. *The Hague Journal of Diplomacy*, 6(1-2), 7-36. https://www.researchgate.net/publication/233659639_Conceptualizing_Economic_DiplomacyThe_Crossroads_of_International_Relations_Economics_IPE_and_Diplomatic_Studies (data do último acesso: 12/02/2025);
- Sending, O. J., Pouliot, V. & Neumann, I. B. (2011). The future of diplomacy: Changing practices, evolving relationships. *International Journal*, 66(3), 527-542. <https://www.jstor.org/stable/23104366> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Seol, D. H. & Seo, J. (2014). Dynamics of Ethnic Nationalism and Hierarchical Nationhood: Korean Nation and Its Otherness since the Late 1980s. *Korea Journal*, 54(2), 5-33. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART001885940> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Sohn, A. (2015). Social Sources of National Identity and its Consequences: the case of South Korea. *Korean Society [한국사회]*, 16(1), 101-133. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART002008345> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Sohn, B.-H. (2007). Confucian Values and East Asian Economic Integration [artigo consultado na língua original: “유교적 가치와 동아시아 경제통합”]. *International Economic Research Journal*, 13(1), 1-24. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART001052307> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Sohn, B.-H. (2012). C. J. K. Economic Integration through Common Cultural Denominator: Centered on the Traditional Confucian Values [artigo consultado na língua original: “문화적 공통성을 통해서 본 한.중.일 경제통합의 의의: 유교문화의 전통가치를 중심으로”]. *International Economic Research Journal*, 18(4), 1-24. <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART001727809> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Storm, E. (2021). The rise of the nation-state during the Age of Revolution: Revisiting the debate on the roots of nations and nationalism. *Nations and Nationalism*, 28(4), 1137-1151. DOI: <https://doi.org/10.1111/nana.12857> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Yeo, A. L. (2017). China-Japan-Korea Trilateral Cooperation: Is It for Real? *Georgetown Journal of International Affairs*, 18(2), 69-76. <https://www.jstor.org/stable/26396021> (data do último acesso: 12/02/2025);

Yoon, K.-I. (2017). Political Psychology on Korean National Identity [artigo consultado na língua original: “한국인 국가정체성의 정치심리학”]. *Culture and Politics*, 4(4), 5-41.
<https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART002299132> (data do último acesso: 12/02/2025).

Artigos de imprensa

Aljazeera (2022, março 9). Yoon Suk-yeol wins South Korea’s presidential election. *Aljazeera*. <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/9/south-korean-opposition-candidate-yoon-wins-presidential-election> (data do último acesso: 12/02/2025);

Bartlett, D. (2024, maio 28). With Trilateral Summit, China, Japan, South Korea Look for a Reset. *The Diplomat*. <https://thediplomat.com/2024/05/with-trilateral-summit-china-japan-south-korea-look-for-a-reset/> (data do último acesso: 12/02/2025);

BBC News (2016, fevereiro 10). What is the Kaesong Industrial Complex? *BBC*. <https://www.bbc.com/news/business-22011178> (data do último acesso: 12/02/2025);

BBC News (2018, agosto 26). Asian Games: Unified Korea boating team win historic gold. *BBC*. <https://www.bbc.com/news/world-asia-45314674> (data do último acesso: 12/02/2025);

DPRK Video Archive (2012, abril 22). *Our wish is Unification [Subtitles]* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=6tbZuQYkIM8> (data do último acesso: 12/02/2025);

Hanada, R. (2024, janeiro 4). CJK yields Japan-South Korea engagement with China. *East Asia Forum*. <https://www.eastasiaforum.org/2024/01/04/cjk-yields-japan-south-korea-engagement-with-china/> (data do último acesso: 12/02/2025);

Jeonju City Blog (2022, novembro 15). The World-Renowned Jeonju Bibimbap. *Feel Korea in Jeonju*. <https://jeonjucity.kr/world-renowned-jeonju-bibimbap/> (data do último acesso: 12/02/2025);

Kang, Y.-s. (2024, janeiro 4). S. Korea launches corporate body in Vietnam to operate logistics center. *Yonhap News*. <https://en.yna.co.kr/view/AEN20240104003500320?section=search> (data do último acesso: 12/02/2025);

KBS World Radio: Korean Peninsula A to Z. *Inter-Korean Summit*. https://world.kbs.co.kr/special/northkorea/contents/archives/summit/summit_2000.htm?lang=e (data do último acesso: 12/02/2025);

- Le, L. (2023, outubro 30). Can Vietnam become the next Asian tiger? *East Asia Forum*. <https://www.eastasiaforum.org/2023/10/30/can-vietnam-become-the-next-asian-tiger/> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Lim, J.-W. (2022, agosto 12). Samsung Electronics Vice Chairman Lee Jae-yong granted special presidential pardon. *Korea JoongAng Daily*. <https://koreajoongangdaily.joins.com/2022/08/12/national/politics/Korea-Yoon-Sukyeol-pardons/20220812114817871.html> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Meoli, D. (2014, janeiro 9). North Korea's Top 5 Threats of 2013. *The Diplomat*. <https://thediplomat.com/2014/01/north-koreas-top-5-threats-of-2013/> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Nam, H.-w. (2024, janeiro 2). Main opposition party chief attacked during visit to Busan. *The Korea Times*. https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2024/01/113_366185.html (data do último acesso: 12/02/2025);
- Newstapa (2016, março 8). [ENG SUB] MY wish is...(Newstapa) [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=BAKT6lZPT4E> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Oh, Seok-min (2023, dezembro 7). S. Korea, Vietnam agree to boost cooperation on critical minerals. *Yonhap News*. <https://en.yna.co.kr/view/AEN20231207005400320> (data do último acesso: 12/02/2025);
- One Korea Global Campaign. *One K Global Peace Concert*. <https://www.1dream1korea.com/onek-concert/> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Roegiers, B. & Almond K. (s.d.). In pictures: The historic Korean summit. *CNN Edition*. <https://edition.cnn.com/interactive/2018/04/world/korea-summit-cnnphotos/> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Salvá, A. (2019, dezembro 2). Where Does the Asian Obsession With White Skin Come From? *The Diplomat*. <https://thediplomat.com/2019/12/where-does-the-asian-obsession-with-white-skin-come-from/> (data do último acesso: 12/02/2025);
- The Korea Times (2016, outubro 26). *Decision to close Gaesong complex made due to security concerns*. https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2016/10/103_216844.html (data do último acesso: 12/02/2025);
- UNESCO. *Jeonju*. <https://www.unesco.org/en/creative-cities/jeonju> (data do último acesso: 12/02/2025);
- Vários artistas (2000, dezembro 8). 반갑습니다. *Music Bugs*. https://music.bugs.co.kr/album/8308?wl_ref=S_tr_01_04 (data do último acesso: 12/02/2025);
- Vários artistas (2015, setembro 21). 새시대 통일의 노래 - One Dream One Korea (Original ver.). *Music Bugs*. https://music.bugs.co.kr/album/533152?wl_ref=S_tr_01_04 (data do último acesso: 12/02/2025);

Visit Korea (2023a, março 27). *Public Holidays*. <https://english.visitkorea.or.kr/svc/contents/infoHtmlView.do?vcontsId=140038> (data do último acesso: 12/02/2025);

Visit Korea (2023b, setembro 13). *Traditional Korean Holiday of Bountiful Harvest, Chuseok*. <https://english.visitkorea.or.kr/svc/contents/infoHtmlView.do?menuSn=219&vcontsId=204424> (data do último acesso: 12/02/2025);

Visit Korea (2025, janeiro 15). *Celebrate the New Year with Korea's Traditional Seollal Culture*. <https://english.visitkorea.or.kr/svc/contents/contentsView.do?vcontsId=220322> (data do último acesso: 12/02/2025);

Washington Post (2018, abril 26). *Moon Jae-in and Kim Jong Un meet for historic summit of the Koreas* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=pUsumhWC7F4> (data do último acesso: 12/02/2025);

Yi, W.-w. (2024, janeiro 10). Korean won to be adopted for trade transactions with ASEAN. *The Korea Times*. https://www.koreatimes.co.kr/www/biz/2024/01/602_366601.html (data do último acesso: 12/02/2025);

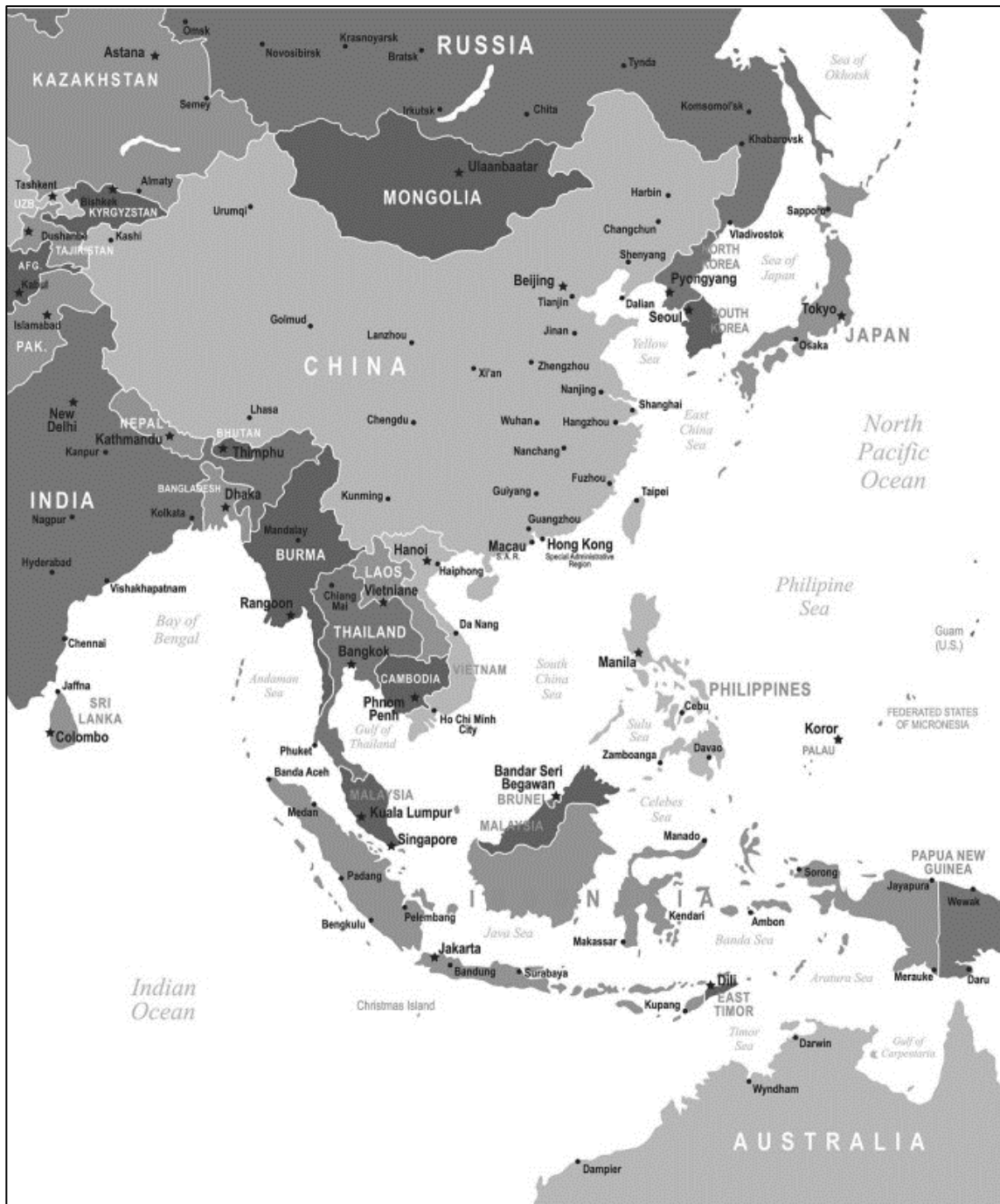
노켈 (2018, fevereiro 14). [북한 예술단 서울 공연] 소녀시대 서현 "우리의 소원은 통일" ...노래로 하나 된 남한과 북한 [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=0ACMURNRAWo> (data do último acesso: 12/02/2025);

소리바다 Soribada (2015, setembro 19). [M/V] *Various Artists - One Dream One Korea (Original Ver.)* [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=P0ss_PuQ3E (data do último acesso: 12/02/2025);

주권방송 (2018, setembro 20). *15 만 평양 시민들의 떼창 "다시 만남시다"* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=PNVKhBc2Jlk> (data do último acesso: 12/02/2025).

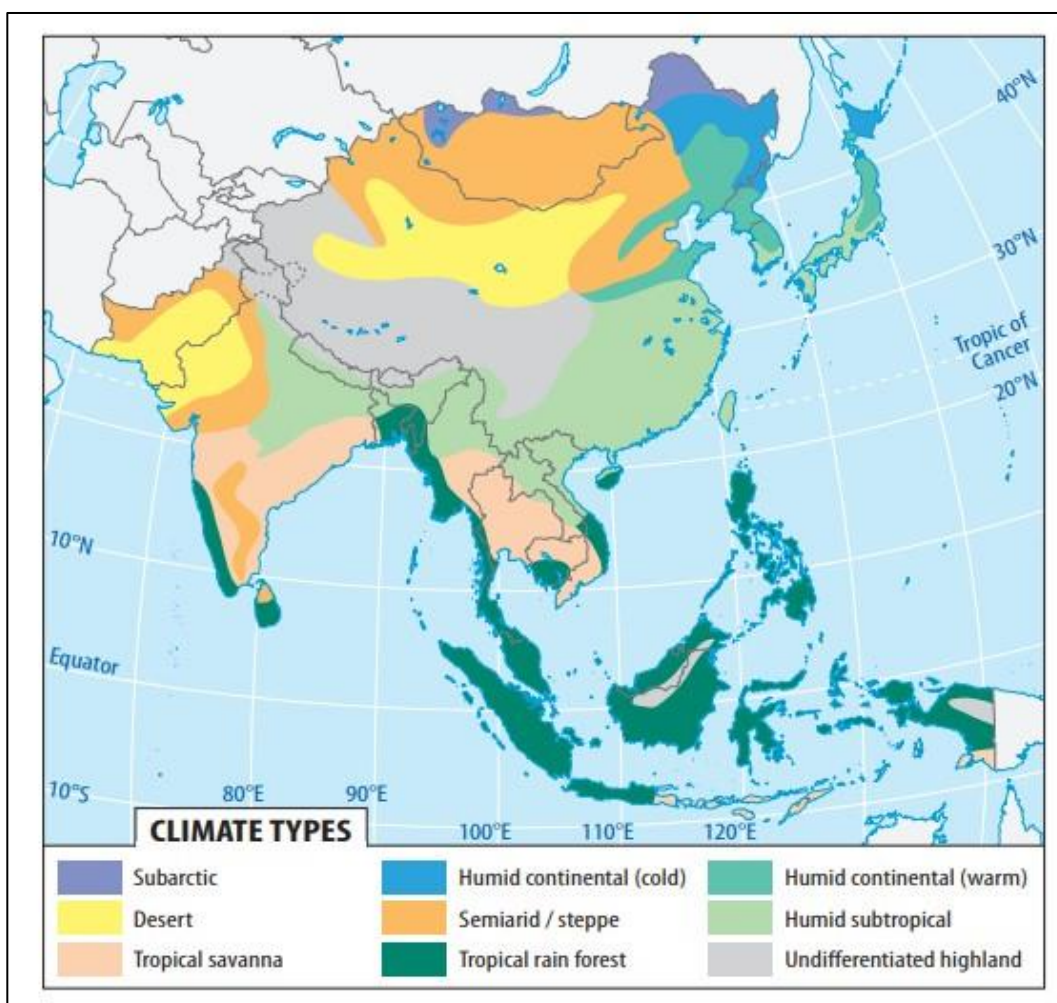
Anexos

Anexo A.1.: Mapa da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático



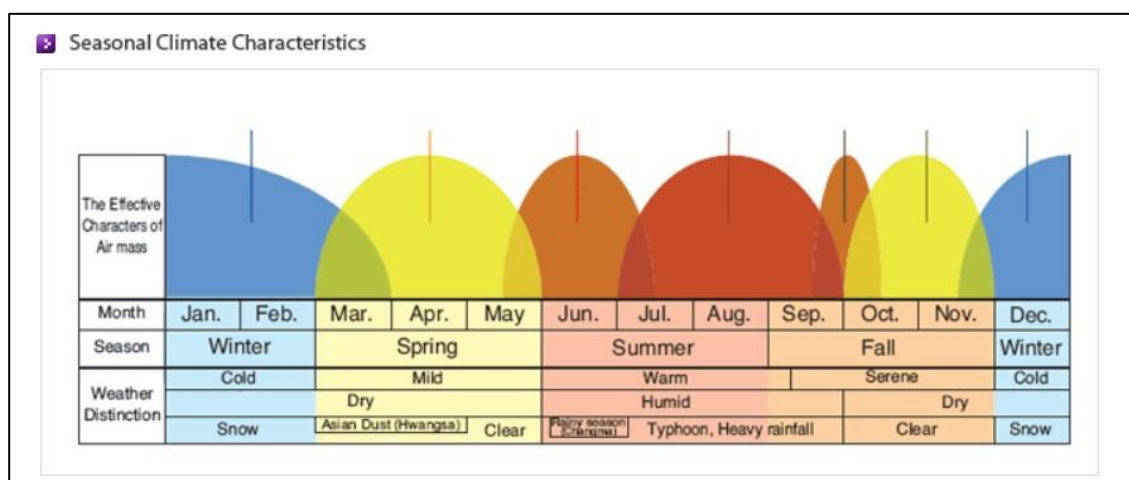
Fonte: Yahuda, 2019, 5;

Anexo A.3.: O Clima na Ásia Oriental



Fonte: Hobbs, 2009, 285;

Anexo A.4.: Caracterização das Estações da Coreia



Fonte: Administração Meteorológica da Coreia. *Climate of Korea*;

Anexo A.5.: Mapa das Províncias da Coreia



Fonte: Coleção de Mapas da Biblioteca Perry-Castañeda, 2001⁴³¹;

⁴³¹ Os nomes das províncias apresentam outro tipo de grafia, diferente da apresentada neste trabalho, tratando-se, no entanto, das mesmas regiões;

Anexo A.6.: As Indústrias na Coreia do Sul em 1997

By province	By industry	1997	
		Number of establishment (Number Units)	Sales revenue (Million Won)
Whole country	Wholesale and retail trade	906 926	250 361 233
	Hotels and restaurants	585 409	35 313 633
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	92 270	26 765 083
	Business Services(72,74,75)	54 836	21 128 254
	Education(only 809)	-	-
	HEALTH AND SOCIAL WORK	-	-
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	95 718	15 654 531
Seoul	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	233 384	13 440 694
	Wholesale and retail trade	230 318	97 847 346
	Hotels and restaurants	116 205	10 757 174
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	27 236	13 289 763
	Business Services(72,74,75)	19 942	13 904 876
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	23 318	6 240 484
Busan	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	49 163	3 372 693
	Wholesale and retail trade	82 531	23 893 188
	Hotels and restaurants	51 281	2 752 608
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	7 103	1 217 952
	Business Services(72,74,75)	4 825	1 072 610
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	7 991	505 013
Daegu	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	21 139	1 103 792
	Wholesale and retail trade	53 340	14 127 998
	Hotels and restaurants	32 927	1 527 701
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	5 054	1 499 464
	Business Services(72,74,75)	3 232	669 578
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	5 794	383 257
Incheon	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	14 656	730 588
	Wholesale and retail trade	38 764	9 555 036
	Hotels and restaurants	28 117	1 486 807
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	5 007	759 081
	Business Services(72,74,75)	2 063	378 519
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	5 011	329 401
Gwangju	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	11 530	705 290
	Wholesale and retail trade	26 538	7 715 307
	Hotels and restaurants	16 164	963 944
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	2 979	1 003 810
	Business Services(72,74,75)	1 786	367 281
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	3 317	233 689
Daejeon	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	7 888	425 266
	Wholesale and retail trade	27 722	8 728 749
	Hotels and restaurants	18 015	959 645
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	2 886	910 692
	Business Services(72,74,75)	1 772	372 049
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	3 003	256 354
Ulsan	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	7 594	475 848
	Wholesale and retail trade	17 250	5 259 732
	Hotels and restaurants	13 270	599 023

	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	1 496	123 681
	Business Services(72,74,75)	911	207 923
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	1 910	115 615
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	4 954	326 696
Gyeonggi-do	Wholesale and retail trade	122 475	28 366 642
	Hotels and restaurants	93 185	5 379 037
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	18 252	4 735 378
	Business Services(72,74,75)	6 889	1 663 015
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	15 515	5 249 260
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	36 530	2 313 447
Gangwon-do	Wholesale and retail trade	33 011	5 958 410
	Hotels and restaurants	28 948	1 423 018
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	2 418	337 294
	Business Services(72,74,75)	1 425	271 507
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	3 601	420 889
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	8 225	398 387
Chungcheongbuk-do	Wholesale and retail trade	29 051	4 999 230
	Hotels and restaurants	20 428	1 066 077
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	2 305	582 305
	Business Services(72,74,75)	1 362	218 258
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	2 819	177 386
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	7 486	380 973
Chungcheongnam-do	Wholesale and retail trade	37 271	6 348 416
	Hotels and restaurants	25 068	1 168 355
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	2 736	191 396
	Business Services(72,74,75)	1 624	230 846
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	3 160	162 459
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	9 791	479 852
Jeollabuk-do	Wholesale and retail trade	39 312	6 132 504
	Hotels and restaurants	22 749	1 185 331
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	3 174	562 878
	Business Services(72,74,75)	1 955	232 987
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	3 944	242 128
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	10 620	463 205
Jeollanam-do	Wholesale and retail trade	43 729	6 855 196
	Hotels and restaurants	27 008	1 332 541
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	2 515	213 279
	Business Services(72,74,75)	1 696	428 026
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	3 934	264 487
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	10 877	615 880
Gyeongsangbuk-do	Wholesale and retail trade	52 808	9 014 098
	Hotels and restaurants	40 740	1 954 315
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	3 572	207 981
	Business Services(72,74,75)	2 093	487 258
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	5 435	332 421
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	14 508	767 626
Gyeongsangnam-do	Wholesale and retail trade	61 147	12 735 977
	Hotels and restaurants	42 827	2 065 368
	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	4 725	985 104
	Business Services(72,74,75)	2 736	529 645
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	5 870	380 631
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	15 412	740 734
Jeju-do	Wholesale and retail trade	11 659	2 823 407
	Hotels and restaurants	8 477	692 691

	REAL ESTATE AND RENTING AND LEASING	812	145 025
	Business Services(72,74,75)	525	93 877
	RECREATIONAL, CULTURAL AND SPORTING ACTIVITIES)	1 096	361 057
	Other Public, Repair and Personal Services Activities(90,92,93)	3 011	140 419

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Summary by Industry* [1997]⁴³²;

Anexo A.7.: As Indústrias na Coreia do Sul em 2020

By province	By industry	2020	
		Number of establishment (In each)	Sales revenue (Million won)
Whole country	Total	3 088 672	2 194 829 108
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	9 627	27 027 552
	Wholesale and retail trade	1 064 384	1 296 920 817
	Accommodation and food service activities	829 543	148 168 093
	Information and communication	44 807	129 161 520
	Real estate activities	177 046	133 431 628
	Professional, scientific and technical activities	117 981	101 610 491
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	77 568	90 417 956
	Education	169 997	32 720 076
	Human health and social work activities	149 351	159 995 651
	Arts, sports and recreation related services	123 249	36 431 436
	Membership organizations, repair and other personal services	325 119	38 943 888
Seoul	Total	635 254	836 953 701
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	498	1 324 184
	Wholesale and retail trade	226 565	517 757 021
	Accommodation and food service activities	138 252	35 449 570
	Information and communication	24 529	82 218 854
	Real estate activities	44 812	40 393 186
	Professional, scientific and technical activities	43 807	51 724 083
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	17 119	36 309 236
	Education	32 870	10 287 346
	Human health and social work activities	29 201	41 233 530
	Arts, sports and recreation related services	23 235	11 583 646
	Membership organizations, repair and other personal services	54 366	8 673 045
Busan	Total	217 737	132 096 314
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	463	1 230 672
	Wholesale and retail trade	81 338	81 851 444
	Accommodation and food service activities	55 802	9 053 089
	Information and communication	1 794	2 132 438

⁴³² A tabela foi modificada para ficar graficamente mais compreensível. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (selecionar o ano de 1997 em “Time”);

	Real estate activities	12 988	10 534 752
	Professional, scientific and technical activities	7 367	5 875 308
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	5 411	4 783 665
	Education	11 547	1 685 577
	Human health and social work activities	9 623	11 015 030
	Arts, sports and recreation related services	7 117	1 312 794
	Membership organizations, repair and other personal services	24 287	2 621 545
Daegu	Total	151 778	76 522 098
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	362	932 926
	Wholesale and retail trade	55 526	45 363 993
	Accommodation and food service activities	37 253	5 395 775
	Information and communication	1 195	2 127 021
	Real estate activities	8 212	4 956 330
	Professional, scientific and technical activities	4 798	2 683 160
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	3 140	2 628 832
	Education	10 058	1 429 556
	Human health and social work activities	7 183	8 375 120
	Arts, sports and recreation related services	5 846	813 230
	Membership organizations, repair and other personal services	18 205	1 816 155
	Incheon	Total	146 472
Water supply; sewage, waste management, materials recovery		529	2 011 445
Wholesale and retail trade		49 188	63 247 172
Accommodation and food service activities		40 245	7 451 140
Information and communication		1 106	1 065 162
Real estate activities		9 229	7 466 296
Professional, scientific and technical activities		4 165	2 195 312
Business facilities management and business support services; rental and leasing activities		3 466	3 152 161
Education		7 555	1 465 770
Human health and social work activities		7 541	7 743 003
Arts, sports and recreation related services		7 044	1 754 898
Membership organizations, repair and other personal services		16 404	2 073 575
Gwangju		Total	93 348
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	183	646 535
	Wholesale and retail trade	32 412	28 948 172
	Accommodation and food service activities	21 964	3 715 378
	Information and communication	806	823 376
	Real estate activities	5 825	6 453 493
	Professional, scientific and technical activities	3 342	1 788 968
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	2 369	2 035 974
	Education	6 137	848 841
	Human health and social work activities	4 911	5 364 142
	Arts, sports and recreation related services	4 197	757 532
	Membership organizations, repair and other personal services	11 202	1 306 936
	Daejeon	Total	90 560
Water supply; sewage, waste management, materials recovery		157	1 377 354
Wholesale and retail trade		31 827	28 442 952
Accommodation and food service activities		22 960	3 821 165
Information and communication		1 298	1 926 523
Real estate activities		4 812	4 290 979
Professional, scientific and technical activities		3 086	3 329 932
Business facilities management and business support services; rental and leasing activities		2 310	2 931 849
Education		5 062	854 400
Human health and social work activities		4 822	4 773 470
Arts, sports and recreation related services		3 898	734 301
Membership organizations, repair and other personal services		10 328	1 272 214
Ulsan		Total	66 472
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	228	586 096

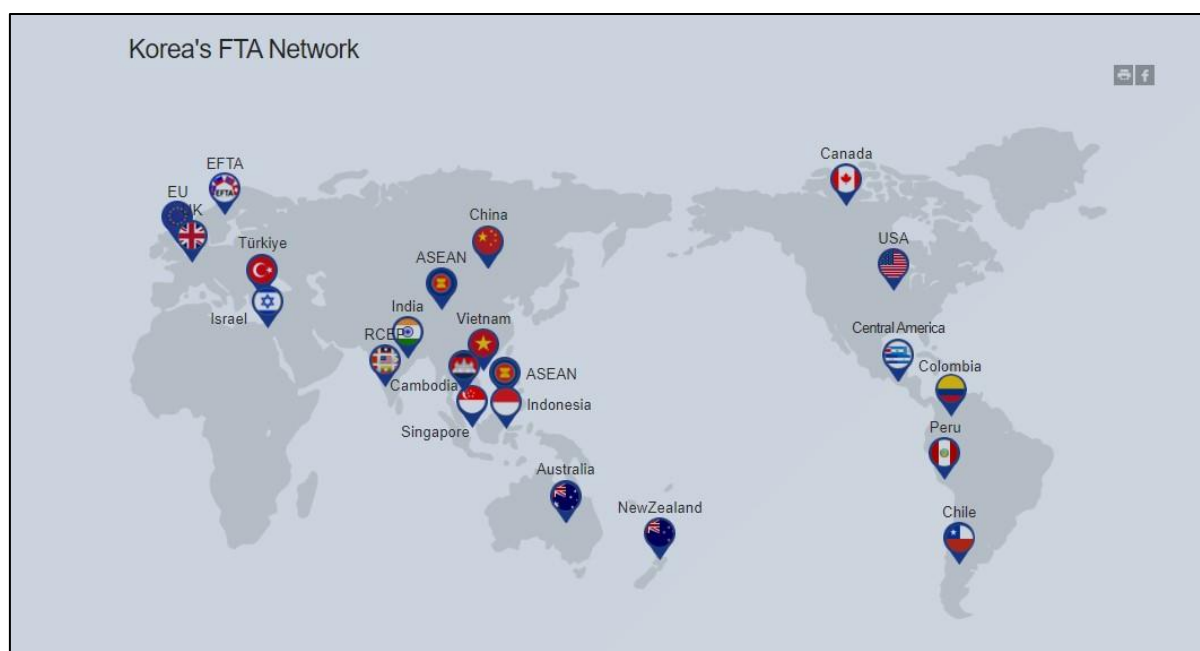
	Wholesale and retail trade	20 609	16 336 641	
	Accommodation and food service activities	20 396	3 141 292	
	Information and communication	324	474 728	
	Real estate activities	3 261	1 736 701	
	Professional, scientific and technical activities	1 879	2 728 898	
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	1 563	1 765 931	
	Education	4 374	965 681	
	Human health and social work activities	2 926	2 974 168	
	Arts, sports and recreation related services	2 983	443 886	
	Membership organizations, repair and other personal services	7 929	766 584	
Sejong	Total	15 510	9 091 158	
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	76	190 711	
	Wholesale and retail trade	3 844	3 828 630	
	Accommodation and food service activities	4 276	797 817	
	Information and communication	237	256 528	
	Real estate activities	1 757	1 610 619	
	Professional, scientific and technical activities	572	473 810	
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	432	348 472	
	Education	1 359	186 723	
	Human health and social work activities	914	687 379	
	Arts, sports and recreation related services	657	541 692	
	Membership organizations, repair and other personal services	1 386	168 777	
	Gyeonggi-do	Total	678 682	488 834 243
		Water supply; sewage, waste management, materials recovery	2 361	7 133 638
Wholesale and retail trade		227 760	285 066 240	
Accommodation and food service activities		173 272	35 720 193	
Information and communication		8 259	32 941 121	
Real estate activities		47 248	33 145 929	
Professional, scientific and technical activities		23 598	16 876 774	
Business facilities management and business support services; rental and leasing activities		17 042	18 541 050	
Education		42 029	7 540 889	
Human health and social work activities		35 101	33 163 672	
Arts, sports and recreation related services		29 827	8 419 866	
Membership organizations, repair and other personal services		72 185	10 284 871	
Gangwon-do		Total	112 235	42 561 225
		Water supply; sewage, waste management, materials recovery	511	982 297
	Wholesale and retail trade	34 460	21 477 383	
	Accommodation and food service activities	41 065	5 867 214	
	Information and communication	599	639 774	
	Real estate activities	3 874	2 204 794	
	Professional, scientific and technical activities	2 783	1 277 134	
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	2 908	1 789 099	
	Education	5 088	839 545	
	Human health and social work activities	4 730	4 524 404	
	Arts, sports and recreation related services	4 663	1 908 421	
	Membership organizations, repair and other personal services	11 554	1 051 160	
	Chungcheongbuk-do	Total	97 772	43 718 270
		Water supply; sewage, waste management, materials recovery	503	1 398 927
Wholesale and retail trade		32 430	23 420 009	
Accommodation and food service activities		30 415	4 518 643	
Information and communication		511	467 286	
Real estate activities		3 977	1 719 739	
Professional, scientific and technical activities		2 590	1 672 998	
Business facilities management and business support services; rental and leasing activities		2 744	2 706 549	
Education		4 665	1 160 835	
Human health and social work activities		4 754	4 463 608	
Arts, sports and recreation related services		4 356	1 111 933	
Membership organizations, repair and other personal services		10 827	1 077 743	
Chungcheongnam-do		Total	129 690	58 596 520
		Water supply; sewage, waste management, materials recovery	631	1 582 402
	Wholesale and retail trade	44 713	33 575 044	
	Accommodation and food service activities	39 653	6 011 712	

	Information and communication	681	314 921
	Real estate activities	5 712	2 555 993
	Professional, scientific and technical activities	3 452	2 154 621
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	3 488	2 756 748
	Education	5 774	1 139 978
	Human health and social work activities	6 419	6 044 708
	Arts, sports and recreation related services	5 253	1 027 978
	Membership organizations, repair and other personal services	13 914	1 432 415
Jeollabuk-do	Total	111 740	45 957 009
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	475	1 218 881
	Wholesale and retail trade	40 811	26 053 899
	Accommodation and food service activities	29 816	4 230 189
	Information and communication	643	451 081
	Real estate activities	4 512	2 349 186
	Professional, scientific and technical activities	3 093	1 478 501
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	2 716	1 548 423
	Education	6 288	788 205
	Human health and social work activities	6 252	5 835 249
	Arts, sports and recreation related services	4 266	914 842
	Membership organizations, repair and other personal services	12 868	1 088 553
Jeollanam-do	Total	115 156	46 910 366
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	604	1 423 411
	Wholesale and retail trade	42 669	25 817 634
	Accommodation and food service activities	34 719	4 577 052
	Information and communication	625	563 120
	Real estate activities	3 444	1 756 276
	Professional, scientific and technical activities	2 702	1 322 460
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	2 761	2 378 854
	Education	4 914	627 473
	Human health and social work activities	5 779	5 963 480
	Arts, sports and recreation related services	4 332	1 333 400
	Membership organizations, repair and other personal services	12 607	1 147 206
Gyeongsangbuk-do	Total	165 847	63 753 808
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	982	2 557 953
	Wholesale and retail trade	57 082	36 414 618
	Accommodation and food service activities	52 561	6 716 469
	Information and communication	887	511 439
	Real estate activities	5 763	1 872 007
	Professional, scientific and technical activities	3 851	2 551 473
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	3 638	2 527 270
	Education	7 973	1 003 776
	Human health and social work activities	7 758	6 540 201
	Arts, sports and recreation related services	6 268	1 427 002
	Membership organizations, repair and other personal services	19 084	1 631 600
Gyeongsangnam-do	Total	206 762	88 627 603
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	944	2 178 951
	Wholesale and retail trade	67 602	48 294 310
	Accommodation and food service activities	65 811	8 210 773
	Information and communication	968	823 284
	Real estate activities	9 422	9 023 759
	Professional, scientific and technical activities	5 503	2 897 100
	Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	4 686	2 997 428
	Education	11 798	1 331 485
	Human health and social work activities	9 418	9 378 679
	Arts, sports and recreation related services	7 309	1 434 793
	Membership organizations, repair and other personal services	23 301	2 057 041
Jeju	Total	53 657	23 215 767
	Water supply; sewage, waste management, materials recovery	120	251 169
	Wholesale and retail trade	15 548	11 025 655

Accommodation and food service activities	21 083	3 490 622
Information and communication	345	1 424 864
Real estate activities	2 198	1 361 589
Professional, scientific and technical activities	1 393	579 959
Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	1 775	1 216 415
Education	2 506	563 996
Human health and social work activities	2 019	1 915 808
Arts, sports and recreation related services	1 998	911 222
Membership organizations, repair and other personal services	4 672	474 468

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Summary by Industry* [2020]⁴³³;

Anexo A.8.: Mapa dos ALC da Coreia do Sul

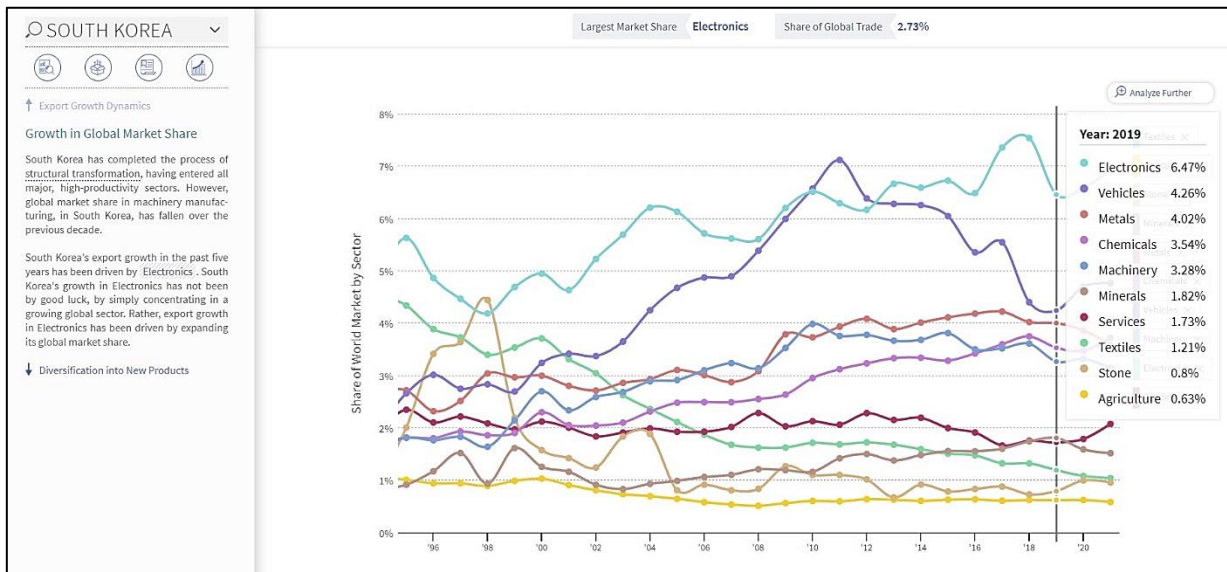


Fonte: Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia. *Korea's FTA Network*⁴³⁴;

⁴³³ A tabela foi modificada para ficar graficamente mais compreensível. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (selecionar o ano de 2020 em “Time”);

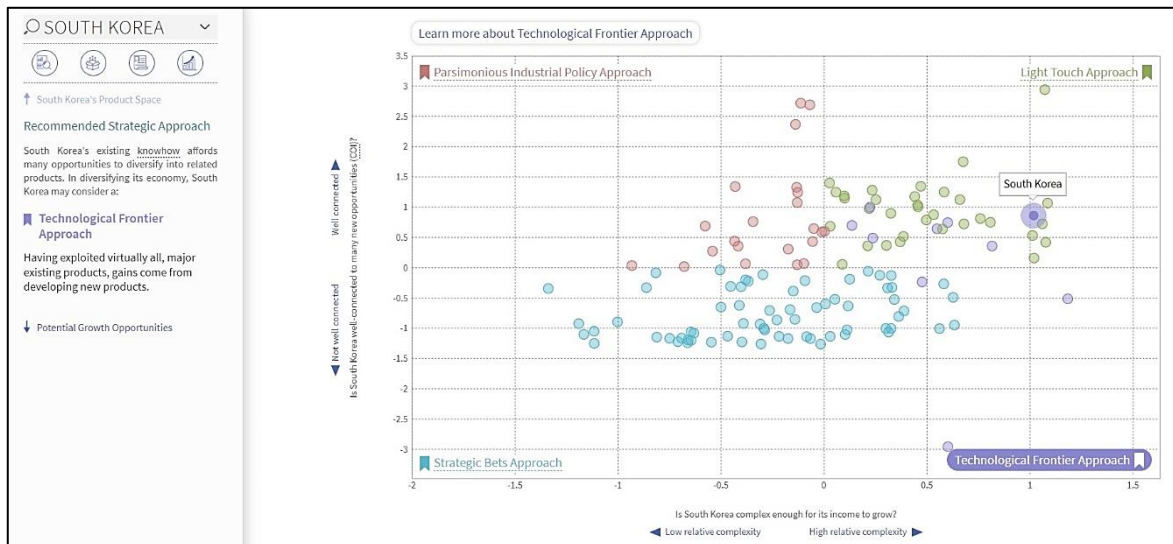
⁴³⁴ Para ver a versão interativa do mapa, consultar o link disponível na bibliografia;

Anexo A.9.: A Presença Sul-coreana no Mercado Global



Fonte: O Atlas da Complexidade Económica. *Growth in Global Market Share*⁴³⁵;

Anexo A.10.: A Abordagem Estratégica Industrial Sul-Coreana



Fonte: O Atlas da Complexidade Económica. *Recommended Strategic Approach*⁴³⁶;

⁴³⁵ Para ver a versão interativa do mapa, consultar o link disponível na bibliografia;

⁴³⁶ Para ver a versão interativa do mapa, consultar o link disponível na bibliografia;

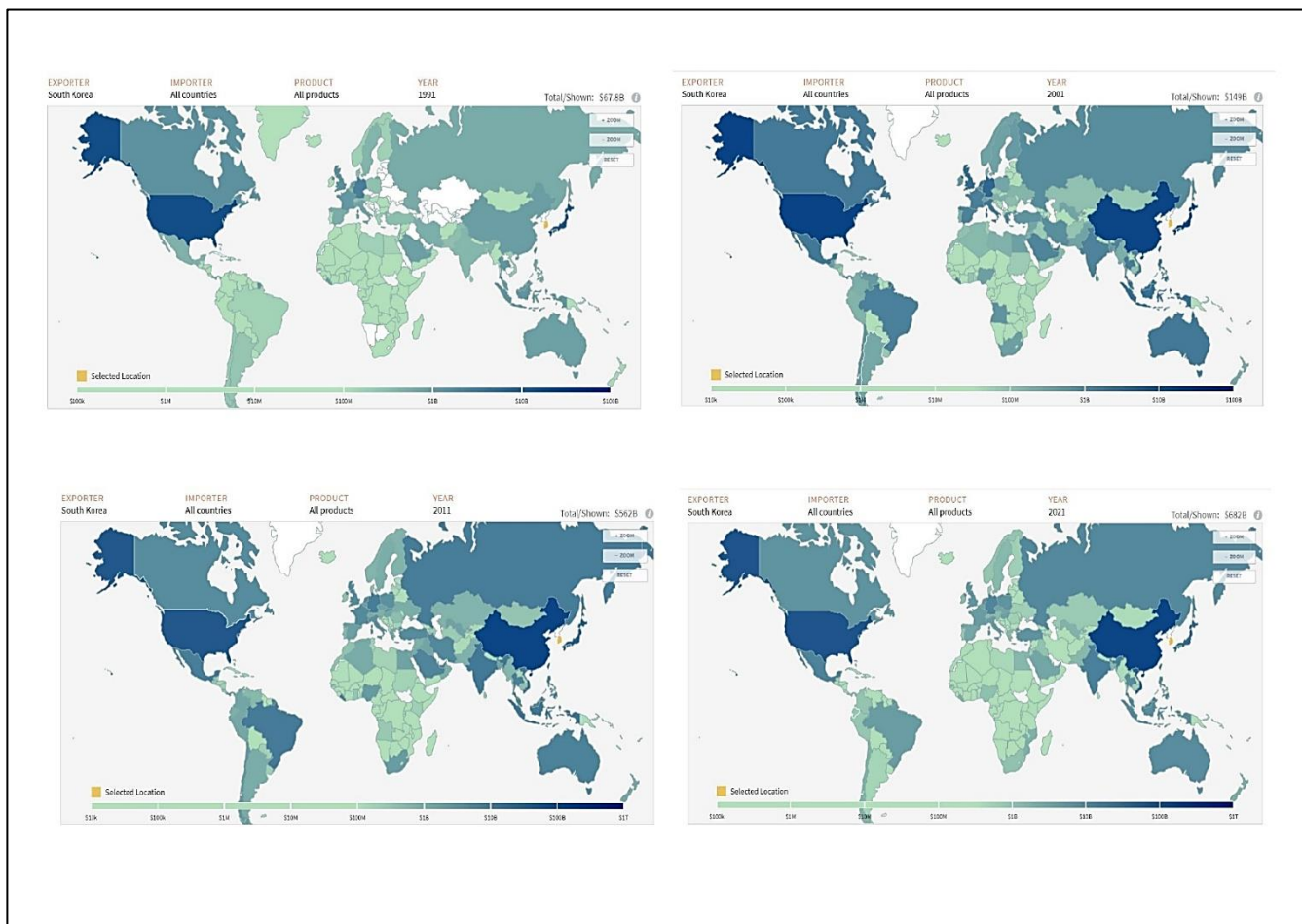
Anexo A.11.: Exportações e Importações por Nação na Ásia Oriental e na Ásia do Sudeste, para 1991, 2001, 2011 e 2021

country	Exportações				country	Importações			
	1991	2001	2011	2021		1991	2001	2011	2021
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)		The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total (global)	71 870 122	150 439 144	555 213 656	644 400 368	Total (global)	81 524 858	141 097 821	524 413 090	615 093 447
Ásia Oriental					Ásia Oriental				
country	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	country	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Democratic peoples republic of korea	-	-	-	-	Democratic peoples republic of korea	-	12 423	-	-
Republic of korea	-	-	-	-	Republic of korea	1 226	-	-	-
China, peoples' republic of	1 002 511	18 190 190	134 185 009	162 912 974	China, peoples' republic of	3 440 548	13 302 675	86 432 238	138 628 127
Hong kong(BR)	4 769 043	9 451 678	30 968 405	37 467 077	Hong kong(BR)	773 402	1 227 638	2 315 073	2 247 389
Macao(port)	23 267	52 351	45 382	30 319	Macao(port)	962	2 495	5 357	651
Taiwan	1 608 973	5 835 269	18 205 965	24 285 275	Taiwan	1 514 696	4 301 424	14 693 589	23 485 813
Japan	12 355 839	16 505 766	39 679 706	30 061 806	Japan	21 120 216	26 633 372	68 320 170	54 642 165
Mongolian	5 306	76 567	349 874	384 715	Mongolian	426	2 348	60 623	24 949
Russia	-	938 161	10 304 880	9 979 539	Russia	-	1 929 476	10 852 171	17 356 692
U.S.S.R	625 080	-	-	-	U.S.S.R	577 293	-	-	-
U.S.A	18 559 256	31 210 795	56 207 703	95 901 955	U.S.A	18 894 368	22 376 226	44 569 029	73 213 414
Ásia do Sudeste (e ASEAN)					Ásia do Sudeste (e ASEAN)				
country	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	country	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Brunei	3 146	16 453	588 039	45 643	Brunei	281 802	452 427	2 010 366	122 519
East Timor	681	313	8 224	1 871	East Timor	142	749	39 710	259
Indonesia	1 349 105	3 279 783	13 564 498	8 550 335	Indonesia	2 051 845	4 473 515	17 216 374	10 725 095
Laos	-	6 255	154 462	70 522	Laos	-	480	4 325	48 727
Malaysia	1 037 237	2 628 036	6 275 131	10 107 328	Malaysia	1 868 991	4 125 990	10 467 817	10 456 180
Myanmar	28 851	232 054	666 742	367 934	Myanmar	4 863	50 679	298 681	445 759
Philippines	674 808	2 535 383	7 338 902	9 659 072	Philippines	322 662	1 819 018	3 571 472	3 893 738
Singapore	2 701 941	4 079 605	20 839 005	14 148 511	Singapore	1 029 773	3 011 473	8 966 683	10 691 293
Thailand	1 336 803	1 848 211	8 458 966	8 524 224	Thailand	561 739	1 589 191	5 413 360	7 014 746
Vietnam	198 948	1 731 663	13 464 922	56 728 532	Vietnam	41 154	385 779	5 084 246	23 965 707

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Exports and Imports by Nation*. **Legenda:** verde = país com o maior número de exportações/importações; azul = segundo país com o maior número de exportações/importações; amarelo = terceiro país com o maior número de exportações/importações⁴³⁷;

⁴³⁷ A tabela foi modificada para ficar graficamente mais compreensível e para eliminar regiões sobre as quais o presente trabalho não incide, direta ou indiretamente. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (selecionar os anos de 1991, 2001, 2011 e 2021 em “Time”);

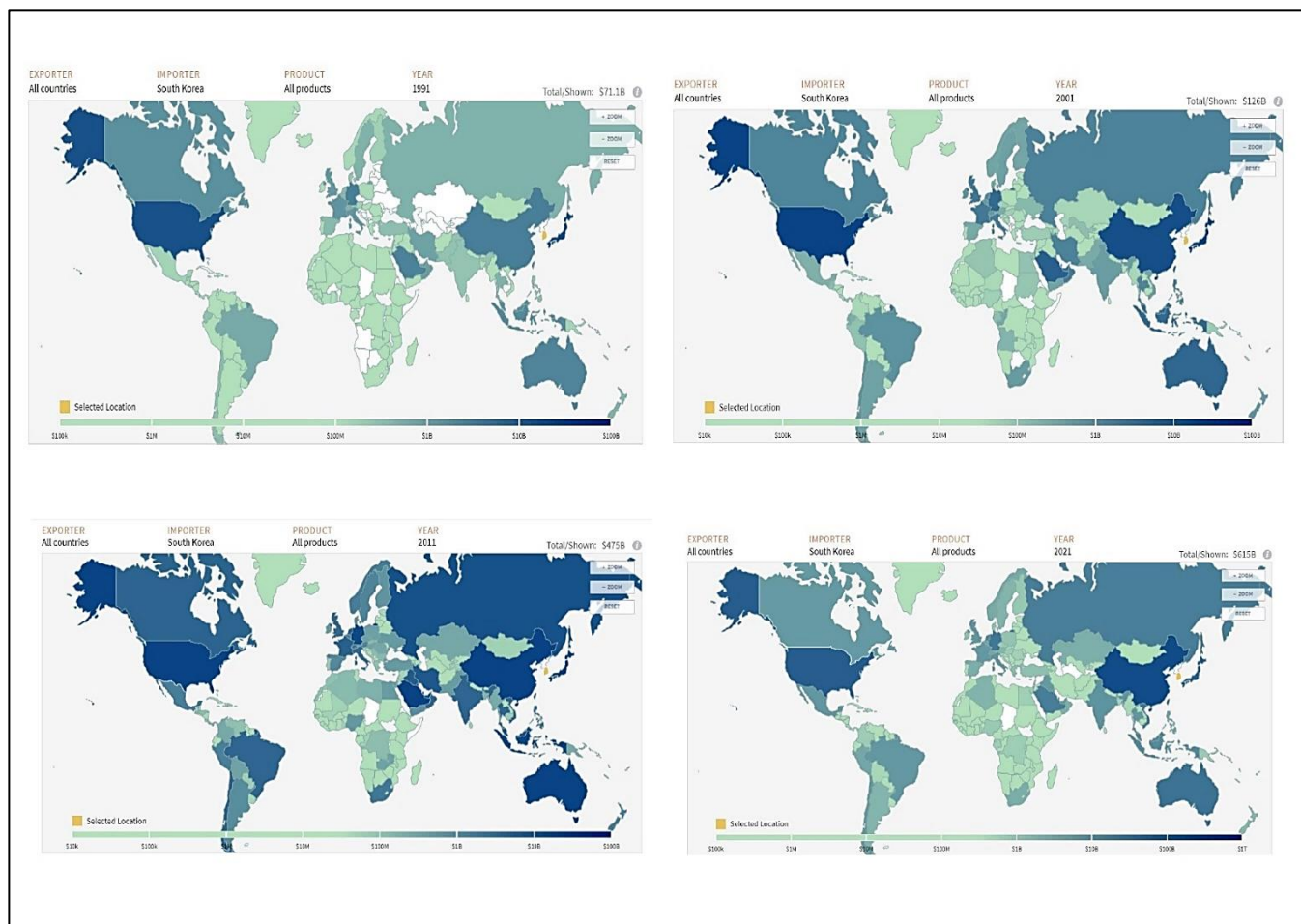
Anexo A.12.: Mapa Mundial das Exportações da Coreia do Sul em 1991, 2001, 2011 e 2021



Fonte: O Atlas da Complexidade Económica. *Growth Lab*⁴³⁸;

⁴³⁸ A figura resulta da construção de quatro mapas de exportações sul-coreanas (1991, 2001, 2011 e 2021) apresentados no site. Para ver qualquer um dos mapas de forma individual e ter uma análise mais interativa ir ao link disponível na bibliografia e selecionar os anos mencionados;

Anexo A.13.: Mapa Mundial das Importações da Coreia do Sul em 1991, 2001, 2011 e 2021



Fonte: O Atlas da Complexidade Económica. *Growth Lab*⁴³⁹;

⁴³⁹ A figura resulta da construção de quatro mapas de importações sul-coreanas (1991, 2001, 2011 e 2021) apresentados no site. Para ver qualquer um dos mapas de forma individual e ter uma análise mais interativa ir ao link disponível na bibliografia e selecionar os anos mencionados;

Anexo A.14.: Os 10 Produtos Sul-coreanos mais Exportados entre 2019 e 2021

Table 1: Top 10 export commodities 2019 to 2021

HS code	4-digit heading of Harmonized System	Value (million US\$)			Unit value			SITC code	
		2019	2020	2021	2019	2020	2021		Unit
	All Commodities.....	542 171.8	512 709.9	644 411.1					
8542	Electronic integrated circuits.....	79 076.5	82 885.1	109 297.6				776	
8703	Motor cars and other motor vehicles principally designed for the transport.....	40 454.7	35 638.5	44 318.3	22.4	15.7	18.0	thsd US\$/unit	781
2710	Petroleum oils, other than crude.....	39 280.0	23 169.2	37 024.0	0.6	0.4	0.7	US\$/kg	334
8517	Electrical apparatus for line telephony or line telegraphy.....	17 849.9	17 966.8	21 992.0					764
8708	Parts and accessories of the motor vehicles of headings 87.01 to 87.05.....	18 980.8	15 765.2	19 266.2	7.4	7.6	8.0	US\$/kg	784
8901	Cruise ships, excursion boats, ferry-boats, cargo ships, barges.....	17 106.1	16 528.2	16 765.1		11.5		mIn US\$/unit	793
8473	Parts and accessories for use with machines of heading 84.69 to 84.72.....	11 388.0	13 279.9	15 178.4	1.5	1.9	1.8	thsd US\$/kg	759
8523	Prepared unrecorded media for sound recording.....	5 224.3	10 699.0	13 704.3		43.1	45.3	US\$/unit	898
8529	Parts suitable for use with the apparatus of headings 85.25 to 85.28.....	10 188.1	7 928.2	8 009.4	62.7	78.2	93.9	US\$/kg	764
8486	Machines and apparatus used for the manufacture of semiconductor devices.....	7 850.7	8 412.6	9 275.4					728

Source: UN Comtrade 2022 International Trade Statistics Yearbook, Vol. I

Fonte: Department of Economic and Social Affairs, 2022, 194;

Anexo A.15.: Os 10 Produtos mais Importados pela Coreia do Sul entre 2019 e 2021

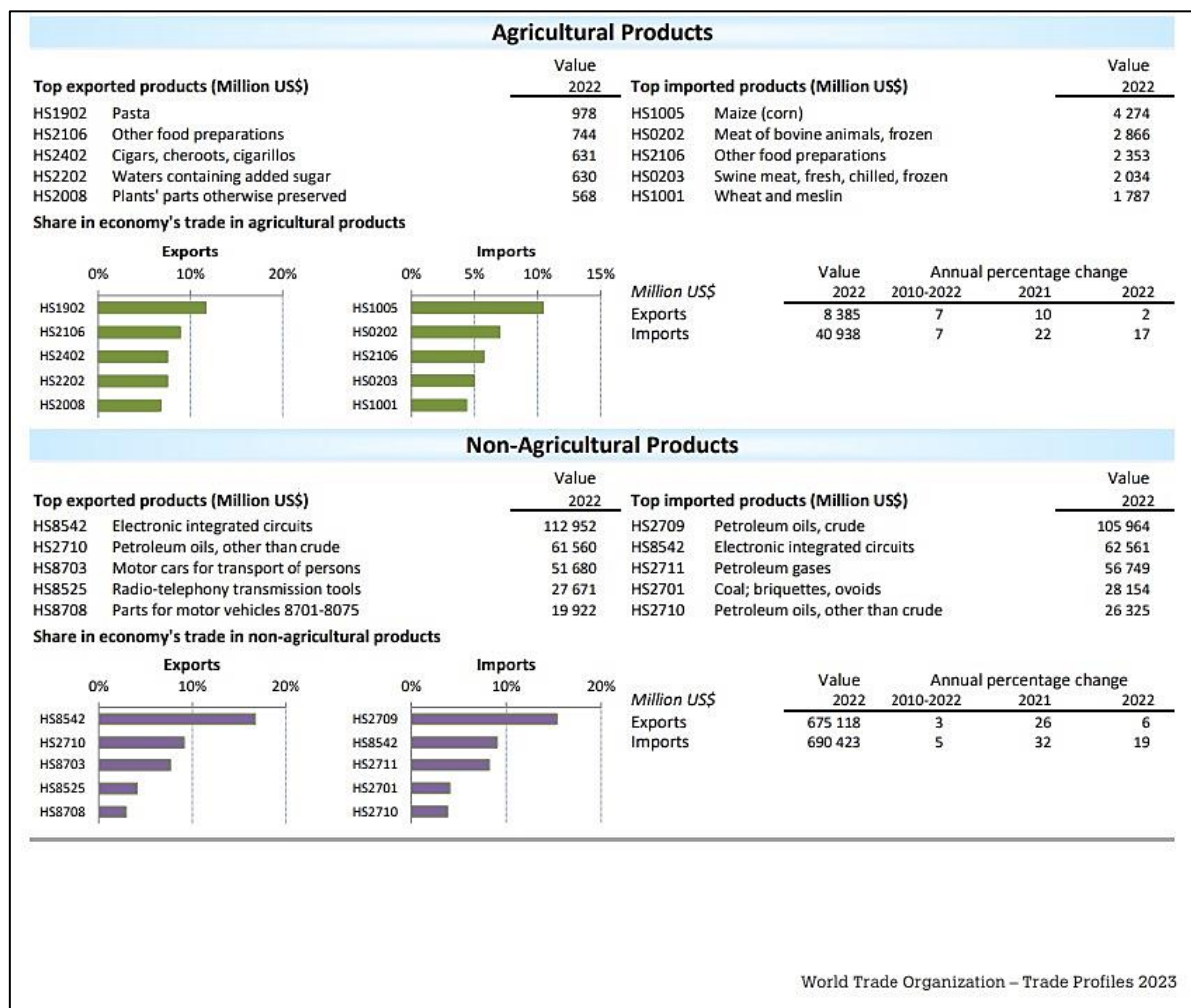
Table 4: Top 10 import commodities 2019 to 2021

HS code	4-digit heading of Harmonized System	Value (million US\$)			Unit value			SITC code	
		2019	2020	2021	2019	2020	2021		Unit
	All Commodities.....	503 262.9	467 498.3	615 013.7					
2709	Petroleum oils and oils obtained from bituminous minerals; crude.....	70 251.8	44 461.7	67 019.7	0.5	0.3	0.5	US\$/kg	333
8542	Electronic integrated circuits.....	35 703.2	40 276.2	50 338.1					776
2711	Petroleum gases and other gaseous hydrocarbons.....	24 162.8	18 927.9	30 845.0	0.5	0.4	0.6	US\$/kg	343
2710	Petroleum oils, other than crude.....	17 200.5	12 738.2	23 532.4	0.5	0.4	0.6	US\$/kg	334
8486	Machines and apparatus used for the manufacture of semiconductor devices.....	9 039.3	15 482.2	22 214.1					728
8517	Electrical apparatus for line telephony or line telegraphy.....	12 852.2	12 137.2	13 522.0					764
2701	Coal; briquettes, ovoids and similar solid fuels manufactured from coal.....	14 093.3	9 489.6	14 524.1	0.1	0.1		US\$/kg	321
8703	Motor cars and other motor vehicles principally designed for the transport.....	11 111.7	12 060.5	12 933.1		35.6	41.6	thsd US\$/unit	781
2601	Iron ores and concentrates, including roasted iron pyrites.....	6 952.0	6 931.1	12 078.9	0.1			US\$/kg	281
8471	Automatic data processing machines and units thereof.....	6 702.0	7 574.5	9 757.9		134.9	169.9	US\$/unit	752

Source: UN Comtrade 2022 International Trade Statistics Yearbook, Vol. I

Fonte: Department of Economic and Social Affairs, 2022, 195;

Anexo A.16.: Produtos Agrícolas e Não-agrícolas mais exportados e importados pela Coreia do Sul em 2022



Fonte: Organização Mundial do Comércio (WTO). Trade profiles;

Anexo A.17.: Os Serviços na Coreia do Sul: Valor e Volume (2001, 2011 e 2021)

By the type of business	2001		2011		2021	
	Value	Volume	Value	Volume	Value	Volume
Total index	42,1	59,5	78,2	86,8	108,7	105,0
Water supply; sewage, waste management, materials recovery	31,1	48,3	55,5	85,2	105,0	102,3
Water supply	-	-	72,0	89,5	102,8	101,9
Water supply	-	-	72,0	89,5	102,8	101,9
Sewage, wastewater, human and animal waste treatment services	32,9	64,3	54,8	102,0	102,1	98,8
Sewage, wastewater, human and animal waste treatment services	32,9	64,3	54,8	102,0	102,1	98,8
Waste collection, treatment and disposal activities; materials recovery	27,2	43,8	50,5	79,6	106,6	103,5
Wholesale and retail trade	56,3	72,6	93,3	95,2	110,3	104,3
Sale of motor vehicles and parts	36,4	42,0	64,8	68,3	109,3	107,9
Sale of motor vehicles	32,4	35,2	55,1	57,3	105,1	104,7
Sale of motor vehicle parts and accessories	43,4	55,5	83,1	89,9	111,5	109,6
Wholesale trade on own account or on a fee or contract basis	59,9	73,1	100,5	96,7	111,7	103,5
Wholesale of agricultural raw materials and live animals and plants	52,8	82,8	81,3	90,7	113,0	103,0
Wholesale of food, beverages and tobaccos	51,9	94,0	81,9	96,3	105,2	99,8
Wholesale of household goods	74,8	80,5	97,1	99,7	105,7	103,8
Wholesale of machinery, equipment and supplies	59,4	37,9	93,4	85,4	108,8	106,8
Wholesale of construction materials, hardware and heating and air conditioning equipment	75,7	127,0	111,4	117,7	109,0	95,1
Other specialized wholesale	61,6	115,3	132,8	99,5	128,8	105,0
Retail trade, except motor vehicles and motorcycles	56,0	78,1	91,0	98,7	107,7	105,2
Retail sale in non-specialized stores	39,1	64,0	76,2	91,1	104,6	101,3
Retail sale of foods, beverages and tobacco in specialized stores	66,4	128,4	116,4	140,5	100,8	95,6
Retail sale of household electrical appliances and information and communication equipment	126,6	48,1	143,1	124,5	99,0	103,5
Retail sale of textiles, clothing, footwear and leather goods	103,9	153,3	127,4	152,6	112,0	111,4
Retail sale of other household equipment	132,6	216,4	123,0	143,4	104,0	101,4
Retail sale of cultural, amusement and recreation goods	103,9	148,2	119,8	135,0	106,3	106,8
Retail sale of fuels	55,2	119,4	120,0	85,0	121,2	104,1
Retail sale in other goods in specialized stores	76,3	106,5	105,4	108,6	108,8	108,1
Retail sale not in stores	20,7	26,2	40,7	44,6	113,9	112,2
Transportation and storage	46,3	67,5	95,2	104,4	111,9	104,2
Land transport and transport via pipelines	49,4	82,7	88,0	105,9	103,8	101,3
Transport via railways	48,5	66,4	97,1	101,5	110,6	110,6
Passenger land transport, except transport via railways	67,8	140,6	103,2	136,3	97,2	96,9
Freight transport by road	34,2	52,1	80,0	92,4	108,2	105,6
Couriers and messengers activities	14,4	14,7	50,5	50,1	114,3	102,4
Water transport	49,3	46,9	153,2	114,5	166,0	106,3
Sea and coastal water transport	49,3	46,9	153,2	114,5	166,0	106,3
Air transport	52,9	74,7	126,8	135,2	74,3	69,0
Passenger air transport	91,8	121,0	230,2	214,7	71,1	67,2
Freight air transport	35,1	41,0	74,8	77,1	155,6	114,7
Warehousing and support activities for transportation	40,4	52,5	84,0	91,2	116,3	115,5

Warehousing and storage	47,6	77,8	75,1	98,8	106,7	105,5
Support activities for transportation	40,1	50,5	86,1	91,0	120,2	119,7
Accommodation and food service activities	69,8	112,9	105,8	127,3	104,1	101,9
Accommodation	85,0	110,6	139,6	157,2	110,4	111,3
General accommodation and accommodation with cooking facilities	85,0	110,6	139,6	157,2	110,4	111,3
Food and beverage service activities	68,3	114,0	102,2	123,6	103,3	100,7
Restaurants and mobile food service activities	65,3	112,7	105,8	128,7	104,1	101,0
Drinking places and non-alcoholic beverages places	83,4	121,1	90,2	107,6	99,5	99,3
Information and communication	49,7	55,6	77,4	83,4	114,6	112,2
Publishing activities	43,3	59,5	62,5	73,0	106,7	103,6
Publishing of books, magazines and other publishing activities	97,5	149,3	98,1	119,9	98,0	97,7
Software publishing	33,1	43,9	55,6	64,4	107,9	104,4
Motion picture, video and television programme production, sound recording and music publishing activities	48,3	77,5	107,7	137,7	106,8	91,6
Motion picture, video and broadcast programme activities	48,3	77,5	107,7	137,7	106,8	91,6
Broadcasting activities	34,2	39,6	86,0	89,2	106,7	108,3
Television broadcasting	34,2	39,6	86,0	89,2	106,7	108,3
Postal activities and telecommunications	68,3	62,7	92,7	88,7	103,0	103,5
Postal activities	49,0	97,2	86,9	121,6	102,7	98,8
Telecommunications	71,6	58,6	94,0	83,2	103,0	104,3
Computer programming, consultancy and related activities	-	-	85,0	94,0	108,7	105,9
Computer programming, consultancy and related activities	-	-	85,0	94,0	108,7	105,9
Information service activities	16,2	22,4	47,7	58,1	200,8	197,1
Data processing, hosting and related activities; web portals	23,6	31,7	45,2	53,4	124,3	121,0
Other information service activities	-	-	54,0	70,4	309,0	304,6
Financial and insurance activities	24,5	29,7	59,6	62,5	110,0	108,0
Financial service activities, except insurance and pension funding	25,1	33,6	60,9	64,8	110,6	108,1
Banking and savings institutions	20,0	26,7	55,5	59,2	110,8	108,3
Trust and collective investment businesses	44,9	59,9	43,3	46,1	114,4	111,8
Other financial service activities	55,8	74,6	87,3	92,9	109,0	106,5
Insurance and pension funding	28,5	27,6	71,5	69,2	103,6	104,5
Insurance	37,1	34,9	73,7	70,6	100,7	101,6
Reinsurance	-	-	-	-	105,2	106,2
Pension fund and mutual aid organizations	25,8	28,9	59,0	60,4	111,5	112,5
Activities auxiliary to financial service and insurance activities	21,4	28,3	48,0	50,9	112,3	110,4
Activities auxiliary to financial service activities	18,6	25,4	45,3	48,3	116,6	114,1
Activities auxiliary to insurance and pension funding	71,1	67,7	83,9	81,8	93,3	94,1
Real estate activities	46,9	75,8	71,2	83,6	108,8	102,3
Real estate activities	46,9	75,8	71,2	83,6	108,8	102,3
Real estate activities with own or leased property	66,6	125,3	112,0	132,5	110,0	101,8
Real estate activities on a fee or contract basis	38,0	55,4	55,6	65,3	106,2	103,5
Professional, scientific and technical activities	34,0	67,3	73,2	91,6	106,8	102,8
Research and development	20,6	39,5	67,9	84,3	110,0	105,8
Research and experimental development on natural sciences and engineering	20,9	40,0	68,3	85,0	110,3	106,0
Research and experimental development on social sciences and humanities	-	-	61,6	76,6	105,5	101,5
Professional services	43,6	59,2	82,1	95,9	105,8	104,0
Legal services	55,2	67,3	94,0	105,6	98,2	97,4
Accounting, bookkeeping and auditing activities; tax consultancy	36,0	45,2	62,1	76,4	106,4	104,5
Advertising	80,1	90,3	112,9	120,3	107,2	107,2
Market research and public opinion polling	43,0	82,6	77,7	96,6	104,8	100,7
Activities of head offices, management consultancy activities	21,6	41,5	71,0	88,2	112,5	108,2
Architectural, engineering and other scientific technical services	32,2	102,6	65,6	89,2	104,3	98,2
Architectural, engineering and related technical services	38,3	122,0	72,0	96,3	104,3	95,8
Other scientific and technical services	26,2	80,0	61,2	82,5	104,2	104,0
Other professional, scientific and technical services	84,1	162,5	93,4	116,9	106,5	103,2
Veterinary activities	-	-	-	-	108,3	107,7

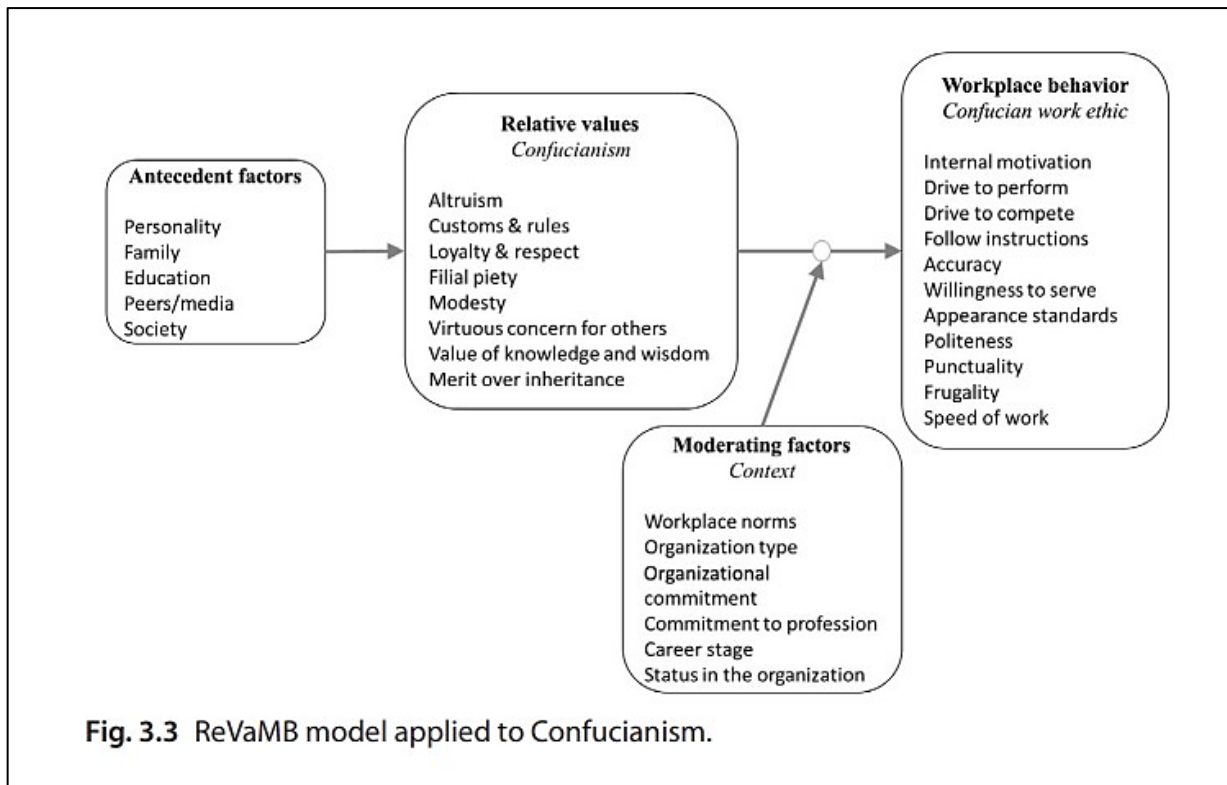
Specialized design activities	62,3	119,5	97,3	121,1	105,9	101,9
Other professional, scientific and technical services n.e.c.	-	-	67,2	83,6	105,9	101,9
Business facilities management and business support services; rental and leasing activities	43,3	58,5	76,3	88,8	103,4	102,3
Business facilities management and landscape services	30,9	62,4	71,0	113,9	102,2	103,1
Combined facilities support activities	29,7	56,2	65,9	99,6	103,6	104,2
Cleaning and pest control services of building and industrial facilities	32,5	71,1	76,7	132,2	100,6	101,7
Business support services	40,1	53,2	80,5	88,7	102,2	100,5
Activities of employment placement agencies and provision of human resources	46,5	63,9	70,1	79,2	101,4	99,7
Activities of travel agencies and tour operators and tourist assistance activities	173,7	182,2	335,7	315,5	68,3	68,5
Security, guard and detective services	24,7	32,1	67,3	72,9	105,4	104,6
Other business support services	39,8	51,0	97,0	103,7	104,4	102,2
Rental and leasing activities; except real estate	41,5	49,6	55,9	62,8	111,6	110,0
Renting of transport equipment	-	-	43,0	50,4	110,4	109,2
Renting of personal and household goods	-	-	77,8	84,3	107,7	101,2
Renting of industrial machinery and equipment	68,1	68,4	65,9	71,2	115,4	115,9
Education	45,9	80,8	88,7	100,9	103,8	101,5
Education	45,9	80,8	88,7	100,9	103,8	101,5
Pre-primary and primary education	29,2	68,3	73,3	83,0	103,3	100,9
Secondary education	44,8	73,3	86,0	95,8	101,3	98,8
Higher education	40,0	77,3	90,0	100,2	100,2	97,8
General educational institutes	75,4	133,3	117,3	141,0	108,8	107,6
Other educational institutes	-	-	120,5	149,4	114,0	112,0
Educational Institution	85,4	152,3	130,5	159,1	110,9	109,2
Human health and social work activities	20,6	29,5	51,3	59,2	107,2	105,1
Human health activities	22,1	30,8	50,4	57,2	106,6	104,9
Hospital activities	-	-	46,6	53,5	108,4	106,7
Medical and dental practice activities	-	-	52,4	58,6	107,7	106,0
Other human health activities	-	-	111,6	126,9	81,8	80,5
Social work activities	-	-	55,7	68,4	108,8	105,6
Residential welfare facilities	-	-	40,2	53,1	106,8	105,5
Non-residential welfare facilities	-	-	63,0	74,9	109,4	105,6
Arts, sports and recreation related services	85,5	123,4	123,6	141,4	118,8	115,4
Creative, arts and recreation related services	61,8	94,7	102,1	118,7	132,4	126,9
Sports activities and amusement activities	91,8	131,7	130,5	149,1	111,7	109,4
Sports services	70,1	109,4	108,7	124,8	111,8	109,1
Amusement parks and other recreation activities	122,0	165,5	157,5	178,6	111,4	110,0
Membership organizations, repair and other personal services	62,8	94,1	89,5	105,7	103,7	101,9
Membership organizations	42,6	62,0	59,9	75,3	105,9	104,5
Business, employers and professional membership organizations	42,6	62,0	59,9	75,3	105,9	104,5
Maintenance and repair services of personal and household goods	-	-	84,8	96,4	103,1	101,2
Maintenance and repair services of motor vehicles and motorcycles	-	-	87,8	93,1	104,9	102,9
Repair services of personal and household goods	-	-	75,9	109,3	97,5	95,8
Other personal services activities	80,4	129,4	117,8	142,7	101,3	99,3
Personal care services	98,7	165,0	128,3	163,3	96,0	94,8
Other personal service activities n.e.c.	58,3	90,9	104,9	120,0	106,6	103,9

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Index Of Services By Industry Section*.

Legenda: azul = serviços com maior valor e volume para cada ano⁴⁴⁰;

⁴⁴⁰ A tabela foi modificada para ficar graficamente mais compreensível. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (selecionar os anos 2001, 2011 e 2021 em "Time"). Não existe informação disponível para o ano de 1991;

Anexo A.18.: As Características do Comportamento Confucionista



Fonte: Baumann, 2017, 43;

Anexo A.19.: Datas das Traduções dos Clássicos de Economia na Ásia Oriental

Table 22.1 Timeline of key translations of selected Western Economics classics in East Asia

1776	Publication of Adam Smith's <i>Wealth of Nations</i> .
1841	Publication of Friedrich List's <i>National System</i> .
1867	Publication of Karl Marx's <i>Capital, volume 1</i> .
1882	Translation of Adam Smith (1776) into Japanese.
1889	Translation of Friedrich List (1841) into Japanese.
1902	Translation of Adam Smith (1776) into Chinese.
1924	Translation of Karl Marx (1867) into Japanese.
1927	Translation of Friedrich List (1841) into Chinese.
1936	Publication of John Maynard Keynes' <i>General Theory</i> .
1938	Translation of Karl Marx (1867) into Chinese.
1941	Translation of John Maynard Keynes (1936) into Japanese.
1944	Publication of Friedrich Hayek's <i>Road to Serfdom</i> .
1947	Translation of Karl Marx (1867) into Korean.
1954	Translation of Friedrich Hayek (1944) into Japanese.
1955	Translation of John Maynard Keynes (1936) into Korean.
1957	Translation of John Maynard Keynes (1936) into Chinese.
1962	Translation of Friedrich Hayek (1944) into Chinese.
1960	Translation of Adam Smith (1776) into Korean.

Sources: miscellaneous.

Fonte: Warner, 2017, 403.

Anexo B.1. - Declaração de Panmunjom para a Paz, Prosperidade e Unificação da Península Coreana⁴⁴¹

<Declaração de Panmunjom para a Paz, Prosperidade e Unificação da Península Coreana>

O presidente da República da Coreia, Moon Jae-in, e o presidente do Conselho de Estado da República Popular Democrática da Coreia, Kim Jong-un, incorporando a constante intenção de todo o povo, que almeja a paz, a prosperidade e a unificação, avançaram com uma Declaração de Paz e Prosperidade na Casa da Paz de Panmunjom, a 27 de abril de 2018, num período significativo, no qual uma mudança histórica está a ocorrer na península coreana.

Os dois líderes anunciam solenemente aos 80 milhões do nosso povo e a todo o mundo que não haverá mais guerra na península coreana e a abertura de uma era de paz.

Os dois líderes incorporam a firme vontade de que a divisão e o confronto, duradouros produtos da Guerra Fria, terminem o mais rapidamente possível e que haja um decisivo esforço excecional para uma nova era de reconciliação nacional e de paz e prosperidade, ao mesmo tempo que se deve seguir em frente para uma reforma e um progresso mais ativo das relações entre o Sul e o Norte. Em Panmunjom, a terra da História, declarou-se em conjunto o seguinte:

1. O Sul e o Norte, através da realização de uma melhoria e de um desenvolvimento inovadores e de grande-escala nas relações inter-coreanas, ligarão os laços sanguíneos da nação colapsada e avançarão com a aceleração do futuro de prosperidade comum e de esforço conjunto. O constante desejo de todo o povo é melhorar e desenvolver as relações inter-coreanas e é uma necessidade urgente desta época que não pode ser mais adiada.

① O Sul e o Norte confirmaram o princípio da soberania nacional de que o destino da nação será decididos por nós e, através da perfeita execução das declarações inter-Coreia adotadas e de todos os acordos, já decidiram fazer um esforço excecional nesta fase transformativa de melhoria e desenvolvimento das relações.

② O Sul e o Norte decidiram manter, com brevidade, o diálogo e as negociações em todas as áreas incluídas no encontro e construir medidas ativas para atuar nos problemas debatidos no mesmo.

③ O Sul e o Norte decidiram instalar na área de Kaesong um Gabinete de Contacto Conjunto, para que ambas as autoridades residentes realizem uma consulta direta com as várias autoridades em causa e para garantir, de forma pacífica, as trocas privadas e a colaboração.

④ O Sul e o Norte decidiram revitalizar a cooperação e as trocas, as visitas e os contactos que estão em todas as esferas da sociedade, para aumentar a atmosfera de reconciliação e união nacionais. Ao nível interno, no dia 15/06, incluindo outros dias que têm um significado tanto para o Sul como para o Norte, promove-se ativamente um evento nacional conjunto no qual diversas esferas sociais participarão – autoridades em causa, Parlamento, partidos, governos locais, organizações privadas, entre outros – para aumentar o ambiente de reconciliação e

⁴⁴¹ A tradução da declaração foi feita pela autora da presente dissertação, diretamente do original, que pode ser consultado em: Ministério dos Negócios Estrangeiros da República da Coreia, 2018;

cooperação. Ao mesmo tempo, ao nível externo, decidiram mostrar a todo o mundo, em conjunto, a sabedoria e talento da nação, ao avançar com uma colaboração nos jogos internacionais, incluindo os Jogos Asiáticos de 2018.

⑤ O Sul e o Norte, esforçar-se-ão para resolver urgentemente os problemas humanitários que ocorreram com a divisão nacional, ao mesmo tempo que, para realizar a Conferência Sul-Norte da Cruz Vermelha, decidiram avançar com a fixação de negociações para vários problemas, incluindo as reuniões entre famílias e parentes separados. A partir de agora, decidiu-se prosseguir com as reuniões entre famílias e parentes separados, aproveitando o próximo dia 15/08.

⑥ O Sul e o Norte, para alcançar o desenvolvimento e a prosperidade comum equilibrados da economia nacional, avançarão com a promoção ativa das atividades discutidas na declaração de 10/04. Ao mesmo tempo, secundariamente e para conectar, modernizar e utilizar as estradas e linhas ferroviárias do Mar de Este e de Gyeongui, decidiram avançar com a tomada de medidas práticas.

2. O Sul e o Norte, para aliviar o estado de tensão militar intenso na península coreana e para reduzir substancialmente o perigo de guerra, avançarão com um esforço de cooperação. Aliviar o estado de tensão na península coreana e reduzir o perigo de guerra é uma questão muito substancial que se relaciona com o destino da nação e, ao mesmo tempo, é uma questão-chave para garantir ao nosso povo uma vida pacífica e estável.

① O Sul e o Norte decidiram suspender completamente toda a hostilidade sobre a outra parte, que se tornou a origem de todas as tensões e conflitos militares em todo o espaço, incluindo na terra, no ar e no mar. A partir de 1 de maio suspender-se-á todas as ações hostis, incluindo transmissões com megafones e distribuição de panfletos em toda a área da Linha de Demarcação Militar, abolir-se-á esses métodos e decidiu-se avançar com a criação, no futuro, de uma área de paz efetiva na zona desmilitarizada.

② O Sul e o Norte decidiram estabelecer medidas práticas para prevenir confrontos militares acidentais e para garantir uma atividade de pesca segura, criando toda uma zona de paz na Linha Limite Norte, na costa oeste.

③ O Sul e o Norte decidiram tomar várias medidas de segurança militar que respeitem a revitalização da cooperação mútua, das trocas, do tráfego e do contacto. O Sul e o Norte decidiram, para resolver sem demora as questões militares levantadas pelos dois lados, abrir primeiramente encontros militares ao nível dos generais, no mês de maio, e realizar frequentes encontros de autoridades militares, incluindo ministros da defesa.

3. O Sul e o Norte, para estabelecerem um regime de paz duradouro e estável na península coreana, decidiram avançar com uma cooperação ativa. Acabar com o atual estado de armistício falhado anormal e estabelecer um firme regime de paz é uma tarefa histórica que não pode ser adiada por mais tempo.

① O Sul e o Norte reafirmaram o acordo de não-agressão sobre não usar força militar de qualquer tipo um contra o outro, tendo decidido avançar com o seu estrito cumprimento.

② O Sul e o Norte decidiram avançar com a materialização de um desarmamento por fases à medida que as tensões forem resolvidas e que uma confiança militar mútua for construída.

③ O Sul e o Norte, este ano, que fez 65 anos da assinatura do acordo de armistício, declararão o fim da guerra, mudando o acordo de armistício para um acordo de paz, ao mesmo tempo que, para construir um regime de paz que seja permanente e estável, decidiram avançar com a promoção

ativa da realização de uma conferência repartida em Coreia do Sul – Coreia do Norte – Estados Unidos da América ou Coreia do Sul – Coreia do Norte – Estados Unidos da América – China.

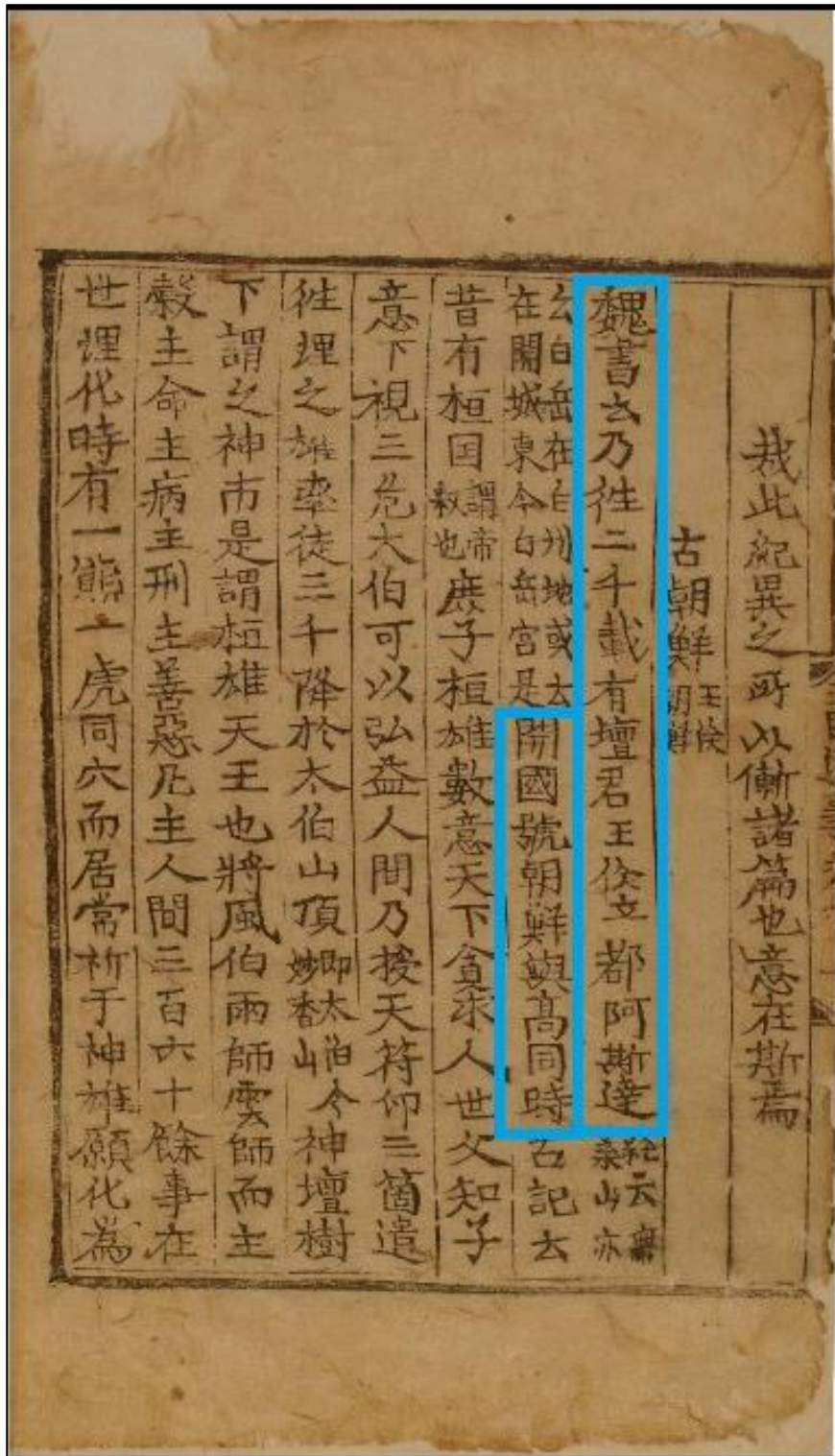
④ O Sul e o Norte confirmaram o objetivo comum de materializar uma península coreana sem armas nucleares através da desnuclearização completa. O Sul e o Norte partilharam o reconhecimento de que as medidas ativamente tomadas pelo Norte, e que têm um grande significado para a desnuclearização da península coreana, são medidas significativas e decidiram que, no futuro, cumprirão os seus respetivos deveres e papéis. O Sul e o Norte decidiram fazer um ativo esforço para o suporte e cooperação da sociedade internacional para a desnuclearização da península coreana.

Os dois líderes, através de reuniões periódicas e de telefonemas diretos discutiram seriamente, de forma constante, os assuntos importantes da nação e firmaram a confiança, ao mesmo tempo que, para avançarem com um aumento ainda maior da boa tendência na direção de um continuado desenvolvimento das relações inter-coreanas e da paz e prosperidade da península coreana, decidiram aumentar o esforço conjunto. Presentemente, o presidente Moon Jae-in decidiu visitar Pyongyang no outono deste ano.

2018/04/27

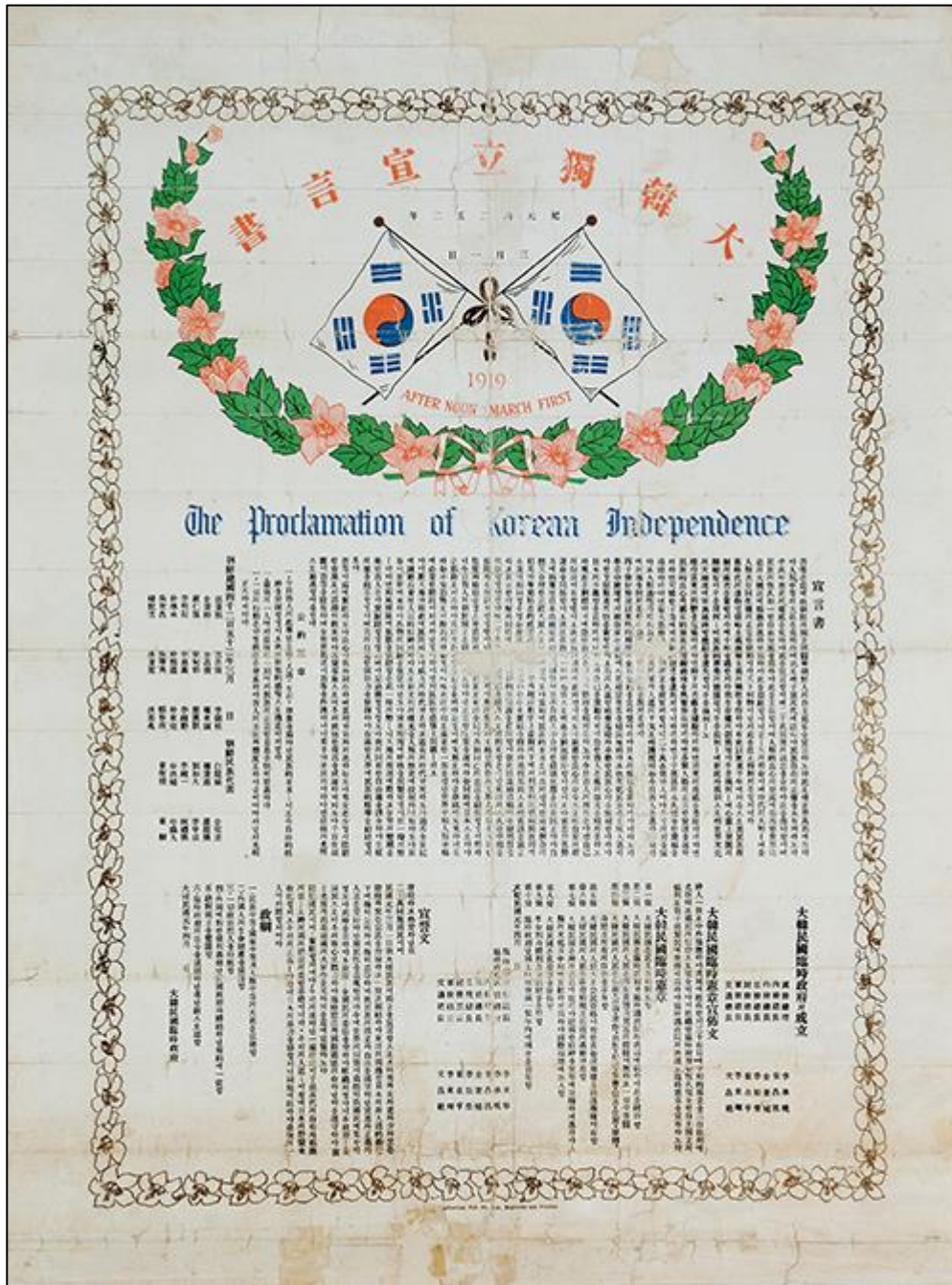
Panmunjom

O Presidente da República da Coreia Moon Jae-in – O Presidente do Concelho de Estado da República Popular Democrática da Coreia Kim Jong-un



Fonte: Instituto Nacional da História da Coreia(a). As linhas a azul (não figuram na imagem original) marcam a citação apresentada no capítulo (da direita para a esquerda, de cima para baixo);

Anexo B.3.: Declaração da Independência Coreana



Fonte: Comitê Diretivo para a Comemoração do Movimento de Independência do Primeiro de Março e do 100.º Aniversário do Governo Provisório, 2019;

Anexo B.4.: Música *우리 소원은 통일* – “O Nosso Desejo é a Unificação”

우리의 소원은 통일

O nosso desejo é a Unificação

꿈에도 소원은 통일

Até nos nossos sonhos o nosso desejo é a Unificação

이 목숨 바쳐서 통일

Esta vida devotar à Unificação

통일을 이루자

Vamos unificar-nos

이 겨레 살리는 통일

A Unificação que mantém vivos estes compatriotas

이 나라 살리는 통일

A Unificação que mantém viva esta nação

통일이여 어서 오라

Unificação chega depressa

통일을 이루자

Vamos unificar-nos

우리의 소원은 자주

O nosso desejo é a Soberania

꿈에도 소원은 자주

Até nos nossos sonhos o nosso desejo é a Soberania

이 목숨 바쳐서 자주

Esta vida devotar à Soberania

자주를 이루자

Vamos ser soberanos

이 겨레 살리는 자주

A Soberania que mantém vivos estes compatriotas

이 나라 살리는 자주

A Soberania que mantém viva esta nação

자주여 어서 오라

Soberania chega depressa

자주를 이루자

Vamos ser soberanos

우리의 소원은 민주

O nosso desejo é a Democracia

꿈에도 소원은 민주

Até nos nossos sonhos o nosso desejo é a Democracia

이 목숨 바쳐서 민주

Esta vida devotar à Democracia

민주를 이루자

Vamos ser democráticos

이 겨레 살리는 민주

A Democracia que mantém vivos estes compatriotas

이 나라 살리는 민주

A democracia que mantém viva esta nação

민주여 어서 오라

Democracia chega depressa

민주를 이루자

Vamos ser democráticos

Fonte: DPRK Video Archive, 2012 e 노컷, 2018;

Anexo B.5.: Música *다시 만납시다* – “Voltaremos a encontrar-nos”

백두에서 하나로

De Baekdu a Hanna

우린 하나의 겨레

Nós somos um só povo

헤어져서 얼마나

O quanto custa estarmos separados

눈물 또한 얼마였던가

E quantas lágrimas existiram

잘 있으라 다시 만나요

Fica bem, voltaremos a encontrar-nos

잘 가시라 다시 만나요

Adeus, voltaremos a encontrar-nos

목메여 소리칩니다

Estou a gritar de sufoco

안녕히 다시 만나요

Adeus, voltaremos a encontrar-nos

부모형제 애타게

E os parentes ansiosamente

서로 찾고 부르며

Procuram-se e chamam-se uns aos outros

통일아 오너라

Unificação, vem

불러 또한 몇해였던가

E quantos anos foram a chamar

잘 있으라 다시 만나요

Fica bem, voltaremos a encontrar-nos

잘 가시라 다시 만나요

Adeus, voltaremos a encontrar-nos

목메여 소리칩니다

Estou a gritar de sufoco

안녕히 다시 만나요

Adeus, voltaremos a encontrar-nos

꿈과 같이 만났다

Encontrámo-nos como num sonho

우리 헤어져가도

Mesmo que nos separemos

해와 별이 찬란한

O sol e as estrelas brilham

통일의 날 다시 만나자

Vamos encontrar-nos novamente no dia da Unificação

잘 있으라 다시 만나요

Fica bem, voltaremos a encontrar-nos

잘 가시라 다시 만나요

Adeus, voltaremos a encontrar-nos

목매여 소리칩니다

Estou a gritar de sufoco

안녕히 다시 만나요

Adeus, voltaremos a encontrar-nos

Fonte: 주권방송, 2018 e 노켓, 2018;

Anexo B.6.: Música *One Dream One Korea*

우린 다른 적이 없어요

Nós nunca fomos diferentes

잊지 말아요 그 사실 하나만

Não te esqueças só disto

우리 충분히 그리워했죠

Nós sentimos tanto a tua falta

지금 만나요 나 가고 있어요

Agora encontramos-nos, eu estou a ir

한번 더 우리 또 기억해요

Vamos lembrar-nos mais uma vez

한번 더 우리 노래 불러봐요

Vamos cantar a nossa canção mais uma vez

하나되는 그날 가슴 벅차 오를

No dia em que nos tornarmos um o meu coração vai borbulhar

꿈을 위해

Por um sonho

I want you 자 손을 잡아요

I want you, vá, agarra a minha mão

그대와 나

Tu e eu

[...]

소리내 말한 적 있나요

Já o dissemos em voz alta

우리의 소원 그 소원은 통일

O nosso sonho é o da Unificação

그 소원은 통일

Esse sonho da Unificação

낯설지 않게

Não nos sintamos estranhos

remember this once more

그 날의 그 아침도 눈부실테죠
Essa manhã desse dia vai ser resplandecente

한번 더 우리 또 기억해요
Vamos lembrar-nos mais uma vez

기억해요
Vamos lembrar-nos

한번 더 우리 노래 불러봐요
Vamos cantar a nossa canção mais uma vez

하나되는 그날 가슴 벅차 오를
No dia em que nos tornarmos um o meu coração vai borbulhar

꿈을 위해
Por um sonho

[...]

내 곁에 지금 한 자락 바람이 불어
Sopra um vento ao pé de mim agora

저 멀리 그대를 스쳐온 그 바람
Esse vento que passou por ti lá longe

이렇게 가까이서
Assim perto

그대가 그리운 맘
Sinto a tua falta

나 가고 있어요
Eu estou a ir

나 가고 있어요
Eu estou a ir

그대도 오네요 오우 워
Tu também estás a vir wow

이것만은 틀리지 않아요
Não há nada de errado nisto

하나인걸
Somos um

우리는 결코 다른 적 없어요

Nós nunca fomos diferentes

조금씩 서로 한 걸음

Devagar damos um passo na direção um do outro

또다시 만날거란걸

E encontrar-nos-emos novamente

that we want to be a family again

한번 더 우리 또 기억해요

Vamos lembrar-nos mais uma vez

기억해요

Vamos lembrar-nos

[...]

Fonte: 소리바다 Soribada, 2015 e Vários artistas, 2015;

Anexo B.7.: Alguns dos Feriados da Coreia do Norte e da Coreia do Sul⁴⁴²

Data	Coreia do Norte	Data	Coreia do Sul
1-2 de janeiro (calendário lunar)	Seollal (Ano Novo Lunar) ⁴⁴³	9-11 de fevereiro (correspondente ao dia 1-2 de janeiro do calendário lunar)	Seollal (Ano Novo Lunar)
8 de fevereiro	Dia da Fundação Nacional e da Construção do Exército Popular	1 de março	Dia do Movimento da Independência (face ao colonialismo japonês)
15 de fevereiro	Daeboreum (comemoração da primeira lua-cheia do ano)	15 de maio (8 de abril no calendário lunar)	Aniversário do Buda
16 de fevereiro	Aniversário de Kim Jong-Il (o dia da luz sagrada)	6 de junho	Memorial Day
15 de abril	Aniversário de Kim Il-Sung (o dia do sol)	15 de agosto	Dia da Libertação Nacional
25 de abril	Dia da Fundação do Exército Revolucionário Popular Coreano	16-18 de setembro (15 de agosto no calendário lunar)	Chuseok
6 de junho	Dia da Fundação da Juventude de Joseon (comemorado como o Memorial Day na Coreia do Sul)	3 de outubro	Dia da Fundação Nacional (por Dangun)
27 de julho	Dia da Conclusão do Acordo de Armistício	9 de outubro	Dia do Hangeul (alfabeto coreano)
15 de agosto	Dia da Libertação Nacional/Dia da Independência da Coreia (face ao colonialismo japonês)		
9 de setembro	Dia do Estabelecimento da República		
10 de setembro	Chuseok (celebração da colheita) ⁴⁴⁴		
10 de outubro	Dia da Fundação do Partido dos Trabalhadores da Coreia do Norte		

Fonte: Ministério da Unificação (통일부) e Visit Korea, 2023a;

⁴⁴² As datas dizem respeito ao ano de 2022 para a Coreia do Norte e 2024 para a Coreia do Sul.;

⁴⁴³ Para mais informações sobre o Seollal, consultar: Visit Korea, 2025;

⁴⁴⁴ Para mais informações sobre o Chuseok, consultar: Visit Korea, 2023b.

Anexo B.8.: Memorando da Delegação Soviética na Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros em Moscovo, 20 de dezembro de 1945 – sobre a criação de uma tutela na Coreia

Regarding Korea

1. In the aim of restoring Korea as an independent state, the creating of conditions for the country's development on democratic foundations and the speediest possible liquidating of the consequences of prolonged Japanese domination in Korea, there shall be created a provisional, democratic Korean government which will undertake all necessary measures for the development of industry, transportation, and agriculture of Korea, and the national culture of the Korean people.

2. To create a Joint Commission of representatives of the command of American troops in southern Korea and the command of Soviet troops in northern Korea for the rendering of assistance in the formation of a provisional Korean government and for preliminary elaboration of appropriate measures. In the working out of its proposals, the Commission shall consult with Korean democratic parties and social organizations. The recommendations worked out by the Commission shall be presented for the consideration of the respective governments.

3. The Joint Commission, with the participation of the provisional Korean democratic government and Korean democratic organizations, is commissioned also to work out measures of help and assistance (trusteeship) in the political, economic and social progress of the Korean people, the development of democratic self-administration, and the establishment of the state independence of Korea.

The proposals of the Joint Commission shall be submitted for the joint consideration of the U.S.A., U.S.S.R., Great Britain and China for the working out, following consultation with the provisional Korean democratic government, of an agreement concerning a four power trusteeship of Korea for a period of up to five years.

4. To convene in a two-week period a joint meeting of representatives of the American and Soviet commands in Korea to consider urgent questions which have relation both to southern and northern Korea and to work out measures for the establishment of permanent coordination between the American command in southern Korea and the Soviet command in northern Korea in the administrative-economic sphere.

Fonte: Gabinete do Historiador, 1945;

Anexo B.9.: Memorando de uma Conversa com o General Arnold pelo Vice-Diretor do Gabinete dos Assuntos do Extremo Oriente, 31 de outubro de 1946

In a conversation with General Arnold this afternoon I told him that Ambassador Bedell Smith had expressed the opinion a few days ago that a mutual withdrawal of Soviet and US forces in Korea would leave us in a weaker position in Korea vis-à-vis the Soviets than we are now and asked whether General Arnold agreed with this opinion. He said that he felt that under a trusteeship perhaps one regiment of troops from each of the four interested powers (USSR, UK, China [Page 753]and US) would be all that was needed and that a mutual reduction at this time in US and Soviet forces to that level would be quite practicable and not disadvantageous to us. He appeared to base his opinion on his belief that Koreans, while childishly irresponsible, are not by and large difficult to control, that with the aid of the carefully picked and trained constabulary which we are building up in southern Korea it would be practicable to control any Communist-inspired political disorder; and that we have much more genuine support among the people of southern Korea than the Soviets have among the people of northern Korea so that the Soviets would find it relatively more difficult to maintain the same degree of control they now have if they withdrew the major portion of their troops.

Fonte: Gabinete do Historiador, 1946;

Anexo B.10.: As Relações entre as Duas Coreias no Pós-Guerra da Coreia – 1960-1988

Table 16.2 Post-Korean War Inter-Korean Interactions

<i>Republic</i>	<i>Leader</i>	<i>Interactions</i>
Second Republic (1960–1961)	Chang Myon	North Proposal for North–South Confederation and economic cooperation with each country maintaining its political system while adjusting and preparing for unification.
Third Republic (1961–1972)	Park Chung-hee	1963 – P’yŏngyang peace treaty proposal including a mutual 100,000 troop reduction, American forces withdrawal, and the Armistice Agreement’s termination. 1970 – President Park suggests the ‘idea of peaceful unification’ and a ‘well intended competition for development, construction, and creation’. 1972 – 4 July 1972, North-South Joint Communique announcement, stating basic reunification principles: independence from foreign interference, unifying peacefully, and ‘grand national unity’ promotion.
Fourth Republic (1972–1981)	Park Chung-hee	Brief and sporadic engagement attempts occurred thereafter until President Park’s October 1979 assassination. 1980 – Prime Ministerial level summit results in little progress beyond each side calling the other by their official names, Republic of Korea and DPRK, for the first time.
Fifth Republic (1981–1988)	Chun Doo-hwan	1981 – Chun Doo-hwan makes two overtures for an inter-Korean leadership summit, which P’yŏngyang rejects. 1983 – North Korean agents attempt to assassinate President Chun with a bomb in Rangoon, killing 21, injuring 46, and stymying inter-Korean relations. 1984 – After South Korean flooding, North Korea delivers relief supplies to help flood victims, representing the first time in their histories the two Koreas agreed upon something and implemented the agreement. 1985 – Inter-Korean engagement, talks and cooperation, involving the Red Cross, economy, politics and sports. 1987 – North Korean agents bomb Korean Air flight 858, killing all 115 passengers.

Source: Author’s own compilation based on Park and Lee, 1992 and Lee, 1995.

Fonte: Edge, 2022, 263;

Anexo B.11.: As Relações entre as Duas Coreias no Pós-Guerra da Coreia (continuação) – 1988-2008

<i>President</i>	<i>Policy</i>	<i>Policy Details</i>	<i>Diplomacy, Negotiations and Projects</i>	<i>Separated Family Meetings</i>	<i>Nuclear and ICBM Provocations</i>
Roh Tae-woo (1988–1993)	<i>Nondpolitik</i>	Six points: promoting civilian visits and inter-Korean trade; ceasing diplomatic rivalry and conflict; accepting North Korea into international society as a friend; and facilitating better DPRK relations with Japan and the US	High level talks The 1991 Basic Agreement Initiation of Trade	None	None
Kim Young-sam (1993–1998)	No coherent policy	Prevaricating between conciliatory and antagonistic based on public sentiment	No meaningful progress	None	DPRK withdrawal from the Non-Proliferation Treaty
Kim Dae-jung (1998–2003)	Sunshine Policy	Three basic principles: the South would not tolerate any armed provocation; South Korea would not absorb North Korea; and inter-Korean reconciliation and cooperation beginning with those areas most easily agreed upon Five tasks to this end: implementation of 1991 Basic Agreement; improvement of DPRK relations with US and Japan; increase inter-Korean relations; eliminations of weapons of mass destruction on Korean peninsula; and conversion of armistice agreement into a peace agreement	Mountain Kūmgang tourism begins – Leadership Summit June 15 Joint Declaration	Five times	None
Roh Moo-hyun (2003–2008)	Policy for Peace and Prosperity (Continuation of the Sunshine Policy)	Three stages: helping to resolve the nuclear issue; deepening economic cooperation and laying peace regime foundations; and launching a Korean Peninsula peace regime	Kaesŏng Industrial Complex established Second leadership summit October 4 Declaration	11 times	First nuclear test Intercontinental ballistic missile (ICBM) launch

Fonte: Edge, 2022, 264;

Anexo B.12.: As Relações entre as Duas Coreias no Pós-Guerra da Coreia (continuação) – 2008-2022

<p>Lee Myung-bak (2008–2013)</p>	<p>Denuclearisation-Openness-Three Thousand (DOT)</p>	<p>Four basic principles: resolving all issues through dialogue; prioritising of mutual trust building and 'upholding reciprocity'; resolving inter-Korean relations together in cooperation with the international community; and Seoul striving to ensure transparency, expand citizen participation and secure 'bipartisan support' in implementing North Korean policy</p> <p>Made denuclearisation a condition for engagement. DOT promised to raise North Korea's per capita GDP to USD 3,000 within 10 years if North Korea took the initiative to denuclearise and open up to investment</p>	<p>None</p>	<p>Twice</p> <p>Second nuclear test ICBM launch</p>
<p>Park Geun-hye (2013–2016)</p>	<p><i>Trustpolitik</i></p>	<p>Promoting gradual trust building 'through continued dialogue, a shared commitment to promises, and mutual endeavours of exchange and cooperation'</p> <p>Three objectives: normalising inter-Korean ties through trust building; establishing peace on the peninsula; and making unification preparations</p>	<p>Peace talks</p>	<p>Twice</p> <p>Third, fourth and fifth nuclear tests Nuclear reactor reactivation ICBM launch Sixth nuclear test Two ICBM launches</p>
<p>Moon Jae-in (2016–Present)</p>	<p>Sunshine 2.0 ("Moonshine Policy")</p>	<p>Maintaining a strong US-ROK alliance and mutual commitment to North Korea's complete verifiable irreversible denuclearisation (CVID)</p> <p>Controlling its own inter-Korean relations and reunification destiny</p> <p>Offering a peace treaty for denuclearisation</p> <p>Necessitating North Korea's active participation and reciprocal cooperation in the process</p> <p>Willingness to accept North Korea, wishing neither for its collapse nor to absorb it</p> <p>Following the June 15 Joint Declaration and the October 4 Declaration</p>	<p>Third and fourth leadership summits</p> <p>May demilitarised zone (DMZ) meeting</p> <p>P'yongyang Joint Declaration</p> <p>US-ROK-DPRK DMZ meeting</p>	<p>Once</p> <p>Sixth nuclear test</p> <p>Two ICBM launches</p>

Source: Author's own compilation.

Anexo C.1.: Os Presidentes da Coreia do Sul e seus Mandatos

	Período na Presidência	Partido (à data da eleição)	Diplomacia
Roh Tae-woo (노태우)	1988-1993	Partido da Justiça Democrática (민주정의당)	Nordpolitik (Nordeste Asiático)
Kim Young-sam (김영삼)	1993-1998	Partido Liberal Democrático (민주자유당)	Segyehwa (globalização)
Kim Dae-jung (김대중)	1998-2003	Congresso Nacional para Novas Políticas (새정치국민회의)	Bilateralismo; Política do Sol; regionalismo (ASEAN+3); ALC
Roh Moo-hyun (노무현)	2003-2008	Partido Democrático do Novo Milénio (새천년민주당)	Política da Paz e Prosperidade; balanço regional; multilateralismo
Lee Myung-bak (이명박)	2008-2013	Grande Partido Nacional (한나라당)	Coreia Global; multilateralismo; reforço da economia na política externa; Hub global de ALC; Baixo-carbono, crescimento verde; diplomacia de poder médio
Park Geun-hye (박근혜)	2013-2017	Partido da Liberdade da Coreia (자유한국당) *Anterior Grande Partido Nacional (한나라당)	Trustpolitik; NAPCI; Eurasian Initiative
Moon Jae-in (문재인)	2017-2022	Partido Democrático da Coreia (더불어민주당)	KORUS FTA; Responsible Northeast Asian Plus Community (New Northern Policy e New Southern Policy); RCEP; diplomacia equilibrada.

Fonte: Comissão Eleitoral Nacional da República da Coreia, 2011; Centro Cultural Coreano Nova Iorque. *Korea Information – Government: CONSTITUTION*⁴⁴⁵;

⁴⁴⁵ A informação acerca da diplomacia de cada presidente foi retirada do conjunto da bibliografia apresentada sobre o tema. De notar que os partidos políticos apresentados são aqueles aos quais os

Anexo C.2.: ALC da Coreia do Sul

País/Região	Entrada em vigor
Chile	04/2004
Singapura	03/2006
EFTA	09/2006
ASEAN	- Acordo sobre o comércio de bens: 06/2007 - Acordo sobre o comércio de serviços: 05/2007 - Acordo sobre o comércio de investimento: 09/2009
Índia	01/2010
UE	07/2011
Peru	08/2011
EUA	03/2012
Turquia	05/2013
Austrália	12/2014
Canadá	01/2015
Nova Zelândia	12/2015
Vietname	12/2015
China	12/2015
Colômbia	07/2016
Reino Unido	07/2011 (pré-Brexit); 01/2021 (pós-Brexit)
América Central	03/2021
RCEP	02/2022
Israel	12/2022
Indonésia	01/2023
Camboja	01/2023

Fonte: Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia, 2014c; Ministério do Comércio, Indústria e Energia da República da Coreia. *Korea's FTA Network*;

presidentes pertenciam no ano da sua eleição, uma vez que muitos destes partidos foram dissolvidos ou fundidos com outros.

Anexo C.3.: As Importações e Exportações entre as duas Coreias (1991-2022)

country	1991		1992		1993		1994		1995		1996	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	71 870 122	81 524 858	76 631 515	81 775 257	82 235 866	83 800 142	96 013 237	102 348 175	125 057 988	135 118 933	129 715 137	150 339 100
Democratic peoples republic of Korea	-	-	-	-	1 279	-	1 487	1 149	8 079	1 510	-	-
country	1997		1998		1999		2000		2001		2002	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	1 36 164 204	144 616 374	132 313 143	93 281 754	143 685 459	119 752 282	172 867 510	160 481 018	150 439 144	141 097 821	162 470 528	152 126 133
Democratic peoples republic of Korea	-	333	-	8 801	-	14 197	-	14 656	-	12 423	-	21 859
country	2003		2004		2005		2006		2007		2008	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	193 817 443	178 626 657	235 844 672	224 462 687	284 415 743	261 238 264	325 464 848	309 382 632	371 489 086	356 845 733	422 007 328	435 274 737
Democratic peoples republic of Korea	-	13 658	-	21 888	-	35 641	-	-	-	-	-	-
country	2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	363 533 361	323 084 521	466 383 762	425 212 160	555 213 656	524 413 090	547 869 792	519 984 473	559 632 434	515 985 515	572 664 607	525 514 506
Democratic peoples republic of Korea	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
country	2015		2016		2017		2018		2019		2020	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	526 756 593	436 698 973	695 425 940	406 192 887	573 694 421	478 478 296	604 859 657	535 202 428	542 232 610	503 343 347	512 498 038	467 632 763
Democratic peoples republic of Korea	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
country	2021		2022									
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)								
Total	644 400 368	615 093 447	683 584 760	731 369 657								
Democratic peoples republic of Korea	-	-	-	-								

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Exports and Imports by Nation*⁴⁴⁶;

⁴⁴⁶ A tabela foi construída a partir de informação retirada da base de dados do KOSIS. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (e selecionar os anos de 1991 a 2022 em “Time” e procurar na tabela “República Popular Democrática da Coreia do Norte”);

Anexo C.4.: As Importações e Exportações Coreia do Sul - EUA (1991-2022)

country	1991		1992		1993		1994		1995		1996	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	71.870.122	81.524.858	76.631.515	81.175.257	82.235.866	83.800.142	96.013.237	102.346.175	125.057.988	135.118.933	129.715.137	150.339.100
U.S.A	18.559.156	18.894.368	18.090.048	18.287.268	18.137.640	17.928.188	20.552.796	21.578.187	24.131.474	30.403.515	21.670.465	33.303.379
country	1997		1998		1999		2000		2001		2002	
Total	136.164.204	144.616.374	132.313.143	93.281.754	143.685.499	119.792.282	172.667.510	160.481.018	150.439.144	141.097.821	162.470.528	152.126.153
U.S.A	21.625.432	30.122.178	22.805.106	20.483.276	29.474.653	24.922.344	37.610.630	29.241.628	31.210.795	22.376.226	32.780.188	23.008.635
country	2003		2004		2005		2006		2007		2008	
Total	193.817.443	178.826.657	253.844.672	224.463.687	284.418.743	261.238.264	325.464.848	309.382.632	371.489.066	356.945.733	422.007.328	435.274.737
U.S.A	34.219.402	24.814.134	42.849.193	28.782.652	41.342.384	30.585.938	43.183.502	33.654.171	45.766.102	37.219.301	46.376.610	38.364.788
country	2009		2010		2011		2012		2013		2014	
Total	363.533.561	323.084.521	466.383.762	425.212.160	555.213.656	524.413.080	547.869.792	519.584.473	559.632.434	515.595.515	574.664.607	525.514.506
U.S.A	37.649.854	29.039.451	49.816.058	40.402.691	56.207.703	44.569.029	58.524.559	43.340.962	61.052.488	41.511.916	70.284.872	45.283.254
country	2015		2016		2017		2018		2019		2020	
Total	526.756.503	436.488.973	695.425.940	406.192.887	575.694.421	478.478.296	604.859.657	535.202.428	542.232.610	503.342.947	512.498.038	467.632.763
U.S.A	69.832.103	44.024.430	66.462.312	43.215.919	68.609.728	50.749.363	71.719.932	58.868.313	73.343.888	61.878.564	74.115.819	57.492.178
country	2021		2022									
Total	644.400.386	615.093.417	683.584.760	731.369.657								
U.S.A	95.901.935	73.213.414	109.765.705	81.784.723								

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Exports and Imports by Nation*⁴⁴⁷;

⁴⁴⁷ A tabela foi construída a partir de informação retirada da base de dados do KOSIS. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (e selecionar os anos de 1991 a 2022 em “Time” e procurar na tabela “Estados Unidos da América”);

Anexo C.5.: As Importações e Exportações Coreia do Sul - Japão (1991-2022)

country	1991		1992		1993		1994		1995		1996	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	71 870 122	81 524 868	76 631 515	81 775 257	83 800 342	83 800 342	96 013 237	102 348 175	125 057 988	135 118 933	129 715 137	150 339 100
Japan	12 355 889	21 120 216	11 539 454	19 457 650	11 564 418	20 015 519	13 522 860	25 389 988	17 048 871	32 606 368	15 766 827	31 448 636
country	1997		1998		1999		2000		2001		2002	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	136 164 204	144 616 374	132 313 148	93 281 754	143 885 459	119 752 282	172 297 510	160 481 018	150 439 144	141 097 821	162 470 528	152 126 153
Japan	14 771 155	27 907 208	12 237 587	16 840 409	15 862 448	24 441 990	20 466 016	31 827 943	16 505 766	26 633 372	15 143 183	29 856 228
country	2003		2004		2005		2006		2007		2008	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	193 817 443	178 826 657	233 844 672	224 462 687	284 418 743	261 238 264	325 464 848	309 382 632	371 489 086	336 845 733	422 007 328	435 274 737
Japan	17 276 137	36 313 091	21 701 337	46 144 463	24 027 438	48 403 183	26 534 015	51 926 292	26 370 191	56 250 126	28 252 471	60 956 391
country	2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	363 533 561	323 084 521	466 383 762	425 212 160	555 213 656	524 413 090	547 889 792	519 584 473	559 637 434	515 385 515	572 664 607	525 514 506
Japan	21 770 859	49 427 315	28 176 281	64 296 117	39 679 706	68 320 170	38 796 057	64 368 080	34 662 290	60 023 355	32 183 788	53 788 313
country	2015		2016		2017		2018		2019		2020	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	526 756 503	436 889 973	495 425 940	406 192 887	573 694 421	478 478 296	604 859 657	535 202 428	542 232 610	503 342 947	512 498 038	467 632 763
Japan	25 576 507	45 853 884	24 335 056	47 466 592	26 816 141	55 214 725	30 528 580	54 603 749	28 420 213	47 800 853	25 097 651	46 023 036
country	2021		2022									
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)								
Total	644 400 368	615 093 447	683 584 760	731 369 657								
Japan	30 061 806	54 642 665	30 606 278	54 711 795								

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Exports and Imports by Nation*⁴⁴⁸;

⁴⁴⁸ A tabela foi construída a partir de informação retirada da base de dados do KOSIS. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (e selecionar os anos de 1991 a 2022 em “Time” e procurar na tabela “Japão”);

Anexo C.6.: As Importações e Exportações Coreia do Sul - China (1991-2022)

country	1991		1992		1993		1994		1995		1996	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	71.870.122	81.524.858	76.631.515	81.775.257	82.235.866	83.800.142	102.348.175	125.057.988	135.118.933	129.715.137	150.339.100	
China, peoples' republic of	1.002.511	3.400.548	2.653.639	3.724.941	5.150.992	3.928.741	5.462.849	9.143.588	7.401.196	11.377.068	8.538.568	
country	1997		1998		1999		2000		2001		2002	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	136.164.204	144.616.374	132.313.143	93.281.754	143.685.459	119.752.282	172.267.510	160.481.018	150.439.144	141.097.821	162.470.528	152.126.153
China, peoples' republic of	13.572.463	101.161.861	11.943.990	6.483.358	13.684.999	8.666.667	18.454.540	12.798.728	18.190.190	13.302.675	23.753.586	17.399.779
country	2003		2004		2005		2006		2007		2008	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	193.817.443	178.626.657	253.844.672	224.462.687	284.418.743	261.239.264	325.464.848	309.392.632	371.489.086	356.845.733	422.007.328	435.274.737
China, peoples' republic of	35.109.715	21.909.127	49.763.175	29.384.674	61.914.983	38.648.243	69.439.178	48.556.675	81.985.183	68.027.802	91.388.900	76.930.772
country	2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	363.333.351	323.084.521	466.333.762	425.212.160	555.213.656	524.413.090	547.869.792	519.584.473	559.632.434	515.585.515	572.664.607	525.514.506
China, peoples' republic of	86.703.745	54.246.056	116.637.833	71.573.603	134.185.009	86.432.238	134.322.564	80.784.595	146.869.498	83.052.877	145.287.701	90.082.226
country	2015		2016		2017		2018		2019		2020	
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)
Total	536.756.303	436.698.973	495.425.940	406.192.887	573.694.421	478.478.296	604.859.657	535.202.428	542.232.610	503.342.347	512.498.038	467.632.763
China, peoples' republic of	137.123.394	90.230.275	124.432.941	86.800.135	142.120.000	97.860.114	162.125.055	106.488.592	136.202.533	107.288.736	132.565.445	108.884.645
country	2021		2022									
	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)	The amount of export (Thousand dollars)	The amount of import (Thousand dollars)								
Total	644.400.368	615.039.447	683.584.760	731.369.657								
China, peoples' republic of	162.912.974	138.628.127	155.789.389	154.575.314								

Fonte: Serviço Coreano de Informações Estatísticas (KOSIS). *Exports and Imports by Nation*⁴⁴⁹;

⁴⁴⁹ A tabela foi construída a partir de informação retirada da base de dados do KOSIS. Para ver o original ir ao link presente na bibliografia (e selecionar os anos de 1991 a 2022 em “Time” e procurar na tabela “República Popular da China”).

Anexo C.7.: Os Resultados Positivos da 15.^a Declaração Conjunta

Positive Results of the June 15th Joint Declaration	
Separated family issue	<ul style="list-style-type: none"> • The two Koreas have continuously held reunions of separated family members. • The two sides have been building a permanent reunion center for separated families. (Construction of the center hasn't been completed.)
Expansion of inter-Korean economic cooperation	<ul style="list-style-type: none"> • Gaeseong industrial park business • Reconnection of the two cross-border railways- the Gyeongui-line and the Donghae line • Inter-Korean cooperation for light industry and mineral resources development
Authorities-level dialogue	<ul style="list-style-type: none"> • Ministerial-level talks (The two sides held 21 rounds of Cabinet-level talks until early June, 2007, holding the high-level talks on a regular basis.) • Ministerial-level talks (The two sides held 21 rounds of Cabinet-level talks until early June, 2007, holding the high-level talks on a regular basis.) • Military talks (The two sides have held several rounds of military talks at different levels, such as working-level military talks, general-level talks and defense ministers' talks. But the defense ministers' talks were held only once, and inter-Korean military talks have made little progress overall.)

Fonte: KBS World Radio: Korean Peninsula A to Z. *Inter-Korean Summit*.

Anexo D.1.

«Especialmente na secção dos bens intermédios, das matérias-primas e dos bens capitais, através de um elevado comércio intraindustrial e de um aumento da intensidade do comércio intrarregional, mesmo não havendo Acordos Comerciais Preferenciais, a integração funcional da economia entre estes três países [Coreia do Sul, China e Japão] tem progredido devido ao mercado.»

«Teughi jungganjae, wonjajae mit jabonjae bumuneseoui nopeun saneobnaemuyeokkwa yeognae muyeokkyeolhabdoui jeunggaro inhae ideul 3 gaeguk ganeneun teukhyemuyeokhyeobjeongi eobseumedo sijange uihan gyeongjeui gineungjeok tonghabi jinjeondoeo wattda.»

No original: *특히 중간재, 원자재 및 자본재 부문에서의 높은 산업내무역과 역내 무역결합도의 증가로 인해 이들 3 개국 간에는 특혜무역협정이 없음에도 시장에 의한 경제의 기능적 통합이 진전되어 왔다.*

Fonte: Sohn, 2012, 2

Anexo D.2.

«Esta união internacional de produção induz à integração comercial regional e tem funcionado para fundir a economia destes três países [Coreia do Sul, China e Japão] numa comunidade de produção única.»

«Ireohan saengsanui gukjejeok gyeolhabi yeognae muyeoktonghabeul yudohayeottgo 3 gaeguk hanai saengsangongdongchero gyeolhabsikineun gineungeul hae ogo ittda.»

No original: *이러한 생산의 국제적 결합이 역내 무역통합을 유도하였고 3 개국 경제를 하나의 생산공동체로 결합시키는 기능을 해 오고 있다.*

Fonte: Sohn, 2012, 7

Anexo D.3.

«Mas, devido à desarmonia entre os valores morais e a vida diária material que existe na doutrina de Zhu Xi, que é designada de neo-confucionismo, a ideologia confucionista acaba por funcionar como uma restrição à vida económica real. Isto é, no caso do neo-confucionismo, acaba por ocorrer uma desarmonia na qual, embora o auto-cultivo seja enfatizado como norma moral, a vida material é oprimida.»

«Geureona sinyuhagira jichingdoeneun jujahak(Zhū Zǐ Xué)e isseoseoneun dodeokjeok gachiwa muljiljeok saenghwalganui bujohwaro inhae yugasasangeun hyeonsilui gyeongjesaenghwaleul sokbakhaneun gineungeul hage doenda. Jeuk jujahage ireureoseoneun dodeokjeok gyubeomeuroseo sugi(xiū jǐ)ga gangjodoeneun banmyeon muljilsaenghwal(shēng cái)eun eogabdoeneun bujohwaga ireonage doenda.»

No original: 그러나 신유학이라 지칭되는 주자학(朱子學)에 있어서는 도덕적 가치와 물질적 생활간의 부조화로 인해 유가사상은 현실의 경제생활을 속박하는 기능을 하게 된다. 즉 주자학에 이르러서는 도덕적 규범으로서 수기(修己)가 강조되는 반면 물질생활[生財]은 억압되는 부조화가 일어나게 된다.

Fonte: Sohn, 2007, 7

朱子學 (Zhū Zǐ Xué) significa a “doutrina de Zhu Xi”, um intelectual chinês do século XII responsável pelo desenvolvimento do neo-confucionismo.

修己 (xiū jǐ) significa “auto-cultivo”.

生財 (shēng cái) significa “vida material”;

Anexo D.4.

«[...] dependendo do país ou da região, os critérios europeus e americanos não são o melhor método. Os valores culturais transmitidos tradicionalmente nessa sociedade e o sistema socioeconómico nela baseado podem tornar-se sistemas que têm mais eficiência e competitividade.»

«[...] gukkana jiyeege ttaraseoneun gumihyeong gijunmani choeseonui bangchaeki anira geu sahoe jeontongjeogeuro jeonsudoeoo on munhwajeok gachiwa geugeose gichohan

sahoegyeongjejeok jedoga deo neunglyuljeogigo gyeongjaenglyeok ittneun jedoga doel su ittda.»

No original: [...] 국가나 지역에 따라서는 구미형 기준만이 최선의 방책이 아니라 그 사회에 전통적으로 전수되어 온 문화적 가치와 그것에 기초한 사회경제적 제도가 더 능률적이고 경쟁력 있는 제도가 될 수 있다.

Fonte: Sohn, 2007, 2

Anexo D.5.

«E, pode-se analisar como resultado que, na faixa etária abaixo dos 40, entre os fatores da identidade nacional, existe uma tendência de considerar mais importante a identidade cívica em detrimento da identidade racial e, na faixa etária acima dos 50, não existe uma distinção significativa sobre a importância das duas identidades.»

«Ttohan, ineun 40 dae iha sedaeseoneun gukkajeongcheseong yoin jung injongjeongcheseongboda siminjeongcheseongeul deo jungyohage saenggakhaneun gyeonghyangi jonjaehago 50 dae isang sedaeseoneun du jeongcheseongui jungyodoe daehae uimi ittneun gubyeoleul hago ittji anneun gyeolgwaro haeseokhal su ittda.»

No original: 또한, 이는 40 대 이하 세대에서는 국가정체성 요인 중 인종정체성보다 시민정체성을 더 중요하게 생각하는 경향이 존재하고 50 대 이상 세대에서는 두 정체성의 중요도에 대해 의미 있는 구별을 하고 있지 않는 결과로 해석할 수 있다.

Fonte: Yoon, 2017, 13;

Anexo D.6.

«Por outro lado, se seguirmos um estudo que examinou a percepção de 287 jovens desertores norte-coreanos, inscritos na escola primária, básica, secundária e outras escolas alternativas, sobre a Coreia do Sul surgiram a valorização da bandeira sul-coreana (80.5%), a existência de uma boa estrutura identitária coreana (72.5%), a ideia de que a Coreia do Sul é fantástica (84.0%), um grande orgulho no progresso e conquistas da Coreia do Sul (89.2%), o orgulho de viver na Coreia do Sul (83.3%), a Coreia do Sul ser um país que protege o ambiente (73.5%), a aprovação do país como bom para se viver se comparado com outros países (84%) e outras respostas semelhantes muito positivas. Contudo, foi analisado que 37% dos respondentes não conseguem sentir um senso de pertença e identidade suficientes sobre a Coreia do Sul, surgindo que concordam em “querem sair da Coreia do Sul e viver noutro país”.»

«Hanpyeon, cho·jung·godeunghakkyowa daeahakkyoe jaehak jungin talbukcheong sonyeon 287 myeongeul daesangeuro namhane daehan insigeul salpyeobon yeongue ttareumyeon, taegukkiui sojungham (80.5%), hangukjeongche chegyega jal doeeo isseum (72.5%), hangugi maeu daedanhadago saenggakham (84.0%), hangugui baljeongwa seongchwie daehan jabusim (89.2%), hanguge saneun geosui jabusim (83.3%), hangugi hwangyeongeul bohohaneun narada (73.5%), dareun naraboda salgi joeun nararaneun geose dongui(84%)wa gateun jilmune maeu geungjeongjeogin dabbyeoneul han geoseuro natanattda. Geureo na eungdabjau 37%ga ‘hangugeul tteonan dareun nae salgo sipda’e donguihaneun geoseuro natana namhane daehae chungbunhan sosokkamgwa jeongchegameul neukkiji mothaneun geoseuro bunseokdoeottda.»

No original: 한편, 초·중·고등학교와 대안학교에 재학 중인 탈북청 소년 287 명을 대상으로 남한에 대한 인식을 살펴본 연구에 따르면, 태극기의 소중함 (80.5%), 한국정체 체계가 잘 되어 있음(72.5%), 한국이 매우 대단하다고 생각함 (84.0%), 한국의 발전과 성취에 대한 자부심 (89.2%), 한국에 사는 것의 자부심 (83.3%), 한국이 환경을 보호하는 나라다(73.5%), 다른 나라보다 살기 좋은 나라라는 것에 동의(84%)와 같은 질문에 매우 긍정적인 답변을 한 것으로 나타났다. 그러나

응답자의 37%가 ‘한국을 떠난 다른 나라에 살고 싶다’에 동의하는 것으로 나타나 남한에 대해 충분한 소속감과 정체감을 느끼지 못하는 것으로 분석되었다.

Fonte: Kwon, 2018, 116;

Anexo D.7.

«Por exemplo, na secção 1 da Declaração de Panmunjeom, a expressão “conectar os laços familiares nacionais que foram quebrados” significa a revitalização do nacionalismo coreano e, no discurso após a apresentação da Declaração de Panmunjeom, o Presidente Kim Jong-un disse “se o doloroso símbolo da divisão se tornar o símbolo da paz, o Norte e o Sul, que têm um só sangue, uma só língua, uma só história, uma só cultura, irão usufruir, novamente como um só, de uma prosperidade sem fim para a nação”. Especialmente, o Presidente Moon Jae-in comentou, de forma muito clara no discurso da Ilha de Nungna, sobre o povo e o nacionalismo coreanos, que foram introduzidos como atores-chave na paz e unificação da Península da Coreia: “O nosso povo é maravilhoso. O nosso povo é tenaz. O nosso povo ama a paz. E o nosso povo tem que viver unido.”»

«Yereul deureo Panmunjeomseoneon je 1 hangeun “kkeunneojin minjogui hyeolmaegeul itgo”raneun pyohyeoni hanminjogui hoebogeu uimihaneun geosimyeo naaga Kim Jeongeun wiwonjangeun Panmunjeomseoneon balpyo hu yeonseoleseo “gaseum apeun bundanui sangjingi pyeonghwau sangjingi doendameon hanau pitjul, hanau eoneo, hanau yeoksa, hanau munhwareul gajin buknameun bonnaedaero hanaga dwae minjogui kkeuteottneun beonyeongeul nurige doel geosida”rago malhaettda. Teukhi Mun Jaein daetongnyeongeun deouk myeongsijeogeuro neungrado yeonseole hanbando pyeonghwawa tongileul ikkeuleogal jucheroseo sangjeongdoen hanguk minjokgwa minjokjuuie daehae “uri minjogeun usuhamnida. Uri minjogeun ganginhamnida. Uri minjogeun pyeonghwareul saranghamnida. Geurigo uri minjogeun hamkke saraya hamnida.”rago balonhaettda.»

No original: 예를 들어 판문점선언 제 1 항은 “끊어진 민족의 혈맥을 잇고”라는 표현이 한민족의 회복을 의미하는 것이며 나아가 김정은 위원장은 판문점선언 발표 후 연설에서 “가슴 아픈 분단의 상징이 평화의 상징이 된다면 하나의 핏줄, 하나의 언어, 하나의 역사, 하나의 문화를 가진 북남은 본래대로 하나가 돼 민족의 끝없는 번영을 누리게 될 것이다”라고 말했다. 특히 문재인 대통령은 더욱 명시적으로 능라도 연설에 한반도 평화와 통일을 이끌어갈 주체로서 상정된 한국 민족과 민족주의에 대해 “우리 민족은 우수합니다. 우리 민족은 강인합니다. 우리 민족은 평화를 사랑합니다. 그리고 우리 민족은 함께 살아야 합니다.”라고 발언했다.

Fonte: Kim, 2019, 173-174

Anexo D.8.

«Dito no «Livro de Wei (Wei)», “Há 2000 anos atrás Dangun Wanggeom (Dangun Wanggeom) estabeleceu a capital em Asadal (Asadal) [...]. O país foi fundado, foi chamado de Joseon (Joseon) e é da mesma era de Go [Go – Rei Yao-].”»

««위서(魏書)»에 이르기를, “지금으로부터 2 천여 년 전에 단군왕검(檀君王儉)이 있어 아사달(阿斯達)에 도읍을 정하였다 [...]. 나라를 개창하여 조선(朝鮮)이라 했으니 고[高-요임금-]와 같은 시대이다.”»

No original, em hanja: 魏書云, “乃往二千載有壇君王儉立都阿斯達. [...] 開國號朝鮮, 與高同時.”

Fonte: National Institute of Korean History(a)

Anexo D.9.

Lei 1: 첫째, 우리나라의 대업은 분명히 여러 부처가 지켜 준 데 힘을 입은 것이다. 그렇기에 선종과 교종 사원을 창건하고 주지(住持)를 파견해 불도를 닦도록 하여 각각 그 업(業)을 다스리도록 하였다. 후세에 간신이 정권을 잡아 승려의 청탁을 따르면 각자가 사원을 경영하면서 서로 바꾸고 빼앗게 될 것이니 반드시 이것을 금지하라.

Lei 1: *Primeiro, o grande trabalho da nossa nação tem claramente recebido uma forte proteção dada pelos vários ministérios [Buda]. Assim, fundaram-se templos do Setor Zen e da Doutrina do Budismo e enviaram-se monges-chefe para estabelecer o Budismo Zen e para gerir cada um desses deveres. E se a próxima geração de vassallos desleais apreender o poder e seguir os pedidos dos monges budistas, enquanto gerem cada templo acabarão por substituir-se e privar-se uns aos outros, por isso tal deve ser certamente proibido.*

No original, em hanja: 其一曰, 我國家大業, 必資諸佛護衛之力. 故創禪教寺院, 差遣住持焚修, 使各治其業. 後世, 姦臣執政, 徇僧請謁, 各業寺社, 爭相換奪, 切宜禁之..

Lei 4: 넷째, 우리 동방은 예부터 당나라의 풍속을 본받아 문물과 예악이 다 그 제도를 준수하여 왔으나 그 지역이 다르고 인성이 각기 다르니 분별없이 똑같이 할 필요는 없다. 거란은 짐승과 같은 나라인지라 풍속이 같지 않고 언어도 다르니 복식 및 제도 등을 삼가 본받지 말라.

Lei 4: *Quarto, o nosso Oriente segue os costumes da nação Tang desde os tempos antigos e tem aderido a esse sistema na cultura e música, mas esta região é diferente e tem um caráter individual distinto, não havendo a necessidade de fazer a mesma coisa indiscretamente. Os Khitan são uma nação semelhante a animais ferozes, os seus costumes não são iguais e a língua também é diferente, então, deve-se evitar seguir a sua indumentária e o seu sistema, entre outros.*

No original, em hanja: 其四曰, 惟我東方, 舊慕唐風, 文物禮樂, 悉遵其制, 殊方異土, 人性各異, 不必苟同. 契丹是禽獸之國, 風俗不同, 言語亦異, 衣冠制度, 慎勿效焉.

Fonte: Instituto Nacional da História da Coreia(b)